O CONCEITO DE «CAMPO SOCIALISTA» POSTO EM CAUSA (PÁG. 14)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEGUNDA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1969 N.º 16 630 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA

Folhas de calendário

PASSA o tempo, passam os minutos que contam no jornal de cada dia, os dias sofridos na angústia asfixiante do acontecimento, os meses que todos temos agora andado a contar desde a data de 27 de Setembro, os anos com as pessoas a pensar que, se fossem ver-se ao espelho, teriam devolvida a própria imagem do tempo que lhes vai sulcando a face.

Mas, então? Então cada um tenta o exame de consciência: mais velho como se permanecesse igual, igual em ânimo de luta, igual em rigor de consciência teimosa, incapaz de renunciar.

As instituições são o que forem os homens que lhes dão o sopro de vida em cada sopro de tempo: mais os homens defendam o ideal que os inspira e lhe permaneçam fiéis, mais as instituições mergulhem as suas raízes nesse humo de confiança, mais se retempera a consciência do seu próprio destino.

O «Diário de Lisboa» completa hoje mais um ano da sua existência. Que fica para trás? Bem poderá dizer-se que se fecha um ano decisivo na caminhada que se encetou há 48 anos. Quantas interrogações era possível há um ano formular? As respostas deu-as o tempo, sem necessidade de as procurarmos na rebusca de formulários diferentes, fortes da lição sabida da experiência que não se perde e sempre se reaviva, como os calendários a que se arrancam as folhas e sempre nos dão a certeza de que estamos e onde estamos: cada folha que cai, cada folha que se renova.

Dos que hoje somos o «Diário de Lisboa», os que o fazemos num dia-a-dia que não se esquiva a fadigas, muitos são os que contam na própria vida menos calendários consumidos que quantos marcam a conta de vida do «Diário de Lisboa». Essa certidão de renovação permanente é a própria certeza de que as incertezas não cabem na mente de quem tem um ideário próprio, definido na primeira hora, respeitado em todas as horas, revigorado nas horas que se tenham julgado mais difíceis, sem o recurso a outros exemplos que não sejam o da sua própria experiência, alheia a oportunismos, fiel ao seu próprio destino.

Mais um ano de vida? Mais um ano de experiência e de confiança no futuro que em cada dia se começa sem perder de vista um passado de que, nesta casa, todos legitimamente nos orgulhamos.

Plano de paz para o Vietnam — propõe Van Thieu

SAIGÃO, 7 — (F. P. e R.) — O presidente Nguyen Van Thieu propôs hoje um plano de paz de seis pontos, pedindo a retirada de todas as forças norte-vietnamianas e o estabelecimento de um sistema de defesa internacional. O presidente do Vietnam do Sul, discursando na sessão inaugural do Parlamento, disse que garantiria, também, direitos políticos e antigos elementos da F. N. L.p, após a paz. «Aqueles que lutam agora contra nós, que renunciem à violência e respeitem as leis, serão bem-vindos como membros com plenos direitos da comunidade nacional.

«Como tal gozarão de todos os direitos políticos e assumirão as mesmas obrigações que os outros cidadãos legais sob a Consti-

(Continua na 14.ª página)

A «profissão-perigo» para raros apenas

Aspirar ao arriscado lugar de condutor de um magnífico trem puxado a quatro cavalos — eis uma ambição que não ficaria mal ao leitor, se tivesse vivido aqui há umas centenas de anos. Mas, como nasceu no século XX, nada mais natural que deseje pilotar um avião. A nossa reportagem (na página 19) diz-lhe como poderá abraçar a «profissão-perigo»

O Chefe do Governo parte no dia 14 para o Ultramar

O Presidente do Conselho partirá no próximo dia 14, por via aérea, para Bissau, onde inicia a sua anunciada visita às Províncias Ultramarinas. Regressa a Lisboa no dia 21.

88 PÁGINAS NA EDIÇÃO DE HOJE

O «Diário de Lisboa» de hoje, comemorativo do 48.º aniversário, tem oitenta e oito páginas, cinquenta e seis das quais constituem um caderno especial em que se reúnem artigos, crónicas, reportagens, narrativas de ficção e entrevistas, assinadas pelos nossos mais assíduos colaboradores e por componentes do nosso quadro redactorial.

O CONGRESSO CHINÊS APOIA AS LUTAS REVOLUCIONÁRIAS

Mao Tsé Tung, presidente do Partido Comunista da China, e o marechal Lin Piao, ministro da Defesa

PEQUIM, 7 — (F. P.) — A política da China na Ásia, que parece estar a ser decidida no nono Congresso será a de tomar partido pela luta revolucionária armada contra os Governos instalados não só na Birmania, na Tailandia, na Indonésia e na Malásia, mas também na Índia e no Japão.

Tal é, segundo os observadores diplomáticos a conclusão mais importante a tirar de uma série de três documentos publicados pela agência «China Nova» e pela imprensa chinesa acerca da situação na Ásia no Médio Oriente e na África. Estes documentos reflectem uma análise da situação internacional apresentada na passada terça-feira, na abertura do Nono Congresso pelo vice-presidente Lin Piao.

Estes documentos sublinham claramente as diferenças que do ponto de vista chinês existem na situação revolucionária de cada uma destas regiões.

(Continua na ultima página)

VISADO PELA CENSURA

Doze mil palestinianos na prisão

(Ler na página 14)

O 48. aniversário do «Diário de Lisboa»

O 48.º aniversário do «Diário de Lisboa» é esta manhã assinalado, com palavras de simpatia que muito agradecemos, pelos nossos prezados colegas «Diário de Notícias», «O Século», «Novidades», «A Voz» e «Diário da Manhã», de Lisboa, e «O Comércio do Porto» e «Jornal de Notícias», da capital do Norte.

Também começaram a chegar á nossa redacção mensagens de felicitação, apoio e estímulo das mais diversas procedências, em termos de estima e amizade que muito nos sensibilizam. Entre os inúmeros telegramas e cartões que nos chegam, momento a momento, podemos já registar os seguintes: dr. Clemente Rogério, director-geral da Informação, em nome da Secretaria de Estado da Informação; general França Borges, Aníbal David e eng.º Segismundo Saldanha, respectivamente presidente e vice-presidentes da Câmara Municipal de Lisboa; prof. dr. Guilherme Rosa, director da revista «Actividades Económicas»; pintora Maria Vinhal Costa; actor Igrejas Caeiro; João Afonso Corte-Real, cônsul-geral do Peru; Inválidos do Comércio; «Os Carlos»; Suleiman Valy Mamede, presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa; Mário Silva Braga, do Porto, agente do nosso jornal; Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa; dr. Vasconcellos Carvalho; gerência da «Opal»; Centro Universitário de Lisboa; Vicente Rodrigues, secretário da presidência da Câmara Municipal de Lisboa; Laranjeira, Limitada, Lisboa; Bernardino Cândido, de Santa Marinha do Zêzere; Crispim Maria da Silva Decidido, de Lourenço Marques e antigo correspondente do «Diário de Lisboa» em Tomar.

Também nos enviaram felicitações e amigas palavras de apoio: prof. dr. Vitorino Nemésio, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa; Joaquim Pantoja e «Sopidel».

Recepção oferecida pela Câmara Municipal

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general França Borges, oferece, depois de amanhã, às 18 e 30, no restaurante de Montes Claros, uma recepção em honra dos participantes no VI Congresso Internacional e no IV Congresso Português de Estomatologia.

DE ONTEM PARA HOJE

IMPRUDÊNCIAS DE DOMINGO

Vários acidentes rodoviários assinalaram o Domingo de Páscoa. Para muita gente foi o dia de alegria transformado em data de tristeza e luto. Desta vez, quase todos os episódios da série negra se registaram pelo Norte. Assim, por exemplo, aconteceu que um jovem alferes miliciano, acompanhado da mulher, do filho de tenra idade e de um tio, depois de imprudente ultrapassagem, não foi capaz de segurar o carro que conduzia, deixando-o ir de encontro a outro e precipitando-o, depois, na represa da barragem de Pisões. O alferes, de nome Guilherme Pires, do Batalhão de Caçadores n.º 10, aquartelado em Chaves, ainda conseguiu salvar o filho e a mulher. O tio, porém, bateu com a cabeça num resguardo de cimento e morreu, depois de transportado á enfermaria de Pisões.

PÁSCOA EVANGÉLICA EM MONTES CLAROS

A Ressurreição de Cristo foi ontem comemorada nas matas de Montes Claros por mais de um milhar de crentes evangélicos pertencentes a várias igrejas da capital. A celebração começou ao nascer do sol e constou da leitura de textos bíblicos e de canticos.

DINHEIRO DE MORTE

Estava o sr. Vítor Azenha da Silva Loureiro, de 36 anos, a receber o salário devido pelos seus serviços á Câmara Municipal de Figueira da Foz, quando a Velha se chegou a ele e lhe ceifou a vida com a gadanha, sob a forma de doença subita. Era solteiro e residia no Aldo do Forno.

MAIS SANGUE NA ESTRADA

Começa a ser famosa a Rodovia de Covas, em Guimarães, por via dos desastres mortais que nela se têm registado. Ontem, aconteceu que da colisão de dois veículos resultaram um morto e seis feridos. Num dos veículos conduzido por Francisco Gomes dos Santos, de 33 anos, solteiro, funcionário das Caixas de Previdência de Braga seguiam também seu pai João Gomes dos Santos, de 68 anos, casado, funcionário dos Serviços Municipalizados de Braga; Emília Gomes da Silva, de 57 anos, esposa deste, e Adelaide Gomes Vilaço, de 37 anos, todos da freguesia de Riulhe, concelho de Braga. No outro carro, conduzido por Carlos Alberto Paiva de Meneses, de 22 anos, solteiro, estudante, de Freamunde, seguiam mais os estudantes Jorge Tristão, de 21 anos, de Lousada, e Albino Ribeiro Tristão, de 21 anos, de Freamunde. O sr. João Gomes dos Santos morreu e todos os outros actores da tragédia ficaram gravemente feridos, internados no Hospital da Misericórdia de Guimarães, á excepção do primeiro, que foi transferido para o Porto, em estado desesperado.

FAÍSCAS NO CAMPO

Andava a sr.ª Maria Lídia Pereira de Almeida, de 38 anos, a trabalhar no campo, acompanhada de seus filhos Maria Fernanda e António Augusto, de 12 e 8 anos, respectivamente, quando desabou uma tempestade. Correram a abrigar-se numa casa, no lugar de Ninho de Águia, próximo de Agueda. Mas foi precisamente esse o alvo de uma faísca, que matou mãe e filha, queimando gravemente o pequeno.

QUEIXA POR AGRESSÃO MÚTUA

Queixaram-se á P. S. P., tendo a participação sido enviada á Polícia Judiciária, para investigação, a sr.ª Angelina Rosa de Sousa, de 29 anos, solteira, doméstica, moradora na Rua Castelo Branco Saraiva, e seu companheiro sr. Manuel Coelho, de 33 anos, que se acusam mutuamente de agressão. A primeira, que se encontra no Hospital de S. José, afirma que o homem a espancou bárbaramente; o segundo diz ter sido agredido por ela com o cabo de uma vassoura. A cena ocorreu na aludida morada.

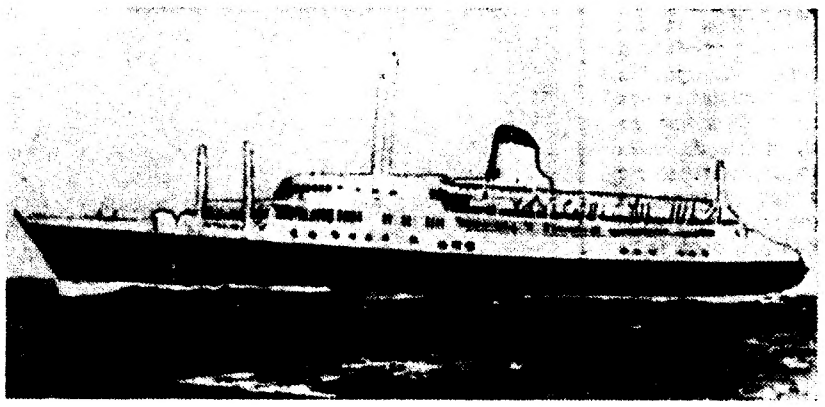
Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

No trabalho... como na Sorte
persistir é ganhar!

CASA COSTA
75, RUA DE S. PAULO, 77
TELEF. 32 76 07 — LISBOA

LOTARIA — TOTOBOLA — VALORES SELADOS

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
98 ANOS DE EXPERIÊNCIA NO MAR



A partir de Outubro um novo serviço
LISBOA-SOUTHAMPTON
com o Paquete «FUNCHAL»
Saídas a: 8 e 20 de Outubro
3 e 19 de Novembro
1 e 15 de Dezembro
Consulte o seu agente de viagens ou directamente os nossos serviços
RUA AUGUSTA, 152 — TEL. 37 03 41
LISBOA - 2

A. GAMA REIS
(MR. CORK)

Member of Portuguese Chamber of Commerce
WELCOMES YOU AT
Casa das Cortiças
(CORK HOUSE)
AND AT
Metrópolis
(Mrs Cortiça Souvenir Shop)
4, R. ESCOLA POLITECNICA — 10
LISBON (Portugal)
Tele | phone 82 58 58 grams Isolantes
AMERICAN EXPRESS CREDIT CARDS HONOURED HERE

cine objectiva
de BOTAS & FINO, LDA
artigos para
fotografia e cinema

LISBOA 2
RUA NOVA DO ALMADA, 51

LISBOA 1
AV. DUQUE DE LOULÉ, 108

LISBOA 2
AV. DA LIBERDADE, 232 — DRUGSTORE
RUA GARRETT, 43-3.º — (LABORATÓRIOS)

FARO
RUA D. FRANCISCO GOMES, 34

LISBOA 1
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 17 (A ABRIR BREVEMENTE)

CURSO LICEAL
DIURNO E NOCTURNO

A CREDIBILIDADE DO PENTÁGONO

WASHINGTON — A decisão do presidente Nixon em prosseguir o programa modificado duma rede de mísseis antibalísticos (ABM) tem um duplo objectivo: as opiniões do Congresso encontraram mais uma razão militar em apoio do seu receio num empenhamento militar dos Estados Unidos no Vietnam.

Estes dois objectivos — a ABM e o Vietnam — talvez tenham um resultado ainda mais importante: o aumento do cepticismo e mesmo o descrédito quanto ao que o Pentágono diz e quer no respeitante á partilha do bolo nacional.

As críticas aos militares envolvem actualmente tudo quanto possa ser considerado grande heresia a respeito do antipatriotismo, incluindo, mesmo, respeitáveis inquéritos legislativos.

Os congressistas estão a tomar consciência de que o orçamento militar proposto pelo presidente Johnson para o próximo ano fiscal, e a respeito do qual alguns pensam que o presidente Nixon ultrapassou, é de 80,2 biliões de dólares — quase idêntico ao de 80,6 biliões de dólares que os Estados Unidos dispenderam no ano fiscal de 1944, no apogeu do empenhamento total na Segunda Guerra Mundial.

«Ainda nos estamos a debater com a ultrapassada era de Joe McCarthy», disse há dias o republicano Otis G. Pike, membro da comissão do Congresso para os serviços armados. «Se votardes contra seja o que fôr que os militares desejem sereis chamados de «moles para com o comunismo».

«Penso que hoje o objectivo principal é compreender o que vai pelo mundo», declarou o republicano Donald M. Fraser, membro da comissão dos Negócios Estrangeiros e presidente do Grupo de Estudos Democrático-Liberais. «Precisamos na realidade disso? Estarão verdadeiramente os soviéticos prontos a atacar-nos? Qual é o país no

Por WARREN UNNA
Exclusivo «WASHINGTON POST»-«DIÁRIO DE LISBOA»

mundo que realmente ameaça hoje os Estados Unidos? Na realidade verifica-se que nenhum o faz».

Fraser apressou-se a acrescentar que os Estados Unidos, naturalmente, deviam manter uma capacidade de defesa, um dissuador nuclear Mas isso custaria, segundo os seus cálculos, cerca de 10 biliões de dólares por ano, em vez dos 80 biliões pedidos.

O decano dos senadores republicanos, George D. Aiken, do Vermont, acrescentou que mesmo a Rússia chegou à conclusão de que não devia gastar até ao seu último rublo na defesa. «O Departamento da Defesa quer tosquiar-nos por completo. Há muita gente aflita com o receio de que nos tenhamos tornado um governo militar».

O «leader» da maioria do

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

A SAÚDE, ESSE BEM...

PODE NÃO SER FACIL DISTINGUIR a relação entre saúde e riqueza, qual é causa e qual efeito. Nos países pobres, onde não chegam os recursos para tudo quanto se julgue essencial, também eles não chegam para defender a saúde. Mas nos países ricos, onde já se aprendeu quanto vale o trabalho, a saúde é um bem que se defende para que se não perca o trabalho fonte de riqueza. E daqui, naturalmente, a pergunta: como se há-de assegurar um sistema de saúde se o dinheiro não chega para tudo? Pergunta, aliás, à qual é possível opor outra; como não se há-de assegurar um sistema de saúde se o dinheiro não chega para tudo e precisamos de quem trabalhe com força e convicção para sermos todos mais ricos?

A segunda fórmula tem de expulsar a primeira. Dinheiro que se aplica na saúde não é dinheiro gasto, menos ainda dinheiro perdido, mas dinheiro investido à espera dos juros que há-de render na qualidade da população activa, o que justifica ter sido escolhido para hoje, «Dia Mundial da Saúde», o tema de «Saúde, trabalho e produtividade». Eles são, como se diz na mensagem comemorativa emitida pela O. M. S., objectivos recíprocos e complementares: sem saúde não se elevam o grau e qualidade da produção e, sem estes, não há receitas de trabalho com que combater a doença.

A defesa da saúde, como hoje se pensa que deve fazer-se, isto é, com carácter preventivo, evita os gastos, calculados como muito superiores, da medicina curativa, com a agravante de o preço desta última ser agravado com os dias perdidos de trabalho. Algumas doenças com que, em geral, o pensamento corrente não se mostra muito inquieto, como, por exemplo, o reumatismo, quantos dias de trabalho perdido dá por ano numa empresa e quantas vezes é que esse número exprime o valor correspondente ao conjunto de um país?

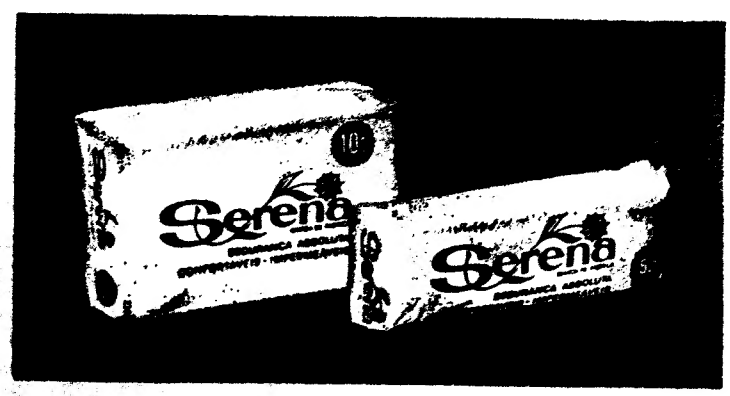
Estas pequenas banalidades, que se recordam nestas datas cíclicas para mostrar aos outros que estamos vivos, precisam de ser metidas na cabeça das pessoas para que possam tê-las presentes no jogo de decisões do seu próprio quotidiano. Durante séculos, a defesa da saúde terá sido entendida como verdadeira miragem, que se escapava dos dedos aos que não fossem os grandes privilegiados. Nos nossos tempos, o direito à saúde aparece inscrito na carta de direitos do homem. Quantos séculos de luta para se chegar ao que já nos parecia uma perfeição?

A última caminhada vai fazendo rever e revolver esse conceito. Não tardará que defender a saúde cesse de ser um direito para se converter num dever que cada um contrai perante a colectividade de que faz parte, não cabendo mais desculpas para o que possa levar-se à conta de negligência. Basta que um sistema geral de segurança seja instalado e funcione para os que dele beneficiam serem obrigados a defender-se dos riscos de forçar a colectividade a pagar-lhes o não querer saber. Tantas voltas o mundo dá, mesmo à nossa vista, que as transformações se fazem sem já se dar por elas

Serena e confiante...
com
Serena
MARCA DE FÁBRICA

Agora, ela vive plenamente
todos os dias do mês.
Sente-se fresca, confortável e segura.
Confia em SERENA,
porque sabe que SERENA
lhe dá uma protecção eficaz,
mesmo em pleno esforço.

ATILA-254



Com SERENA, não há dias diferentes!

FEIRA DE PARIS
19 ABRIL — 4 MAIO
★ SALÃO EUROPEU DA DROGARIA
★ DIVERSAS SECÇÕES
★ PARTICIPAÇÕES OFICIAIS ESTRANGEIRAS
ESC. 4.850$00
Incluindo passagem aérea, Hotel 1.ª classe com banho e visita de cidade
INFORMAÇÕES:
Agência de Viagens TAGUS, LDA.
Telefs. 42988-48685

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

GRANDE
OURIVESARIA DA MODA
OURIVES-JOALHEIROS
Tendo como divisa sempre bem servir
RUA DA PRATA, 257 — Telefone 32 14 31 — LISBOA-2

ORÇAMENTO MILITAR AMERICANO

(Continuação da pág anterior)

Senado, Mike Mansfield, que pessoalmente suspeita poder o actual orçamento da defesa vir a exceder aquele que o presidente Johnson tentou apresentar em Janeiro, declarou numa entrevista: «Já lá vão os dias em que o Departamento da Defesa pedia e recebia. A coisa agora não é automática. Temos de realizar um equilíbrio de qualquer maneira entre a segurança externa e a interna.»

Em reforço destas prevenções individuais contra a tempestade, houve uma série de acções nos dois lados do Congresso.

No Senado, o Comité das Relações Exteriores, o núcleo principal das críticas, intrometeu-se na até agora santificada jurisdição do maior defensor do Pentágono, a Comissão dos Serviços Armados. O senador Albert Gore, procurou mesmo forçar aquela comissão a abrir as suas portas, normalmente fechadas ao público e à televisão, a semana passada, porquanto os serviços armados não podem deixar de considerar a promessa do secretário da Defesa, Melvin R. Laird, ao Subcomité do Desarmamento, de abrir as portas e responder às perguntas concretas da opinião pública.

O senador Stuart Symington, secretário da Força Aérea no mandato do presidente Truman, está a inquirir quanto à amplidão da influência militar e industrial na política externa, na nova Subcomissão das Relações exteriores que dirige.

No Congresso, o democrático-liberal Side, com o apoio de parte do Senado, saltou agora por cima da disciplina do antigo Comité Jurisdicional, intimando a comparência das autoridades civis do Exército no Capitólio, na sexta-feira e no sábado, para uma conferência acerca de «o orçamento militar e as prioridades nacionais.»

O seu anunciado objectivo é obter documentação suficiente para persuadir os seus colegas a reconsiderarem acerca da escalada nos armamentos quando começarem a votar a autorização militar e os pedidos de verbas.

Dentro das normas jurisdicionais, o republicano Clement J. Zablocki, em geral considerado amigo seguro do «establishment», reactivou um dorminhoco Subcomité da Política de Segurança Nacional e Desenvolvimento Científico subordinado à até hoje dócil Comissão Senatorial dos Negócios Estrangeiros.

A Subcomissão Senatorial das Operações Governamentais afirmou a semana passada por intermédio duma intervenção do senador republicano William S Moorhead, que o gabinete do orçamento dá um tratamento de favor aos pedidos do Pentágono.

Há poucas semanas, o republicano Richard D. McCarthy citou o caso duma senhora que ficou mentalmente perturbada quando via um documentário na televisão sobre os envolvimentos militares cada vez maiores dos Estados Unidos nas investigações da guerra química, biológica e radiológica. Pediu às autoridades do Pentágono metidas no assunto que viessem explicá-lo a si e aos seus colegas.

O presidente da Comissão Senatorial dos Serviços Armados, Mendel Rivers, um dos melhores amigos do Pentágono no Congresso, ficou aparentemente tão perturbado com os relatórios pelos quais os militares tinham feito sumir 1,3 a 2 biliões de dólares num «tanque de sonho» que nunca há-de rodar em tempo algum, que organizou um subcomité expressamente para investigar o caso.

O republicano Pike pisou o soalho do Senado a meio da semana para explanar as suas dificuldades com o Exército ao procurar descobrir o custo final do novo helicóptero de combate da Lockheed o «Cheyenne».

Pike informou ter-lhe o Exército assegurado o ano passado que la assinar-se um contrato para 375 helicópteros com o preço provável fixado já à volta de milhão e meio de dólares cada. Agora, declarou Pike, o Exército mandou-lhe um desenho, com a legenda «aprovado», de um helicóptero que custa 2 250 000 dólares por unidade.

E Pike termina: «Complexo militar-industrial em acção — assunto arrumado.»

Pike fez também com que uma série de subcomités senatoriais dos serviços armados iniciassem investigações quanto à maneira como uma tão cara e provàvelmente sofisticada marinha de guerra dos Estados Unidos conseguiu fazer tantas asneiras no caso do «Pueblo».

A POLÍTICA DE JOHNSON E A POLÍTICA DE NIXON

O republicano Paul Findley, até hoje duro defensor, dentro do Partido Republicano, do respeitante a assuntos de Defesa, publicou uma exposição antivietnamiana que fez erguer as sobrancelhas dos seus colegas com esta conclusão: «Se a política militar, com ou sem escalada, herdada do presidente Johnson for continuada por muito tempo, esta tornar-se-á a política de Nixon.»

«Francamente — disse o republicano John Brademas, há dias — muitos de nós não acreditamos que os funcionários do Departamento da Defesa nos digam sempre a verdade acerca de muita coisa que fazem, especialmente no referente ao que gastam.»

Brademas, que regressou ao Congresso depois da discussão resumida do caso do CBR, considerando este como outro poço sem fundo do dinheiro, queixou-se da dificuldade dos congressistas, individual ou colectivamente, ao procurarem apoios para as suas dúvidas contra a exorbitante exigência do Pentágono dum orçamento de defesa de 80 biliões de dólares.

«Espero que o insólito facto dum presidente republicano governar com um congresso democrático, dê como resultado um Congresso muito mais auspicioso quanto aos militares» — disse. — «É mais que tempo de voltarmos ao que os nossos pais tinham em mente quando escreveram uma Constituição com separação dos poderes.»

Os republicanos Chet Holifie ldp.seretenid etaoin c lifield, presidente do Comité Conjunto da Energia Atómica, e Mel Price, antigo membro dos comités da Energia Atómica e dos Serviços Armados do Congresso, diferenciam-se dos seus outros colegas liberais e democráticos por acreditarem que o produto nacional bruto dos Estados Unidos está a aumentar em tal proporção que se poderá ter simultâneamente manteiga e canhões.

Enquanto sempre votaram nos escrutínios a favor dos militares, não podiam esquecer terem sido eles a advogar junto do presidente Truman o início do desenvolvimento da bomba de hidrogénio. Dizem que a oposição nessa época, que incluía os militares, era muito semelhante, nos seus argumentos, aos anti-ABM de agora.

A despeito do aumento constante da franqueza contra os militares no actual Congresso, a maior parte do «establishment» do Congresso e parte deste no Senado é ainda multíssimo pró-Pentágono.

Podem ser considerados da escola dos «aquilo que os nossos rapazes precisam». Muito simplesmente, os «nossos rapazes» de agora (isto dito normalmente com uma pronuncia muito do Sul) já não são os soldados de infantaria da Segunda Guerra Mundial e da Coreia, mas os generais e almirantes cada vez mais ingratos que se especializam na convivência com os mais poderosos presidentes dos comités.

Os sub-«comités» das verbas do Congresso e das verbas chaves da defesa são presididos pela mesma pessoa, o republicano George H. Mahon, do Texas, considerado mesmo pelos seus críticos como um «verdadeiro crente». Numa recente entrevista Mahon declarou: «Penso que a própria conservação é a primeira lei dos homens e das nações. Devemos ter cuidado em não nos tornarmos uma nação de segunda ordem em relação à União Soviética. Os programas sociais estão bem, mas se não tivermos uma defesa adequada, para que servem eles?»

Em serviço com Mahon nos mesmos subcomités decisivos encontram-se mais dez congressistas, todos conservadores: os republicanos Robert L. F. Sickes, major-general numa unidade CBT do Exército, Jamie L. Whitten, George W. Andrews, Daniel J. Flood, John M. Slack Junior, Joseph P. Addabo, Glenard P. Lipscomb, William B. Minehall, John J. Rhodes e Glenn R. Davis, que entrou no subcomité este ano, em substituição do republicano de alto coturno e agora secretário da Defesa, Melvin R. Laird.

Por tradição, as recomendações dos subcomités seguem intactos para a Comissão de Verbas e depois, se a chefia o mandar, quase na mesma para a mesa do Congresso.

«Aquilo que os Comités de Verbas e dos Serviços Armados recomendam vai sem cortes porque eles sabem bastante sobre o assunto», declarou o «speaker» John W. McCormack. Este considera o Atlântico como «a nossa primeira linha de defesa», e está convencido que na próxima guerra nunca será possível um período semelhante ao de após Pearl Harbour para recompor as peças.

A Comissão dos Serviços Armados, presidida por Rivers, é conhecida por ter votações uniformes em quase todas as matérias de defesa: 30 contra 7. No ano passado, quando um decreto orçamental estava em discussão, Rivers disse a este respeito que como um dos seus homens estava na cadeira do «speaker», nenhuma emenda inamistosa seria tomada em consideração.

«A diferença entre a Comissão dos Serviços Armados e outros no Congresso — disse um congressista — é que nas outras se pergunta: «Na realidade é preciso fazer isso?», enquanto nos Serviços Armados a pergunta é: «Pensam que é bastante?»

RECOMENDAÇÕES SIMPLES

Em 1962, o antigo presidente da Comissão dos Serviços Armados, Carl Winson, escreveu uma carta ao republicano Pike, então novato, a fazer-lhe recomendações simples.

«Alguns assuntos propostos pelo Executivo são virtualmente impossíveis de alteração» — escrevia Winson. «Isto aplica-se particularmente ao âmbito da defesa. Pessoalmente sinto-me relutante, e de facto recuso, substituir o meu conceito acerca dos assuntos militares pelo daquele muito mais classificado para tomar decisões de natureza militar. Práticamente não existe nenhuma possibilidade. Simplesmente há algumas coisas que o congressista, individualmente, não pode fazer.»

No Congresso, a maior parte dos membros das Comissões ajudam e são cumplices do sistema da senilidade. A direcção conservadora vê nisso o único caminho para os «bons» homens iniciarem a marcha para as «boas» comissões.

Além disso particularmente os liberais concordam que os seus instintos invariàvelmente os levam a candidatarem-se ás comissões referentes a assuntos sociais, de preferência ás dos Serviços Armados e das Verbas.

No Senado, a presidência das comissões ou subcomissões depressa pode ser conquistada, mas as duas comissões primordiais dos Serviços Armados e das Verbas têm de novo o aspecto decididamente conservador. E na gíria actual do Congresso, conservador significa pró-Pentágono.

A Comissão Senatorial dos Serviços Armados é dirigida por John Stennis, outro «verdadeiro crente» que durante as investigações acerca da autorização para a rede de ABM «Sentinela» conseguiu ter ùnicamente depoimentos do Departamento da Defesa para testemunhar favoràvelmente á porta fechada na Comissão.

Do mesmo modo, a Comissão Senatorial das Verbas é chefiada por Richard B. Russell, outro «verdadeiro crente» militar que durante anos chefiou os Serviços Armados.

POBREZA NOS PÁTEOS SEGURANÇA NOS LARES

Numa alocução perante a Associação Industrial da Segurança Nacional, Russell manifestou-se partidário das necessidades correntes militares no Departamento de Defesa para se anticipar quanto á quinquilharia que seria precisa quando tiverem passado as reclamações acerca da guerra do Vietnam.

«Haveria pouco mérito numa corrida que ganharia uma guerra contra a pobreza nos nossos páteos se nos arriscássemos a comprometer a segurança do nosso próprio lar» — declarou Russell.

Se o cancro de Russell o forçar a deixar a presidência, será sucedido pelo senador Allen J. Ellender, outro conservador sulista mas que normalmente se encontra na estacada contra as verbas militares.

Criticando o mais recente pedido de ABM, Ellender disse há dias: «A não ser que possamos fazer desaparecer o receio entre nós e os russos, nunca nos conseguiremos unir».

Ninguém pode prever até que ponto o poderio militar poderá ser metido na ordem este ano nas condições em que a oposição no Congresso se apresentou de início. Todos dizem que a directriz deverá vir do Senado, onde a oposição está á frente de algumas direcções e é mais forte.

Existe já uma certa especulação quanto a procurar impor um corte global de cinco a dez por cento em tudo quanto o Pentágono acabe por apresentar, ou talvez estabelecendo arbitràriamente um limite de 75 ou 70 biliões de dólares e deixar o Pentágono viver com isso o melhor que puder.

Alguns sugerem mesmo um meio menos claro de atacar os gastos militares: entregar primeiramente á Administração as verbas para o bem-estar público e depois deixar a Casa Branca preocupar-se com manter uma posição republicana na Economia e ainda por cima arcar com as necessidades da Defesa.

Muitos legisladores que conheceram o secretário da Defesa Laird durante os seus 16 anos no Congresso concordam com a sua habilidade quando fazia parte da Comissão do Congresso, na Subcomissão das Verbas da Defesa. Mas não esperam milagres agora que este passou a fazer parte da Administração.

Dizem que um Laird não poderá orientar-se no labirinto do Pentágono em tão curto espaço de tempo. E citam os seus próprios comentários de que actualmente tem novas responsabilidades ao tomar conta das necessidades da defesa.

Os realistas entre os críticos actuais do Monte Capitólio não dizem que vão defrontar o Pentágono. Unicamente esperam começar a colocar o Departamento da Defesa verdadeiramente no seu sector da defesa. Quer dizer acabar com esta ofensa do pós-guerra que consiste no Pentágono absorver actualmente cerca de dois terços de todas as receitas de impostos federais, e gastar mais do que os rendimentos de todos os negócios americanos, mais do que todas as despesas combinadas federais, dos Estados e governos locais com a saude, educação, pessoas idosas, reformas, assistência, alojamentos e agricultura.

Total das verbas militares do orçamento americano

Ano fiscal	Em biliões de dólares (1 bilião = a 29 milhões de contos)
1944	80,317
1945	44,129
1946	45,948
1947	11,457
1948	9.993
1949	10,427
1950	13,128
1951	48.248
1952	61,919
1953	49,336
1954	34,587
1955	28.685
1956	33,149
1957	36.181
1958	36,899
1959	41,233
1960	40,599
1961	41,293
1952	47,854
1963	49,797
1964	49,921
1965	49,359
1966	61.839
1967	71,935
1968	76,332
1969	76,495
1970	80,238

Autorização para 1970 proposta pelo Presidente Johnson em Janeiro de 1969. A nova administração fêm variado nos cortes propostos nesta autorização, de 2,5 biliões, 2,3 biliões e 500 milhões.

DE VOLTA DA LUA!

Quando os primeiros astronautas regressarem da Lua eles não poderão estar com suas famílias senão após vinte e um dias. Sabe o que ocorrerá nessa estranha quarentena... quando especialistas darão andamento às mais espectaculares experiências da história da humanidade. Leia este artigo em **Selecções** de Abril, já à venda. **Selecções** é uma distribuição exclusiva da Livraria Bertrand.

LATINA

TRADIÇÃO E PROGRESSO

Banco Borges & Irmão

PORTO: RUA SÁ DA BANDEIRA, 20
LISBOA: LARGO DE S.JULIÃO, 1-2
AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

O «Ballet» da Ópera de Bucareste inaugura hoje a temporada

A temporada de bailados de 1969 do Teatro Nacional de S. Carlos é inaugurada esta noite, ás 21 e 45, pelo «Ballet» da Ópera Nacional de Bucareste, uma das melores e mais exímias companhias do Leste da Europa.

No espectáculo desta noite, a admirável companhia romena dar-nos-á na íntegra (prólogo e 4 actos), essa obra-prima do bailado de todos os tempos que é «O Lago dos Cisnes», bailado que as grandes estrelas e o excelente corpo-de-baile da Ópera Nacional de Bucareste interpreta surpreendentemente e apresenta com grande luxo de montagem.

O espectáculo repete-se amanhã, ás 18 horas, em Tarde Cultural.

NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

TAKE FIVE

CONJUNTO VOCAL AUSTRALIANO

D'ANGOLY'S JR.

ORIGINAL MALABARISTA

Ada de Castro

Les Ballets de PIERRE FRANCK

SEGUNDO GALARZA e seu conjunto

FERRER TRINDADE e sua orquestra

JIRINA'S COMBO

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21 anos

Nadja Nadlova só no wonder bar

No CINEMA às 17 e às 21.30 M/12 anos

ESTE É O MEU MUNDO

TIVOLI

APRESENTA EM

3.ª SEMANA

UM FILME PARA TODOS!

"Chitty Chitty Bang Bang"

70mm

A MAIS ALUCINANTE FANTASIA NA HISTÓRIA DO ESPECTÁCULO!

TECHNICOLOR

com Dick Van Dyke

Sally Ann Howes · Lionel Jeffries

Baseado na prodigiosa novela de IAN FLEMING "Chitty Chitty Bang Bang"

MAIORES DE 12 ANOS

• O filme é baseado na maravilhosa novela de aventuras de IAN FLEMING, (criador de James Bond), publicada com o mesmo título pela PORTUGÁLIA EDITORA. •

MAIS UM GRANDE FILME DA FAMOSA ÉPOCA DO

CINEMA MUNDIAL

MAIORES DE 17 ANOS

4.ª FEIRA

SENSACIONAL ESTREIA

FILMES LUSOMUNDO

ÚLTIMO TRUNFO

HOMENS DE NERVOS DE AÇO, CADA UM PERITO NA SUA ESPECIALIDADE, JUNTARAM-SE NUMA EQUIPA QUE NADA SERA CAPAZ DE IMPEDIR... PARA ABRIREM O MAIS BEM GUARDADO COFRE DO MUNDO!

JANET LEIGH ★ ROBERT HOFFMAN ★ EDWARD G. ROBINSON

ADOLFO CELI ★ KLAUS KINSKI

UM ESPECTACULO MEMORAVEL!

IMAGEM DO DIA

A superprodução, candidata ao Óscar de 1969, que entra esta noite em 3.ª SEMANA, no TIVOLI, é um dos espectáculos mais extraordinários realizados ultimamente em 70mm.

Trata-se do já famoso «CHITTY, CHITTY, BANG BANG», filmado em Super Panavision-Technicolor, sobre um argumento cheio de imaginação, de graça e de encanto de IAN FLEMING e interpretado por um núcleo de artistas de que destacamos os nomes de DICK VAN DYKE e SALYL ANN HOWES.

Realizado por Ken Hughes, «CHITTY, CHITTY, BANG BANG» tem como autores da música e dos bailados os mesmos de «MARY POPPINS», «WEST SIDE STORY» e «MUSICA NO CORAÇÃO».

GENY SHOW E PIERRE

Foi adiada para hoje a estreia dos notáveis artistas Geny Show e Pierre, na «boîte» Diana, na Rua da Conceição da Glória, n.º 4.

Entretanto continua a actuar nesta casa de divertimentos o invulgar conjunto Léo Tino.

TEATRO T. 555133
MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta
119.ª HOJE, às 21.45 h. 3.º MÊS
Representação A farsa de CLAUDE MAGNIER tradução de Mariana de Morais
QUANDO ELA SE DESPIU...
com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto, Alice Carla
Encenação de SANTOS CARVALHO
SÁBADO 2 sessões 20.45 e 23 h
AMANHÃ, descanso oficial da Companhia

UMA HISTÓRIA CHEIA DE ACTUALIDADE VIVIDA NO MUNDO DE HOJE
MUITO BREVEMENTE (ADULTOS)
TEATRO VARIEDADES
VASCO MORGADO apresenta
EUNICE MUÑOZ * PAULO RENATO * FERNANDO GUSMÃO
na admirável peça de BUERO VALLEJO
CARTAS NA MESA
(LAS CARTAS BOCA ABAJO)
Tradução de EGITO GONÇALVES
com
FERNANDA ALVES ★ MORAIS E CASTRO
Cenário de JOÃO VIEIRA
Encenação de FERNANDO GUSMÃO
...DE UM LADO UM MUNDO VELHO E JÁ MORTO; DO OUTRO UM MUNDO QUE NASCE CHEIO DE ESPERANÇA
BILHETES À VENDA

COLISEU
HOJE, às 21.30
(Maiores de 6 anos)
A grandiosa comédia com TONY RENIS
GARRAS DO AMOR
AS MELHORES VEDETAS DA TV ITALIANA
PREÇOS POPULARES

JÁ JANTOU NO
INSÓLITO?
EXPERIMENTE NO
INSÓLITO
BIFE À
INSÓLITO
Av. 5 de Outubro, 170-B
Tel.: 77 52 14 — LISBOA

NO
MARIA VITÓRIA
● GIUSEPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM
BREVEMENTE
● A NOVA REVISTA POPULAR
MÃOS À OBRA!
Original de ANIBAL NAZARÉ, SALVADOR e JOSÉ VIANA, com música de JOÃO NOBRE e CARLOS DIAS
● UMA ALEGRE COMPANHIA COM
● SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA
e a artacção francesa
● MAY AVRIL à frente de um grande elenco!
● NO TEATRO DOS GRANDES ÊXITOS, UMA NOVA E ESPECTACULAR REVISTA!
MAX
ANITA
DORA

Teatro Capitólio
TEL. 32 08 79
HOJE DIA DE DESCANSO DA COMPANHIA
AMANHÃ ÀS 21.45 HORAS
O GRANDIOSO ÊXITO DE S. MROZEK
TANGO
M/ 17 anos
4.ª-Feira, 9 18.30 h.
«OS VISIGODOS»,
de Jaime Salazar Sampaio

TRINDADE
— F. N. A. T. —
AMANHÃ, às 21.45
o T. N. P (sub pelo Fundo do Teatro) apresenta a sensacional peça de Samuel Beckett
À ESPERA DE GODOT
SÓ ATÉ DOMINGO
(M/ 17 anos)

NIGHT CLUB NINA Maiores de 21 anos
Sensacional programa
Estreia de CHONY PARCA
e
JANY D'ALBRET
Matinées todos os dias das 18.30 às 20.30 com atracções
AR CONDICIONADO

Sapataria ORION
Sempre as últimas novidades para SENHORA e HOMEM
Rua Garrett, 42—LISBOA

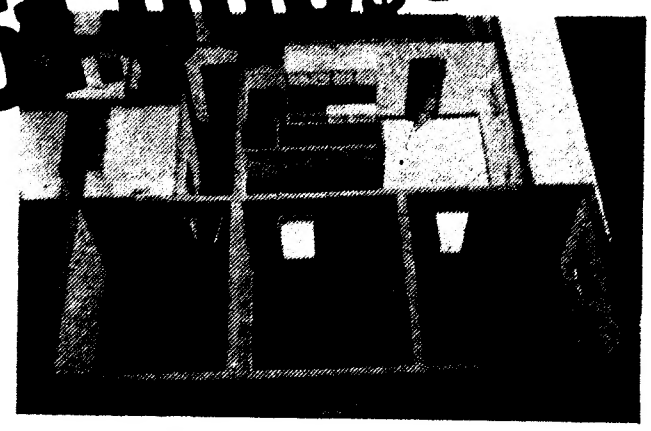
ESTAB. MELODIA discos
PORTO
R. DE S. CATARINA, 200
R. DE S. ANTÓNIO, 30
LISBOA
S. DO CARMO, 22
T. S. F. ● TV ● GIRA-DISCOS — ALTA FIDELIDADE

Encontra-o, certamente, em Santo António dos Cavaleiros. À sua escolha 11 tipos diferentes de apartamentos, de 3 a 9 divisões. Todos são concebidos para a vida de hoje e para o conforto das pessoas que sabem o que é a vida. Não são apenas "casas". Mas um conjunto harmonioso de divisões espaçosas. Com a importante vantagem de estarem situados numa verdadeira cidade-jardim.

Também pode ser dono de um andar

Visite Santo António dos Cavaleiros. Observe os seus vastos espaços verdes. O moderno Centro Comercial. Percorra os apartamentos-modelo. Aprecie o meticuloso acabamento de todos os andares. As suas áreas. O seu completo equipamento.
Fale, em seguida, com um dos nossos atendedores. E veja como é fácil comprar o andar que escolheu. Com o plano de pagamentos ICESA.

DESDE 251.000$00



VISITAS DO EMPREENDIMENTO
todos os dias, das 11 às 13 horas e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS
Uma nova maneira de viver
ICESA — Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL
Avenida da Liberdade, 9 — Telef. 32 63 14 (P.P.C.) 6 linhas. — LISBOA 2

VIDA MUSICAL

Concertos do Círculo de Cultura Musical

No prosseguimento das suas actividades, o Círculo de Cultura Musical apresenta, para os seus associados, o conjunto de excepcional categoria que é o Music Goup of London; compõem-no o violinista Hugh Bean, a violoncelista Eileen Croxfod, o pianista David Parkhouse, o trompetista Alan Civil e o clarinetista Bernad Walton. Os seus programas incluem obras de Haydn, Beethoven, Brahms e Messiaen. A constituição do Music Group of London proporciona-nos a audição de algumas obras-primas raras vezes interpretadas, nomeadamente a Sonata em fá maior op. 17, para trompa e piano, de Beethoven, o Quarteto para o Fim do Tempo, de Messiaen e os Trios em lá menor, op. 114, para clarinete, violoncelo e piano e em mi bemol maior, op. 40, para trompa, violino e piano, de Brahms.

Os concertos pelo Music Group of London estão marcados para hoje, na Delegação do Círculo em Setúbal, ás 21 e 30; amanhã, á noite, no Teatro Nacional de S. Carlos; no dia 9, na Delegação do Porto, Cinema Rivoli, ás 21 e 30; e no dia 10, novamente em Lisboa, ás 18 e 30, no Cinema Tivoli.

Festival de folclore da Primavera

Com o objectivo de proporcionar ao público de Lisboa e aos turistas uma imagem que defina os costumes do nosso povo, através das suas danças e cantares, a empresa de Serafim Gonçalves realiza no próximo dia 20, á noite, no Coliseu dos Recreios, o II Festival de Folclore da Primavera.

No espectáculo - actuarão alguns dos melhores agrupamentos folclóricos do País e a um deles será atribuida a Taça «Abril em Portugal», resultante da votação dos espectadores.

Alude de discos do Eurofestival

O recente Festival da Canção da Eurovisão proporcionou uma verdadeira avalancha de gravações comerciais, muito especialmente a cargo dos intérpretes que actuaram em Madrid. Assim, **Siw Malmkvist** (para a etiqueta «Metronome») gravou «Primaballedina» e «Mir fehlt der Knopf am pyjama». E a holandesa **Lenny Kuhr** gravou (para a «Philips») as composições «De troubadour» e «Mais non, monsieur», com músicas de sua autoria e letras de D. Hartsema.

Acompanhando «Boom Bang-a-Bang», **Lulu** gravou «March!» (Ken Howard-Alan Blaikley). O mesmo fez **Salomé**: «Amigos, Amigos» inscreve-se na face oposta a «Vivo cantando», para a «Belter». A mesma etiqueta grava a voz de **Frida Boccara**: agora em «Un jour, un enfant» (Eddy Marnay-Emil Stern) e «Belle du Luxembourg» (Marnay-Michel Magne).

A gentil **Paola del Medico** junta «Valse d'amour» (J. Stark - Ch. Niessen - Ch. Level) a «Bonjour, Bonjour» (J. Stark-H. Mayer-B. Bergam) para a marca «Decca». A espectacular **Muriel Day** num «single» para a «C. B. S.»: «The wages of love» e «Thinking of you». O jugoslavo **Ivan** (acompanhado pelos M) em «Don Pasquale» e «Dobar Dam» (etiqueta «Belter»). Mais: «Jennifer Jennings» e «I love you», ambas na voz de **Louis Neefs**, também foram gravadas para a «Belter».

A norueguesa **Kirsti Sparboe** em «Oj, Oj, Oj, sa glad Jeg ska' Bli» e «Hvem Har Sagt Jeg Savner Deg», num disco «Triola» é outra intérprete neste desfile. O sueco **Tommy Körberg** (etiqueta «Sonet») gravou «Judy min van» e «Bird you Must fly». Por último, para a etiqueta «Marfer», a italiana **Iva Zanicchi** gravou «Due grosse lacrime bianche» e «Tienimi con te».

O genial «Marismeño»

TAUROMAQUIA

Páscoa Vermelha

A Páscoa Vermelha, da cor da «muleta» dos toureiros e do sangue dos touros que em Portugal acabam de o verter no matadouro, e da cor dos vermelhos tijolos e dos torreões do Campo Pequeno, a nossa Maestranza, agora repintada e toda ela saída de custosas obras de restauração, que o tempo não perdoa e já entra na sua 78.ª época. O Sol é que está ainda pouco vermelho, e as incertezas do tempo tem deixado pálidos os empresários em Espanha, já queixosos da ausência de espectadores nas primeiras corridas da temporada.

Não tiveram que empalidecer os empresários do Campo Pequeno porque, apesar do tempo incerto, o público acorreu largamente, o que não aconteceu em Coruche, onde o espectáculo ficou adiado para o próximo domingo devido á chuva. Em Lisboa lidaram-se touros dos herdeiros de D. Diogo Passanha, que permitiram êxito espectacular a José Cortes, que cravou excelentes farpas compridas, curtas e curtíssimas, montando cavalos do cavaleiro-amador José Zoio, porque os seus já embarcaram e ele segue amanhã via Djakarta e já carta de bom cavaleiro deixara na Indonésia.

Alfredo Conde, sóbrio, mas sobrado em boas qualidades de cavaleiro e toureiro, teve também perfeita actuação. Os forcados-amadores do Barrete Verde de Alcochete confirmaram a justiça do Troféu da Imprensa com tal violentia que muitos houveram de recolher á enfermaria.

O matador de touros Fernando Tortosa usou bem da capa, bandarilhou bem os seus dois touros e provou com a muleta os seus bons conhecimentos do toureio. E o novilheiro «Marismeño», que já nos encantara em Santarém, voltou a deliciar-nos com a sua arte jovem e prometedora de brilhante carreira. Todos deram voltas á arena e ouviram musica e ovações, cavaleiros, forcados e «diestros», e «Marismeño» é dos que voltará.

Bem bregaram os dois Manuéis, o de Badajoz e o do «Campino», e o infantigável Olegário Nunes e Damião, e outros.

Mestre Custódio Domingos dirigiu com energia e acerto, até quando alguns espectadores estiveram com ele desacertados. E mais não escrevemos porque falta o espaço para celebrarmos o 48.º aniversário do nosso «Diário de Lisboa».

«EL T. PEREZ»

Chibanga em Badajoz

BADAJOZ, 7 — (A. N. I.) — O novilheiro português Ricardo Chibanga — «El Africano», como é conhecido na Espanha — foi volteado pelo seu primeiro e sofreu fractura de alguns dedos da mão direita, pelo que só dificilmente e á custa de grandes dores conseguiu matar. Ouviu um aviso mas o público aplaudiu-o demoradamente. Passou á enfermaria e já não lidou mais.

Alternava com Florencio Casado «El Henchio» (volta-silêncio-silêncio) e com o colombiano Jaime Gonzalez «El Puno» (orelha-volta).

Os «novilhos», difíceis, eram de Alfonso e Manuel Lacave.

Julio Gomes no México

Encontra-se no México o novilheiro português Júlio Gomes que será apoderado por Raul Muñoz «El Mexicano», tendo já firmadas 12 novilhadas. A sua apresentação será no dia 19 de Abril em Nuevo Larêdo. A 1 de Maio toureia em Saltillo e a 4 em Vera Cruz.

Em Montemor-o-Novo

Em Montemor-o-Novo está anunciado para o próximo domingo um festival em benefício do Hospital Infantil de S. João de Deus com os cavaleiros David Teles, D. Francisco Azarujinha e José Luís Gomes de Andrade e para os «diestros» José Simões e Roque Silva.

Os forcados são os amadores de Montemor-o-Novo.

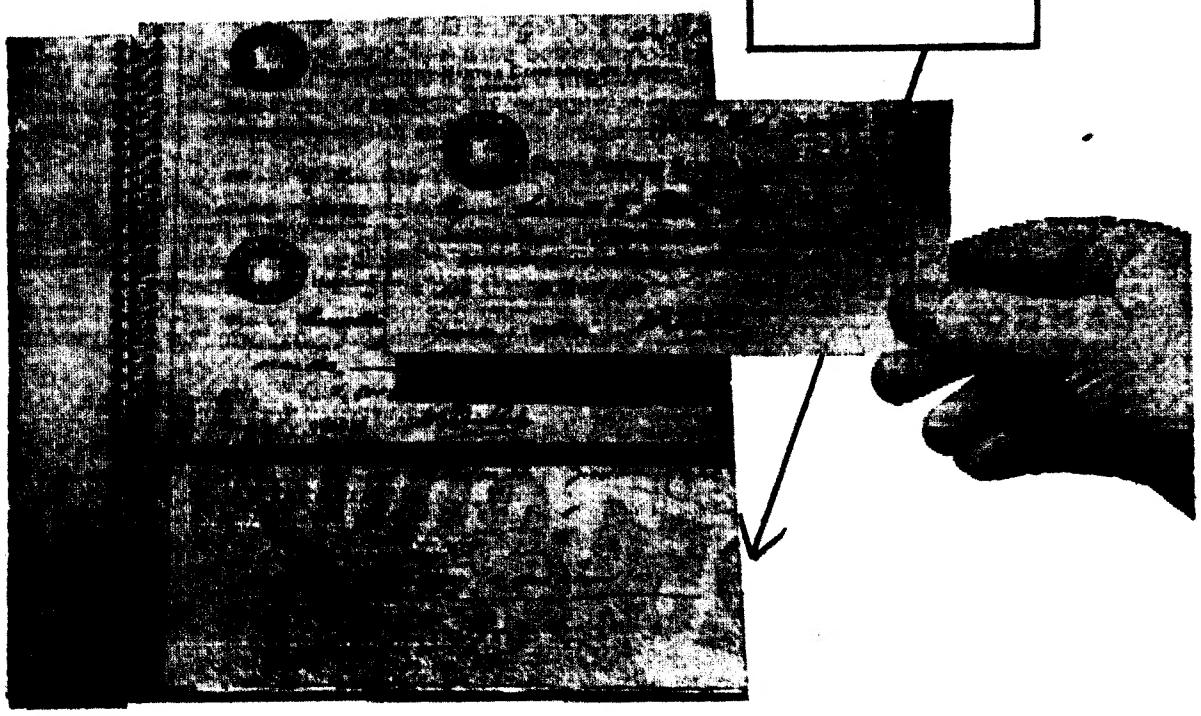
«CONTOS DA LUA VAGA» NO CINECLUBE CATÓLICO

Com o filme de Kenji Mizoguchi, Ugetsu (Contos da Lua Vaga), o Cineclube Católico realiza para os seus sócios mais uma sessão cinematográfica, amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Avis.

As inscrições de sócios podem ser feitas á entrada desta sessão, ou na sede, á Rua Capelo, 5, 2.º, Esq.º, com o telefone 3 01 72.

Temos ao seu dispôr um contrôlo automático de cada cheque preenchido!

acabaram-se os clássicos talões!



No livro de Cheques de Contrôlo Automático do B.E.S.C.L.

Escreve-se tudo simultâneamente —preencha-se o cheque e obtem-se imediatamente um duplicado, sem utilização do vulgarissimo papel químico. Estes cheques, são especialmente concebidos para quem o tempo é dinheiro: Sociedades, Associações, Clubes, etc.

Estes livros de cheques são também ideais para todos os responsáveis por dinheiros de terceiros: administradores, advogados, etc.

Mais ainda, são pagáveis na sede ou em qualquer das agências do banco. Cada livro de cheques de contrôlo automático tem 99 cheques devidamente personalizados, de cada um dos quais se obtem automàticamente o respectivo duplicado exato:

SEM TALÕES A PREENCHER
SEM QUÍMICOS SOLTOS E COM TOTAL IMPOSSIBILIDADE DE ERRO.

Dirija-se ao:

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta

Espectáculo no Monumental dos gaiatos do Padre Américo

Como nos anos anteriores, os Gaiatos do Padre Américo estão a organizar a sua tradicional festa, que se realizará no teatro Monumental no dia 17, ás 18 e 30.

O espectáculo, que se reveste de características especiais, é essencialmente dedicado aos amigos da «Obra da Rua».

Os bilhetes estão à venda nos seguintes locais: Montepio Geral, Rua do Ouro; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13; Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8, r/c., dt.º, ou pelo telefone 66 63 33.

Quase um bilião de escudos custou ao País (num só ano) o fosso importações/exportações no domínio dos medicamentos

Foi recentemente publicado o relatório e contas da gerência do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas referentes a 1967. Este para além de abordar os mais momentosos problemas com que a indústria farmacêutica se defronta e de apresentar aos sócios contas das medidas tomadas pela gerência assim como dos gastos e receitas respectivos, contém um conjunto de quadros estatísticos alusivos á evolução da industria medicamentosa no nosso País, bastante elucidativos. Vamos passar a nomeá-los resumidamente.

As exportações cobrem apenas 15,4% das importações

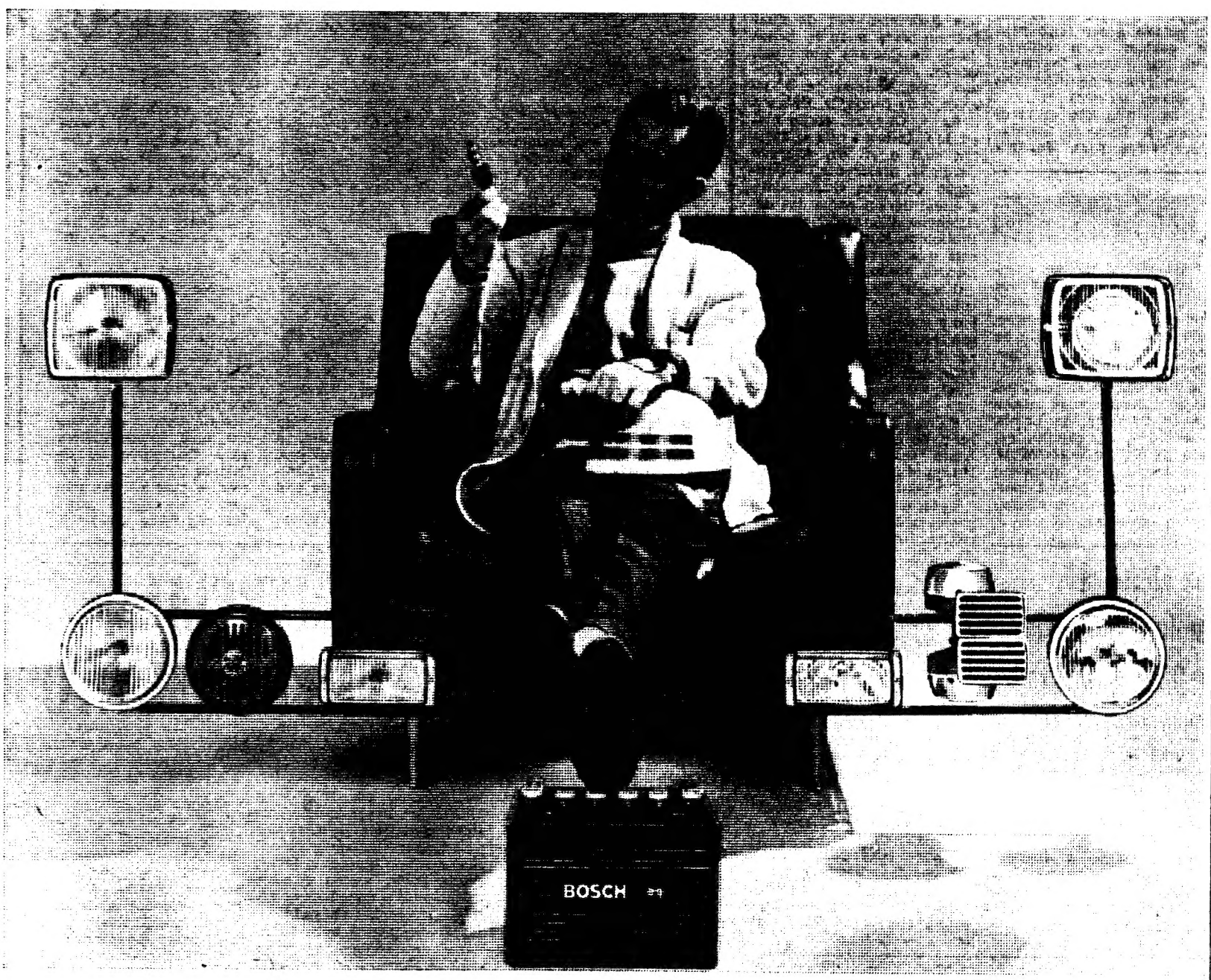
Em relação á produção e importação de medicamentos, o documento de que nos servimos revela os seguintes números globais, referentes ao ano de 1967: produção nacional e nacionalizada, 1 435 010 contos; importação, 1 105 232 contos. Em 1961, estes números eram, respectivamente, de 729 324 e 622 025, sempre em milhares de escudos, pelo que se conclui que, enquanto aquela subiu, em seis anos, de 96 %, esta cresceu 77 %. O relatório descrimina, no que diz respeito á produção nacional, os valores concernentes á produção selada, produtos de série e embalagens hospitalares e, por último, produção exportada. O grosso da produção afere-se pelo mencionado quadro, que tem vindo a ser constituido, e continua a sê-lo, pela produção selada, que em 1967 era valorada em 1 128 581 milhares de escudos; quanto á importação, mau grado uma subida relativamente rápida nos últimos anos, permanece largamente secundária, pois os 171 000 milhares de escudos que ela registou em 1967 não constituem mais que 11,9 % de toda a produção nacional — não cobrindo, por sua vez, senão 15,4 % do valor das importações de produtos farmacêuticos durante o mesmo período. A «décalage» registada entre a importação e a exportação destes produtos, em 1967, foi, pois, de 934 232 000 escudos — ou seja, foi de quase um bilião de escudos a quantidade de divisas que saíram do País durante esse ano, por mor das necessidades medicamentais efectivamente satisfeitas, deduzidas pelo valor dos produtos farmacêuticos exportados. Apesar de, proporcionalmente, as importações terem subido desde 1961 menos que as exportações, o fosso entre os dois valores tem aumentado sempre desde esse ano, em números absolutos; em 1961 era apenas de 543 384 contos.

Estranhamente irregular a evolução da curva dos preços

A evolução do preço das embalagens seladas nacionais (fracção predominante, como vimos, da produção

(Continua na página seguinte)

Fórmula Bosch



Mais rendimento, comodidade e segurança

A "Fórmula Bosch" tem a idade dos primeiros automóveis e o progresso dos que se estão concebendo para o futuro.
É a designação do mais completo conjunto de equipamento eléctrico para veículos.

Porque Bosch é o único especialista mundial em todos os ramos de equipamento eléctrico para veículos. A sua formidável experiência global, permite-lhe estender as vantagens de uma descoberta técnica a toda a gama que fabrica.

A "Fórmula Bosch" marca, por isso, o progresso. Bosch produz o melhor.

As velas Bosch com o eléctrodo Cr. representam muito mais motor para o seu carro.

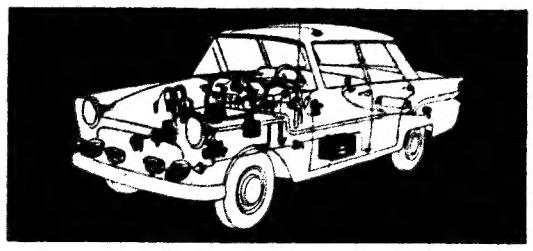
Os faróis Bosch (tão indispensáveis como os bons travões) proporcionam-lhe a visão total da estrada, e a longa distância, mesmo com nevoeiro.

As baterias Bosch estão ao seu serviço por muito mais tempo.

As buzinas e fanfarras Bosch, de som harmonioso, ouvem-se e avisam mais longe.

ADOPTE A "FÓRMULA BOSCH"!
GARANTIA MÁXIMA DE RENDIMENTO, SEGURANÇA E COMODIDADE.

Recorte o cupão anexo e, indicando o nome e morada, enderece-o a ROBERT BOSCH (PORTUGAL), LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 32 — LISBOA
ou Rua Júlio Diniz, 927 — PORTO



A gama completa de equipamento eléctrico para veículos

BOSCH

BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH · BOSCH

cupão 7
Queiram enviar-me informações técnicas sobre o equipamento eléctrico Bosch para veículos

A BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA NECESSITA DE NOVAS INSTALAÇÕES

COIMBRA, 7

Fundada em 1923, a Biblioteca Municipal tem vindo a aumentar consideràvelmente, pois foi abrangida pela Lei do Depósito Legal e tem recebido valiosas ofertas e importantes legados, entre os quais os de parte das bibliotecas particulares de Martins de Carvalho, Silva Gaio, Candido Nazareth e outros.

Instalada numa parte do antigo mosteiro de Santa Cruz, ocupando especialmente a parte superior do cláustro da Igreja de Santa Cruz, viu, também, consideràvelmente aumentado o serviço de leitura pública, tanto de presença como domiciliária, podendo dizer-se que o seu movimento é um dos maiores das bibliotecas portuguesas.

A juntar à riqueza bibliográfica da Bibiloteca Municipal, já por si muito importante há, também, a do Arquivo Municipal, cujo recheio quase que por explorar, bem merece ser devidamente resguardado, e até inventariado e catalogado, trabalho que tem estado a ser feito pelo seu pessoal num esforço digno dos maiores louvores, se atendermos ás dificuldades desses serviços.

Já há muito que se reconheceu a falta de instalações devidas para tão importantes serviços, e foram muitas as sugestões aparecidas, entre as quais a mais acertada ou seja a da construção de um edifício próprio, capaz de servir a instituição.

Diligências para solução do importante problema

Assim, em 1958, foi a Lisboa uma comissão da qual faziam parte o então presidente da Câmara Municipal, sr. dr. Joaquim Moura Relvas, associando-se lhe o arcebispo de Otaba, D. Ernesto Sena de Oliveira, então bispo de Coimbra e que se avistou com o sr. dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem deram conta das deficiências das instalações da Biblioteca Municipal e o perigo que corria toda aquela riquesa bibliográfica.

O sr. dr. Azeredo Perdigão, compreensivelmente, solicitou a elaboração de um anteprojecto e respectiva memória descritiva, pois, na verdade, sem isso não seria possível tomar qualquer atitude.

Foi, então, escolhido o terreno, ao cimo do Parque de Santa Cruz, onde está o Museu Municipal, que parece ser o ponto ideal para a edificação, e fez-se o respectivo projecto, com a memória descritiva, ficando juntos segundo se diz, também o Museu Municipal.

Vai agora, novamente, uma comissão a Lisboa, avistar-se com o sr. dr. Azeredo Perdigão, no sentido de obra se realizar, e leva todos os elementos necessário para o efeito.

Entendemos que é tempo de se resolver o problema, tanto mais que, segundo informações que nos chegam, chove dentro da Biblioteca Municipal, o que fez correr grave risco toda a sua riqueza documental e bibliográfica.

Todos esperamos que as deligências sejam coroadas de êxito e que o novo edifício da Biblioteca Municipal esteja concluido dentro em breve — *J. M. S.*

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Vítor Fuschini

VISEU, 7 — Faleceu na capital e ficou sepultado no cemitério do Alto de São João o conhecido odontólogo e estomatologista sr. dr. Vítor Fuschini, que era tenente, aposentado, das formações sanitárias da C. V. P. Contava 73 anos, era casado com a sr.ª D. Branca Nunes Baptista Fuschini e irmão do sr. eng.º Messias do Amaral Fuschini, inspector da Zona IV Agrícola de Viseu e antigo presidente do Clube Rotário desta cidade.

Dr.ª D. Maria da Soledade Ferreira Génio Parada

POMBAL, 7 — Realizou-se com grande acompanhamento o funeral da sr.ª dr.ª D. Maria da Soledade Ferreira Génio Parada, esposa do sr. dr. Fernando Palva Parada, que foi vítima de um trágico acidente de viação em Leiria. A chegada do citado num autofunebre, formou-se, junto do posto da Polícia de Viação e Trânsito, um cortejo no qual se incorporaram inúmeras pessoas de todas as classes sociais, desta vila, de Coimbra, de Leiria, do Porto e da capital, em cerca de oitenta automóveis. O comércio local encerrou as suas portas, pois a morte da infeliz senhora causou grande consternação.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

Luz eléctrica em duas freguesias de Oliveira de Frades

OLIVEIRA DE FRADES, 7 — Presidida pelo governador civil de Viseu, realiza-se, no próximo dia 13, a cerimónia de inauguração da luz eléctrica nas freguesias de S. João do Sena e Travanca, deste concelho.

Abrilhantarão a festa, a que assistem diversas autoridades locais, a banda dos bombeiros voluntários desta vila e o rancho folclórico de Travanca.

ora diga-nos...

Que é que gostava de ser, se não fosse o que é?

Sonhar nem sempre é fácil, ao contrário do que se propala. Sonham os que podem sonhar, os que ainda não viram estiolar a sua capacidade de imaginar, de se destacar do mundo em que vivem, cuja realidade nem por ser pouco atraente deixa de ser opressiva. Capacidade cujo exercício também tem os seus perigos: Senão vejamos.

● *O vidraceiro sr. Joaquim Faria Rebelo, disse-nos em primeiro lugar, e com decisão:*

— Futebolista!

— Porquê?

— Porque sei jogar à bola...

— Só por isso?

— Bom, também para ser conhecido, ter fama... e ganhar dinheiro!

— Gosta, por tanto, de ser conhecido?

— Pois claro! Por enquanto, só sou conhecido aqui no Bairro Alto — é pouco!...

● *Outro jovem, Hélio Cavalheiro Ferreira, fiel de armazém, quer ser «atleta de atletismo»:*

— Porquê? Porque gosto de fazer atletismo e's tudo.

— Mas sem ser desporto?

— Empregado de escritório. Está-se sentadinho, sem fazer nenhum, o dia todo...

— Gosta, pois, de não fazer nenhum?

— Todos gostam! Quanto menos trabalho, melhor — é um hábito cá do rapaz.

— Quer dizer que trabalha pouco?

— Qual quê! É das oito da manhã às seis da tarde, com uma hora de intervalo para o almoço!

● *O último inquirido foi um tipógrafo, o sr. Américo Gonçalves, que se mostrou embaraçado com a hipótese que lhe propunhamos:*

— É que eu gosto da minha profissão, gosto de ser tipógrafo! Desde os 14 anos que sou tipógrafo, ou seja, desde a idade mínima em que se pode sê-lo. Aliás; foi a minha única profissão, pois antes não fazia nada e estava na província.

— Aonde?

— Na Pampilhosa da Serra, Beira Baixa.

— Beira Baixa!?

— Bom, uns dizem que sim, outros que não. Na escola da minha terra, lembro-me que me ensinavam que ficávemos no distrito de Coimbra, mas outros diziam que ficávamos no de Castelo Branco. Não sei bem — mas sei que não queria ser outra coisa que não fosse tipógrafo.

O MOVIMENTO COMERCIAL NO DOMÍNIO DOS MEDICAMENTOS

(Continuação da pág. anterior)

nacional) tem registado, desde 1940, uma evolução irregular, sem uma linha de força definida. Naquele ano, o preço médio do produto farmacêutico português selado era de 11$66, tendo subido sempre até 1950 (salvo leves quebras em 1946 e 1948), ano em que se cifrava em 21$09. Depois de se manter em nível alto até 1953, e após haver registado o valor máximo em 1952, com 21$29, o preço médio das embalagens seladas nacionais caiu acentuadamente até 1960, quando atingiu os 14$81. Desde então, voltou a subir lentamente e com breves reflexos, tendo chegado a 18$88 em 1966 e baixado ligeiramente para 18$19 em 1967, derradeiro ano cujos valores são conhecidos.

Quanto ás embalagens seladas estrangeiras, o seu preço médio é bastante superior ao do das embalagens nacionais, e tem-no sido sempre desde 1940. Neste ano, ascendia a 26$01, podendo verificar-se a seguir uma curva de evolução similar á dos preços das nacionais, com um valor máximo em 1948, com 40$99, valores inferiores a 26$00 de 1951 a 1963, e nova subida a partir de 1964. A mais recente média apurada (de 1967, como se tem dito) atinge 31$11 — as especialidades estrangeiras eram então, portanto, 71 % mais caras que as portuguesas.

Por ultimo, o documento refere-se á percentagem do consumo privado adstrita aos medicamentos, computando-a (segundo numeros de 1955, é verdade) em apenas 2,1 %, muito aquém da alimentação que concita o grosso do consumo, vestuário e calçado, transportes, bebidas e tabaco e ainda de uma rubrica que reune consumos marginais, rotulada de *diversos*.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

LISBOA-PORTO-LISBOA

NOVO HORÁRIO DESDE 1 DE ABRIL

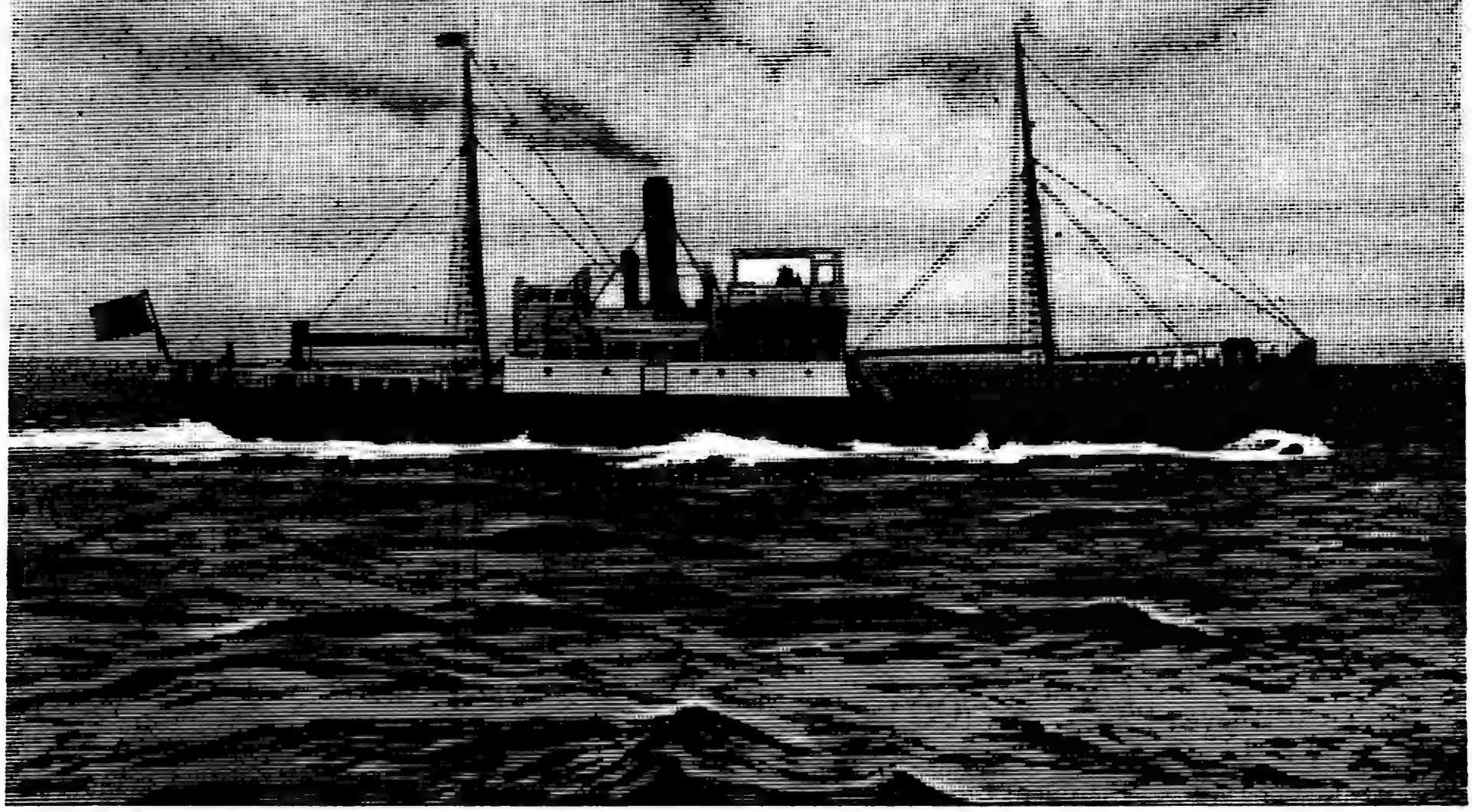
	DIARIO		SEG. TER. SEX. SAB.	SEG. TER. QUA. QUI. SEX. DOM.
Partida LISBOA (Portela)	07.30	20.00	11.00	16.00
Chegada Porto (P. Rubras)	08.10	20.40	11.40	16.40

	DIARIO		SEG. TER. SEX. SAB.	SEG. TER. QUA. QUI. SEX. DOM.
Partida PORTO (P. Rubras)	08.50	21.20	11.20	17.20
Chegada Lisboa (Portela)	09.30	22.00	13.00	18.00

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

O Mar conhece-nos há 50 anos



* LISBOA. Entrado ao serviço da S. G. em 1919 coube-lhe a honra de estabelecer o primeiro contacto entre a nossa Companhia e o oceano.

Foi de facto o mar que nos proporcionou a experiência em que alicerçamos o futuro. Foi ele que nos ensinou a lição fundamental da permanência e da transformação.

Assim, a nossa Companhia, que vem servindo uma vasta clientela disseminada pelo mundo inteiro, continuará a seguir uma única rota: uma rota de progresso, a que conduz à inovação, à descoberta de novos valores, ao seguro desenvolvimento da riqueza nacional.

SG

SOCIEDADE GERAL

DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L.

LISBOA - Rua dos Douradores, 11 - Tel. 370151 - Telex 1543 . * PORTO - Rua Sá da Bandeira, 84 - Tel. 22314 - Telex 02718

ECOS

ANUNCIOU-SE já que Maria Lamas regressa a Portugal. É certo que em Paris, como em Lisboa ou em Évora, Maria Lamas continuava a ser quem é: uma alta figura intelectual e moral, que á Pedagogia, ás letras portuguesas, á causa da emancipação e da dignificação da mulher deu o tributo de um talento invulgar, de uma vibratilidade, sultura e superior inteligência, que honram o seu tempo e a sua terra.

*

HÁ uma correlação constante entre as pessoas e a frequência da cegueira. Não é apenas a brancura da cal, que intensamente reverbera o sol, a responsável pelas epidemias de tracoma tão vulgares na Arábia, no Iraque, no Norte de África e não há muitos anos ainda no Alentejo e no Algarve. José de Castro, falando do Nordeste brasileiro — região em que a carência de vitaminas A flagela as populações endémicamente — observa: «Entre os emigrantes que, perseguidos pela seca, abandonam as terras do centro e se dirigem ás regiões mais húmidas do litoral, há sempre grande número de doentes da vista. Examinando esses verdadeiros exemplares do rebotalho humano que o vento tropical lança sobre as pessoas do Nordeste brasileiro, tivemos ocasião de verificar quão elevado é o número de indivíduos que sofrem de hemeralogia (ou cegueira da noite) e de ceratomalacia.

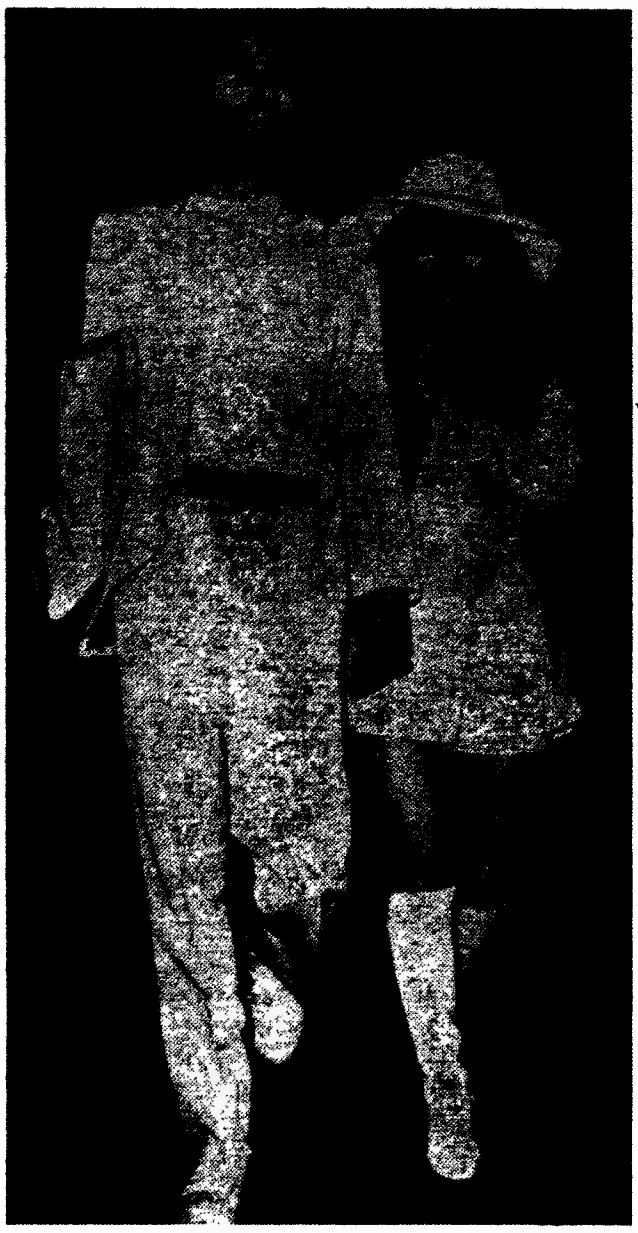
*

BATEGAS de granizo vergastaram, há poucos dias, os campos já cuscalhados **de Abril, que, depois das longas chuvas, bebem àvidamente a luz. Choros de febre.** Lançados do tempo que atravessam o húmus. Por terras do Alentejo, maiorais e mondadeiras cobriram-se com brancos plásticos sob a copa dos sobreiros. Pareciam fantasmas. Nas aldeias fala-se das colheitas prejudicadas. Sim (e sem ênfase retórica) os homens tornam-se raros. Até já surgiram, pelo menos numa estação de serviço, á saída de Lisboa, para a auto-estrada de Vila-Franca, mulheres expeditas — e competentes — a encherem de gasolina os depósitos dos carros, a verificarem a pressão dos pneus, etc. Muito menos do que um fenómeno de emancipação (que o é, em certa medida, forçado pelas circunstâncias), o caso é que o homem rareia. E a mentalidade transforma-se quando as circunstâncias o exigem.

UM PALÁCIO DA JUSTIÇA EM SINTRA?

SINTRA, 7 — Parece estar novamente na ordem do dia a construção do Palácio da Justiça nesta vila. O problema teve grande audiência durante a gestão administrativa do falecido visconde de Assêca, quando os srs. prof. Antunes Varella e eng.º Arantes de Oliveira, na altura ministros da Justiça e das Obras Públicas, respectivamente visitaram várias vezes esta vila, chegando a estar escolhido um local, na Portela, e cativa a verba de 1500 contos, como primeira comparticipação do Estado, pelo Fundo do Desemprego. Mais tarde, por desacordo entre os responsáveis pela localização do futuro Palácio da Justiça, nunca mais se falou no caso. Agora, porém, a Câmara Municipal de Sintra voltou a agitar o problema nas esferas superiores.

Em face dessa diligência, o assunto referente à localização do terreno seguiu, por determinação do ministro das Obras Públicas para o Conselho Superior das Obras Publicas, que dará o seu parecer.



John Lennon e a mulher Yoko Ono, fotografados no aeroporto de Londres, após o seu regresso de Amsterdão, onde ambos se dedicaram, durante uma semana, a uma «meditação deitada sobre a Paz», no Hilton daquela cidade holandesa

© Hertz System, Inc.—1968

Como alugar um automóvel Hertz em 100 países sem sair de casa.

Se tiver um telefone à mão, pode contar com um automóvel Hertz. Com efeito, basta que nos telefone para que lhe confirmemos reservas em quase todo o mundo.

Por outro lado, o carro que escolheu, só pode ser do último modelo. Explicamos: é que nós trocamo-los antes de fazerem um ano de casa. Acrescente-se ainda que, para sua total segurança, o automóvel que levar consigo foi de certeza verificado nos 19 pontos capitais. E isto é política que levamos a cabo em toda a Europa.

Quanto a marcas, modelos e preços tem muito por onde escolher: Como a Hertz Internacional é a maior companhia de aluguer de automóveis do mundo, põe, naturalmente, à sua inteira disposição os Fords e muitas outras magníficas marcas — isto, mesmo nos períodos de maior movimento.

Entregamos-lhe, pois, mais que um automóvel. Na verdade, oferecemos-lhe adicionalmente a experiência e o dinamismo dos nossos escritórios, que, como sabe, existem em mais aeroportos que qualquer outra companhia. Oferecemos-lhe ainda as vantagens de poder contar com uma organização que limita as formalidades a um mínimo, permitindo-lhe, deste modo, sair com o seu automóvel Hertz quase imediatamente após ter aterrado.

Tudo isto poderia levá-lo a pensar que só no estrangeiro teria o prazer de conduzir um carro da Hertz.

Não senhor! Você pode telefonar e pedir um carro Hertz sòmente... para ir fazer compras! Mas nesse caso terá mesmo que sair de casa.

Contacte com o seu Agente de viagens ou com a Hertz-Carreras, Av. da Liberdade, n.º 113—Telefone 32 82 47—Lisboa.

Hertz

Hertz: A chave que lhe dá mais que um automóvel.

ACEROLA

A mais rica fonte natural de Vitamina C, defende o organismo contra as infecções, os resfriados, as constipações e as gripes tão vulgares nesta época.
Com ACEROLA a sua capacidade física e intelectual mantém-se intacta.

AV. DA REPÚBLICA, 46 — LISBOA 1

Alarme na área mexicana. José Maria, Manuel António e Rolando procuram o golo... que não chegou

PORTUGAL-MÉXICO (0-0)

UM TREINO INTERNACIONAL

O México organiza o próximo campeonato mundial de futebol. O México quer apresentar, em 1970, uma equipa que não desdiga da sua condição de país organizador da mais importante competição do futebol. O México acaba já o preparar os seus jogadores e, para isso, promoveu uma digressão pela Europa. O México futebolístico iniciou ontem, em Lisboa, essa sua viagem de estudo» pelo Velho Continente.

★

Era Domingo de Páscoa. E o Benfica, habitualmente a base da selecção portuguesa, estava mais próximo do México que do Jamor.

Comentário de MÁRIO ZAMBUJAL

E jogadores como Hilário e José Carlos, também velhos fregueses da selecção, andavam por Paris. Seria, portanto, uma subequipa de Portugal que iria defrontar os mexicanos. Não era um jogo «a valer». De preparação, para os mexicanos; de «teste» para alguns portugueses. Por tudo isto e pela TV, o Estádio Nacional apresentou-se com uma assistência inferior à de muitos jogos de «reservas», aos sábados.

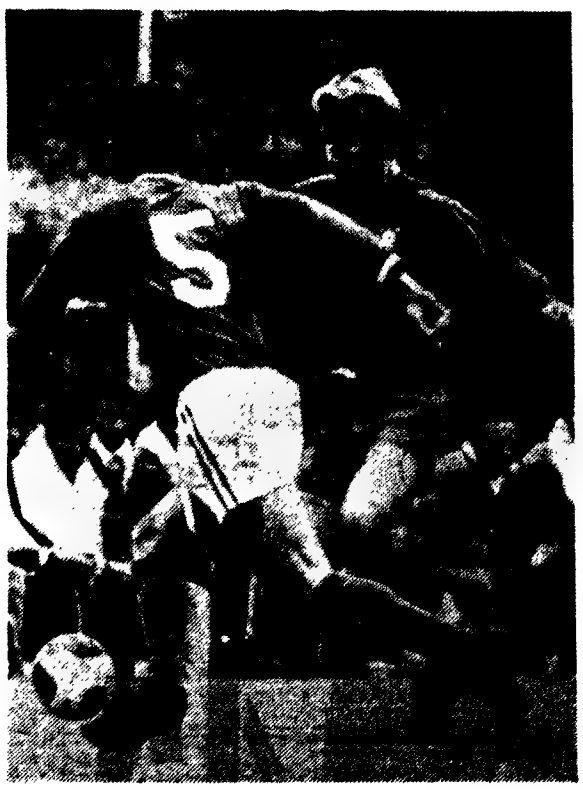
Muito, muito ar de treino em tudo aquilo. Jogos internacionais, não faltam. Treinos internacionais é que são raros.

★

Foi bom? Foi mau? Foi assim-assim...

Este 1.º Portugal-México, com seu ambiente de treino, suas bancadas vazias, sua ausência de estímulo (os pontos, a classificação) não deixou de ter alguns

(Continua na pág. central)



O portuense Rolando foi a figura n.º 1 da equipa portuguesa. Aqui o vemos em acção

BENFICA: DERROTA (1-2) EM TERRAS BRASILEIRAS

• EUSÉBIO FEZ O GOLO PORTUGUÊS

PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, 7 — (A. N. I.) — O encontro entre o Benfica e o Internacional, na inauguração do Estádio Beira-Rio, deste clube, começou ás 15 horas e 55 locais, perante mais de cem mil pessoas.

As equipas formaram:

INTERNACIONAL — Gainete; Lauricio, Scala, Pontes e Sadi; Tovar e Dorinho; Valdomiro, Braulio, Claudomiro e Gilson Porto.

BENFICA — José Henrique; Adolfo, Humberto Coelho, Zeca e Cruz; Toni e José Augusto; Praia, Torres, Eusébio e Simões.

Arbitrou o encontro Roque José Gala, de Porto Alegre.

O Benfica entrou ao ataque, mas pouco depois estabelecia-se o equilíbrio, que durou até ao intervalo, com um único golo, marcado por Claudomiro aos 22 minutos.

Na segunda parte, Eusébio foi derrubado perto da baliza contrária e marcou a falta, estabelecendo o empate, aos 68 minutos.

O golo da vitória foi apontado cinco minutos depois por Gilson Porto.

Na segunda parte houve várias substituições sem influência na marcha do encontro. Nené entrou para o lugar de Praia e Vítor Martins substituiu José Augusto.

O golo que deu a vitória ao Internacional provocou certa efervescência, já que José Henrique alegava que a bola não chegara a entrar na baliza. O próprio Eusébio, porém, confirmou que a bola entrara — e fez uma festa na cabeça de José Henrique com todo o público a aplaudi-lo.

Já no golo marcado pelo Benfica houve protesto do guarda-redes Gainete. Este, alegou que não se fizera á defesa por ter visto que Eusébio dera um toque na bola, antes do remate. O árbitro, porém, confirmou golo.

V. GUIMARÃES NO FUNCHAL: DERROTA POR 3-1

★

F. C. PORTO EM L. MARQUES: EMPATE A UM GOLO

Portuguesas e peruanas enfrentaram-se, ontem, em ténis de mesa. As nossas visitantes triunfaram com á-vontade

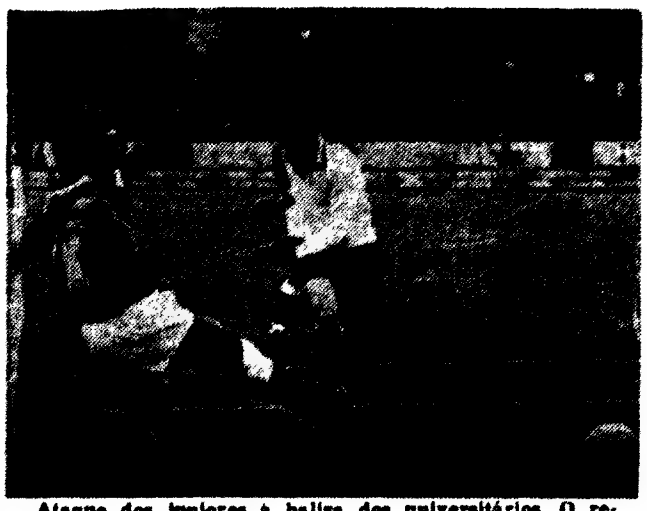
RED STAR - SPORTING ESTA TARDE, EM PARIS

PARIS, 6 (Telex especial por Amadeu José de Freitas) — Domingo de Páscoa parisiense para a comitiva «leonina». Uma Paris quase deserta e francamente invadida pelos turistas deu sol e calor a este domingo sem futebol... na vida de um futebolista. E ofereceu-lhes o que não é costume: um domingo calmo, tranquilo, sem o frenesim da hora e meia de esforço que lhes é pedido semana a semana. Foi, autênticamente, um domingo de «folga» numa equipa verdadeiramente em férias, mas a postos para o «trabalho» que a espera logo á tarde. Aliás este repouso é bem explicado por Armando Ferreira:

Na sexta-feira houve treino de conjunto e no sábado uma sessão ligeira antes da partida seguida de banhos e massagens. Aliás a viagem já foi traçada com a ideia de evitar a necessidade de treinos em Paris.

Desta forma os jogadores têm repousado e ontem á tarde foram ao cinema. Entre um espectáculo de Antoine no «Olim-

(Continua na página seguinte)



Ataque dos juniores à baliza dos universitários. O remate partiu mas o golo não surgirá

FUTEBOL NA EUROPA

ITÁLIA—Atalanta-Palermo, 2-2; Bolonha-Roma, 0-0; Gagliari-Milão, 3-1; Inter-Turim, 2-2; Juventus-Nápoles, 2-0; Vicenza-Varese, 1-0; Sampdória-Pisa, 1-2 e Verona-Fiorentina, 2-2.

Classificação — 1.º Fiorentina 35; 2.º Gagliari, 34 3.º A. C. Milão, 33; 4.º Juventus, 29; 5.º Internazionale, 27.

JUGOSLÁVIA—Dynamo-Sarajevo, 6-1; Estrela Vermelha-Voivodine, 2-0; Vardar-Radnicki, 2-0; Celik-Olimpia, 2-0; Velez-Proleter, 1-0; Rijeka-Bor, 2-0; Maribor-Jajduk, 0-0; Partizan-Zagreb, 3-0; Zeleznicar-OFK Belgrado, 1-0.

Classificação — 1.º Dynamo, 33 pontos; 2.º, Estrela Vermelha, 28; 3.º Partizan, 27; 4.º Voivodine 26; 5.º Jajduk, 25.

Paris vê um Sporting em férias

...mas à espera do «trabalho»

(Continuação da pág. anterior)

pya» e «La Piscine» com Alain Delon e Rommy Scheneider os «leões» optaram pelo filme. E, á noite, uma pequena volta depois do jantar e recolha cedo aos quartos. Uma vida tranquila, portanto, aliás dentro das ideias do técnico que só pretende puxar pela equipa na altura da «Taça».

Uma ultima informação: a linha para esta tarde. De início o Sporting apresentará: Damas (Barroca, se o jovem internacional não chegar a tempo a Paris), Celestino, Armando, José Carlos e Hilário; Alexandre Baptista, Pedras e José Morais; Chico, Lourenço e Mário.

Lembram-se de Loio?

A abrir a sessão a equipa da Associação dos Portugueses defrontará uma turma de amadores do Red Star. Uma grande novidade da formação dos nossos compatriotas: como ajuda surgirá a meio campo o jogador Loio que, como devem estar lembrados, andou pelo Benfica a tentar a sua sorte. Radicado em Paris resolveu-se a colaborar no encontro. Uma curiosidade, inegàvelmente.

E a terminar este pequeno apontamento: o árbitro do jogo é o francês Maillard continuando a venda dos bilhetes a decorrer em bom ritmo o que fará prever uma boa assistência.

E é tudo por agora. Esperemos pelo jogo.

EM CANNES

TORNEIO DE JUNIORES

CANNES, 6 — (F. P.) — A equipa da França (de juniores) foi qualificada para a final do torneio internacional de Cannes.

Os jogadores franceses obtiveram a qualificação ao vencer Israel, por meio de «cantos», visto o encontro ter terminado sem golos (7 «cantos» contra 0). Na final a França defronta a equipa da Roménia.

Em desafio de classificação para os sétimo e oitavo lugares da classificação do torneio internacional de juniores de futebol de Cannes, o Inter de Milão venceu o Chelsea (Grã-Bretanha), por 2-0. Os golos foram marcados por Damiani aos 20 e 56 minutos

RAGUEBI A FRANÇA VENCEU A TAÇA DA EUROPA

da categoria de juniores

BARCELONA, (ESPANHA), 7 — A França venceu a Taça das Nações Europeias, de ragueibi, em juniores disputada em Barcelona, ao derrotar por 31-0 a equipa marroquina, que se classificou em segundo lugar.

Noutro jogo, a Roménia derrotou a Itália por 6-0, para disputa do terceiro e do quarto lugares do torneio.

PANORÂMICA DO CICLISMO INTERNACIONAL

■ Em face do acordo dado pela Delegação Nacional de Desportos, a Federação Espanhola de Ciclismo proclamou quatro candidatos á presidência da Federação Catalã. São eles: Mariano Cañardo, José Chover, Francisco Tarruella e Noé Tena. As eleições realizam-se no dia 13 com a votação dos noventa clubes filiados

■ *O belga Van Springel resolveu renunciar á «Volta á Suiça» para, juntamente com Boons, Haysmans, In't Ven, Poppe, Rosiers, Wylly van Neste e Van Rickegman, participar na «Volta a Espanha».*

você não precisa de dois Colt 45 PARA VESTIR AS Wrangler

Com as calças WRANGLER (From the Far-West) você dispõe de armas ainda mais perigosas! As calças WRANGLER, para toda a gente, em cores agressivas e sedutoras, duram anos, conservando para sempre o toque inimitável da América!

Wrangler FROM AMERICA!

quando uma gota vale oiro...

...é doloroso pensar que mais de 28 milhões de toneladas da colheita mundial de uvas, mais do que a terça parte, se perdem por acção de parasitas e doenças. Assim, uma uva em cada três não é saboreada, e, de cada três possíveis garrafas de vinho, uma deixa de beber-se...
O maior inimigo da vinha é o míldio, responsável por grandes destruições como a que, em 1881, reduziu a metade a produção mundial de uvas e levou à beira da ruína um grande número de viticultores.
A investigação química, em que a BAYER comparticipa de maneira essencial, tem visado a produzir e aperfeiçoar armas defensivas contra tão perigoso adversário. Os cientistas da BAYER investigaram, com notável êxito, o grupo dos ditiocarbamatos, como substâncias activas. O ANTRACOL foi o resultado de muitos anos de trabalho dos laboratórios de pesquisa. Submetido a longas séries experimentais, quer em campos de ensaio, quer na prática, o emprego do produto foi definitivamente introduzido em grande escala. Após sete anos de *prova* — frequentemente sob as mais rigorosas condições — pode afirmar-se, como o fazem hoje milhares de lavradores, que o ANTRACOL dá excelentes resultados.
O ANTRACOL, poderia dizer-se, é o preparado ideal da moderna fitossanidade.
O seu emprego permite satisfazer as maiores exigências de qualidade, de técnica de aplicação e de economia.
Ele é sem dúvida um precioso contributo para que a Lavoura obtenha, no campo árduo em que investe tantos esforços e esperanças, a colheita que seja de facto compensação, alegria, certeza de continuidade.

Antracol

A QUALIDADE PROVA-SE COM FACTOS

NOTÍCIAS DE FUTEBOL
DE TODOS OS QUADRANTES

■ George Cohen, que foi defesa da selecção de Inglaterra no último «mundial» e conta agora 30 anos de idade, foi aconselhado pelos médicos a abandonar o futebol em consequência de uma lesão sofrida no joelho direito. Cohen conta 37 internacionalizações. Como compensação o Fulham recebeu do seguro cem mil libras.

■ *O Crystal Palace, da II Divisão inglesa, vai jogar a Ibiza no próximo dia 28 de Julho.*

■ Realiza-se no dia 27 do corrente na capital tunisina, o encontro da segunda «mão» entre as selecções de Tunes e Marrocos, a contar para a fase qualificativa do «Mundial».

■ *A Associação Argentina aplicou ao árbitro Cruces a pena de 45 dias de suspensão pelo seu deficiente trabalho na direcção do jogo River Plate-Estudiantes. Foram ainda punidos com 15 jogos de suspensão os jogadores Pastoriza e Halbernat.*

● O futebol espanhol vai introduzir uma alteração nos seus regulamentos para a próxima época, segundo a qual não será permitido a jogadores da I Divisão actuar em clubes da III Divisão. A não ser que se trate de clube filial.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Provas da A. F. Setúbal

Disputou-se ontem a penúltima jornada do campeonato regional da 1.ª Divisão da A. F. de Setúbal, tendo-se verificado os seguintes resultados:

Moitense-Sp. Grandolense, 4-2; Santiago de Cacém-Quintajense, 7-0; Monte Caparica-Imparcial, 2-0; Arrentela-Costa da Caparica, 1-2; Trafaria-Amora, 2-0; Alcochetense-Paio Pires, 3-5, e Palmelense-Salatia, 3-0.

O Amora é o primeiro e já está apurado para 3.ª Divisão nacional, seguido do Trafaria, Alcochetense e Paio Pires.

2.º Divisão

Resultados dos jogos da 9.ª jornada:

Série A — «Os Leais»-Independente de Setúbal, 1-2, e Independente da Lomba-Quinas, 2-2.

O Comércio e Indústria é o primeiro classificado desta série.

Série B — Águias Negras-Pinhalnovense, 0-2.

O Marítimo é o primeiro da classificação geral.

III DIVISÃO NACIONAL

FARENSE E MARINHENSE
TAMBÉM ASCENDERAM À 2.ª DIVISÃO
• UM «CASO» EM VIANA DO CASTELO

Terminaram ontem as quatro provas que constituíram a primeira fase do «Nacional» da 3.ª Divisão. E terminaram em beleza, porque, excepção à Zona B, nas outras houve de aguardar-se a última jornada para se conhecer o clube que subiria à 2.ª Divisão.

Houve, no entanto, um «caso» na Zona A.

Com o mesmo número de pontos (28) no comando da classificação (o «goal-average» favorecia, porém o Vianense) tanto aquele como o F. C. Vizela necessitavam de ganhar os últimos encontros na sua tentativa de subir de Divisão. O F. C. Vizela, no seu campo, venceu o Desportivo das Aves por 2-0; o Vianense, no seu campo quando chegou à vantagem de 2-1 (faltavam 16 minutos para o termo do desafio), viu o campo invadido pelos seus adeptos, doidos de alegria. Então, nessa altura, o árbitro (o cotado Salvador Garcia, de Lisboa), decidiu suspender a contenda. Assim, o Vianense, vítima do entusiasmo dos seus adeptos, terá, certamente, de repetir o jogo. E terá também de alcançar o triunfo, se quiser satisfazer os propósitos de subir de Divisão. Entretanto, o F. C. Vizela queda-se na expectativa. Por ora, é o «leader», quiçá o favorito. Terá o Vianense, clube de tradições, arte de desfazer o imbróglio?

ZONA A

F. C. Vizela, 2-Desportivo das Aves, 0; S. Pedro da Cova, 2-Vila Real, 1; Mirandela, 3-A. D. Fafe, 2; Rio Ave, 5-Bragança, 1; Desportivo de Chaves, 4-Gil Vicente, 1 e Vianense, 2-Riopele, 1 (jogo suspenso a 16 minutos do fim).

Classificação:

Vizela, 30 pontos; Vianense, 28; Chaves, 28; Gil Vicente, 25; A. D. Fafe, 23; Riopele, 21; Desportivo das Aves, 20; Rio Ave e S. Pedro da Cova, 19; Mirandela, 16 e Bragança, 9.

Vianense, como já assinalámos, e Riopele têm um jogo a menos. No entanto, há que aguardar as conclusões do relatório a apresentar pelo árbitro Salvador Garcia.

ZONA B

Pinhelenses, 2-Sporting de Lamego, 2; Lusitânia de Lourosa, 2-A. D. Guarda, 0; Celoricense, 1-Feirense, 0; União de Coimbra, 1-Mortágua, 3; Oliveirense, 3-Lusitano de Vildemoinhos, 0 e Marialvas, 2-União de Lamas, 4.

União de Lamas, 37 pontos; Sporting de Lamego, 34; Lusitânia, 30; União de Coimbra, 28; Oliveirense, 26; Feirense, 25; Marialvas, 20; Lusitano e A. D. Guarda, 16; Mortágua, 13; Pinhelenses, 10 e Celoricense, 9

O União de Lamas, da A. F. Aveiro, regressa à 2.ª Divisão, depois de uma prova brilhantíssima. Um verdadeiro vencedor.

ZONA C

Ferroviário, 5-Sacavenense, 2; Nazarenos, 3-Castelo Branco, 1; União de Leiria, 2-Casa Pia, 0; Estrela de Portalegre, 1-Atlético Marinhense, 1; União de Almeirim, 0-Naval 1.º de Maio, 1 e Odivelas, 5-União de Algés, 1.

Classificação:

Atlético Marinhense e União de Leiria, 31 pontos; Nazarenos, 29; Sacavenense, 28; Naval, 26; Casa Pia, Odivelas e Estrela, 23; União de Almeirim, 22; Ferroviário, 14; União de Algés, 10 e Castelo Branco, 4.

Atlético Marinhense arredou o União de Leiria do primeiro lugar apenas pela vantagem de um golo. Perdeu um jogo por 2-1 e ganhou o outro por 2-0. Assim conseguiram os «atléticos» da Marinha Grande regressar também à 2.ª Divisão, em representação da A. F. Leiria.

ZONA D

Faro e Benfica, 4-Sarilhense, 0; Aljustrelense, 2-Juventude, 0; Vasco da Gama, 3-Cova da Piedade, 0; Lusitano, 5-Grandolense, 0; Olhanense, 7-Desportivo de Beja, 1 e União Sport, 1-Sporting Farense, 2

Classificação:

Sporting Farense, 37 pontos; Olhanense, 33; Juventude, 29; Grandolense, 26; Vasco da Gama, 25; União Sport, 20; Desportivo de Beja, 19; Cova da Piedade e Lusitano, 18; Faro e Benfica, 17; Aljustrelense, 16 e Sarilhense, 5.

Ao cabo de luta porfiada entre os dois antigos rivais do futebol algarvio, o Sporting Farense conseguiu sobrepor-se ao Olhanense, conquistando, com todo o brilho, o primeiro lugar e voltando, em momento feliz, à 2.ª Divisão. Para a satisfação de tal desiderto, bastava-lhe empatar ontem em Montemor-o-Novo diante de adversário ambicioso e disposto a vender cara a derrota. Mas os farenses foram mais longe ao arrancar um triunfo difícil, sim, mas extremamente valioso.

Sorteio

Hoje, às 18 horas, na sede da A. F. Lisboa, efectua-se o sorteio dos campos para os jogos que constituem a segunda fase da competição.

Os clubes que descem para os Regionais

Concluída a 1.ª fase do «Nacional» da 3.ª Divisão, passam a disputar os campeonatos regionais as seguintes equipas:

Rio Ave, S. Pedro da Cova, Pinhelenses, Celoricense, Odivelas, Lusitano de Vildemoinhos, Ferroviário, U. Algés, Castelo Branco, Lusitano de Vila Real, Faro e Benfica, Aljustrelense e Sarilhense

XXXI
CURSO DE ESTUDOS ESPANHÓIS
ENSINO DA LÍNGUA E DA CULTURA ESPANHOLA
(AULAS TEÓRICAS, PRÁTICAS E CONFERÊNCIAS)
Este Curso principiará em 10 de Abril, no Instituto Español — Rua Actor Tasso, 27.
Inscrição e matrícula por todo o Curso, 125$00.
Horário para efectuar as mesmas, todos os dias úteis, excepto sábados, das 17 às 19 horas.

Resolva o problema da falta de ESPAÇO em sua CASA!
VERIFIQUE
AS VANTAGENS
QUE TERÁ
COMPRANDO UM
MÓVEL-CAMA

2 Móveis-cama individuais c/ camas abertas
10 MODELOS DIFERENTES DE MÓVEIS-CAMA E SUAS ACOPULAÇÕES
CONSULTE O FABRICANTE COM PESSOAL DEVIDAMENTE ESPECIALIZADO, QUE O AJUDARÁ NA SUA DECISÃO
MÓVEIS-BAÍA
RUA SANTANA À LAPA, 114-A—TEL. 676772 - 677402—LISBOA

Em grande estilo num carro Hertz...
...com chauffeur que fala diversas línguas!
A Hertz oferece-lhe a oportunidade de alugar um carro de luxo com chauffeur para deslocar-se a recepções, ir à Ópera, ao teatro, assistir a passagens de modelos, ver exposições ou, simplesmente, fazer compras...
ou ainda no caso de Você precisar de um carro de luxo, que queira pôr à disposição dos seus amigos estrangeiros, (oferecemos-lhe a possibilidade de contar com o chauffeur ideal).
Telefones: 32 82 47 — 4 63 86 — 5 12 54
Hertz
Hertz aluga Fords e outros bons automóveis

PORTUGAL-MÉXICO (0-0)

RENOVAR? DEVAGARINHO...

(Continuação da 1.ª página)

Jogadores em foco. Quer dizer: foi um entretenimento que não chegou, pròpriamente, a enfastiar.

Viu-se que esta selecção mexicana terá de melhorar muito para fazer no «Mundial» a figura que deseja. É um futebol «tenplado», macio, com interessante organização colectiva, mas sem a rapidez e o poder físico que caracterizam o futebol europeu de hoje, nem sequer a técnica malabarista dos seus vizinhos da América do Sul, nomeadamente brasileiros, argentinos e uruguaios. É uma equipa de certo modo modesta, se a analisarmos «à escala» de finalista do «Mundial»

Óptimo, óptimo. Nem seria de desejar que para adversário de uma selecção portuguesa de certo modo improvisada, saísse à cena um grupo poderoso, papão de esperanças, destruidor de promessas e ilusões.

A grande «perdida» dos mexicanos. Fragoso, isolado frente a Damas, fes passar a bola junto ao poste, mas pelo lado de fora

Mesmo assim...

Bom, assim póde verificar-se que ainda fazem a sua falta a maior parte dos jogadores que há alguns anos se formaram na selecção. As vezes, as pessoas cansam-se das mesmas caras, da mesma gente, da mesma equipa. Mas o nosso é um pobre futebol onde não há muito por onde escolher. Sorte que em cada geração vá aparecendo um grupo (dez? quinze?) que largamente se avantaja à média geral. Sorte que possamos ainda extrair tanta qualidade de uma quantidade de jogadores incomparàvelmente menor do que a da maioria dos países com que nos defrontamos, nestas guerrazinhas da bola.

Nada menos de oito novos «internacionais» portugueses «fez» este Portugal-México. E os outros, todos os outros, têm já jogado na selecção, mas episòdicamente. Portanto, uma **equipa nova.**

Que nos mostrou essa **equipa nova?** Sem dúvida alguns jogadores que podem discutir um lugar na selecção «a sério». Não falando de Damas, em quem todos pressentem o dono e senhor da baliza, temos Rolando, Joaquim Jorge, o «trio ouro negro» do Vitória — Conceição, José Maria e Jacinto João. E Peres, já várias vezes «internacionais».

... Mas todos estes juntos, e com os outros que se lhes juntaram ontem, não poderão fazer, por ora, uma selecção nacional à altura da dos Hilários, Torres, Eusébios, Simões, Colunas, etc. Principalmente se o adversário for de um nível superior ao dos mexicanos e, vamos lá, não é difícil encontrar quem o seja.

Não teremos, verdadeiramente, problemas com a defesa. É mais fácil defender. E temos mais jogadores de categoria aproximada. Conceição e Joaquim Jorge, pelo menos estes dois dos quatro que jogaram ontem, são capacíssimos de actuar, em quaisquer circunstâncias, sem fazerem lembrar quem quer que seja.

Quanto mais para a frente, mais difícil. Quanto mais para a frente, mais raros são os valores que se revelam. Este Portugal-México deu-nos, no entanto, duas confirmações: Rolando, a meio-campo, e Jacinto João, no ataque. Ambos já «internacionais» e firmes candidatos a continuarem.

★

Zero-zero, enfim, não estará mal. Uns e outros tiveram oportunidades de marcar, uns e outros as desperdiçaram, numa gritante generalização de mediocridade no remate. Mais organizado o grupo mexicano, com lances já enraizados por insistente treino de conjunto. Mas o melhor futebol pertenceu aos portugueses, nos períodos (não longos) em que o estribaram na velocidade. Principalmente velocidade da bola. Passes rápidos, rasos, jogadores em desmarcação. Quando isso aconteceu (a meio da primeira parte e no quarto de hora final), a equipa mexicana atormentada nos seus vagares, andou absolutamente perdida. Ultrapassada. Simplesmente o «onze» português (que utilizou catorze) deixou-se cair no ramerrão, até pela tendência individualista que retarda o passe e acaba por estragar tudo.

Agradáveis essas **explosões** da selecção nacional. Bem significativas do que terá de ser o «nosso futebol» — feito de leveza, habilidade, movimento, evitando, quanto possível, os choques e os duros despiques físicos.

Enfim, um jogo (um treino?) que teve o seu interesse. Que terá dado boas indicações aos técnicos mexicanos. A que também terá elucidado os responsáveis do futebol português acerca dos mais aptos para uma eventual chamada a mais difíceis jogos da selecção.

De qualquer modo, renovar, sim, mas devagarinho...

M. Z.

A selecção nacional apresentou, de início, estes seis entranhes na equipa A: Pinto, Conceição, Carriço, Manuel António, Joaquim Jorge e Damas. A estes, juntar-se-iam dois sapientes entrados no segundo tempo: Lourindo e Nelson

ROLANDO, JACINTO JOÃO E JOAQUIM JORGE RESPONDERAM «SIM» AO SELECCIONADOR

Equipas em preparação para o «Mundial de 70», a portuguesa, ainda em busca de uma qualificação, e a mexicana, de presença certa, defrontaram-se ontem no Estádio do Jamor, iniciando assim o intercâmbio ao nível de selecção entre o futebol dos dois países.

NOS MEXICANOS CALDERON, PEÑA, GONZALEZ, MORALES E PADILLA FORAM AS FIGURAS MAIS DESTACADAS

Terá no entanto o encontro correspondido ao ideal que lhe deu origem? A pergunta parece-nos pertinente e supomos que os «responsáveis» de ambos os «teams» poderão responder afirmativamente.

Com efeito, para os mexicanos, a igualdade a zero, e para além disso o influxo que esse resultado lhes pode proporcionar nesta digressão, pode considerar-se satisfatória a sua apresentação europeia. É inegável que a turma «azteca» revelou certas ingenuidades que em confronto com ardilosos e «sabidos» grupos do velho continente podem acarretar-lhe certos dissabores. Mas a par disso o «onze» do México dispõe de alguns valores individuais susceptíveis de emprestar à equipa a dinâmica empreendedora e veloz, cuja carência revelou. A lentidão no desenvolvimento dos lances, foi a nota dominante da turma visitante, pouco identificada com a impetuosidade do futebol que se joga do lado de cá do Atlântico.

Quanto ao «onze» de Portugal houve três ou quatro afirmativas às questões postas pelos adeptos do futebol que buscam os sucessores dos «magriços»: realmente na representação lusitana houve quem dissesse ao dr. José Maria Antunes ter direito a discutir um lugar na verdadeira selecção nacional, aquela que já na próxima semana terá de discutir com a Suiça um jogo que conta para a tal presença que se procura assegurar, no México, no ano que se avizinha.

Mas individualmente vejamos o que foi o comportamento dos intervenientes da partida do Jamor.

A equipa mexicana

Aludimos já a certa menoridade futebolística que observámos no conjunto «azteca». No entanto, anote-se que o México confiou a guarda da sua baliza a um jogador, CALDERON, de boa categoria, arrojado e atento, que pôde até, mercê da sua serenidade, neutralizar alguns lances mais agressivos dos portugueses. De resto, na defesa e compartimento médio dos visitantes PENA e GONZALEZ foram as figuras mais destacadas. O primeiro com cortes muito oportunos e o segundo com intencionais movimentos ofensivos integrando-se com oportunidade nalguns lances com que os mexicanos procuraram atingir a baliza adversária.

A vanguarda mexicana só na segunda parte deu uma ideia, talvez mais aproximada, do seu poderio atacante. Neste sector terá a equipa os seus mais altos expoentes: MORALES e PADILLA. O extremo-esquerda foi até o mais solicitado atacante, criando mesmo problemas ao experimentado Conceição. O afamado ENRIQUE BORJA, ainda que exibindo apontamentos de excelente jogador, não pôde no entanto fazer refulgir os predicados que se lhe atribuem. Nota de mérito também para MUNGUIA, cuja presença deu maior animação à equipa na segunda metade.

Por Encarnação Viegas

O «onze» de Portugal

Com uma primeira parte francamente agradável ainda que de parco rendimento quanto o golos, o gráfico do comportamento da equipa lusitana na segunda metade da partida apresenta-se pleno de sinuosidades. A meia hora imediata ao intervalo pode situar-se mesmo no período mais obscuro do «onze» nacional.

No plano individual e no balanço do jogo teremos que colocar o portista ROLANDO ao nível mais elevado. Pleno de força, impondo aos avançados a sobriagão de ir ao lance em busca do estérico, o excelente médio teve uma actuação plena de equilíbrio e regularidade. Mas outros jogadores se comportaram de modo brilhante na turma portuguesa: JACINTO JOÃO e PERES no primeiro tempo, JOAQUIM JORGE e DAMAS no período complementar.

Realmente o popular J. J. de Setúbal foi um autêntico «terror» para os mexicanos. As suas qualidades de «jongleurs» abriram por diversas vezes o último reduto contrário. Por seu turno, PERES, investido nas funções de «capitão», soube sê-lo verdadeiramente, impulsionando os companheiros, acorrendo com oportunidade aonde a sua presença se tornava necessária e criando até um apreciável número de jogadas que o definem como estratego de boa capacidade.

Na segunda parte dois homens responderam «sim» ao seleccionador, os já referidos JOAQUIM JORGE e o guarda-redes DAMAS. Diremos até que o «stoppers» de Guimarães teve nesses quarenta e cinco minutos impecável actuação, não só no aspecto destrutivo como ainda pelos propósitos construtivos que revelou. Um homem para a selecção indiscutivelmente. Damas não terá tido actuação a exigir trabalho aturado, mas quando teve de intervir foi sempre a transmitir à equipa uma inequívoca sensação de segurança. E teve até uma ou duas defesas que definem um guarda-redes de invulgar classe. Assina-

(Continua na 6.ª página)

Manuel António não teve uma estreia verdadeiramente feliz. O excelente finalizador foi alvo de apertada vigilancia, a que não conseguiu furtar-se, como se vê na imagem, ao ser desarmado por um defensor mexicano

NO JAMOR, JUNTO À LINHA DE CABECEIRA

JUCA: «JÁ NÃO ESTAVA HABITUADO A ISTO»...

Peres foi o «capitão» da equipa portuguesa: segurou a sua braçadeira e camiseola aplicando-lhe adesivos.

●

Os mexicanos escutaram o hino do seu país com o braço direito colado ao peito.

●

Rolando foi o único jogador que calçou peúgas brancas por fora das meias de cor. José Maria, em contrapartida, jogou de meias caídas, sem caneleiras...

●

O guarda-redes mexicano (Ignacio Calderon) passou o encontro a fumar. Ele é que comandava toda a defesa da sua turma.

●

A Isidoro Díaz os colegas chamam «Chofer».

●

A barreira mexicana, contra livres próximos da sua grande área, é sempre constituída do mesmo modo: Peña, Galindo, Perez, Vantobra e José Luiz Gonzalez. Ao apito do árbitro, Isidoro Díaz corre a embater no rematador.

●

Ignacio Calderon, para Rolando:

— *Hombre! Tienes hambre de gol!*

●

O massagista da selecção mexicana dava água aos seus jogadores por um saco rectangular, cinzento escuro, onde existe um depósito para gelo.

Aos 30 minutos o árbitro deu um pequeno «show», chamando a autoridade para afastar o seleccionador mexicano Ignacio Heiles.

Reportagem de NEVES DE SOUSA

— *Está loco, este hombre!* — comentava o técnico azteca.

●

Os jogadores mexicanos (que recebem vencimentos mensais da ordem dos mil dólares: vinte e oito contos de réis) receberam 250 dólares como «prémio» de empate. Cerca de sete mil escudos.

●

No primeiro minuto da 2.ª parte, houve perigo para a rede portuguesa. A bola, porém, foi enviada pela dinha de cabeceira por Carriço. Damas, ao pretender enganar o árbitro (evitando a marcação do «canto»), disse-lhe:

— *É nossa! É do Sporting!...*

●

Joaquim Jorge gritava muito:

— *Cada um ao seu! Atenção aos numeros defes!*

●

Damas (que alinhou sem joelheiras) insistia com José Maria:

— *Zé! Não vás para a frente. Olha o novo, olha o nove...*

●

Albino Morais mostrava o cotovelo direito aos colegas. Escorria sangue.

— *Foi esse «tio», o «cinco»...* (Falava de Carriço).

●

A 19 minutos de fim, disse o locutor:

— *Encontra-se na cabina de som um menino chamado Jaime, que se perdeu.*

Comenta rápidamente Damas, falando para os fotógrafos:

— *Meu não é...*

●

Borja, quando Damas tinha a bola segura contra o peito, dá duas cabeçadas no couro. Replica o sportinguista:

— *Oh, «pencudo»! Es «coguinho»!...*

●

Acabou a partida. Joaquim Jorge diz:

— *Merecíamos ter ganho. Mas, quando eu jogo, dou azar: ou perco ou empato. Enfim: também temos valores. E não somos tão fracos como se apregoava...*

●

O dr. José Maria Antunes:

— *Foi bom. Jogo rápido que deu boas indicações quanto ao futuro. Alguns dos estreantes acusaram a responsabilidade de envergarem as coras nacionais. Mas, em vontade e determinação, todos se igualaram.*

Lourindo vai estrar na equipa. O «capitão» Peres recomenda-lhe calma

Embora de características amigáveis, registou-se no decurso do desafio um ligeiro descrentendimento que foram protagonistas o treinador da equipa mexicana Ignácio Trelles e o juiz da partida Gaspar Pintado. Apercebemo-nos, na imagem, do ar acalorado do técnico «azteca» ao dirigir-se ao árbitro espanhol

Opinião, aliás, perfilhada por Juca:

— *Se tem surgido um polo, venciamos por margem folgada.*

A seguir:

— *Fiquei satisfeito com a actuação de todos. Deram, não há dúvida, uma confirmação de valor. A sua determinação e o seu espírito de entreajuda mostraram que eram dignos da selecção.*

— O México?

— *Como tinha dito, após o treino de sexta-feira, têm muita rapidez e boa condição física. Os defesas centrais, os dois pontas-de-lança e Isidoro Diaz, foram os melhores. Mas, o México talvez não tenha jogado muito porque encontrou pela frente uma equipa que se impôs.*

Juca parecia bastante pouco. Ele explica porquê:

— *Já não estava habituado a isto»...*

— Quanto á partida com a Suiça, continua a contar com o benfiquista Jacinto? Afirma o «responsável»:

— *Oficialmente, não sei que desapareceu. A ordem que os benfiquistas têm é de ingressar no estágio. Se Jacinto faltar...*

Acrescenta:

— *O que me está a preocupar é o problema militar de Tomé. Considero-o imprescindível para o encontro de Inglaterra. E é preferível pôr a jogar, em Coventry, rapazes com valor, que colocá-los aqui no Jamor como suplentes.*

— Hoje, os mexicanos...

Diz o dr. José Maria Antunes:

— *Praticaram um futebol ingénuo. Um sistema de jogo atacante que peravia por repetição dos lances.*

Num desabafo:

— *Mas, a nós também faltaram rematadores...*

NA MADEIRA, ONTEM

O MARÍTIMO VENCEU (3-1) O VITÓRIA DE GUIMARÃES

Jogo no Estádio dos Barreiros, no Funchal.

Arbitragem de Romão Ferreira, auxiliado por Albino Rodrigues e Juvenal Sardinha.

MARÍTIMO — Grisaleña; António João, Lomelino, Eugénio e Andrade; Emanuel e Nunes; Sidónio, Vasco, Angelo e Noémio.

V. GUIMARÃES — Rodrigues; Gualter, Silva, Daniel e Costeado; Artur, Peres e Augusto; Zezinho, Manuel e Mendes.

Na equipa do Marítimo, Bernardino entrou a substituir Vasco, enquanto Jorge Vieira fez render Silva por Vieira.

Ao intervalo: 1-0. Golo de Noémio (aos 21 minutos).

Na segunda parte, Zézinho empatou. Mas, aos 65 minutos, uma grande penalidade por falta de Gualter, foi convertida por Angelo. E, a 12 minutos do final, aumentou a derrota vimaranense para um-três, graças a um golo de Noémio que electrizou o público presente no bonito estádio funchalense.

Realiza-se este ano o «Rallye» Internacional da Beira

BEIRA, (MOÇAMBIQUE) 7 — Realiza-se de 30 de Julho a 2 de Agosto, o décimo Rali Internacional da Beira, organizado pela secção regional da Beira do Automóvel e Touring Clube de Moçambique.

A prova será dirigida pelo automobilista Adelino Brizido e terá como comissário-geral José Manuel Mendes.

VOLEIBOL

TAÇA DA EUROPA EM HELSINQUIA

HELSINQUIA, 6 — A 8.ª Taça da Europa Ocidental de voleibol que se está a disputar em Helsinquia, deu os seguintes resultados:

Grupo de Haemeelinna — Alemanha Ocidental-Dinamarca, 3-1; Itália-Grécia, 3-0.

Grupo de Lathi — Espanha-Noruega, 3-0; Bélgica-Inglaterra, 3-0; Finlandia-Espanha, 3-0.

Grupo de Tampere — Israel-Turquia, 3-0; Holanda-Suécia, 3-0.

EM LOURENÇO MARQUES

O F. C. PORTO EMPATOU (1-1)

LOURENÇO MARQUES, 7 — (A. N. I.) — No segundo encontro disputado em Lourenço Marques, no torneio de futebol da Páscoa, o Futebol Clube do Porto empatou com o MVS de Duisburgo (Alemanha Ocidental), por 1-1.

O golo dos portistas foi obtido por Lisboa, aos 23 minutos de jogo, na sequência de um «canto» marcado por Nóbrega. Os alemães empataram aos 70 minutos, num contra-ataque, por Rzanj.

Sob a arbitragem de João Paiva, as equipas alinharam:

DUISBURGO — Manglitz; Heidemann, Rehkowski, Mueller e Bella; Hutterg e Pirsig; Geeks, Lehmann, Kraemmer e Riedel (Rzanj).

F. C. PORTO — Rui; Bernardo da Velha, Valdemar, Almeida e Leopoldo (Atraca); Lisboa e Pavão; Pereira (Sucena), «Xico», Djalma e Nóbrega.

MOTOCICLISMO

O malaio Ping Kwan venceu o «Grande Prémio de Singapura»

SINGAPURA, 6 — (A. N. I.) — O motociclista Malaio Tham Ping Kwan venceu o grande prémio de Singapura, cobrindo as cessenta voltas do percurso em 2 h., 41 m. e 16,9 s.

Tripulando uma «Kwan Special» de 650 cc., o vencedor terminou a prova com mais de uma volta de avanço sobre o 2.º classificado, o inglês Chris Howell, que deu 59 voltas em 2 h., 41 m. e 37,8 s. Em 3.º lugar classificou-se Vítor Lee, de Singapura, que completou 59 voltas em 2 h., 42 m. e 46,6 s.

A volta mais rápida foi dada pelo japonês Hiroshi Hasegawa, que terminou a prova com 2 m. 18,4 s.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR - PORTUGAL -

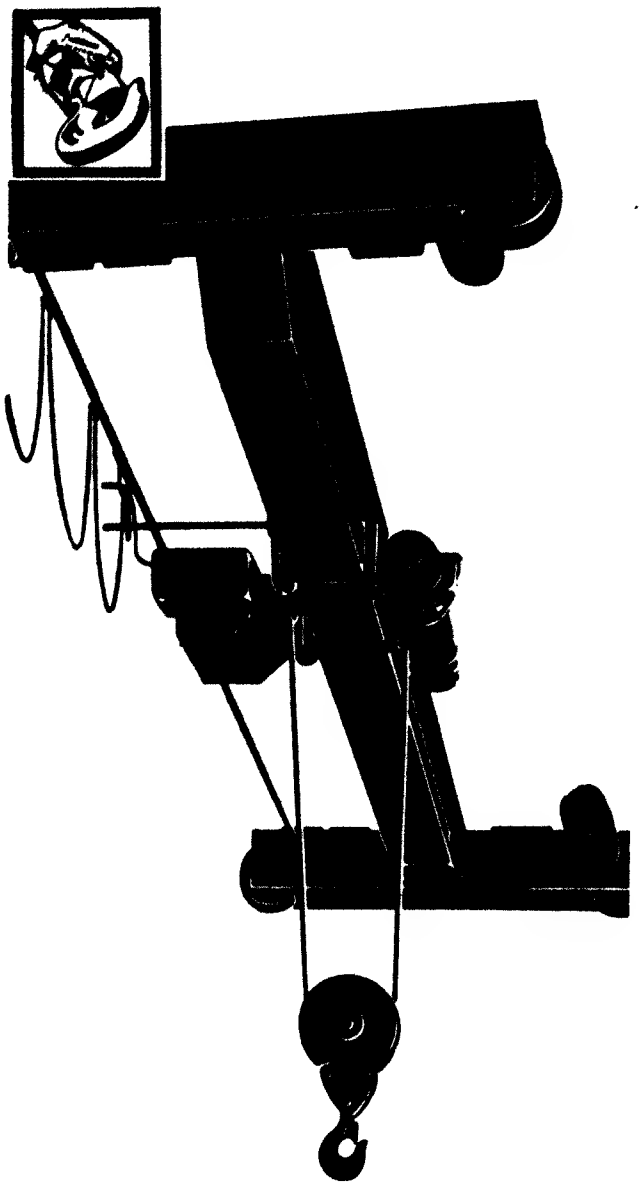
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Todas as operações bancárias

AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS NO CONTINENTE E NO ULTRAMAR

CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

DEMAG EQUIPA TODA A INDUSTRIA



Pontes rolantes fabricadas em cadeia . . .

As pontes rolantes Standard são fabricadas em série, nos tipos monoviga e biviga, pelo sistema de combinação de peças normalizadas.
Para vãos até 28 m e capacidades de carga de 250 kg a 20.000 kg permitem a adaptação às vossas condições de trabalho.
Reduzido peso próprio, pequena altura de construção, prazos de entrega rápidos, preços excepcionalmente baixos, eis as vantagens das pontes rolantes standard «Demag»:
Consulte-nos e os nossos engenheiros efectuarão o estudo do seu problema gratuitamente.
Assistência exemplar - O vosso sucesso será também o nosso.

ROMAR — ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA

SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.

LISBOA — TRAVESSA DA GALÉ, Nº 9. TEL. 635670 / 634061
PORTO — R. DE SA DA BANDEIRA, Nº 589/603. TEL. 25871/32305

LÁ COMO CÁ . . .

GLASGOW (Escócia), 6 — (A. N. I.) — O avançado do Glasgow Rangers, Colin Stein, anunciou que vai processar a Associação Escocesa de Futebol por perdas e danos, devido á suspensão por cinco semanas que lhe foi aplicada.

Stein, que custou 100 mil libras aos Rangers, alega que os jogadores não são ouvidos nem ouvem os depoimentos das testemunhas, não podendo também apresentar provas ou testemunhas de defesa. Por tudo isto, não são respeitados os princípios que regem a justiça britânica.

As prepotências dos dirigentes desportivos na aplicação de sanções disciplinares aos praticantes começam a gerar focos de descontentamento.

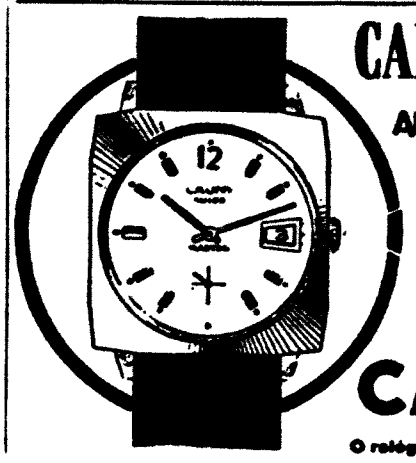
Mesmo em países cujas estruturas se situam num mais adiantado grau de aperfeiçoamento, registam-se factos como aquele de que dá conta o telegrama que a seguir publicamos. Aos futebolistas — parece ser conceito universal — nega-se o mais elementar dos direitos: o de defesa. Será que estes não podem ser apreciados como homens comuns?

O BELENENSES EM SÁ DA BANDEIRA

SÁ DA BANDEIRA, (ANGOLA), 7 — A equipa de futebol do Belenenses, de Lisboa, estará presente, em Agosto deste ano, na inauguração do Estádio Municipal de Sá da Bandeira, acedendo ao convite oficial que lhe foi dirigido nesse sentido — foi anunciado em Sá da Bandeira.

ALGARVE

Grande propriedade próximo de praia com vista do mar, excelentemente situada, apropriada para urbanização. Vende-se ou troca-se por prédio de rendimento pela melhor proposta recebida até 30 Abril dirigida ao Apartado 1310, Lisboa 1, para informações.



CALENDÁRIO AUTOMÁTICO

CAUNY

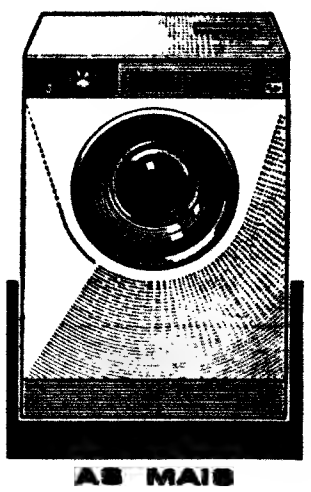
O relógio suíço para toda a vida

O onze de Portugal

(Continuação da pág central)

le-se os promissores detalhes revelados por NELSON no pouco tempo que esteve no relvado. Dele partiu a «alegria nova» que a equipa exibiu nos últimos minutos, fazendo-a sair daquela «apagada e vil tristeza» em que se deixara afundar.

Ao impor maior velocidade ao ritmo atacante da equipa, o varzinista demonstrou como se deveria actuar contra os mexicanos: depressa Porque logo que aumentava a velocidade do jogo, cresciam também as dificuldades dos adversários da turma portuguesa. E esse pormenor foi ligeiramente (?) esquecido no começo do segundo tempo.



AS MAIS MODERNAS MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

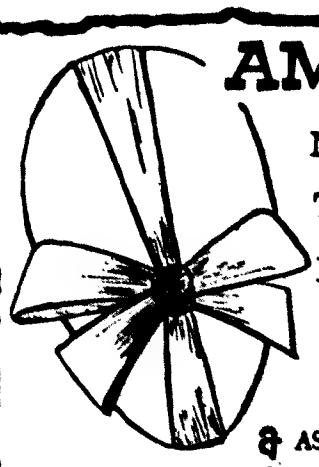
DIRECÇÃO-GERAL DA CONTABILIDADE PÚBLICA

Está aberto concurso para a categoria de terceiros-oficiais do quadro, entre indivíduos do sexo masculino, nas condições publicadas no Diário do Governo, 2.ª Série, de 26 de Março de 1969.

As provas serão realizadas em dia, hora e local a anunciar, oportunamente, no Diário do Governo, e serão fornecidos a todos os candidatos os elementos de estudo necessário para a sua preparação.

Para mais informações dirigir-se á Repartição do Expediente da referida Direcção-Geral na Rua da Alfândega

AMÊNDOAS



damos nós...

Máquinas de lavar 5 Kg (oferta da montagem)	4.690$
Televisores UHF - 59 cm. (com cx. madeira)	4.990$
Esquentadores distrib.	1.190$
Frigoríficos 140 lts	2.050$
» 175 lts	2.590$
» 215 lts	3.090$

QUANTIDADE LIMITADA

ASTROTÉCNICA

AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 58 b
RUA DOS ANJOS, 71 b (Lª de Stª Bárbara)

Tels. 560 834 / 561 997 / 561 531

Silenciosos e porta-bagagens

Montagem rápida

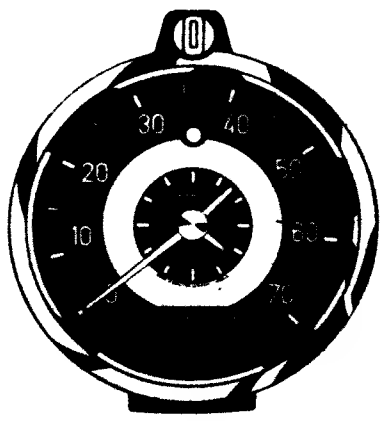
Silenciosos para todos os modelos de carros e tubos de escape, feitos em vulcalite, fornecidos todos os modelos, assim como para camiões e tractores

Viana & Filhos, Ld.ª

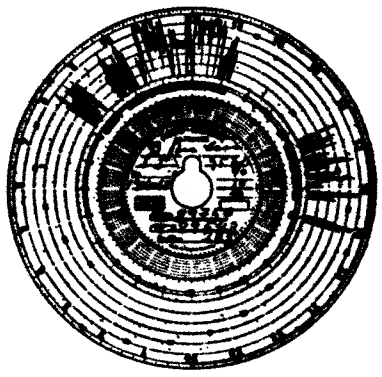
Rua Actor Taborda, 20 (Ao Saldanha) Telef. 574085

ECONOMIZE!

Tornando mais rentável a utilização das suas viaturas e reduzindo drásticamente as despesas de exploração e manutenção



Num relance, diária ou semanalmente, terá a indicação rigorosa e imparcial sobre a forma como as suas viaturas actuam em serviço



- Tempos de marcha e de paragem
- Quilómetros percorridos
- Velocidades atingidas
- Percentagens de utilização, etc.

O tacógrafo «Kienzle» oferece-lhe a garantia de uma imediata economia

Escreva-nos ou telefone-nos e fornecer-lhe-emos todos os esclarecimentos

Kienzle

Representantes exclusivos em Portugal:
Sociedade de Lubrificantes Inglesas, Lda.
Av. da República, 25, r/c.
Tel. 5 81 41 - PPC 5 linhas — Lisboa-1

Vendas: Avenida Praia da Vitória, 73-A
Tel. 5 81 41 — Lisboa-1

8PCS 34.68

MELITOL PROTECÇÃO
MARCA REGISTADA

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Socor. Shell, Mobil, S. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.; Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACILITAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOPRUFE»—Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesivo para juntas, vedação e impermeabilização
PROVER — Endurecedor de cimento, resistente ao desgaste e formação de poeiras
RAPID — Acelador de presa e estancar águas
MASTIC-FILLER — Impermeabilizante para encher buracos, tendas e assentamentos de vidros nos caixilhos

DISTRIBUIDORES GERAIS:
TITO PEREIRA DE SOUSA
Rua de S. Nicolau, 41, 3.º—LISBOA 2—Telefs. 361805 - 322118

A CHAVE DO TOTOBOLA

Portugal-México	X
S. P. da Cova-V. Real	1
Mirandela-Fafe	1
Pinhalense-Lamego	X
Marialvas-Lamas ..	2
Ferroviários-Sacav.	1
E. Portaleg.-Marinh.	X
Lusit. V. R.-Grandol.	1
U. Ment.-Farense ..	2
Bolonha-Roma	X
Cagliari-Milan	1
Inter-Torino	X
Verona-Fiorentina ...	X

Ceulemans (belga) renovou o título

TÓQUIO, 6 — (A. N. I.) — O belga Raymond Ceulemans venceu o 24.º «mundial» de bilhar às três tabelas, proeza que repete pela 7.ª vez consecutiva.

Sensação no «Regional» de amadores juniores

António Martins (Benfica) campeão à média de 44,362 Km!

A feliz circunstância de na prova inaugural do Campeonato Regional de Fundo para Amadores Juniores, nada menos de nove ciclistas terem terminado com o mesmo tempo do vencedor, o benfiquista Orlando Correia, desde logo tornou o contra-relógio, que ontem se disputou, numa competição absolutamente decisiva para apuramento do vencedor. E assim o compreenderam os jovens ciclistas, que se empenharam a fundo no sentido de correrem no menor tempo possível os 40 km previstos, entre Sacavém Alverca, Alhandra e volta.

Por outro lado, a temperatura amena que se fez sentir também facilitou um pouco a boa marcha da prova. E assim com estes dois motivos de valorização, não surpreendeu o agradável número de boas provas efectuadas e muito principalmente a excelente média do vencedor (44.362), o benfiquista António Martins, de resto um dos favoritos do contra-relógio. O Benfica averba assim no seu palmarés da época mais um título regional, não devendo, no entanto, deixar de realçar-se a boa réplica dos corredores sportinguistas.

O vencedor do campeonato somou o tempo de 5 h 37 m 45 s contra 5 h 40 m 7 s do segundo classificado, o também benfiquista Orlando Alexandre

Tudo a postos para o «Grande Prémio Riopele»

Os organizadores do «Grande Prémio Riopele» têm pràticamente tudo resolvido no que se refere à organização da sua corrida, a primeira prova por etapas que este ano se realiza entre nós e que está realmente a despertar grande interesse entre os adeptos do ciclismo. A competição engloba corredores profissionais e amadores numa classificação conjunta e que torna a prova de muito interesse, pois obriga os mais categorizados a lutarem até ao fim pelo melhor lugar. Acresce ainda a circunstância da prova servir como selecção para os corredores que hão-de participar na Volta a Espanha. Ainda como factor de interesse podemos referir o regresso às competições do excelente estradista Mário Silva e a estreia em estradas nacionais do magnífico corredor francês Neil, actual técnico do F. C. Porto.

Enfim, uma prova aguardada com enorme expectativa e com uma lista de prémios que também não deixa de ser mais um agradável atractivo.

V. M.

BASQUETEBOL

A ACADÉMICA no «Nacional» feminino em Sá da Bandeira

LUANDA, 7 — Com a participação da equipa feminina de basquetebol da Académica de Coimbra, começa a disputar-se no dia 11 em Sá da Bandeira, capital do distrito da Huíla, o campeonato nacional da modalidade.

O calendário dos jogos é o seguinte: no dia 11, Benfica do Lubango-Benfica de Luanda; no dia 13, Benfica de Luanda-Académica de Coimbra e no dia 15, Benfica do Lubango-Académica de Coimbra

CAMPEONATOS NACIONAIS DE AUTOMOBILISMO '68

TRIUNFO ABSOLUTO SACOR

OS CAMPEÕES UTILIZARAM EXCLUSIVAMENTE PRODUTOS DESTA MARCA

CAMPEONATO NACIONAL DE RALIS
CAMPEÃO DE TURISMO
HEITOR MORAIS
CAMPEÃO DE GRANDE TURISMO E DESPORTO
AMÉRICO NUNES

CAMPEONATO NACIONAL DE VELOCIDADE
CAMPEÃO DE TURISMO
ERNESTO NEVES
CAMPEÃO DE GRANDE TURISMO E DESPORTO
CARLOS GASPAR
CAMPEÃO DE TURISMO ESPECIAIS E DESPORTO PROTÓTIPOS
MANUEL NOGUEIRA PINTO
CAMPEÃO DE FÓRMULA V
MANUEL NOGUEIRA PINTO

SACOR

SIDLA / Distribuidores Exclusivos dos Lubrificantes SACOR

BEDFORD
ESPECIALISTA DE TRANSPORTES

tem algum problema de transportes

na aquisição de um camião novo
na substituição do que tem em serviço
na redução do custo dos seus transportes
na organização de uma nova secção de transportes

consulte o nosso especialista pelo ☎ 58111

SOREL
Escritórios e oficinas - Rua Filipe Folque, 12
Oficinas de camiões - Rua D. Luiz I, 28 - LISBOA
CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

BEDFORD O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

II TORNEIO IBÉRICO DE JUNIORES

FINAL F. C. PORTO-BÉTIS ESTA NOITE, NAS ANTAS

Com a disputa da 2.ª jornada do Grupo Sul terminou ontem de tarde, no Estádio do Bessa, a fase de apuramento das equipas finalistas do II Torneio Ibérico de Juniores, que terminará hoje á noite, no Estádio das Antas.

Domingo de Páscoa, tarde chuvosa, muito chuvosa e fria, e, claro, pouca gente no Bessa. Futebol sem grande brilho, como, aliás, tem sido a nota dominante desta prova. Prevalência absoluta da capacidade físico-atlética sobre os primores de execução e aí temos a explicação para certos resultados, supreendentes á primeira vista. Continuamos a pagar por bom preço as consequências de uma deficiente iniciação desportiva.

Um benfiquista cabeceia o esférico. O jogador do Sevilha chega atrasado

A classificação do Grupo Sul ficou assim estabelecida: 1.º, Bétis, com 3 pontos e 3-1 em golos; 2.º, Belenenses, com três pontos e 3-2; 3.º, Sevilha, com 1 ponto e 1-2; 4.º, Benfica, com 1 ponto e 0-2.

Hoje, defrontam-se às 20 e 15 horas o Belenenses e o Coruxma, em disputa dos 3.º e 4.º lugares. Às 22 horas, F. C. do Porto e Bétis decidirão o vencedor do torneio, numa final verdadeiramente ibérica, desejada pelos organizadores, porquanto tem cartaz suficiente para atrair ás Antas uns bons milhares de espectadores, bem necessários para a «salvação» financeira da prova, cujos encargos rondam os 400 contos, dos quais só foram apurados cerca de 200. Para esta fraqueza das bilheteiras muito contribuiu o tempo, com noites muito frias e jornadas em que dos grupos portugueses só actuavam grupos do Sul, o que não chamava o adepto «ferrenho». Em novo torneio, têm os organizadores de rectificar os programas, devendo intercalar nos grupos portugueses, equipas do Porto e de Lisboa na mesma jornada.

Belenenses, 1-Betis, 1

Árbitro — David Rocha

BELENENSES — Conde; Santos, Montão, Mateus e Silva; Jaime e Carlos Alberto; Serafim, Silveira (Alberto aos 40 minutos), Ribeiro (Barros aos 62 m.), e António José.

BÉTIS — Campos; Rúbio, Portillo, Bigocho e Garrido; Calero, Cristino e Puertas; Molina, Baena e Coco (Cristo aos 64 m.).

Ao intervalo, 0-1. Marcadores — Baena, aos 25 minutos e Carlos Alberto aos 67 minutos.

Foi, quase permanente a superioridade dos sevilhanos, alicerçada numa pujança física que lhes permitiu ditar leis a meio-campo, á custa de grande desembaraço e sentido colectivista dos seus jogadores e investir com grande perigo sobre a área belenense, explorando sistemáticamente a magnífica envergadura atlética e técnica de Baena, um «ponta-de-lança» capaz de discutir o lugar a qualquer dos nossos seniores. Foi ele o autor do golo sevilhano, por sinal em lance sem grande aparato, mas em contrapartida, secundado por outras intervenções, em que o golo não escandalizaria ninguém.

Constantemente sobressaltado pelo ataque adversário, assoberbado na defesa e manietado no ataque, o Belenenses não conseguiu organizar-se durante todo o primeiro tempo e ficou a dever o empate á valentia e sacrifício dos seus defensores, porquanto a meio do segundo tempo, já mela equipa se arrastava, impotente, pelo campo, á imagem de Carlos Serafim, uma caricatura de si próprio, arrasado pela luta imposta pelos espanhóis, que jogam com todo o corpo, carregam, perturbam e desgastam.

O golo do empate, surgiu quando em boa verdade não era esperado numa recarga de Carlos Alberto, certeira e oportuna, após bom trabalho de António José. Mateus, Montão, Carlos Alberto e António José foram os melhores belenenses. E entre os sevilhanos, destaque para Baena, Galero e Puertas.

Arbitragem, regular.

Jaime, dianteiro do Belenenses (o funcionário do Diário de Lisboa), domina a bola e leva o perigo à grande área do Bétis

Benfica, 0-Sevilha, 0

Árbitro — Moreira Tavares

BENFICA — Louro; Fernando, Leal, Lino e Baptista (Moreira aos 31 minutos); Queirós e Jacinto; Pinho, (Armando aos 40 m.), Olegário, Faria e José Manuel (Pinho aos 63 m.).

SEVILHA — Guerrero; António (Jaime aos 10 m.), Blanco, Velasco e Avalo; Reina e Tenório; Cala, Leflet, Berro e Aguero.

O árbitro, talvez sugestionado pela dureza dos espanhóis, entrou no campo disposto a «cortar o mal pela raiz» e tanto assim, que logo aos 2 minutos expulsou Faria e Avalo, por qualquer razão que de longe ninguém descortinou. Prosseguiu depois, dando um tal «concerto de apito», que, nem o Benfica nem o Sevilha puderam no 1.º tempo, principiar e acabar uma jogada digna desse nome. Em contrapartida, não atentou nos erros dos seus auxiliares, e assim passaram sem julgamento, pelo menos três nítidos fora de jogo, favoráveis aos andaluzes...

Assim se passaram 40 minutos de sensaboria.

A segunda parte foi de total hegemonia lisboeta no capítulo técnico de jogo. Abundaram os lances vistosos no ataque benfiquista, mas a falta de impulso suficiente para romper na área da verdade e também um pouco de azar no retoque final das ofensivas, impediram um triunfo, que seria perfeitamente justo, encarado o jogo pelo seu lado espectacular. Seria porém flagrante injustiça, negar-se mérito á belíssima condição físico-atlética dos andaluzes, razão de ser afinal, do seu futebol nada filigranado, mas essencialmente prático, realmente indicado para confrontos decisivos.

Aos 45 minutos, Olegário teve um bom remate á trave. Mas quedou-se por aí a «pólvora» do ataque benfiquista. Moreira, Jacinto, Olegário e José Manuel, no Benfica; e Velasco, Tenorio e Berro entre os sevilhanos, actuaram em bom nível.

A arbitragem melhorou na 2.ª parte.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO PROSSEGUE NO PRÓXIMO DOMINGO

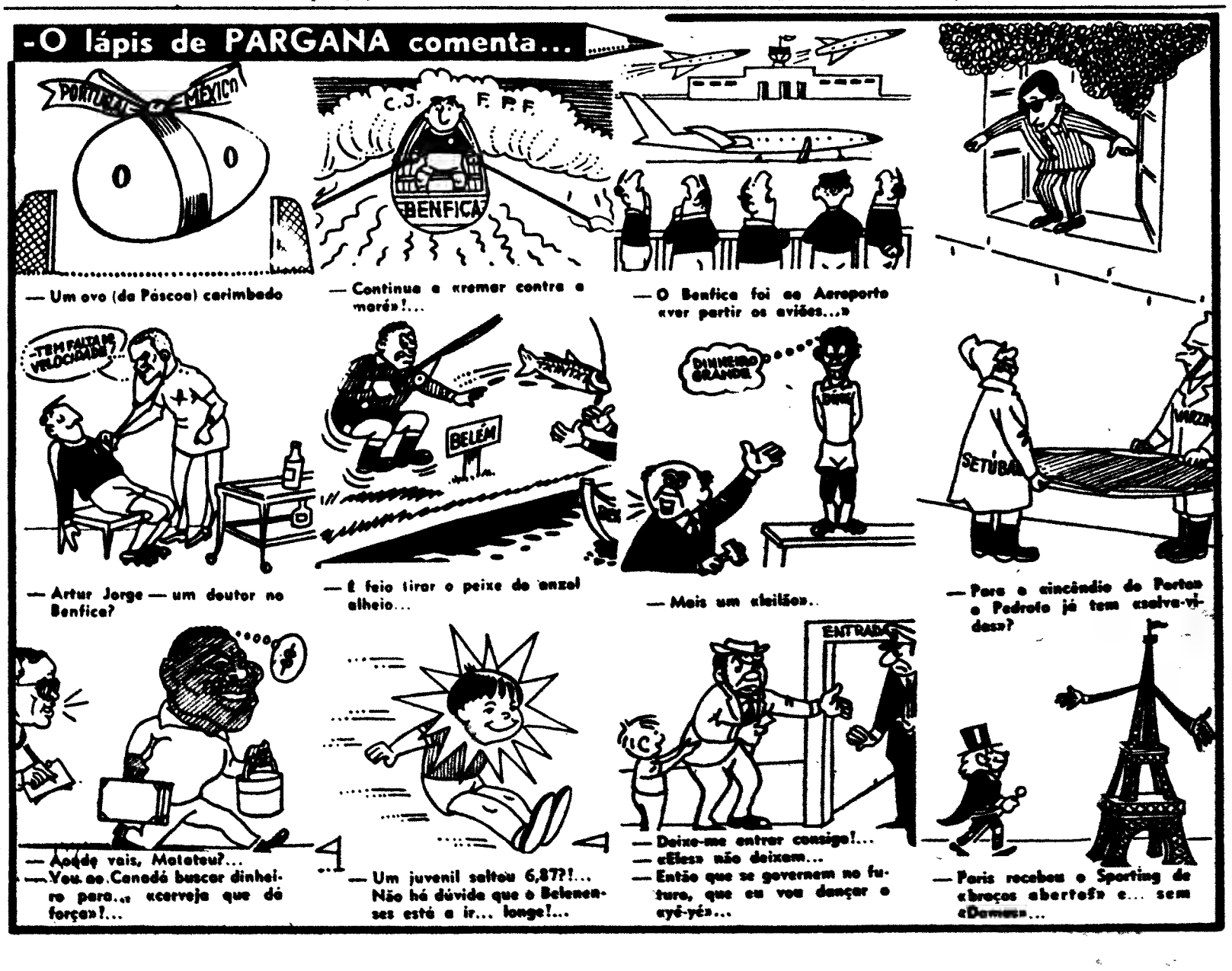
O campeonato nacional de futebol da II Divisão prossegue no próximo domingo, com os encontros respeitantes á 25.ª (12.ª da 2.ª volta) e penultima jornada da competição, que inclui os seguintes encontros:

ZONA NORTE — Penafiel-Boavista (0-4), Salgueiros-Torres Novas (0-2), Beira-Mar-Tramagal (1-1), Famalicão-Desp. Gouveia (0-1), Ac. Viseu-Valecambrense (1-1), Spt. Covilhã-Tirsense (0-1) e Spt. Espinho-Leça (2-1).

ZONA SUL — Montijo-Leões (1-2), Lusitano-Oriental (0-0), Almada-Torriense (0-5), Barreirense-Sesimbra (0-0), Alhandra-Luso (1-4), Peniche-Seixal (3-4) e Portimonense - Sintrense (2-2).

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos encontros da 1.ª volta.

-O lápis de PARGANA comenta...



— Um ovo (da Páscoa) carimbado

— Continua a «remar contra a maré»!...

— O Benfica foi ao Aeroporto «ver partir os aviões...»

— Artur Jorge — um doutor no Benfica?

— É feio tirar o peixe do anzol alheio...

— Mais um «leilão»..

— Para o «incêndio do Porto» o Pedroto já tem «salva-vidas»?

— Aonde vais, Matateu?... — Vou ao Canadá buscar dinheiro para... «cerveja que dá força»?...

— Um juvenil saltou 6,87?!... Não há dúvide que o Belenenses está a ir... longe?...

— Deixe-me entrar consigo!... — «Eles» não deixam... — Então que se governem no futuro, que eu vou dançar o «yé-yé»...

— Paris recebeu o Sporting de «braços abertos» e... sem «Damas»...

O Centro Turístico Internacional da Costa

estender-se-á da Caparica à lagoa de Albufeira

ALMADA, 7 — As Comissões Organizadora e Fomentadora do Centro Turístico Internacional da Costa, constituído por mais de meia centena de individualidades pertencentes aos vários sectores de actividade do concelho de Almada, iniciaram a distribuição pelos 40 mil agregados familiares do concelho, dos boletins de subscrição de acções daquela iniciativa, em que se pretende esteja interessada, simbòlicamente pelo menos, a maioria daqueles agregados.

O Centro Turístico Internacional da Costa (que conta, desde já, com o apoio do Governo Civil, Município e Comissão de Turismo) estender-se-á da Costa de Caparica à lagoa de Albufeira e consta, essencialmente, de cinco aglomerados turístico-urbanísticos situados no alto da falésia, tendo como fulcro o *Centro Cívico* com uma área de cerca de 1 000 000 de metros quadrados e localizado na Fonte da Telha, onde, além de uma piscina monumental com capacidade para 4000 banhistas e um edifício com 27 pisos e mais de 100 metros de comprimento, serão construídos vários apartamentos em banda contínua do tipo «motel», todos providos de «kitchennette», casa de banho e TV, além de «boites», (uma com capacidade para mil frequentadores), teatro-cine para 500 espectadores, «self-service» com capacidade para servir 1500 refeições simultâneas, «snack-bar» para 1000 refeições, restaurantes clássicos, parques de estacionamento para 4000 veículos, estação emissora de TV em circuito fechado, parque de recreio e repouso com mais de 400 000 metros quadrados, bairro residencial para os funcionários do Centro Turístico e, ainda, vários blocos de apartamentos, estabelecimentos comerciais, etc.

Uma aldeia típica e uma auto-estrada

Os outros quatro aglomerados serão constituídos por uma «aldeia típica portuguesa»; uma «zona residencial em banda contínua»; «Zona de bungalows» e «Zona residencial de luxo». Os dois primeiros aglomerados situar-se-ão à direita do *Centro Cívico* até à Caparica e os dois últimos, à esquerda, até à lagoa de Albufeira.

Uma auto-pista destacando-se daquela que liga actualmente Almada à Costa contornará a mata numa extensão de cerca de 20 quilómetros até cerca da Apostiça. É desta auto-pista que partirão as estradas de penetração nos 5 aglomerados referidos, que estarão ligados entre si por estradas e arruamentos.

Depois de concluído, o projectado Centro Turístico Internacional da Costa terá uma capacidade total de cerca de 30 000 camas e na sua primeira fase, está orçado em 260 mil contos, devendo o custo total deste aglomerado atingir cerca de 600 mil.

Segundo informações de elementos das Comissões Organizadora e Fomentadora, a subscrição no concelho de Almada atingiu já alguns milhares de contos.

DIZ-SE NO PARECER

DAS CONTAS GERAIS DO ESTADO (1967)

O «Parecer sobre as Contas Gerais do Estado de 1967», da autoria do eng.º Araújo Correia, presidente da Comissão Parlamentar de Contas Públicas, reveste-se, como os anteriores, da maior importância, pelos dados que fornece e pelas considerações que contém. A inegável contribuição deste Parecer, recentemente publicado, para uma melhor compreensão da realidade portuguesa dos nossos dias e sua necessária evolução bem justifica um mais vasto conhecimento do seu conteúdo. Por assim pensarmos, aqui iremos reproduzindo algumas passagens desse documento, entre as que nos pareceram mais dignas de destaque e ponderação.

● Emigração, turismo e dotações

A recuperação do produto nacional em 1967, em relação a 1966, derivou da modéstia da taxa de aumento neste último ano e de melhores colheitas agrícolas; o grande saldo da balança de pagamentos teve origem no surto das receitas da emigração e do turismo, quer dizer, em rendimentos do esforço interno em mercados externos e na comparticipação de rendimentos do esforço externo, que escolheram voluntàriamente o gasto de uma parcela dos seus próprios rendimentos dentro do País. O grande aumento nos excessos de receitas ordinárias sobre idênticas despesas veio em linha recta de grandes faltas nas dotações de despesas ordinárias, mantidas ilusòriamente em nível que não imprime a eficiência necessária à engrenagem estadual dos serviços.

Todas estas condições são aleatórias ou perniciosas.

Não repousam sobre a existência de um nível de rendimento adequado, originado na exploração em termos suficientemente produtivos dos recursos nacionais, humanos e físicos.

● Condições de progresso económico

A pouquidão nos rendimentos gera um mau uso dos que existem. O paradoxo é que torna propícia a sua concentração. A desigualdade entre o usufruto de rendimentos — concentração excessiva nas mãos de poucos, e rarefacção nas mãos de muitos — induz à decadência e atrasos no crescimento do produto interno.

Não é que haja mal ou bem na existência de escalões de altos rendimentos. Mas o produto depende dos consumos, e não é possível nível alto de consumos sem alto nível de rendimentos. O círculo vicioso de baixos consumos provenientes de baixos rendimentos exerce acção perniciosa no produto. Retarda-o. Induz um desfasamento que se manifesta em modestas taxas de crescimento e de capitações.

No estado actual da economia, o canalizar as possibilidades de rendimentos para empresas reprodutivas e o evitar que possíveis concentrações de rendimentos se apliquem em empresas que o não sejam são condições fundamentais de progresso económico.

● Estradas: problema urgente

Basta dizer que o plano rodoviário delineado em 1889, refundido em 1928 e 1946, não está completo.

Apesar desta grave deficiência, a actual circulação rodoviária produz receitas superiores a 2 milhões de contos, utilizados em diversos fins e preenchendo diversos fundos.

As verbas orçamentais para a construção e reparação de estradas, num total inferior a 1/3 das receitas originadas na circulação, não estão incluídas nem nesses fins, nem nesses fundos. Saem directamente das receitas orçamentais e têm sido desviadas algumas vezes para obras que absorvem somas elevadas, como pontes e auto-estradas, que pelo seu custo deviam ser, lògicamente, financiadas por verbas especiais, na hipótese de serem consideradas úteis.

Este problema das estradas é um dos fundamentos do desenvolvimento económico regional e do turismo. Sem uma rede delineada com o objectivo de valorizar zonas atrasadas, orientada no sentido concreto da existência de recursos, uma peça essencial no entrançado de peças que formam o conjunto de condições indicadoras do esquema.

● Importação de alimentos

É doloroso verificar que a importação de produtos alimentares sobe com os anos.

AS AULAS DA SECÇÃO DA COSTA DO CASTELO DA ESCOLA COMERCIAL PATRÍCIO PRAZERES

Em virtude de um desabamento de terras nas encostas do Castelo de S. Jorge, quando do recente tremor de terra, foram suspensas as aulas da secção da Costa do Castelo da Escola Comercial Patrício Prazeres.

Informa-nos, agora, o director desta escola de que se espera reiniciar depois de amanhã (dia 9) a actividade da mesma secção, em instalações cedidas pelas Escolas Industriais D. Luísa de Gusmão e Afonso Domingues.

As alunas da secção da Costa do Castelo deverão, pois, comparecer na sede da Escola, no Vale Escuro, a fim de serem informadas dos locais em que passarão a ter aulas.

JAPÃO?

TEM DOIS CAMINHOS À ESCOLHA:

Rota «sobre o Pólo»
Expresso Trans-asiático

AMBOS CRIADOS PELA SAS — A PIONEIRA DAS ROTAS MODERNAS

Partidas diárias de Lisboa, via Copenhaga

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A:

SAS

Av. da Liberdade n.º 236-A — LISBOA — Telef. 57130-52563

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

A CAROCHINHA

Tem a honra de participar a sua passagem de modelos para meninas até aos 20 anos, que se realiza no Hotel Ritz amanhã, pelas 16 horas.

LOCUÇÃO DE MARIA LEONOR

Indispensável a marcação de mesa pelo Telef. 726731

ENTRADA POR CONVITES

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS

Compro, cobrando todas as ofertas

OURIVESARIA PIMENTA

TELEF. 22 45 64

RUA AUGUSTA, 253

DÃO FELICIDADE

Os anéis de pedido, as alianças de casamento e de compromisso da

OURIVESARIA BARATEIRO DE S. DOMINGOS

Rua Barros Queirós, 56

O melhor sortido de Ouro, Jóias, Pratas e Relógios aos melhores preços

FIDELIDADE 1835

SEGUROS

L. DO CORPO SANTO, 13

LISBOA - 2 — TEL. 30321

Actualidade internacional

ACUSAÇÃO CONTRA A C.I.A. NUM TRIBUNAL ARGELINO

ARGEL, 7 — (R.) — Espera-se que um tribunal revolucionário pronuncie hoje a sentença do julgamento de 56 pessoas, que se alegou estarem envolvidas numa conjura contra o Governo argelino.

A acusação pediu ontem a pena capital para cinco dos réus, penas de prisão perpétua para outros três e sentenças de 20 anos para mais cinco.

Antes, durante o julgamento que se realiza em Orão, no Oeste da Argélia, foi declarado por um dos réus que o Departamento de Estado e a Agência Central de Informações (C. I. A.) dos Estados Unidos estavam envolvidos na alegada conspiração.

O réu Akli Belhassen, disse ainda que negociantes estrangeiros prometeram homens, armas e dinheiro para conseguirem a libertação de um preso estrangeiro, informou a agência noticiosa argelina.

O nome do preso não foi revelado. Contudo, diz-se nesta capital de que se tratava do antigo primeiro-ministro do Congo, Moisés Tschombé, detido na Argélia desde que o seu avião foi assaltado sobre o Mediterrâneo em Junho de 1967.

Belhassen disse ainda ao tribunal que uma minuta de constituição para a Argélia tinha sido apresentada a «serviços americanos».

Essas «serviços americanos» concordaram com um plano de três pontos, a ser materializado antes e depois de Kram Belkacem, alegado chefe da conjura, que vive agora em França e que está a ser julgado á revelia, ocupar o Poder — acrescentou Belhassen.

Belkacem, de 46 anos, foi um dos reus para quem foi pedida a pena de morte.

DOZE MIL PALESTINIANOS NAS PRISÕES ISRAELITAS

CAIRO, 7 — (F. P.) — O diário cairota «Al Goumhourya» afirma hoje que há doze mil palestinianos detidos nas prisões israelitas, sem contar com os estudantes que estão presos provisòriamente. O jornal faz um apelo ás instancias internacionais para intercederem a seu favor.

Por seu lado, «Rádio Fatah» transmitindo do Cairo, deu os nomes de vários palestinianos mortos nas prisões israelitas devido a torturas sofridas e recordou a recusa de Israel em receber uma comissão das Nações Unidas para inquirir sobre a situação dos árabes nos territórios ocupados.

DESPESAS

TEL-AVIV, 7 — (R.) — Israel está agora a despender duas vezes e meio mais com a defesa do que gastou na véspera da «guerra dos seis dias» de Junho de 1967, segundo afirmou a noite passada um funcionário do Ministério da Defesa.

Esse funcionário, o brigadeiro Yaacov Hefez conselheiro financeiro do chefe do Estado-Maior, declarou numa entrevista concedida ao posto de Rádio do Exército que as despesas no corrente ano financeiro eram de 2500 milhões de libras israelitas (20 790 000 contos).

As despesas de Israel com a defesa eram as mais elevadas do Mundo em proporção com a área do país e a sua população.

BIAFRA RETIRA DE UMUAHIA?

LONDRES, 7 — (A. N. I.) — O Biafra começou a retirar de Umuahia, a sua ultima cidade importante e o seu centro administrativo — escreve hoje em Londres o «Daily Telegraph», numa crónica assinada pelo correspondente em Uli, no Biafra.

«Durante dois dias — escreve o diário — foram requisitados todos os veículos disponíveis a fim de transportar as crianças de Umuahia para Uli, onde se encontra o único aeródromo biafrense e dali seguirão para Cotonou, no Daomé, e Libreville, no Gabão».

Haskell Karp, o americano de 47 anos a quem foi enxertado um coração artificial, fotografado no seu leito do hospital de S. Lucas, em Houston, no Texas. Karp continua à espera de um coração humano, dada a curta «vida» do artificial

O homem de coração de plástico já bebeu água

HOUSTON (TEXAS), 7 — (F. P.) — Haskell Karp, de 47 anos, em que o dr. Denton Cooley realizou uma «estreia» cirurgica mundial ao implantar-lhe um coração artificial no peito, pôde onte a noite beber água pela primeira vez depois da operação. Continua, todavia, a ser alimentado por via intravenosa.

«Tudo vai bem», limitou-se a declarar um informador do hospital de São Lucas.

Especialista dos enxertos de coração, o dr. Cooley, que já tem dezoito transplantações no seu activo, multiplica os seus apelos, para se encontrar um dador compativel. Sabe-se, com efeito, que o coração artificial funcionará durante dez dias nas melhores condições, não devendo, porém, a sua utilização ir além de um mês.

OFERTAS

HOUSTON, 7 — (R.) — Mais de uma dezena de pessoas telefonaram para o hospital de São Lucas nesta cidade, oferecendo-se para doar os seus corações a Haskell Karp.

Os telefonemas foram feitos em resposta a um apelo emocionante da mulher de Karp, Shirley, feito no fim da semana pedindo a «alguém, algures» para doar o seu coração a fim de se poder substituir o aparelho de plástico.

Funcionários do hospital disseram que qualquer possível dador deve estar sofrendo de lesões cerebrais incuráveis, em estado de coma, possuir sangue do tipo positivo «O» e ser recomendado pelo seu médico, com a aprovação dos parentes próximos.

O informador revelou que dois aviões se encontravam a postos no aeroporto de Houston para seguirem para qualquer parte dos Estados Unidos, a fim de irem buscar um doador logo que um conveniente fosse encontrado.

O doente falou ontem pela primeira vez desde a operação, quando o dr. Cooley lhe perguntou se gostaria de jogar golfe.

«Sim, mas não jogo muito bem ao golfe» — respondeu Karp.

Propostas de paz de Thieu

(Continuação da 1.ª página)

tuição nacional» — declarou Van Thieu.

O presidente Thieu indicou seis pontos do seu plano de Paz como sendo:

1 — Cessaria a agressão comunista.

2 — Tropas do Vietnam do Norte, auxiliares e outros efectivos comunistas deveriam ser retiradas completamente do Vietnam do Sul.

3 — Os territórios de países vizinhos da Republica (uma referência ao Cambodja e ao Laos) não deviam ser violados e usados como bases do Vietnam do Norte e como áreas de concentração para agressão contra a Republica.

4 — O Vietnam do Sul adoptaria uma politica de reconciliação nacional.

5 — A reunificação dos dois vietnames será decidida pela escolha livre de toda a população do Vietnam por meio de processos democráticos.

6 — Deverá haver um sistema eficaz de fiscalização internacional e garantias de confiança contra o recomeço da agressão comunista.

Por outro lado, o presidente Thieu anunciou que chefiaria uma união dos partidos politicos nacionalistas.

DECLARAÇÕES DE PHAM DANG LAM

PARIS, 7 — (F. P.) — «Estamos prontos, a logo que cessem os combates, aceitar eleições gerais com a participação de pessoas pertencentes á Frente Nacional de Libertação, sob «contrôle» internacional se for necessário» — declarou Pham Dang Lam, chefe da delegação sul-vietnamita ás conversações de Paris, numa entrevista exclusiva concedida ao jornal «Le Figaro».

Interrogado sobre a «contradição» que parece ressaltar das afirmações do presidente Thieu que «ao mesmo tempo faz um apelo á Frente e reclama a sua dissolução», Pham Dang Lam declarou «a nossa Constituição, de que o chefe do Estado é guardião proscreve formalmente o comunismo». A F. N. L., dizendo seguir esta doutrina, tem de ser posta no index. Mas nada impede as pessoas da Frente, os seus partidários, de participarem nas eleições gerais se mudarem de rótulo».

O CONCEITO DE «CAMPO SOCIALISTA» POSTO EM CAUSA PELO P.C. ITALIANO

ROMA, ABRIL — Os problemas actuais do mundo comunista são abordados pela primeira vez, quanto ao seu fundo, pelo semanário do P. C. italiano Rinascita **que, em dois artigos diferentes, analisa o último congresso da Liga dos Comunistas jugoslavos e o conflito sino-soviético.**

Do primeiro acontecimento, *Rinascita* selecciona e publica toda uma parte do discurso de abertura do marechal Tito consagrado á politica interna. Em comentário, Franco Bertone desenvolve as discussões acerca da autogestão, tema que se liga ás discussões do último congresso do P. C. I. em Bolonha quanto ao estabelecimento duma *«rede de democracia directa»*. A semelhança das preocupações é evidente e não é a primeira vez, de resto, que a experiência jugoslava é examinada com favor para dar temas de reflexão aos leitores de *Rinascita*.

Acerca do conflito sino-soviético, o director do semanário, Luca Pavolini, retoma longamente os temas abordados por Galluzzi na *Unità* e, designadamente, o das *«diferenças e contradições»* que surgem no interior dos países socialistas, ou entre eles, devido á distância das respectivas experiências.

«Não é de negar», diz Pavolini, *«que o movimento operário internacional não esteve em medida até agora de «embaraçar» de modo satisfatório a realidade nova e complexa que foi criada no pós-guerra (...) É provável que o próprio conceito de campo socialista tenha sido posto duma maneira que não é justa. Parece-nos, á luz da experiência, que a maneira como este conceito foi elaborado e definido revestiu um carácter restritivo, e conteve uma visão relativamente mecânica de agregações sucessivas de novos países a um bloco que se estendia como uma mancha de azeite.»*

Depois de recordar que o XX Congresso soviético tinha *«afirmado a liquidação do principio do partido-guia e do Estado-guia»* sem que a politica de Moscovo tirasse disso todas as consequências, Pavolini manifesta-se contra a cristalização dos blocos e nota que *«cada país, sejam quais forem as suas dimensões, tende a ter o seu próprio papel e o seu próprio peso»*, o que provoca a reabertura constante dum *«processo centrífugo»*, de que a China é exemplo.

«O problema do internacionalismo é portanto mais do que nunca o problema principal» — conclui Pavolini. *«Não há outro caminho. As acusações recíprocas de abandono do socialismo ou de manobras escamoteadas com os imperialistas não favorecem de modo algum o processo de ultrapassagem dos contrastes, mas tornam-se simplesmente o véu ideológico que cobre a realidade dos problemas nacionais e internacionais.»*

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Anthony Lee, comissário britanico na ilha de Anguilla

RONALD WEBSTER EM NOVA YORK

S. JOÃO DE PORTO RICO, 7 — (F. P.) — «O «presidente» de Anguilla, Ronald Webster teria deixado esta cidade, onde chegou no sábado, com destino a Nova York, soube-se de fonte oficial.

LOCALIZADA UMA DADORA

HOUSTON, 7 — (R.) — O pessoal do hospital de São Lucas anunciou hoje que tinha sido localizada uma mulher cujo coração poderia ser transplantado em Haskell Karp, que vive desde sábado com um coração artificial.

Um informador do Hospital recusou-se a dar mais pormenores do provável dador, acrescentando apenas que era uma mulher que vivia fora do Kansas.

Foi enviado um avião para trazer a mulher.

OS E. U. A. PREPARAM A RETIRADA DE TROPAS DO VIETNAM DO SUL

• AFIRMA-SE EM WASHINGTON

WASHINGTON, 7 — (R.) — O secretário de Estado norte-americano, William Rogers, enfrenta hoje perguntas delicadas sobre a política no Vietnam no meio de notícias de que o Governo está a estudar novas medidas para reduzir a participação americana na guerra.

Roger, que ocupou o seu cargo no Governo de Nixon há dois meses e meio, realiza a sua primeira conferência de Imprensa em grande escala, que começa ás 16 horas T. M. G., parecendo certo que durante ela seja interrogado minuciosamente acerca do Vietnam.

Registava-se renovada especulação de que o Governo de Nixon adoptaria novas medidas que podiam conduzir a uma redução de forças norte-americanas na zona da guerra.

O presidente Nixon e os seus mais altos conselheiros têm estado empenhados num estudo completo da situação do Vietnam há algumas semanas.

Segundo uma notícia não confirmada, os Estados Unidos estão já a preparar-se para retirar algumas tropas americanas mesmo se o Vietnam do Norte não concordar em fazer o mesmo.

Essa notícia, publicada no «Washington Post» de ontem, dizia que as primeiras fases de «vietnamizar» a guerra podiam começar este mês.

Contudo, nada se sabia de certeza sobre que o presidente Nixon tinha em mente.

Não reconheceu os bombardeamentos contra o Vietnam do Norte em resposta á ofensiva comunista e está a insistir em progresso nas conversações de paz de Paris ou em discussões privadas com o inimigo.

CONVOCAÇÃO

WASHINGTON, 7 — (R.) — O presidente Nixon convocou hoje o seu conselho de assuntos urbanos para uma sessão na Casa Branca, a fim de se proceder a novo estudo sobre um programa nacional destinado a solucionar os males internos do país.

A agenda da sessão do conselho ao mais alto nível incluirá auxílio aos «ghettos» das cidades, assistência sanitária e educação especial de negros e de outros americanos pobres.

O presidente Nixon afirmou que o novo programa doméstico seria revelado após o congresso recomeçar os seus trabalhos em 14 de Abril, a seguir ás férias da Páscoa.

A Polícia de Hamburgo, após uma denúncia, revistou a tipografia de Friedrich Meyer e encontrou onze mil notas falsas de 100 dólares. A foto mostra Meyer, que conta 34 anos de idade, no seu local de trabalho, antes da busca efectuada pela Polícia. À esquerda, uma rotativa. Meyer acabou por se entregar

MANIFESTAÇÕES NO CANADÁ

MONTREAL, 7 — (F. P.) — Houve manifestações em várias cidades do Canadá, como protesto contra a guerra do Vietnam.

Em Toronto, mais de 10 000 pessoas desfilaram nas principais ruas da cidade, exibindo cartazes contra a guerra e cantando «Trudeau, Sharp quantas bombas venderam hoje?»

Registaram-se manifestações também em Montreal e Ottawa, sem quaisquer incidentes.

O EGIPTO ACEITOU OFICIALMENTE A RESOLUÇÃO DE 22 DE NOVEMBRO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

Segundo fontes autorizadas, citadas pelo «Monde», estão a decorrer, à margem da conferência dos «quatro grandes» sobre o Médio Oriente, conversações bilaterais sovietico americanas. Vassili Kouznetsov, vice-ministro soviético dos Negócios Estrngeiros, que se encontra actualmente em Washington está em contacto permanente com William Rogers, secretário de Estado americano.

Entretanto, em Paris, Michel Debré, ministro francês dos Negócios Estrangeiros, declarou, na passada quarta-feira, após o conselho de ministros nesse dia realizado, que um acordo dos «quatro grandes» é a única hipótese de paz no Médio Oriente.

Por outro lado, em Londres, fala-se na possibilidade de a Grã-Bretanha vir a desempenhar um papel de medianeiro entre a U. R. S. S. e os E. U. A. sobre o Médio Oriente, dada a «parcialidade» da França no conflito. Lorde Caradon, representante inglês na O. N. U., poderia apresentar um projecto de acordo, mas num estado ulterior das conversações.

Declaração egípcia

No Cairo, o porta-voz oficial do Governo egípcio declarou que a R. A. U. aceitava na sua totalidade a resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, cuja aplicação integral deverá ser assegurada pelas actuais conversações entre os «quatro». Recorde-se que, em linhas gerais, essa resolução prevê a retirada de Israel dos territórios ocupados e o reconhecimento, pelos Estados árabes, do Estado sionista.

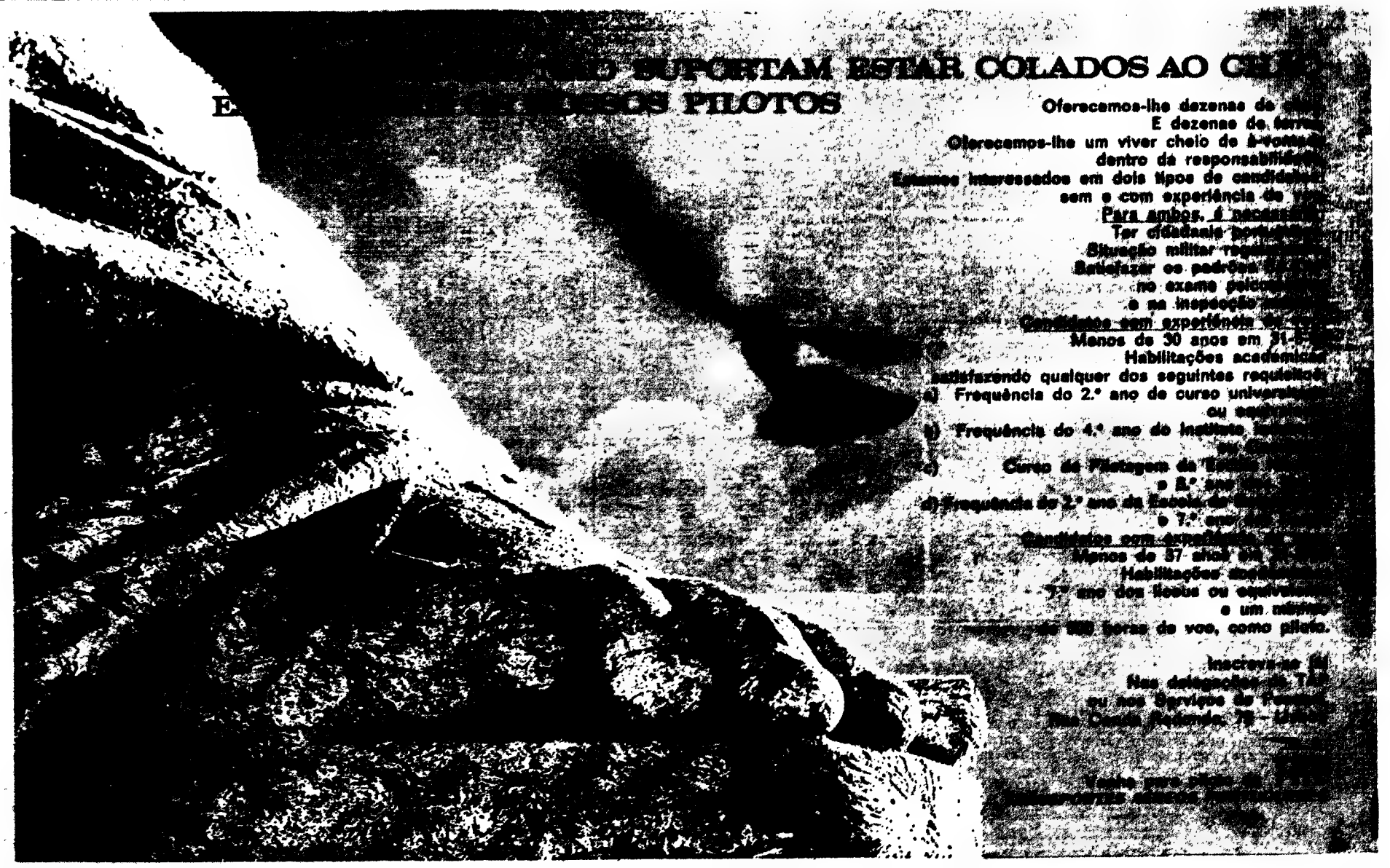
O Egipto, prosseguiu o referido porta-voz, está disposto a favorecer uma regulamentação total dos problemas do Médio Oriente. Um jornalista recordou-lhe que o congresso da União Socialista Árabe (o partido único da R. A. U.) exigiu recentemente a retirada «incondicional» de Israel dos territórios ocupados. O informador oficial respondeu que o Governo egípcio não requer a retirada prévia das forças israelitas para se chegar a um acordo.

Presas na Índia 200 pessoas

NOVA DELHI, 7 (F. P.) — A Polícia prendeu 200 pessoas, entre as quais alguns membros da assembleia legislativa provincial, no estado de Andhra Pradesh, devido á agitação criada pelos partidários de um estado separado do Telengana.

Os separatistas entregaram-se a actos de pilhagem nalgumas regiões do estado, nomeadamente na capital.

A senhora Indira Gandhi, primeiro-ministro, convocou uma reunião dos dirigentes locais para examinar a situação. Desde há dois meses, o estado de Andhra Pradesh vem sendo teatro de perturbações provocadas pelos partidários da secessão.



Diário do Porto

Homenagem a um amador de teatro

Os «Plebeus Avintenses» homenagearam Luís Monte Empina, conhecido amador teatral que devotadamente tem servido o Teatro há larga dezena de anos. Espírito culto e de apurada sensibilidade artística, Monte Empina ocupa lugar de relevo no meio teatral portuense. Além a homenagem de que foi alvo é a confirmação do seu amor pelo Teatro. Pertencendo ao Grupo Dramático Avintense, não se furtou de dar a sua desinteressada e valiosa colaboração aos «Plebeus Avintenses», substituindo um dos seus mais qualificados amadores, impossibilitado, na altura, de tomar parte num espectáculo efectuado em Lisboa. Daí a oferta, por parte dos «Plebeus Avintenses» de um valioso, mas muito mais significativo, emblema da colectividade em ouro com brilhantes, como reconhecimento de um conjunto de amadores, a um amador na verdadeira acepção da palavra.

25 anos de magistério do prof. Joaquim Bastos

Em comemoração do seu 25.º ano de docência, o sr. prof. dr. Joaquim Bastos proferirá, no próximo dia 11, na Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto, uma lição alusiva àquela efeméride.

Espectáculos Para hoje

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Um homem para Ivve» (+ 12 anos)
SA DA BANDEIRA — Às 21 e 30: «Traição» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «Roberto Carlos em ritmo de aventura» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Gigantes em duelo» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «O desafio das águias» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Quem tem medo de Virginia Woolf» (17 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O vingador atira à esquerda» (12 anos)
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O pequeno banhista» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30 «A Palavra» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Quando digo que te amo» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21 e 30: «Batman, o invencível» e «O aventureiro do Oregon» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Os dez mandamentos» (12 anos)

Amanhã, à tarde

SA DA BANDEIRA — Às 15 e 30: «Traição» (17 anos)
SÃO JOÃO — Às 15 e 30 «Um homem para Ivve» (+ 12 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Roberto Carlos em ritmo de aventura» (12 anos)
RIVOLI — Às 15 e 30 «Gigantes em duelo» (17 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30 «Desafio das Águias» (17 anos)
BATALHA — Às 15 e 30 «Quem tem medo de Virginia Woolf?» (17 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30 «O vingador atira à esquerda» (12 anos)
AGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «Noite de violência» (+ 12 anos)
ESTUDIO — Às 15 e 30: «A Palavra» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 15 e 30 «Quando digo que te amo» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15 «Sete pistolas magníficas» e «A grande aventura» (12 anos)
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Os Dez Mandamentos» (12 anos)

Desporto

BILHAR — Campeonato regional de 3.ª categorias (partida livre) — jogos a partir das 21 horas, no Leixões Bilharista, em Matosinhos.

Farmácias de serviço esta noite (3.º turno)

ALMEIDA CUNHA, LDA. — R. Formoso, 327 (Tel. 2-4874); ANTAS, Av. de Magalhães, 076 (Tel. 4-58); BARREIROS, Rua de Serpa Pinto, 8 (Tel. 4-0053); CLÉRIGOS, Rua dos Clérigos, 36 (Tel. 3-5394); GOMES CARNEIRO, Rua de Cedofeita, 348 (Tel. 2-3420); GUERRA, Rua Costa Cabral, 43 (Tel. 4-0470); GUIMARÃES, R. de Francos, 37 (Tel. 6-0103); LIDADOR, Rua do Lidador, 71 (Tel. 68-3739); LOUSADA, Largo do Campo Lindo, 62 (Tel. 4-0353); ORIENTAL, Rua do Bonjardim, 127 (Tel. 2-7878); S. ROQUE DA LAMEIRA, Rua de S. R. da Lameira (Tel. 5-7391); SOEIRO, R. de Santos Pousada, 71 (Tel. 5-3701); VASQUES, Rua dos Candonninhos, 794; CAMPOS, R. P.e L. Cabral, 943 — Foz (Tel. 68-0 8)

Talhão dos combatentes no cemitério de Rainha (Viseu)

VISEU, 7 — Na próxima quarta-feira e incluído nas celebrações do dia 9 de Abril, é inaugurado no cemitério da vizinha localidade de Rainha, um talhão destinado aos antigos combatentes.

A anteceder aquela cerimónia será celebrada missa sufragando os combatentes.

Toma posse no domingo o novo comandante dos Bombeiros

VALONGO, 7 — No decorrer de uma sessão solene marcada para o próximo domingo, a efectuar no quartel dos Bombeiros Voluntários de Valongo, será empossado no cargo de comandante daquela benemérita instituição o sr. António Jorge da Costa, figura do maior prestígio neste concelho.

DE COIMBRA

ACTIVDADE ROTÁRIA

A habitual sessão do Clube dos Rotários de Coimbra, presidida pelo sr. José Maria Garcia, foi dedicada ao Ultramar português.

Foi apresentada, com prazo de inscrição, uma relação de campos de férias e de cidades para que jovens familiares de rotários ou outros por eles propostos, de idade entre 16 e 22 anos, possam ir estagiar em diversos países durante as férias, ficando hospedados em casa de Rotários e sob a sua vigilância. Esse trabalho é organizado por uma Comissão Rotária de Auxílio á Juventude, que prepara também, locais de recepção de jovens estrangeiros para diversas estadias em Portugal.

O presidente anunciou que, em idêntico intercâmbio, seguirá já para França, para um cruzeiro nas férias da Páscoa, um grupo de dez jovens estudantes para uma estadia organizada pela Comissão Franco-Portuguesa.

Depois de tratados assuntos de administração, tomou a palavra o sr. dr. Lafayette Nunes dos Santos, que falou de «Interpenetração das civilizações Ocidental e Oriental». Falou dos primórdios dos descobrimentos feitos pelos portugueses, descreveu as actividades político-económicas no mundo português e as suas consequências desde o século XIV, relatando as necessárias ligações e penetrações que os descobridores portugueses, navegantes e guerreiros, foram efectuando gradualmente. Por essas ligações e, especialmente, pela conquista e catequização de povos, foi possível — disse — a um pequeno país como o nosso, alargar tanto para o oriente o âmbito das actividades de penetração em territórios desconhecidos, e impor e manter uma convivência de que resultou, ao longo de séculos, uma cada vez maior interpenetração de civilizações. Referiu-se ainda o orador aos momentos da actividade dos portugueses no Oriente e suas relações sociais e político-económicas com as populações orientais.

Fez os comentários o sr. dr. Mário Luís Mendes, recentemente regressado de um período na Universidade de Lourenço Marques; e o presidente saudou o orador, e anunciou que na próxima reunião, de homenagem a Gago Coutinho, será orador o sr. comandante Álvaro Monteiro Teixeira Bastos.

Faleceu uma mulher implicada num crime grave

Por se ter sentido mal, foi transportada para os Hospitais da Universidade, Beatriz da Conceição Nogueira, casada, aqui residente, na Rua de Corpo de Deus. Faleceu pouco depois de ali dar entrada.

Esta mulher estava implicada num crime grave, do qual foi vítima Maria Carolina Pinto da Cruz e Sousa, de Castro Daire, a qual conduzida para uma clínica desta cidade, ali já morta, tendo então, sido detidos os implicados no crime, entre os quais a Beatriz da Conceição.

Como estava pronunciada, foi requisitada a autópsia judicial; e para isso o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «A estreia» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Por favor, não coma os malmequeres!» (12 anos).
TIVOLI — Às 21 e 30: «Quem dispara primeiro?» (12 anos).

Farmácias de serviço

VIEGAS & COELHO — Rua da Sofia (Tel. 22080).
SANTA ISABEL — Avenida Sá da Bandeira (Tel. 24816).
SILVA SOARES — Rua Mouzinho de Albuquerque (Tel. 285554).
MIRANDA — Praça do Comércio (Tel. 23261).

Colisão de barcos em Nova Orleans

• 27 pessoas desaparecidas

NOVA ORLEANS, 7 — (F P) — Vinte e sete desaparecidos e mais de trinta feridos é o balanço, ainda provisório, da colisão de ontem á tarde no porto de Nova Orleans.

O cargueiro «Union Faith» (da Formosa), que subia o Mississipi, foi abalroar de frente com um rebocador que conduzia três barcaças. Uma destas transportava petróleo bruto (9000 barris) que se espalhou á superfície do rio e imediatamente se incendiou. As chamas envolveram o cargueiro e a barcaça que ficara cortada ao meio. Barcos acostados nas proximidades, ou deslocando-se no Mississipi, ficaram também ameaçados pelo fogo. Explosões sucessivas projectaram as chamas até ao tabuleiro da grande ponte que liga as duas margens do rio a 53 metros de altura.

Julga-se que a maior parte dos desaparecidos sejam tripulantes do cargueiro «Union Faith», que contava 52 marinheiros e oficiais. Com efeito, toda a tripulação do rebocador «Warren Doucet» conseguiu sair ilesa do acidente.

Ao cair da noite, os bombeiros e os serviços da Guarda Costeira não tinham ainda conseguido dominar o incêndio.

AVISO IMPORTANTE

Alteração ao horário do «Sud-Express» LISBOA/PARIS

Comunica-nos a C. P. que não estando ainda normalizada a circulação dos comboios, entre as estações de Vale de Santarém e Santarém, manter-se-á, até aviso em contrário, ás 14 e 10, o horário da partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) das carruagens que conduzem os passageiros destinados ao comboio «Sud-Express» Lisboa/Paris).

Os passageiros ocuparão os seus lugares na composição normal estacionada em Santarém, após trasbordo em autocarro entre Vale de Santarém e aquela estação.

ROGÉRIO FUTSCHER REIS E SOUSA

FALECEU

Filha, genro, netos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas da Igreja da Pena (á Calçada de Santana) para o cemitério do Alto de São João.

AGENCIA SALGADO

Bolsa de Lisboa

AS ÚLTIMAS COTAÇÕES

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consol dado 4 3/4%	520$	—	520$
Consolidado 3%	540$	540$	—
Consolidado 3 1/2%	—	640$	650$
Centenários 4%	—	500$	1 520$
Obrigs Tesouro 5%	1 015$	1 012$	1 016$
Externo 1.ª Série	—	600$	710$
Externo 1.ª Série c.	710$	705$	720$
Externo 3.ª Série	—	770$	790$
Externo 3.ª Série c.	—	900$	915$
Cautelas 3 Série	—	70$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	480$	495$
A P I 5% 56	—	—	—
A P T 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2 65	900$	895$	900$
C P 5 1/2% 67	—	—	1 040$
C U F 6%	—	1 015$	—
C U F 6% 68	—	1 010$	—
Gás Elect 4% 48	—	860$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	905$	—
Gás Elect 5% 52	—	930$	—
Gás Elect 5% 58	940$	930$	940$
Gás Elect 5% 59	935$	930$	940$
Gás Elect 5% 62	—	940$	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	—
Gás Elect 5% 65	—	970$	—
Gás Elect 5% 67	1 030$	1 035$	1 035$
H E A Alentejo 5%	—	840$	848$
H E Cávado 5%	—	—	—
H E Cávado 6%	1 012$	1 008$	1 012$
H E Douro 5%	845$	840$	850$
H E Douro 6%	1 003$	1 003$	1 004$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	—	1.005$
H E Zêzere 5% 55	—	845$	—
H E Zêzere 5% 57	860$	850$	—
Lisnave 6%	1 016$	1 015$	1 018$
Metropolitano 4%	905$	900$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	1 000$	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	860$	865$
Nitratos 5%	—	830$	—
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímica 5%	—	880$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	950$	930$	950$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	840$	850$
Siderurgia 5% 4.ª	—	835$	—
Sonefe 5%	—	820$	—
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	875$	—
U E P 4%	—	84$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	84$	85$
U E P 5% 60	—	830$	—
U E P 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1 015$	1 013$	1.020$
Alentejo	775$	773$	779$
Angola	—	1.790$	1.820$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	2 005$	2.000$	2.010$
E Santo	—	—	—
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	—	13.400$
L & Açores p	3 980$	3.950$	4.000$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	5.400$	—
Portugal n	—	2 430$	—
Portugal p	2 850$	2.840$	2.900$
Totta Aliança	5 250$	5 200$	5.350$
Ultramarino n	1.665$	1.665$	1.670$
Ultramarino p	1.870$	1.870$	1.875$
Seguros			
Alentejo	75$	72$	75$
Douro	—	—	900$
Mundial	430$	425$	435$
Sagres	—	1.100$	—
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8 500$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	740$	735$	750$
Ag Cassequel	—	596$	600$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S. Tomé e Príncipe	—	—	390$
Boror	—	—	—
Buzi	—	—	—
Cabinda	72$	72$	74$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 415$	1 400$	1 420$
H E Revué	—	580$	595$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	85$	84$5	85$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	355$	355$	—
Zambézia	57$	56$	58$
C.ª Diversos			
Cidla	—	7 000$	—
Cim Leiria	—	2 450$	—
Cim Tejo	—	4 100$	4 200$
Col Navegação	9$5	910$	9$5
C U F	—	1.030$	—
Ind Aliança	—	—	695$
Nac Navegação	2.690$	2 685$	2 700$
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	1 340$	1 340$	1 350$
Port Celulose	—	—	—
Port Pesca	850$	800$	840$
Port Tabacos	—	514$	519$
Sacor	—	—	4 850$
Siderurgia Nac	1 235$	1.235$	1 240$
Socel	2 280$	2 280$	2 300$
Tabacos de Portugal	—	850$	—
Tabaqueira	—	—	—
U F Azoto	725$	720$	750$
Aguas. Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	400$	405$
Aguas Lisboa 34	—	410$	—
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1.520$	—
Gás Electr	391$5	391$5	392$
H E Alto Alentejo	160$	160$	61$
H E Cávado	—	—	1 290$
H E Douro	1.275$	1.275$	1 278$
H E Norte Portugal	—	307$	310$
H E S Estrela	1 800$	1 700$	—
H E Zêzere	—	—	1 345$
Nac Electricidade	1.330$	1 330$	1335$
Termoeléctr Port	1.378$	1.370$	1380$
U E P	—	195$	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	158$2	162$9
F I D E S	—	106$2	109$4

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	26/3/69	1/4/69	2/4/69
GERAL	113,4	113,2	113,5
METROP.	110,9	110,8	111,1
ULTRAM.	131,4	130,9	131,1

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$00	38$00
América		
— Dollars de 1 e 2	28$20	28$60
— Dollars de 5 e 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Áustria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$78	8$08
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$25	5$65
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra lachat	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$50	41$00

J. BURNAY, L.DA — Notas estrangeiras — Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 — Tel. 211272

dia a dia

HOJE PODE VER...

DAVID COPPERFIELD

DESTE CÉLEBRE ROMANCE DE CHARLES DICKENS que a RTP tem vindo a apresentar, segundo o folhetim produzido pela RAI, exibe-se pelas 21 e 55, mais um episódio, realizado por Anton Giulio Majano que também fez a adaptação para a Televisão.

Giancarlo Giannini é o protagonista, secundado por Maria Guarnieri, Wanda Capodaglio, Mario Feliciani, Elsa Vazzoler e Albert Tur...

«Micawber confessa a David e a Tomy que Uriah Reep é um ladrão e um patife, mas ele por gratidão não o denuncia...»

CONCURSO EUROMODA DE 1969

CERCA das 22 e 25, é transmitida, trazida pela Eurovisão, uma excelente reportagem do Concurso de Moda para jovens desenhadores amadores, organizado pelo importante magazine «Anna» da Finlândia, país vencedor do campeonato do ano passado. Nela participam os seguintes países:

Suécia, Noruega, Inglaterra, Irlanda, Holanda, Alemanha Ocidental, Jugoslávia, Grécia e Finlândia.

Com uma apresentação moderna e cheia de alegre dinamismo, trata-se de um programa movimentado e interessante.

SÉRIE POLICIAL: «HONEY WEST»

«MISS» HONEY é chamada a intervir no caso de um roubo de uma «colecção de vestidos...».

São intérpretes deste episódio, que se exibe pelas 23 e 25, Anne Francis, Joln Eriscon e Irene Hervey. O realizador do episódio é John Peyser.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 452 m — 665 kc/s — Às 7: Noticiário; 16 e 05: Que quer ouvir?; 16 e 30: Programa da tarde, 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde; 17 e 45: Quinze minutos com Beatriz de Sousa Santos, 18 e 05: Novos ritmos; 18 e 20: Tempo de Juventude, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 50: Novos ritmos; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Melodias do passado; 20 e 40: 3.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: Vamos ouvir o duo «Ouro Negro»; 22 e 20: Os nossos compositores; 22 e 50: Conjuntos ligeiros; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 15 e 30: Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão; 17 e 35: O Compositor Interpretando a Sua Obra—Sinfonia em si bemol maior (William Walton) — pela Orquestra Filarmonia, dirigida pelo autor; 18 e 18: O Coro da Rádio de Berlim dirigido por Helmut Koch — Obras de Brahms e Schubert; 18 e 30: Musica de recta; 19: Crítica Literária, pelo padre João Maia; 19 e 10: Semanário musical; 20: Diário sonoro; 20 e 30: A pianista Rena Kyriakou — Andante Cantabile e Presto Agitato (Mendelssohn); 20 e 30: Musica Coral Sinfonica; 21: Recital pelo duo de violino e piano Leonor de Sousa Prado — Nella Maissa; 21 e 30: Musica sinfónica; 23: A voz do Ocidente; 1: e 15: Fecho.

Programa MF 1 — 95,7 mc/s — Das 23 á 1: — 1.º Programa.

2.º Programa (cultural MF 1) — 94,3 mc/s — Às 23: Canções de Constant Lambert pelo tenor Alexandre Young e o Conjunto de Camara «Argo», sob a direcção de Charles Groves; 23 e 15: Festival do Costa do Languedoc de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão — **Televisão Francesa**; 23 e 47: Concerto para dois cravos (António Soler) — solistas; 0 h: Cantatas de Bach; 1: Fecho.

Emissão estereofónica — (MF 1 de Lisboa, Porto, Lousã e Monchique) — 95,7 mc/s. — Das 21 ás 23: Musica Ligeira; Musica Sinfonica; Musica Coral; Solos.

RADIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 19: Rádio Universidade;

RADIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento riscado; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Selecção; 20 e 30: Jornal dos espectáculos, 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 03: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda, 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto, 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Em órbita, 21 e 02: Boa noite em FM, 23 e 02: Programa á Gó Gó, 0: Alta Fidelidade Philips, 1 e 03: Banda Sonora, 2: FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C D C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea, 19 e 17: ... Dirige o ritmo; 19 e 30: Vozes e orquestras, 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Conjunto vocal; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Rádio Placard; 21 e 45: Mensagens bíblicas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: O caminho da vida; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RADIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s. — Às 16: Radioroma, 18: Tangos famosos; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos Sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama, 22 e 45: Musica de sempre; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 266,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma, 18: Melodias; 18 e 3: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando, 21: Os novos emissores em marcha; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 11 ás 17; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 11 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa**—Das 17 ás 19 e das 22 ás 2.

O fadista Mário Rui

NOVO DISCO DE MÁRIO RUI —O ESTUDANTE-FADISTA

Um novo «45 rotações» (produzido pela «Alvorada») acaba de ser lançado no mercado. Traz a voz de Mário Rui, um jovem nascido a 6 de Março de 1947, moreno, de olhos pretos e cabelo castanho, aluno de Ciências Económicas e Financeiras:

— Sou muito sensível e tímido. Não tenho reacções violentas e, em lugar de viver a vida, sonho-a. Atribuo ao meu signo («Peixes») o facto de um dia ter sonhado ser um bom fadista e escutar os aplausos do público. Foi o entusiasmo do jornalista Teófilo Ferreira que, em 1963, me colocou perante a compositora Genny Telles, a quem devo grande parte da minha aprendizagem.

E Mário Rui continua:

— A minha primeira gravação surgiu em Rádio Graça: o acompanhamento pertenceu a Jorge Machado. E, embora tenha um disco comercial gravado em 1967, só «Fonda da minha noite» me satisfaz quase plenamente. Incluí letras de Teófilo Ferreira, Villar da Costa e Maria de Lurdes de Carvalho. As melodias pertencem a Jenny Teles, Jaime Santos e Jorge Fontes.

Mário Rui: uma nova voz fadista. Gosta de safiras, tem o azul como cor favorita e considera a quinta-feira o seu dia de sorte. É ele quem conclui: **«Sei o que quero. Só preciso que me deixem conseguir.»**

«QUANDO ELA SE DESPIU...» NO MONUMENTAL

Prossegue no teatro Monumental o grande êxito com a comédia de Claude Magnier «Quando ela se despiu...», um espectáculo de riso total durante duas horas. São responsáveis por tal êxito Camilo e Florbela, nos protagonistas, ao lado de Carlos Coelho e, ainda, Carmen Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto e Alice Carla.

A encenação é de Manuel Santos Carvalho e as cenas são do artista nortenho Lucio Estrela Santos.

Hoje, há apenas uma sessão, às 21 e 45, e, amanhã, é o dia de descanso da Companhia.

2.º PROGRAMA «NOITE DE CINEMA» E «VARIEDADES»

PREENCHEM a emissão, além de dois serviços de notícias, as rubricas:

«Noite de Cinema», pelas 21 e 50, exibindo-se o filme de grande metragem «A Dança do Nilo», com Yvone de Carlo, Dan Duryea e Road Cameron, nos principais papéis.

Pelas 23 horas, «Variedades», com «Sábado á Noite», programa produzido pela Radiotelevisão Italiana, com a participação da sua orquestra, colaborando, entre outros, as artistas Mina e Milva.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura e TV Educativa, 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Série Juvenil (As Aventuras de Scaspray — O Traidor); 20 e 25: Vamos Dormir; 20 e 30: TV Social; 20 e 45: Queima das Fitas da Universidade do Porto; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Comunicação ao País do sr. Presidente do Conselho; 22 e 25: Concerto pela Orquestra de Câmara da Sinfónica de Viena; 22 e 45: Noite de Teatro — «Uma Mulher Formidável», de Denis Constanduros. Tradução e adaptação de Botelho da Silva. Realização de Pedro Martins. Intérpretes: Maria Cristina, Henriqueta Maya, João Mota, Carlos Paulo, Henrique Viana, Fernanda Figueiredo, Grécia de Castro e Benjamim Falcão, 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22: Comunicação ao País do sr. Presidente do Conselho; 22 e 25: TV Clube, com Isabel Fontes e Maria José Valério, acompanhadas pelo conjunto «Quintas»; 22 e 45: Danger Man (emitido em 7-1-66); 23 e 35: Telejornal e Fecho.

canal da crítica

O RISO E O RITMO FALTARAM AO ENCONTRO

Sintomas nítidos de rejeição. Ritmo não Houve: foi tudo descosido, desconjuntado, alinhavado em primeiras provas; Riso só por ter sido irrisório.

Com isto não quer dizer que de longe em longe não tivesse acontecido uma pequenina surpresa de imaginação, um achado, um pequeno clarão espirituoso, ao nível da ironia que desperta mais a inteligência do que a gargalhada. Isso ainda assim, porém, aconteceu raramente. «Riso & Ritmo» embora pelo caminho da receita fácil: a crítica a alguns aspectos da televisão. Está mesmo a ver-se que, com pretexto nos programas da TV, se podia fazer uma colossal fábrica de gargalhada. Mas será ilusório pensar nessa possibilidade dentro dos quadros da própria Televisão. Nestas condições, o tom único a utilizar será o cor-de-rosa. Ora o cor-de-rosa serve, como na minha terra, para vestir na procissão os anjos; mas não convém para vestir na televisão certos anjinhos...

Os recursos ao *Chaparral* e ao *fugitivo* careceram de nervo, de intenção, de força ao carregar-se o traço do ridículo. O resultado não deu caça para os galgos.

Depois, a rubrica não teve a unidade de algumas emissões anteriores. Houve quadros, não houve capítulos. Houve canções - sem condições.

Canções sem o mínimo interesse a não ser as de Ernesto César, que pôs em balada algumas letras não muito claras na sua posição perante a vida. Muito estudioso de Brassens, César merece novas oportunidades e com outro repertório.

Sobre mim caíram raios e coriscos por haver dito que Maria da Fé imita escandalosamente a Amália. A prova esteve ontem no «Riso & Ritmo»: amalismo em estado puro. Assim não vale a pena, Maria da Fé. Tem de procurar novos caminhos. O «pop fado» estava a ajudá-la nessa tarefa. Porque não reata a experiência?

Teresa Paula Brito mostrou mais uma vez a sua impresença televisiva. A realização também não a ajudou muito. Na segunda canção, a actuação ridícula de Teresa pode vir a figurar numa antologia de mau gosto na televisão. Comigo não era nada e mesmo assim torci-me na cadeira como se fosse eu quem estivesse a ser filmado.

De Jill Christie e Inês de Marco (boquinha fechada, não sejas cruel...) nada direi. Os «Sheiks», cada vez mais hipotecados à macaqueação anglo-saxónica, arrastam uma vida incompatível com a relativa qualidade dos componentes do conjunto.

De Nicholson e Cortez rotineiros não reza desta vez a história. Nem de João Moreira, autor do texto, que teve de enfrentar a espinhosa tarefa de pretender brincar com o leão, demasiado ao alcance das suas garras. E já lá diz o ditado: «Com teu patrão não jogues as pe-

(Continua na página seguinte)

«LOS ANGELES» surgem, agora, como compositores. No seu mais recente disco (para a «Hispavox») incluem uma excelente melodia («Greeme») que está a provocar grande interesse entre os admiradores do quarteto. Criadores de «Mañana, mañana» e «Jenny», são os autores de «Please, believe me» (cantada em inglês), que está a adquirir sólida posição no mercado britanico do disco. Entretanto, um dos elementos do grupo (o solista de bateria, Poncho) torna-se comentarista da Rádio Popular de Granada (Espanha). E todos estão tomados de subito interesse pelo Cinema, preparando-se para produzir um filme (que interpretarão) com musica «pop» e uma história de feição moderna e atrevida

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Desloca-se ao Brasil no final deste mês, ainda que com curta demora, a artista Beatriz Costa que, recentemente, desmentiu a notícia do seu casamento.*
Esta artista, que vai ser submetida a uma intervenção plástica, só no final da temporada deve estar apta a regressar.
- *Acaba de ser dissolvida a companhia de Teatro Alegre que era dirigida pelo actor Henrique Santana. A companhia só deve reaparecer na próxima época, possivelmente associada ao elenco do actor Francisco Ribeiro.*
- *Ainda não está concluído o elenco artístico do novo Teatro Maria Matos.*

LUTA LIVRE AMERICANA

MIK BARONE

AMANHÃ (às 21.45 h.)
QUARTOS DE FINAL DO GRANDE TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA
NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

DOIS COMBATES DIGNOS DE UMA VERDADEIRA NOITE DE GALA

TARZAN TABORDA — LANDRO

Dois lutadores que se encontram igualados no Torneio (ambos a dois pontos do «leader») e que no combate de amanhã tudo farão para estarem presentes nas meias finais. Uma luta em valerá tudo, praticada por dois autênticos gigantes dos ringues.

CYCLONE — MIK BARONE

Conseguirá o extraordinário Bennedito Cyclone, por muitos considerado como o mais felino lutador da actualidade, derrotar o terrível «Tigre transalpino» até agora invencível neste Torneio? — Uma luta que está a despertar o maior entusiasmo e expectativa

e ainda

MONTORO-MAXIMILIANO contra VELIZ-SHARON
NA FAMOSA E EMOTIVA LUTA A QUATRO
GRAN-MANAS contra CASTAÑEDA e TÁGUA-GALÃ

UMA EXCEPCIONAL JORNADA COMO DIFICILMENTE SE VOLTARÁ A REPETIR

Bilhetes à venda a partir das 20 horas de hoje nas bilheteiras dos Restauradores (Agência)

M/ 17 anos — Organizações INTERLUTA

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

ras...» Nem as peras, nem as rubricas.

GIRASSOL

Não sei o que hei-de destacar do «Girassol» de ontem para lhe dar a valorização abaixo de nove, que é, como se sabe, a situação de medíocre. Seguramente, porém, sei onde esteve o unico momento bom da rubrica: a sessão de ballado das alunas da professora Vera Varela Cid, muito prejudicada embora pela realização que conseguiu empastelar a harmonia, e pela organização da rubrica, onde surgia como um corpo estranho — a pérolazinha perdida na sofreguidão da ostra...

Do resto, valerá a pena falar? Valerá a pena ao menos uma palavra para as cantigalórias sem asas de um autor medíocre que teima em infantilizar (de paralisia) o passatempo? Acontece que Pepe desta vez não apenas compôs mas cantou. E no crime acompanhou-o Maria Aurora que, visivelmente exorbitou das suas funções.

Aliás, como apresentadora, Maria Aurora teve uma intervenção desastrosa ao longo de todo o programa. Essa inadaptação tornou-se evidente na entrevista com os cinco meninos, a propósito da forma como gostariam de passar as suas festas da Páscoa. Com intromissões constantes, Aurora quebrou o ritmo, a naturalidade, a frescura dos entrevistados. Tanto os quis «ajudar» que os anulou. E assim se perdeu aquilo que poderia ser o unico momento vivo do «Girassol».

Aliás, a entrevista teve todo o aspecto de jogo combinado — o que se pode confundir com a «batota». Imagine-se: da entrevista participaram cinco jovens: Maria, do Liceu Rainha D. Leonor; Pedro, do Colégio Valsassina; Andrea, do Colégio Bom Sucesso; Margarida, do Liceu Maria Amália, e Miguel, do Liceu Passos Manuel. Trata-se, como se vê, de rapazes e meninas já não muito própriamente infantis. Pois a Maria desejava passar as festas nas nuvens; o Pedro, no Sol; a Andrea, na Lua... A Margarida gostava de as passar na Terra, gosto estranho, pois, não se pôs a hipótese de festejar a Páscoa noutro planeta. Só o Miguel manifestou um desejo real: assistir á largada dos cosmonautas para a Lua, na América (mas quem lhe diz que é na América?)

Pois é deste quilate a pedagogia nos nossos estabelecimentos de ensino? Nos colégios e liceus cultiva-se a fantasia sem rédeas e sem beleza? Não acredito. Deverá antes ter sido a lição aprendida nos reinos do «Girassol».

Da palhaçada e do palavriado dos coelhos, sem graça e sem história, nada cabe dizer aqui. Foram diálogos amorfos, perfeitamente acéfalos, sem uma sombra de estrutura.

Eis aqui um girassol que oxalá não deite semente. Que lhe tivesse acontecido assim tão mal no Domingo de Páscoa, eis grande motivo de lástima. Não queira «girassol» morrer, agora que as flores nascem.

MÁRIO CASTRIM

PANORAMA LITERÁRIO

No passado dia 25 de Março recebeu o director do «Diário de Lisboa» uma carta de Joaquim Lagoeiro (queixinhas...) com data de 18, referente á crítica de Televisão do dia 12. Crítica onde se comentava com zero graus de acidez, como no azeite virgem, a entrevista concedida por aquele escritor ao «Panorama Literário».

Como não quero privar os leitores de alguns momentos de boa disposição, tão preciosos nos tempos que vão correndo, transcreve-se na íntegra a carta de J. Lagoeiro:

«Sr. Director:

No passado dia 12 inseriu o «Diário de Lisboa» uma crítica ao «Panorama Literário» da T. V., em que fui entrevistado.

Com a sua costumada e reconhecida elegancia, Mário Castrim fez algumas considerações que se me afigura merecerem correctivo.

Não se pode deixar passar em julgado que o amável crítico se esqueça do que deve ao jornal em que escreve, ao publico que o lê, ás pessoas que critica — e até a si próprio. Desta vez foi comigo. Tenho as costas suficientemente largas para arcar com as minhas responsabilidades, mas recusa-me a índole que não varra delas a poeira de quem se sacuda por necessidade.

Mário Castrim não concordou (e eu também não) com o asserto de Gomes Ferreira de que sou «um dos romancistas portugueses actuais de maior importância». Está no seu direito e também, quanto a mim, na razão. Sucede, porém, que Gomes Ferreira pensa doutra forma — e foi o primeiro a falar. O que é que ele foi fazer! Pois, aí tem: Mário Castrim levanta-se, ergue a batuta do dedo e exclama peremptório e elegante: MENTIRA! Onde foi isto? No «Diário de Lisboa» de 12 do corrente, não num pasquim.

Também lá vem que certas das minhas expressões revelam *ingenuidade* ou *inconsciência*. Crítica? Jornalismo rufianesco? E, vá lá!, por aqueles apodos promete Mário Castrim ficar-se, e eu que lho agradeça, já que da sua altura olímpica não admite que eu diga que vou mal servido. Simplesmente, como pode mais a natureza que a vontade, acaba por acrescentar á lista mais um adjectivo — *ignorante*. Porquê, Santo Deus, porquê? Por que assim ingénuo e ignorante?

Pois bem: também eu, infeliz de mim, emiti uma opinião sem prévia licença do sr. Castrim. Por isso, levei para trás, e fui arrumado no rol dos ingénuos e ignorantes. Mas que disse eu? Que o «novo romance nada trouxe de novo, é uma experiência sediça». Mário Castrim acha que é «fermento transformador do fenómeno romanesco». (Bela tirada!) Ele diz que sim, eu digo que não. Qual de nós é que é ignorante?

Porventura ambos, ou nenhum. Como estamos empatados, poderíamos ficar por aqui. Mas, como Mário Castrim me aconselha a estudar o caso para não revelar tamanha ignorância, direi que não estou assim tão em branco na matéria como supõe. Relembrarei o que Alexandre Pinheiro Torres escreveu no seu livro «Romance: O Mundo em Equação», pág. 42 e seguintes. Por exemplo, ao fundo da pág. 47: «Sendo, nestes termos, um *positivismo*, concluir-se-á daqui como a concepção filosófica que está por detrás do *nouveau roman* é, na verdade, um nítido retrocesso».

Pois, é esta a minha ignorância.

Agora, a inconsciência — narrei um caso da minha experiência de escritor. Uma história proibida, pelos vistos. Na alma cândida de Mário Castrim, com efeito, não cabe o grande pecado de se contar a quem quer ouvir a feia acção de um crítico que comentou um livro sem o haver lido. Bela alma (a do sr. Castrim). Pois, valeu-me a inconsciência, aliás não teria, poupando o homem, condenado a acção.

Mário Castrim deve viver num mundo de inocência primeva... Não serei eu quem lhe corte as asas. Mas não. Mário Castrim está bem ao par: não se rala ele por não ser apenas um *a sofrer as consequências!* Deveras? haverá então mais de um? Custa-me a crer, mas, se Mário Castrim o diz, é porque sabe. E eu a julgar... Não, não supunha assim tão podre o reino da Dinamarca.

Esta já vai demasiado longa, Senhor Director — apesar de que muito mais poderia dizer quem, em letra de forma e num jornal com as tradições do «Diário de Lisboa», se vê tachado de *inconsciente, ingénuo* e *ignorante*. É este o motivo por que, Sehor Director, muito agradecia que ordenasse a publicação desta — como um protesto».

1 — Como se vê, «Castrim merece correctivo». Esta linguagem de prefeito de colégio reeducativo desenvolve-se no vazio. E' pirotecnia de galo sem esporas. Lagoeiro não corrige nem correctiva nada. Apenas gosta muito de escrever.

3 — Oiça, Lagoeiro: o que eu devo ao meu jornal, aquilo que o meu jornal exige de mim, aquilo que se inscreve na pura tradição do meu jornal, é a verdade, só a verdade e nada mais do que a verdade. Deste caminho nunca me arredei um milímetro. Se Joaquim Lagoeiro puder apresentar uma unica prova em contrário, prometo fazer uma coisa que considero suficiente castigo da falta: lerei o seu ultimo romance, o que serviu de pretexto á entrevista.

3 — O entrevistado declara não concordar com a hipérbole de Gomes Ferreira. Declara isso agora, agora que a mentira foi denunciada. Lamentávelmente, Lagoeiro não desfez a atoarda na altura própria. Não o fez porque há mentiras gostosas de ouvir. O diabo é que existem ouvidos atentos, incapazes de entrar no jogo. Isso é que é mau, não é, Lagoeiro? Se não houvesse críticos, era uma beleza. Eles é que estragam tudo...

O mais curioso é que, para Lagoeiro, o mal não está no erro: o mal está em o erro ter sido apontado. Eu não deveria ter dito: «Mentira». Eu deveria ter entrado no jogo com uma perífrase barroca, delicada, mundana, de chá com torradas. A isto chamará o entrevistado «vernaculismo». Lagoeiro tem pesadelos de Vieira e Bernardes.

4 — Sobre o «novo romance», o conhecimento de Lagoeiro resume-se a uma frase mal assimilada de Alexandre Pinheiro Torres. E' pouco, homem. Se quer saber algo da importancia do «novo romance» na evolução da técnica tendente á mais completa apreensão do real, tem de ler os romances própriamente ditos. Quanto mais não seja para verificar como as obras de Lagoeiro (com uma possível quase-excepção para *«Viuvas de Vivos»*, aí onde um vernaculismo de sótão não assassinou uma certa força de comunicar) perderam irremediávelmente o comboio para o futuro.

5 — Lagoeiro relatou a história de um crítico que se referiu a uma obra dele que não lera. Não disse o nome do crítico. Mau procedimento:

***a)* O descrédito recai não num indivíduo, mas numa função. Mau princípio.**

***b)* Os pormenores rocambolescos aumentaram a desconfiança do publiço. Mau resultado.**

***c)* A história envolveu de antipatia a entrevista. Mau sentido televisivo.**

***d)* O publico poderia ser levado a concluir que Lagoeiro se deixou trair pela imaginação. Mau proveito.**

***e)* Agora, Lagoeiro reincide no erro. Má táctica.**

O processo de Joaquim Lagoeiro, ao atingir indiscriminadamente os críticos tem qualquer coisa de nazi: não aparece o responsável? Pois fuzilem-se os reféns... Não digo que o entrevistado agisse defeituosamente com o patrocínio da sua inteligência. Teria sido, apenas uma jogada infeliz eu admito. Já começa, porém, a perturbar-me a teimosia em defender uma posição insustentável.

Em resumo: esta carta de Joaquim Lagoeiro dirigida ao director do meu jornal (queixinhas...) não tem razão de ser na medida em que nada esclarece. Donde se conclui que dar á pena não é o mesmo que escrever. Cartas ou romances. — *M. C.*

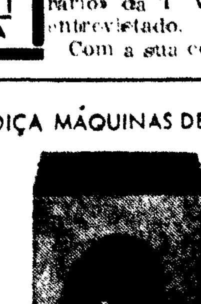
Concerto da Pró-Arte

A pianista Olga Prata apresenta-se na Sala do Conservatório ás 21 e 45, por iniciativa da Pro-Arte.

No dia 14, a mesma pianista dará um concerto em Viena (Austria), promovido pela Pro-Arte, com a colaboração do dr. Palma Caetano do Grupo Amigos de Portugal.

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA

Grande Campanha de Vendas Candy



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA
Av. Almirante Reis, 91-A
sem entrada * sem fiador
Telefones: 53 08 38 53 63 08 53 83 23 32 69 57

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

«O PERIGO (LIMITADO) É A MINHA PROFISSÃO»

DE QUINHENTOS CANDIDATOS APENAS QUARENTA «PASSAM»

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», o que quer dizer que novos tempos criam novas vocações. Se o leitor tivesse nascido aqui há umas centenas de anos, poderia lògicamente ter aspirado ao arriscado lugar de condutor de um magnífico trem puxado a quatro vistosos cavalos. Mas, como vive no nosso tempo, nada mais natural que sinta uma vontade irreprimível de pilotar um avião. Mas quem quer ser piloto? Ou antes: quem pode ser piloto? Que, neste caso, valha a verdade, é difícil o querer coincidir com o poder. Senão vejamos: para quarenta vagas a preencher este ano, a T. A. P. prevê um mínimo de quinhentas candidaturas.

A longa jornada para o «perigo» escolhido

Perguntará o leitor: mas o que é, então, preciso para se ser piloto? Antes de mais, ter a situação militar regularizada e satisfazer os padrões da Companhia no exame psicotécnico e na inspecção médica. O que se pede, depois, ao candidato depende do facto de ter ou não experiência de voo. Se estiver no primeiro caso, bastará que não conte mais de 37 anos, possua o sétimo ano liceal (ou equivalente) e tenha pilotado um avião durante, pelo menos, 500 horas. Se estiver no segundo, não poderá ter mais de 30 anos, devendo possuir habilitações académicas que satisfaçam a estes requisitos: frequência do 2.º ano de um curso universitário ou do 4.º do Instituto Comercial ou Industrial ou, ainda, do 2.º da Escola de Belas-Artes; pode possuir ainda, em alternativa, o curso de pilotagem da Escola Náutica.

Mas, é claro, não é só inscrever-se e pegar num avião. Há uma longa caminhada a percorrer para se chegar a segundo piloto (a profissão tem quatro categorias: segundo piloto, primeiro piloto, comandante de avião e comandante senior). Os pilotos com experiência procedem normalmente da Força Aérea e de outras organizações. Eles frequentarão, até serem largados como co-pilotos, um curso geral de pilotagem (com a duração de seis meses), durante o qual apreenderão a teoria necessária e farão treinos de simulador de voo por instrumentos, e outro de qualificação (cerca de dois meses), em que se especializarão num determinado tipo de avião: «Caravelle» ou «Boeing 727».

Mais de um ano de preparação para os «ab initio»

Quem deseja ser piloto sem nunca ter pegado num avião recebe um nome, ao inscrever-se — chama-se-lhe «ab initio», o que quer dizer que parte do zero. Terá um período preparatório de um ou dois meses, durante o qual assistirá a palestras sobre assuntos gerais aeronáuticos e praticará o seu «inglês». Depois, irá até à América, onde, na Florida, frequentará um curso de formação básica (com a duração de oito meses) na Flight Safety Inc. — cerca de 240 horas de prática em monomotores e bimotores, voo por instrumentos, etc. Regressado da América (mas ainda sob a orientação de técnicos americanos), fará 20 a 25 horas de voo de transição para avião a jacto. Seguir-se-á, no Serviço de Instrução da T. A. P., um curso complementar, de cerca de dois meses. E, por fim, o curso de qualificação, idêntico ao destinado aos candidatos com experiência.

O número de pilotos (159 hoje) duplicará em três anos

De quantos pilotos dispõe a T. A. P.? Presentemente, de 159. Mas o número é muito variável, visto que os cursos estão sempre a decorrer. A Companhia prevê que, graças à vertiginosa expansão dos seus serviços, aquele número duplique nos próximos três anos.

Os pilotos constituem uma classe socialmente segura: eles têm regulado, para um máximo de 85 horas mensais, o seu regime de trabalho; estão inscritos num sindicato; auferem um vencimento fixo e outro variável, consoante as horas de voo; são sujeitos a inspecções médicas de seis em seis meses; dispõem de assistência na doença e de uma reforma apreciável quando retirados do serviço.

Ser piloto é, em suma, uma profissão como outra qualquer. Só que não basta desejar sê-lo — é preciso poder sê-lo. E são raros os que podem fazer do perigo (limitado, visto que todas as profissões têm o seu) um meio de vida. Da vida dos tempos de hoje.

RETRATO TIPO IMPOSSÍVEL

Procurámos fazer um retrato-tipo do piloto da T. A. P. Impossível. Há-os de todas as cidades, desde os 53 aos 26 anos. Há-os com 18 mil horas de voo e com apenas cerca de mil. Há-os com 20 anos de serviço e outros que entraram há meses.

Dos 159 pilotos de que a Companhia dispõe, cerca de 30 são de nacionalidade brasileira. Trabalham sob um contrato temporário e foram admitidos numa altura em que o «mercado» nacional não pôde acompanhar a repentina expansão dos serviços da T. A. P.

ELES SABEM COMO É

É tenente-coronel da Força Aérea e está em comissão de serviço na T. A. P. o sr. comandante Hugo Gonçalves Damásio, que a nossa reportagem foi surpreender quando se preparava para mais um voo — a viagem Lisboa-Paris, com um «Boeing 727». Interrogado sobre os motivos que o levaram à escolha da profissão de piloto, disse-nos:

— *O gosto pelo voo é uma coisa que não se explica — acontece. Eu fui para a Força Aérea por curiosidade. Tinha 18 anos e apaixonava-me experimentar o que acreditava ser (e era) uma sensação nova e completamente diferente. Gostei e, por isso, fiquei.*

Perguntámos-lhe, então, qual a recordação mais agradável da sua carreira. Respondeu:

— *A lembrança da primeira vez que voei sem instrutor. Foi em Sintra, há 22 anos, num biplano inglês hoje em desuso. Era ainda cadete.*

— E a mais desagradável?

— *A recordação de todos os camaradas e amigos que têm morrido a voar. Assalta-me muitas vezes e, como deve calcular, é extremamente dolorosa.*

À nossa insistência para que referisse um caso concreto que o tivesse impressionado de forma particularmente desagradável, o sr. comandante Damásio soube escusar-se gentilmente... e nós compreendemos.

Procurámos, depois, um piloto mais jovem. E o segundo-piloto João Manuel de Brito Duarte, natural de Loulé, que acompanha o comandante Damásio, prontificou-se imediatamente a responder nos:

— *Desejei ser piloto quando, muito novo ainda, presenciei as acrobacias de um «T 33» sobre a ria de Faro. A ideia de vir a comandar um avião acompanhou-me depois, durante muito tempo, até que me alistei na Força Aérea, onde estive dez anos.*

A pergunta sobre qual a recordação mais agradável da sua (ainda breve) carreira, João Duarte hesitou um momento e acabou por dizer-nos:

— *Lembro, com agrado, o tempo em que andei com helicópteros, no Ultramar, mais precisamente em Angola, e a convivência que isso me proporcionou com o pessoal do Exército destacado no mato. Alguns dos momentos vividos nessas condições são daqueles que nunca mais se esquecem pela vida fora.*

— E qual a recordação mais desagradável?

— *Um acidente, em pleno voo, que presenciei na Ota e durante o qual morreu um piloto, em condições verdadeiramente dramáticas. Foi há cerca de oito anos e nunca mais o esqueci.*

Ílhavo pretende melhor serviço de distribuição da correspondência

ÍLHAVO, 7 — Têm estado nesta vila alguns funcionários dos C. T. T. a fim de estudarem os serviços de distribuição de correspondência, correspondendo, assim aos anseios da população. Sabemos que vão ser feitas importantes modificações mas impunha-se, a bem das necessidades do público e de várias casas comerciais, que elas entrassem em vigor o mais depressa possível. Para isso chamamos a atenção do sr. Correio-Mor, certos de que muito em breve, em determinados giros, o público poderá usufruir de certos benefícios, conforme indicação dos funcionários que fizeram o estudo desses serviços (indicando a solução pela qual o público anseia). Se forem simplificadas e abreviadas certas dificuldades burocráticas, o assunto será solucionado em curto prazo, como se impõe e todos desejam.

VIDA SOCIAL

FESTA DE ANIVERSÁRIO

Na residência do sr. engenheiro agrónomo José Elias Martins, em Arraiolos, houve uma festa, em comemoração do aniversário de seus filhos, a menina Inês Maria e o menino José Francisco Chaveiro Elias Martins. Decorreu em ambiente de grande alegria; e, entre os numerosos convidados incluíam-se os presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Arraiolos, srs. João Colaço Júnior e José Henrique Barreto, respectivamente; o presidente da direcção da Cooperativa Hortícola de Dimar, sr. eng.º Vidigal Rodrigues; e o presidente da comissão da União Nacional daquela vila, sr. dr. Vieira Lisardo, etc.

VÍTOR MANUEL DE OLIVEIRA JORGE

Para participar no Colóquio Internacional sobre a Aplicação de Calculadores em Arqueologia que hoje começa em Marselha, prolongando-se até ao dia 12, partiu ontem para aquela cidade, por via aérea, o sr. Vítor Manuel de Oliveira Jorge, do Círculo de Estudos Arqueológicos da Faculdade de Letras de Lisboa e que, entre nós, se tem dedicado ao estudo dos novos métodos do tratamento da informação arqueológica.

P. N. A. M.

PEDRO FERREIRA LOBATO DOS SANTOS

MISSA DO 3.º ANIVERSÁRIO

Sua Esposa, Filhas e mais família participam que mandam rezar missa na Igreja de S. José no dia 8 pelas 18,30 horas.

CARLOS RIBEIRO ERMIDA

1.º ANIVERSÁRIO

Maria Luísa Ermida Reis e filhos (ausentes) participam que serão celebradas missas no próximo dia 8, às 7.30 h. na Capela do Priorado, no mesmo dia na Igreja de S. João de Brito, às 17.30 h. na Igreja da Sé de Angra do Heroísmo, e, no dia 10, às 10 h., na Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

O MUSEU DAS ODRINHAS TEM NOVO HORÁRIO

SINTRA, 7 — O Museu Arqueológico das Odrinhas, situado na estrada entre Sintra e a Ericeira, tem novo horário que passa a ser o seguinte: todos os dias do ano, com excepção dos feriados obrigatórios, das 10 às 12; das 14 às 20, nos meses de Abril e Setembro; e das 14 às 18 horas, nos restantes meses do ano.

Recorda-se que o Museu das Odrinhas constitui um dos mais interessantes e valiosos repositórios de achados arqueológicos, entre os quais um cemitério da época pré-visigótica. Explorado e valorizado pelo erqueólogo e presidente da Câmara Municipal de Sintra, já falecido, prof. Joaquim Fontes, e, depois, pelo sr. prof. D. Fernando de Almeida, seu actual director, é anualmente visitado por milhares de pessoas.

JPIMENTA GARI

ANDARES

AMADORA
FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F.
REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS
ESPARGAL
LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS
ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

IMPRENSA

«Correio do Minho»

Entrou no 44.º ano de publicação o nosso prezado colega «Correio do Minho», que se publica em Braga sob a direcção do rev. Benjamim Salgado, a quem apresentamos e aos seus colaboradores as nossas saudações.

«Correio do Ribatejo»

Completou 78 anos de publicação o nosso prezado colega «Correio do Ribatejo», fundado por João Arruda e dirigido por seu filho, sr. dr. Virgílio Arruda. E' o jornal mais antigo do distrito de Santarém. Felicitamos o director e os seus colaboradores.

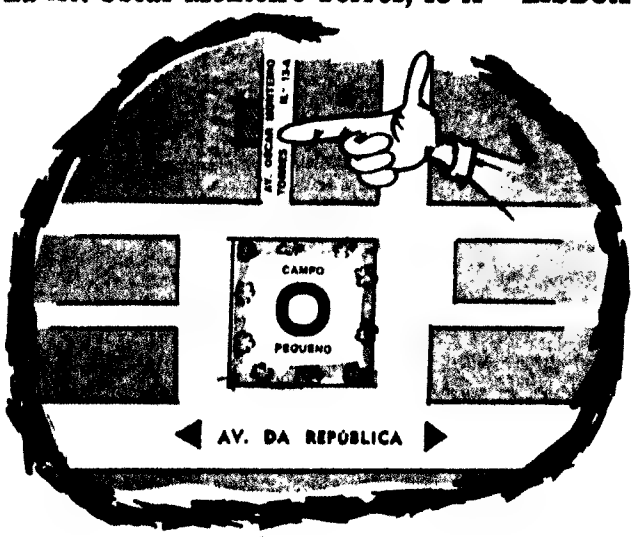
Concurso de quadras

O Grupo Desportivo de La Equitativa-F. R. vai realizar um concurso de quadras a que podem concorrer todos os seus associados e amigos

O regulamento será enviado a quem o solicitar e o prazo para entrega dos trabalhos termina no próximo dia 20.

TECNIPNEUS

INAUGUROU AS SUAS INSTALAÇÕES
na Av. Óscar Monteiro Torres, 13-A — LISBOA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA
POR PESSOAL ESPECIALIZADO

FAÇA UM TESTE AOS PNEUS DO SEU CARRO
AS MELHORES CONDIÇÕES DE VENDA E TROCA DE PNEUS

Direcção técnica de
ARMANDO RODRIGUES

HOOVER

lavar roupa

lavar loiça

máquinas automáticas
SEM entrada fiador
A.OLIVEIRA
av. Alm. Reis·91·A·Lisboa

FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC

PRAXIS

AINDA NÃO!

Talvez um dia a FRIMATIC faça um frigorífico com um compartimento para você passar o verão, mas por enquanto, não. Entretanto aproveite a técnica FRIMATIC para conservar a saúde e o bem estar dos seus, utilizando-o para fins domésticos.

POLAR
REPRESENTANTES:
REFRIGERAÇÃO POLAR LDA.
av. almirante reis, 94-c telefs 56 11 16, 7, 8 - lisboa

FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC FRIMATIC

FELDHAUS

Máquinas eléctricas de fazer café

CHEGARAM NOVAS REMESSAS
As encomendas ainda não atendidas, por se ter esgotado o artigo, serão imediatamente executadas

— Símbolo de qualidade
— O melhor presente
— A maior utilidade

À venda nos casas de electrodomésticos e mínage

Feldhaus

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
A. RIBEIRO D'ALMEIDA, LDA.
RUA DO ARCO, A S. MAMEDE, 4-3.º — LISBOA
TELEFONE 66 14 66

DURANTE OS MESES DE ABRIL E MAIO OS CAMINHOS DE FERRO TÊM O PRAZER DE LHE OFERECER O ALMOÇO DURANTE A VIAGEM

Preços de Lisboa a Madrid para uma viagem de simples ida:

1.ª CLASSE	2.ª CLASSE
437$00	329$50

SRS. PROPRIETÁRIOS
SRS. CAPITALISTAS

A colocação dos vossos capitais é sempre um problema melindroso pelos cuidados de que deve rodear-se a sua aplicação.

A LUZÁFRICA será para V. Ex.ª a Organização que, pela eficiência dos seus processos de trabalho, se impõe para esse efeito, como atestam os seus inúmeros clientes que por seu intermédio têm realizado as suas transacções na COMPRA E VENDA DE PRÉDIOS E HIPOTECAS.

A LUZÁFRICA

é hoje a mais classificada e respeitada Organização em COMPRA, VENDA e HIPOTECA DE PROPRIEDADES, e tem os seus escritórios na
CALÇADA DO CARMO, 6 — Ângulo do Rossio
TELEFONES 32 45 24 / 36 80 80

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias do Leça, Matosinhos, Foz, Avenida dos Aliados, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ACTUALIDADE RELIGIOSA

OS BISPOS DO ALTO-VOLTA ENTREGARAM AO ESTADO AS ESCOLAS CATÓLICAS

Reunidos no Seminário Maior de KOUNI, os bispos do Alto-Volta tomaram a decisão de entregar inteiramente ao Estado, a partir de 1 de Outubro de 1969, as escolas católicas do país, — primárias, secundárias e técnicas. Estas escolas totalizam um pouco mais de um terço, em professores e alunos, do conjunto do ensino do Alto-Volta (150 000 alunos).

Qual a razão duma tal «*dolorosa decisão*»? Segundo o comunicado dos bispos, datado de 12 de Fevereiro e que ora nos chegou às mãos (*Docum. Cathol.*, n.º 1536, 16/3/69) a Igreja teve de se render à evidência: «*a situação do ensino católico, com as subvenções recebidas do Governo, é objecto de demasiadas catilinas e mal entendidos. Este estado de espírito deteriorou a confiança recíproca, comprometeu a esperança duma situação feliz e definitiva do problema do ensino católico, com o risco de introduzir a divisão no país*».

Os bispos reconhecem que as subvenções concedidas ao ensino católico são importantes; mas mal chegam para assegurar o salário mensal dos professores. «*Tudo o mais: investimentos, material, conservação, etc. constitue, por diferentes títulos, a participação financeira do episcopado e dos pais dos alunos. Como as subvenções do Estado já não asseguram no fim de cada ano o pagamento dos professores, a Igreja não tem possibilidade de avançar o complemento para este encargo*». Exigir mais sacrifícios aos professores não é possível, até por que a tabela dos seus salários está fixada pelas leis do trabalho; exigir dos pais dos alunos uma contribuição financeira importante, ultrapassaria as suas disponibilidades.

Os bispos, embora renunciem «*a arcar com a responsabilidade do aparelho escolar tal como actualmente está concebido e organizado*», declaram no entanto: «*Permanecemos sempre dispostos, se os habitantes do Alto-Volta o desejarem, a trabalhar na obra da instrução e educação das crianças do nosso país: já não como proprietários, mas como servidores*».

É que consideram essa missão de ensino «*como um serviço da Igreja à nação*».

Pequenas notícias

- AUSTRIA — No seu regresso de Budapeste, o cardeal Koenig, arcebispo de Viena de Áustria, confirmou que o cardeal Midzenty, primaz da Hungria, se recusa abandonar a Embaixada dos Estados-Unidos, onde se refugiara há mais de 12 anos. Não deixará o seu «exílio voluntário» antes das autoridades húngaras cessarem a condenação infamante contra ele.
- CAMARÕES — O Seminário Maior de S. Francisco de Sales de NKOL-BISSON abriga, actualmente, 89 estudantes (47 filósofos e 42 teólogos) dos quatro países seguintes: Camarões, África Central, Gabão e Tchad.
- CANADÁ — Leigos e religiosos não-sacerdotes serão chamados a distribuir a comunhão na diocese de S. Jerónimo, parte de Monreal, para ocorrer ao número insuficiente de padres para os ministérios dominicais em certas paróquias.
- CHECOSLOVÁQUIA — Em Praga foi organizado pela Administração Apostólica um ciclo de conferências de «teologia viva». A responsabilidade da iniciativa foi confiada a um conselho director de que fazem parte a Faculdade de Teologia dos Santos Cirilo e Metódio e a revista «Via». Esta iniciativa serve de teste para a situação dos leigos na República checa no momento em que se preocupam em assumir as suas responsabilidades na Igreja.
- EGIPTO — Dezoito representantes das Igrejas católica, ortodoxa e protestante do Próximo Oriente decidiram empreender uma *tradução comum da Bíblia em árabe*.
- ESPANHA — Estão a trabalhar na América Latina, em particular na Venezuela, na Argentina e no Peru, 16 728 religiosos espanhóis (64 por cento do conjunto dos religiosos *espanhóis* existentes no mundo).

Mais de 4,7 milhões de unidades vendidas pela Ford em 1968

Segundo o ultimo relatório anual da Ford Motor Company, «as vendas de automóveis no Mundo Livre aumentarão a um ritmo de um milhão de unidades por ano até 1970 declararam Henry Ford II, presidente do conselho de administração da Ford Motor Company e Semon Knudsen, presidente, ao endereçarem uma carta aos accionistas juntamente com o relatório de 1968».

O relatório assinala que, durante 1968 foram vendidos mais automóveis, camiões e tractores do que em qualquer ano anterior, tendo as vendas da Ford totalizado 4 744 002 unidades, o que corresponde a um aumento de 3 por cento sobre o anterior recorde que é de 1965.

Os srs. Ford e Knudsen declararam ainda que, em 1968, «duas tendências constituíram os factores dominantes do aumento de vendas e unidades importadas: o aumento de procura de maior numero de equipamento opcional e modelos de preço mais elevado dentro da linha existente e o desejo de carros pequenos e económicos».

O mesmo relatório acentua: «Há setenta e três anos o primeiro automóvel Ford percorreu um quarteirão de Detroit a 15 milhas á hora. No passado mês de Dezembro outro produto Ford foi incorporado na nave Apollo 9 numa viagem de ida e volta á Lua de 900 000 quilómetros á velocidade de 40 000 quilómetros á hora».

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 7 de Abril de 1939 publicava:

«ROMA, 7 — Desencadeou-se uma acção militar e naval contra a Albania. A agência Stefani que noticiara o envio de contingentes de tropas e de diversos navios italianos para a Albania, «a fim de protegerem os súbditos italianos, publicou mais tarde o seguinte comunicado:

«Esta manhã efectuou-se o desembarque de tropas italianas nos portos de Santi Quaranta, Valona, Durazzo e S. João de Medua. Não houve nenhuma reacção digna de ser particularmente mencionada, excepto em Durazzo, onde a tentativa de resistência da parte de bandos armados foi imediatamente dominada. As tropas italianas, partidas de Durazzo, começaram a marcha para o interior. A população apresenta uma atitude tranquila e cordial. 400 aviões da esquadra aérea «A» patrulham a costa da Albania com ordem de não alvejar centros habitados e poupar as populações».

REUNIÃO DO LIONS CLUBE DE ALMADA

ALMADA, 7 — Na ultima reunião do Lyons Clube de Almada, o sr. eng.º João Rocheta proferiu uma conferência sobre a «Lisnave», que despertou muito interesse, particularmente pelo que o empreendimento representa para o concelho.

O conferencista começou por fazer uma análise do projecto «Lisnave», destacando as várias razões que levaram o grupo de empresas estrangeiras e nacionais a decidirem-se pela localização do estaleiro no porto de Lisboa, os efeitos multiplicador e acelerador na economia nacional resultantes da execução do projecto, a sua influência na nossa balança de pagamentos, a elasticidade da dimensão do estaleiro de modo a satisfazer os aumentos ou alterações da procura, especialmente no que respeita ao aumento de tonelagem dos navios a docar no estaleiro e a posição da empresa na concorrência internacional.

Seguiu-se um animado colóquio em que intervieram quase todos os presentes e em que questões consideradas do maior interesse e acuidade foram apresentadas, nomeadamente aquelas referentes ás actuais rotas marítimas e sua possível alteração, á evolução das técnicas de transporte, á problemática das fontes energéticas e á alteração das actuais condições de concorrência.

A crítica da reunião esteve a cargo do sr. dr. Glória Pacheco presidente da Camara Municipal de Almada e membro do Clube, que, depois de elogiar as qualidades evidenciadas pelo palestrante, pôs em destaque a importancia da Lisnave para o futuro de Almada.

Ao encerrar a sessão, o presidente do clube congratulou-se com a maneira como tinha decorrido a reunião e anunciou, para o próximo dia 17, uma palestra do sr. dr. Joel Serrão sobre a evolução dos transportes em Portugal.

A nova estação dos C. T. T. em Avintes

AVINTES, 7 — Amanhã, pelas 12 horas, e com a presença das autoridades do concelho, serão inauguradas nesta vila as novas instalações da estação dos C. T. T.

Propriedades

— VENDAS —

PRÉDIO

De construção moderna, revestido a Evinel, comp. só de habit em bom local de Lisboa, com 18 laq. a 3 casas av. e alh., isento por 6 anos, todo alugado, a rend 238.440$, pronto a fazer escritura. Preço 3.900.000$ Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª, Arm. Almirante Reis, 104, 2.º, Tels. 53 61 11 / 2 / 3, Lisboa.

Moradia

Nova na L.ª de SINTRA r/c e 1.º andar e garagem, 8 dav. ass.; 2 c/ banho, 2 coz.; 2 desp.; por 520 contos Rua 1.º de Dezembro, 45 3 Esq.º — Telefs. 323172 / 367444

ORCOSI

R. 1.º Dezembro, 45-3.º, Esq. Telefs. 323172-367444

Contacto

PUBLICIDADE
Telef. 847260

PROPRIEDADES

SALAS

Alugam-se 3 para escritório em conjunto ou sep. na Rua Actor Isidoro (junto á Fonte Luminosa). Resp. ao «D. L.» ao n.º 256.

PRÉDIOS

Dois p. de moliço á Estrela. Preço 2.000 contos, facil pagam., 1.000. Trata-se com o próprio. Respostas ao N.º 255, Diário de Lisboa, R. Luz Soriano, 44

Dinheiro s/ prédios

EMPRESTA-SE rápidamente e em boas condições 15 a 2000 contos em 1.º ou 2.ª hipoteca de prédios, parte de prédios ou construção. Também se aceitam propriedades para venda. Casa Laires, Rua da Prata, 291, 2.º, Dt.º — Telfs. 325487 e 370618 (junto á P. da Figueira).

CASAS para alugar

Procure V.ª Ex.ª nos n/escritórios, onde temos sempre variadissimos andares e lojas para alugar em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSI. INVICTA — Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

Léo - Administradora Predial

COBRANÇAS DE RENDAS
CONTRATOS DE ARRENDAMENTOS
DEPÓSITO E TRANSFERENCIAS DE RENDAS
DILIGENCIAS JUNTO DAS CAMARAS MUNICIPAIS
FISCALIZAÇÃO D. OBRAS
OBTENÇÃO DE NOVOS INQUILINOS
PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES

Av. Defensores de Chaves 55 - 1.º Tel. 55 39 60 P. P. C., Lisboa

CAPITALISTA

Que disponha de 2 a 3 mil contos poderá tomar posição deste valor em florescente e promissora empresa industrial lançada em franca expansão.
Carta à Administração deste jornal ao n.º 254.

PRÉDIOS

POR 1100 CONTOS: Acabado de construir, transportes à porta, de 4 pisos c/ Dt.º e Esq. e isento 4 anos. Rende 72 000$00.

POR 1350 CONTOS: Em Moscavide, construção recente, de 4 pisos, revestido a evinel. 8 inq. e rende 89 000$00.

VENDE
A LUZÁFRICA
Calçada do Carmo, 6
Tel. 368080

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

EMBALAGENS

EMBALAGENS TURISTICAS

MADEIRA PORTO

A VENDA NA:
GALERIA LISBOA
R. João das Regras, 4-C
PASTELARIA COLOMBO
Av. Republica, 10-A

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita, consulte a Papelaria Ferros — R. de S. Julião, 64-66

QUADROS

De arte. Exposição de pinturas portuguesas e artigos regionais na GALERIA LISBOA — Rua João das Regras, 4-C (Junto ao Rossio)

RÁDIOS

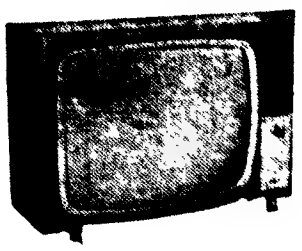
Portáteis de mesa e de móvel, grande variedade de modelos das melhores marcas europeias em

IMPERLUZ

exposição na
Avenida Almirante Reis, 172
Telef. 53 35 92

TELEVISORES

KAISER RÁDIO TV
IMAGEM e TECNICA EXCEPCIONAIS



JOSÉ FURTADO LEITE, LDA.
Av. Duque d'Avila, 69-D
LISBOA — Telef. 52160

PARA TODA E QUALQUER TRANSACÇÃO SOBRE PROPRIEDADES deve consultar o mediador oficial

A LUZÁFRICA

Calçada do Carmo, 6-2.º — Telefs. 368080-324524 — LISBOA

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98-2.º
Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — ás 18 horas
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — ás 18 horas
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — ás 16 horas
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas electroterapia — ás 14 horas
Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e coração — ás 18 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — ás 16 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — ás 14 horas.
Dr.ª Ana Bela Maria — Ginecologia — ás terças e quintas-feiras — ás 16 horas.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

AVISO IMPORTANTE

Alteração ao horário do «Sud-Express»
LISBOA/PARIS

Comunica-nos a C. P. que não estando ainda normalizada a circulação dos comboios, entre as estações de Vale de Santarém e Santarém, manter-se-á, até aviso em contrário, ás 14 e 10, o horário da partida da estação de Lisboa (Santa Apolónia) das carruagens que conduzem os passageiros destinados ao comboio «Sud-Express» (Lisboa/Paris).

Os passageiros ocuparão os seus lugares na composição normal estacionada em Santarém, após trasbordo em autocarro entre Vale de Santarém e aquela estação.

Em MAFRA o «DIARIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 18-A.

Capitais

TEM PREDIO? TEM CARRO? ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

DINHEIRO

PROPRIEDADES URBANAS E RÚSTICAS
Juros de lei
RAPIDEZ E SIGILO
SONIPAL
R. CONDE REDONDO 14-2º
TELEFS. 52248 556580

IMPONENTE IMÓVEL

Em moderna artéria, todo arrendado, possibilidades de aumento de rendimento. Preço: 7.300 contos. Facilidades no pagamento. Rende 449 contos

VENDA A CARGO DE
LOURENÇO & FREIRE COSTA, LDA.
Restauradores, 12-2.º — Telefs. 328143/220040

Automóveis

VENDAS:

Jaguar Mark 10-4.2, 1967; Fiat 850 Coupé, 1967; Taunus 17 M Super, de 4 portas, 1966; Opel Rekord 1700, de 4 portas 1965; Taunus 12 M 1500, de 4 portas, 1965; Auto Union F. 102, de 4 portas, 1966.

VENDE: MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

CAMIONETAS CAIXA ABERTA
3500 KGS

Hanomag Kurrier de 1961; Hanomag Kurrier de 1965; Opel Chassis longo de 1959; Opel Cabine Avançada de 1963.

VENDE: GARAGE BOAVIAGEM, LDA.
R. Sampaio e Pina, 58-60
Telef. 68.37.37

FURGONETAS:

Renault 4 L utilitária, 1965; Opel Caravan utilit.º 1963; Austin A 35 utilitária, 1962; Isabella utilitária, 1961.

VENDE: MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

Contacto

ANÚNCIOS

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar Florindo M. Coelho — Rua António Pedro, 68, cave Telef. 44846.

Automóveis de Aluguer

C/ e s/ condutor, Av. Barbosa du Bocage, 1. Telef. 769848-761967.

ALUGUER:

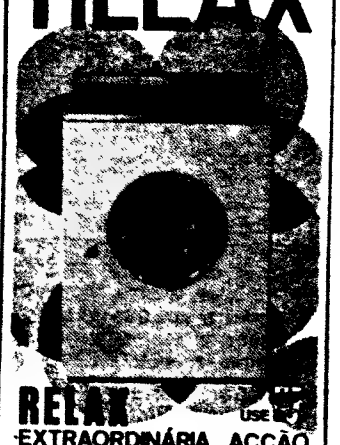
SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 50060 — Automóveis Amoreiras, Av. João Crisóstomo, 89.
- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B.
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage, 1
- 42890 — Táxis Universo, Ld.ª — Av. Republica, 26
- 537476 — RETUR — R. Rodrigo da Fonseca, 56, L.
- 727654 — Auto Monumental do Arcoiro, Lda. — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E.
- 835730 — INTERAUTO — R. Carvalho Araujo, 102-A.
- 539168 — 539345 — BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553843 — Auto-Argos — Praça Olegário Mariano, 6-D.
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.

PAPEL

ACETINADO E CANELADO EM BOBINE E RESMA FÁBRICA NOVA PRETENDE VENDER PRODUÇÃO
RESPOSTA AO N.º 252

VEJA AS NOVAS MÁQUINAS DE LAVAR AUTOMÁTICAS RELAX



RELAX
EXTRAORDINÁRIA ACÇÃO DE LAVAGEM E SECAGEM
MODELOS DE 10 A 14 PROGRAMAS, E COM ECONOMIZADOR
à venda nas boas lojas
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
RAFAEL BURGUETE LDA

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 14 do corrente e dias seguintes, ás 10 horas, na estação de Lisboa (Rossio), proceder-se-á á venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se mais uma vez os Srs. Consignatários das remessas e que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço da Fiscalização das Receitas — Escritório de Reclamações (Largo dos Caminhos de Ferro — Lisboa), nos dias úteis, até ao dia 7 do corrente, das 10 ás 17 horas, excepto sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆ Pequenos anúncios ◆

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 51153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Uma verdadeira pândega cinematográfica
A FESTA
com Peter Sellers e Claudine Longet

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538742
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Charlton Heston e Maximilian Schell no mais arrebatador espectáculo do ano!
SINFONIA PARA UM INIMIGO
(TECHNICOLOR)
Rigoroso exclusivo da época
METRO: Estação Picoas

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.15
O FILME DOS 10 OSCARES!
E TUDO O VENTO LEVOU
70 mm — Metrocolor
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland

Atenção: o filme projecta-se 10 minutos após o início da sessão

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
2.ª SEMANA DE GARGALHADA
com Sylvia Koscina e Robert Hursch
A VIÚVA SOLTEIRA
(Scope-Col.)
O documentário de grande oportunidade: «Eisenhower — Cidadão do Mundo»

RESTELO
(M 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
MILLIE — RAPARIGA MODERNA
com Julie Andrews
TECHNICOLOR

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
MAL POR MAL ANTES COM ELAS
A CAVEIRA

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15 18.30 e 21 45
2.ª SEMANA
Uma comédia maliciosa e picante!
David Niven e Lois Albright em
A MINHA FILHA É UM PROBLEMA
Scope-Color

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779096
Às 15.30 e 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
O filme que deu significado à palavra «suspense»
AS DIABÓLICAS
A obra-prima de H G Clouzot
com Simone Signoret, Paul Meurisse, Vera Clouzot e Charles Vanel

EUROPA
(M. 6 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
EASTMANCOLOR
FLINTSTONE, O AGENTE 777 1/2
Um filme de desenhos animados, coloridos, de grande metragem, com os heróis da televisão.

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15,15 e 21.15 (Adultos)
70 mm — Metrocolor
E TUDO O VENTO LEVOU
c/ Clark Gable, Viven Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser exibido 10 minutos depois do início das sessões

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Invencível! Invulnerável!
ARGOMAN SUPERDIABÓLICO
Technicolor — Techniscope
com Roger Brown e Dominique Boschero

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
ESTE É O MEU MUNDO
com Tomy Steely e Julio Foster

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
Às 15.00 e 21.30
2.ª SEMANA
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Steisand e Omar Sharif
QUINZENA CINEMA MODERNO
Hoje — Adultos — 18.30 h.
CONTRATO PARA MATAR, de Donald Siegel, com Lee Marvin, John Cassavetes, Angie Dickinson
Dia 9: «O Último Ano em Marienbad» (Adultos)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Em 3.ª SEMANA
CHITTY, CHITTY, BANG BANG
com Dick Van Dyke e Sally Ann Howes

SÃO LUIZ
(M. 17 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com Robert Wagner e Jill St John

ALVALADE
(M. 17 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Um filme empolgante
UM HOMEM EM LEILÃO
com Robert Wagner e Jill St John
Às 18.30 — WALT DISNEY (Crianças)

LIDO
Praça D João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30 h.
Dois grandes artistas, Gregory Peck e Eva Marie Saint, num filme sobre o Oeste americano
EMBOSCADA NA SOMBRA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
A NOIVA ESTAVA DE LUTO
ASSIM MORREM OS BRAVOS

IMPERIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
A maior produção cinematográfica do mundo!
3.ª SEMANA
AUSTERLITZ
1.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 mm — Moscolor
Realiz. de Sergei Bondarchuk segundo a obra de Leo Tolstoy
Horário das sessões:

Sessão	Filme
15.00	15.13
21.30	21.43

ESTÚDIO
(M 12 anos) Tel 48560
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor — Tchniscope
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson com Cliff Robertson e Claire Bloom

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
HOJE: 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
SENSACIONAL ÊXITO com MARLON BRANDO e ANJANETTE COMER
UM HOMEM SEM MEDO
Um filme de violência, paixão, ternura, amor e crueldade (Tecnicolor)

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
O GRANDE MESTRE DO CRIME
UMA AVENTURA EM JUNHO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23: «Quando ela se despiu» (17 anos)

CINEMAS
COLISEU — Às 21 e 15: «As garras do amor» (6 anos)
CINEARTE — Às 21: «O Perseguido» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Millie, a rapariga moderna» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «A irmã yé-yé» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O Homem Solitário» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Chuka» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Hércules, o Libertador» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «Pepe» (12 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Fado corrido» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «5 Destemidos para Singapura» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A Estrela» (12 anos)
ACADEMIA — Às 21 e 15: «Escorregar e cair» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Vingar primeiro amar depois» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Este é o meu mundo» (12 anos)
CASCAIS — S JOSÉ — Às 21 e 30: «Testa de ponte» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Forte barreira» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Quem dispara primeiro» (12 anos).

MARILUZ
no caminho do triunfo

MARILUZ

Tem 20 anos e estreou-se no Teatro Monumental, na revista «Lisboa é sempre Mulher». Mas Mariluz tem ambições. Estuda, lê, quer aprender e quer, muito naturalmente, triunfar.

Parece que a sorte lhe vai ser propícia, pois entrará, brevemente noutro espectáculo de revista e está indigitada para um filme do cineasta Francisco Saalfeld e para outro, de co-produção luso-espanhola, onde um papel de certo relevo lhe dará oportunidade de mostrar as suas possibilidades artísticas. O Teatro e o Cinema precisam de jovens com qualidades e com ambições: Mariluz é, parece-nos, uma delas.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
AVISO
A todos os nossos Clientes e Amigos que o Salão se encontra reservado para um banquete servindo-se os habituais jantares nas outras salas.

restaurante arameiro
(Restauradores)
Trav St Antão 21
LISBOA
RIA
AR CONDICIONADO
Aberto até às 3 horas

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 938181/2
QUELUZ — Tel 951611

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
Migas à Alentejana
QUARTA-FEIRA
Feijão c/ Entrecosto
Av Praia da Vitória, 50-E (Junto ao Monumental)
Tel. 536080

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO (POSTO SHELL) EM
AZEITÃO
ESTRADA - Lisboa - Setubal
Telef 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ E JANTAR

RESTAURANTE
antónio
ONDE FICA?

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23, 27, — Telef 585203
Salas no 1.º andar para banquetes e casamentos
ESPECIALIDADES DIARIAS

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telf 51232 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
PRESENTES OS ROCK'S com EDUARDO NASCIMENTO
Tels 50529 - 51501

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — TURNO E
ALCANTARA — Nogueira, R da Creche, 2 (63 635)
ALFAMA — Nacional, R de S. João da Praça 26 (863632)
ALVALADE — Cartaxo, Av da Igreja, 21-C (776358 ● Brasília, Av Rio de Janeiro 66-A (722368)
ANJOS — Matos, R Alvaro Coutinho, 0 (4047)
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (715370) ● João XXI, Av João XXI, 6-A (726462) ● Nova Lisboa, R Guilhermina Suggia, 2 (72772)
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R do Salitre 1 (46858)
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av 5 de Outubro, 47-A (763 07) ● Avenidas, Av da República, 27-A (533688) ● Império, Ld.ª, R Filipe Folque, 40-A e 40-B (48002) ● Ducal, Av Duque de Loulé 2 (48946) ● Palma, Av Duque de Ávila 25-3 (47088)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nunes R Ângelo Pinto, 32 (49756)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 4 (3 12 6)
BAIXA — Barral, R Augusta, 225 (36 534/5)
BELÉM — Remisio, R dos Jerónimos 4-C (63 699)
BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes, lote 2 (703393) ● Sousa, Est de Benfica 429-43 (780027)
CAMÕES — Modelar, L Dr António de Sousa Macedo, 1-A (678896) ● Veritas, R da Me- (678896) ● Veritas, R da Misericórdia 133 (324554-327563/4)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (688857) ● Ourique, Rua Freitas Gazul, 32-B (67 667)
CAMPOLIDE — Lab, Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A (682333) ● Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (à Rua das Amoreiras) (680627)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780 81)
ENTRECAMPOS — Galena, Aven. Oscar Monteiro Torres 38-A (774920)
ESTEFÂNIA — Estefânia — Rua Pascoal de Melo, 90 (44438)
ESTRELA — Janeiro, Av Álvares Cabral, 00 (661453)
GRAÇA — Monte, R Senhora do Monte, 30-A-B (867942) ● Rosa & Viegas, R de S Vicente, 3 (864351) ● St.º António, R Leite de Vasconcelos, 72-C (862333)
JANELAS VERDES — Carrasco, R Presidente Arriaga, 39 (667460)
LUMIAR — Alameda, A das Linhas de Torres, 201-B (790942) ● S. Tomé, Est do Desvio lote 2-C (790704)
MADRAGOA — S. Nunes Simões, Suc., R do Quelhas, (66 275)
OLIVAIS — Olivais, R Alves Gouveia 9 (3 237)
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (764 96-764629)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, Rua Padre Sena Freitas 0-A (842518)
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa 6-A — (728395-720703)
REGO — Universitária, R Alfredo Roque Gameiro 29-D (Bairro Santos) (778953)
S AMARO — Sepal, Calç ao Boa Hora, 94-A (63 958) ● Teles, R João de Barros, 2 (638249)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Salter R de Xabregas 63 (38 85) ● Oriental, R Lopes, 120 (84338)
MOSCAVIDE — Banha, A. Moscavide 22 (251858)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, -A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R Costa Pinto 86 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Macau, Rua 1 Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — S. João, Est Nacional 18 (261186).
ESTORIL — Costa, Av Saboia, 29-B (260085)
CASCAIS — Misericórdia, R Regimento 9 4 (280 41) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (935518) ● Carmelo, R Elias Garcia Lote 28 (Telef 9333031 ● Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) ● S. Jorge, R Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar Lote D (Tel 97 0 23).
QUELUZ — Correia, L do Mercado, 3 (950905) ● Zeller R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central R Elias Garcia, 55 (2940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est Mem Martins 285 (29 00 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Marrazes (Vila), Lg Rainha D Amélia, 20 (980 55)
COLARES — Colares, Azenha, (Tel 299088)).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes L Coronel Ramos da Costa (Tel. 234 37)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 3 (240201)
ALMADA — Cristo Rei, Av Cristo Rei, 31-A (273498)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional (24302)
BARREIRO — Soares, R. da República, (2273023)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P 5 de Outubro 62 (270121)
MOITA — Silva Rocha R. da República, 6 (239025)
MONTIJO — Giraldes — R Almirante Reis, 45 (Te 230008).
SESIMBRA — Lopes, Cândido dos Reis 67 (2290.8)
SETUBAL — Oliveira L. da Misericórdia (22160 ● Brasil, P. do Brasil (24788)
SEIXAL — Godinho Av. Grela 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla dom. e feriados 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524

POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Pública, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos de-ferro (C. P.), 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço) 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha, 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Ganhou 2659 contos no Totobola de ontem

um soldado da Cova da Piedade

Mais um milionário, mercê do Totobola. Milionário não, bimilionário. Efectivamente, a semana passada houve apenas um totalista, que obteve, assim, um chorudo prémio: 2 659 910$00.

Chama-se José Gomes Brito, tem 23 anos e reside na Rua das Ilhas Maldivas, 12, na Cova da Piedade, mas presentemente encontra-se na vida militar.

O feliz soldado preencheu, apenas, quatro colunas, gastando sòmente seis escudos. Sendo o único a acertar nos treze resultados, o seu boletim transformou-se, como por artes de varinha mágica, num cheque maravilhoso: uma apreciável fortuna!

Em doze resultados acertaram 75 concorrentes, dos quais 67 são da Metrópole, 4 de Angola e 4 de Moçambique.

Cada «doze» dá direito a 35 465$40.

Marcello Caetano fala amanhã ao País

Amanhã, ás 22 horas, o sr. Presidente do Conselho terá, através dos microfones da Emissora Nacional e perante as câmaras da Radiotelevisão, a sua terceira «conversa em família» com o País.

Presidente Salazar

O Chefe do Estado acompanhado de sua filha, D. Maria Natália, visitou ontem o Presidente Salazar, na sua residência em S. Bento.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o vento era fraco de vários rumos e o céu estava muito nublado por influência de uma depressão centrada a sudoeste do Porto e que tem provocado grande instabilidade.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade e Estoril, 16°,5; mínima: Penhas do Sourão, —1°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS HORAS — Coimbra 7°; Faro, 13°; Funchal, 16°; Lisboa, 14°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 6°; Porto, 10°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°,2; na água do mar, 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco predominando do noroeste. Aguaceiros e trovoadas mais frequentes nas regiões do Centro e do Norte.

Amanhã
Nascer ás 7 e 11
Ocaso ás 20 e 6

Dia 9	Dia 16	Dia 24	Dia 2

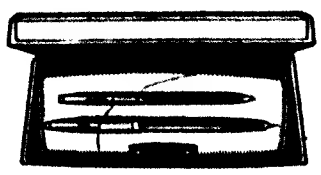
MARES:

PRAIA-MAR. Dia 7 — 7 e 10 (3,7 m); 19 e 30 (3,7 m). Dia 8 — 8 e 08 (3,4 m), 20 e 36 (3,5 m). Dia 9 — 9 e 22 (3,2 m), 21 e 52 (3,3 m). BAIXA-MAR: Dia 7 — 0 e 36 (1,0 m), 12 e 56 (1,2 m). Dia 8 — 1 e 40 (1,3 m), 13 e 50 (1,5 m). Dia 9 — As 2 e 32 (1,5 m), 14 e 58 (1,8 m).

Um presente inesquecível

Só a Sheaffer poderia fabricar uma caneta de tão superior qualidade. O aparo em ouro de 14 quilates é embutido a fim de aumentar a sua beleza e resistência. A tampa hermèticamente fechada conserva o aparo molhado, pronto a escrever imediatamente. O clip, munido de uma mola interior, evita que a caneta se perca, pois ajusta-se com firmeza a qualquer tecido. À primeira vez que fizer a sua assinatura com uma caneta Sheaffer, ficará convencido da sua inigualável superioridade.

SHEAFFER



AGENTES EXCLUSIVOS
AZEVEDO & DUARTE, LDA.
RUA DO CRUCIFIXO, 76-1.º — LISBOA-2
DEPOSITÁRIO NO PORTO: ÉLIO AMORIM

PARA O SEU CABELO

Os Institutos Científicos Capilares «SAINT-ANTOINE» DE PARIS, especializados no cuidado e conservação do cabelo, comunicam que em Lisboa se situam na Avenida da República, 2, 7.º andar (junto ao Saldanha) com o telefone 56-02 72 encontrando-se aberto ao público, todos os dias úteis das 10.30 ás 12.30 e das 15 ás 19.30 horas.

Em 30 minutos de exame sem nenhum compromisso, diremos se o nosso método pode ser eficaz no seu caso.

Para consulta sobre os métodos a seguir podem os interessados apresentar-se nas horas acima mencionadas ou marcar por telefone.

Os Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, estão montados de forma para que as senhoras e os senhores clientes não percam tempo.

Para os clientes de fora de Lisboa podem preparar-se aplicações a fim de serem aplicadas nas suas casas.

Cientificamente os tratamentos dos Institutos SAINT-ANTOINE, DE PARIS, são os mais avançados para resolver o problema do cabelo no ramo da COSMETOLOGIA.

Em Portugal:
LISBOA — Av.ª da República, 2-7 — Tel. 56 02 72

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 819, 5.º - Esq.º — Tel. 3 68 10.

Em Espanha:
MADRID — BARCELONA — SARAGOÇA
MEME METODE A
NEW YORK — LONDON — PARIS — BRUXELAS e MILAN

Congresso chinês

(Continuação da 1.ª página)

Assim, o primeiro documento intitula-se «o povo revolucionário da Ásia vota um amor sem limites ao presidente Mao, estuda e aplica conscenciosamente o seu pensamento».

O PRINCIPIO DA VIOLÊNCIA

O segundo documento tem o título: «O povo árabe vota um amor caloroso ao pensamento de Mao». E, por fim, o da África diz «O povo africano ama ardentemente o presidente Mao».

O continente asiático é «um dos pontos de partida da revolução mundial» e o Médio Oriente «um dos pontos chave da luta internacional». Mas no que se refere ao povo africano, apenas está empenhado em «lutas prolongadas, difíceis e torturosas».

O documento elogia particularmente a luta armada travada pelos partidos comunistas da Birmânia, da Tailândia, da Indonésia, da Malásia e de «mais alguns países». Em cada um destes países a luta é travada á luz do pensamento de Mao.

Na Índia, os revolucionários «acabam de entrar no caminho da luta armada».

Mesmo no Japão «é necessário instaurar o princípio da revolução pela violência».

Pense em Montreal:

BELARTE

IBERIA
Linhas Aéreas Internacionais de Espanha

Pense em Iberia:
Onde só o avião recebe mais atenções que V.

Consulte o seu agente de viagens ou:
IBERIA - Avenida da Liberdade, 107
Informações e bilhetes, telef. 562018
Reservas, telef. 539571

EDITORIAL MINERVA
MANUEL RODRIGUES, SUCRS., Lda.
Fundada em 1927 por MANUEL RODRIGUES
31, Rua Luz Soriano, 41 33 e 35 1.º — Telef. 32 25 35
COLECÇÕES:
MINERVA (Amarela Gigante), MINERVA (Série Espionagem), BIBLIOTECA POPULAR MINERVA (bolso), AUTORES DO NOSSO TEMPO, MINERVA (livros de capa amarela), MINERVA (livros de capa branca), BIBLIOTECA PARA TODOS, TERRA-MAR, COLECÇÃO XXI (livros policiais de bolso), LIVROS VARIOS — DICIONÁRIOS, AUTORES PORTUGUESES, LIVROS PARA CRIANÇAS e ADOLESCENTES, CATAVENTO MINERVA (bolso)
Peça o nosso catálogo, que o enviaremos imediatamente pelo correio
OFICINAS GRÁFICAS:
Rua da Alegria, 80 — Telefone 3 47 20 LISBOA-2

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

Cova da Moura
SNACK-RESTAURANTE
SAÚDA O «DIÁRIO DE LISBOA» PELO SEU 48.º ANIVERSÁRIO
Av. Infante Santo, 13
Tel. 67 92 07
Aberto até às 2 h. — Parque próprio (o «groom» indica...)

VINHO DO PORTO
BARROS

A QUALIDADE À SUA MESA

Diario de la Universidad

7 DE ABRIL DE 1969

Sumário:

Pág

Obrigado João Gutenberg
por Lopes do Souto 2

Turismo (em Marrocos) escreve-se com «t» grande
por Vítor Direito 4

Cecília Caldeira e a danação de viver
por Urbano Tavares Rodrigues 5

Passeio à infância
por Maria Judite de Carvalho 7

Ter muitas mulheres nem sempre é bom
por Silva Costa 8

A revolução em que vivemos
por Nuno Vieira 10

A estratégia do «requiem»
por José Cardoso Pires 12

O elogio da polémica
por Alberto Ferreira 12

A televisão e o nosso tempo: segundo canal — para quê?
por Mário Castrim 13

Reabilitações
por João Medina 14

Toiros, toiros
por «El Terrible Perez» 14

O primeiro jornalista condenado pela «nova» lei de Imprensa de 1926
por Fólix Correia 16

Cultura popular — Obra gigantesca que urge realizar
por João Gomes 17

Quem tem medo dos neologismos?
por Afonso Praça 18

Eu não sou cego!
por César dos Santos 19

O julgamento do desporto
por Mário Zambujal 19

Alguns desenhos da vida
por Pedro Alvim 19

Um presente para Dona Janaina
por Joaquim Letria 20

Aranjuez, meu amor
por Fernando Assis Pacheco 22

A entrevista que nunca fiz
por Sebastião Rego 23

O Rio dos Mortos
por Renato Boaventura 24

No Vale Escuro havia uma «casa» com bonecos
por Silva Pinto 25

«Dossier monstro» — Uma reportagem fantástica
por Joaquim Benite 26

Minha crudelíssima Lisboa
por Torquato da Luz 27

Assembleia Nacional — A velha fechou à espera da nova...
por Manuel de Azevedo 28

Nicola: uma vida a galope
por Neves de Sousa 35

Posso dizer o meu nome?
por José Carlos de Vasconcelos 39

A conquista do espaço
por Amadeu Lopes Sabino 43

Miguel Angel Astúrias: «Sirvo o meu país como diplomata quando ele tem Governos cultos»
por Oliveira Pinto 45

48º ANIVERSÁRIO

Obrigado João Gutenberg

por Lopes do Souto

O «GRANDE CULPADO» foi, sem dúvida, Gutenberg. Teve a «infeliz» ideia de pôr em acção (discute-se se inventou) uma arma perigosa, de manejo fácil, acessível, colocando-a ao alcance de qualquer mortal.

Principiou timidamente, às escondidas, sem causar pânico nem preocupações. Era uma tentativa inofensiva em que entravam em jogo uns simples caracteres móveis cuja reprodução, por um processo incipiente, só devia causar apreensões aos mestres da xilografia e à especializada classe dos calígrafos: nascia uma concorrência ameaçadora para actividades de rendimento certo.

DESCOBERTA

O tempo, entretanto, correu sem grandes pressas para o revolucionário e prático sistema de impressão que dentro dos modestos recursos da técnica progrediu, aperfeiçoou-se, vencendo inúmeras limitações até obter os meios indispensáveis para as rápidas e espectaculares inovações que na nossa época assumem aspectos verdadeiramente surpreendentes.

Bem cedo, porém, se revelaram a utilidade e as extraordinárias possibilidades do novo invento. Abriam-se amplas perspectivas a todos os sectores em que o homem exercia a sua acção: passava a ser muito mais fácil trocar ideias, comunicar, estabelecer relações, levar o pensamento a longínquas paragens, fazendo-se entender por milhões de indivíduos.

ERA PRECISO imortalizar Gutenberg. Oferecera à Humanidade uma descoberta maravilhosa sem jamais certamente se aperceber das consequências, das profundas e vastas transformações que a sua aplicação prática viria a provocar por toda a parte onde o homem abandonou as trevas do obscurantismo para iniciar a sua longa, e por vezes penosa, caminhada nas sociedades civilizadas.

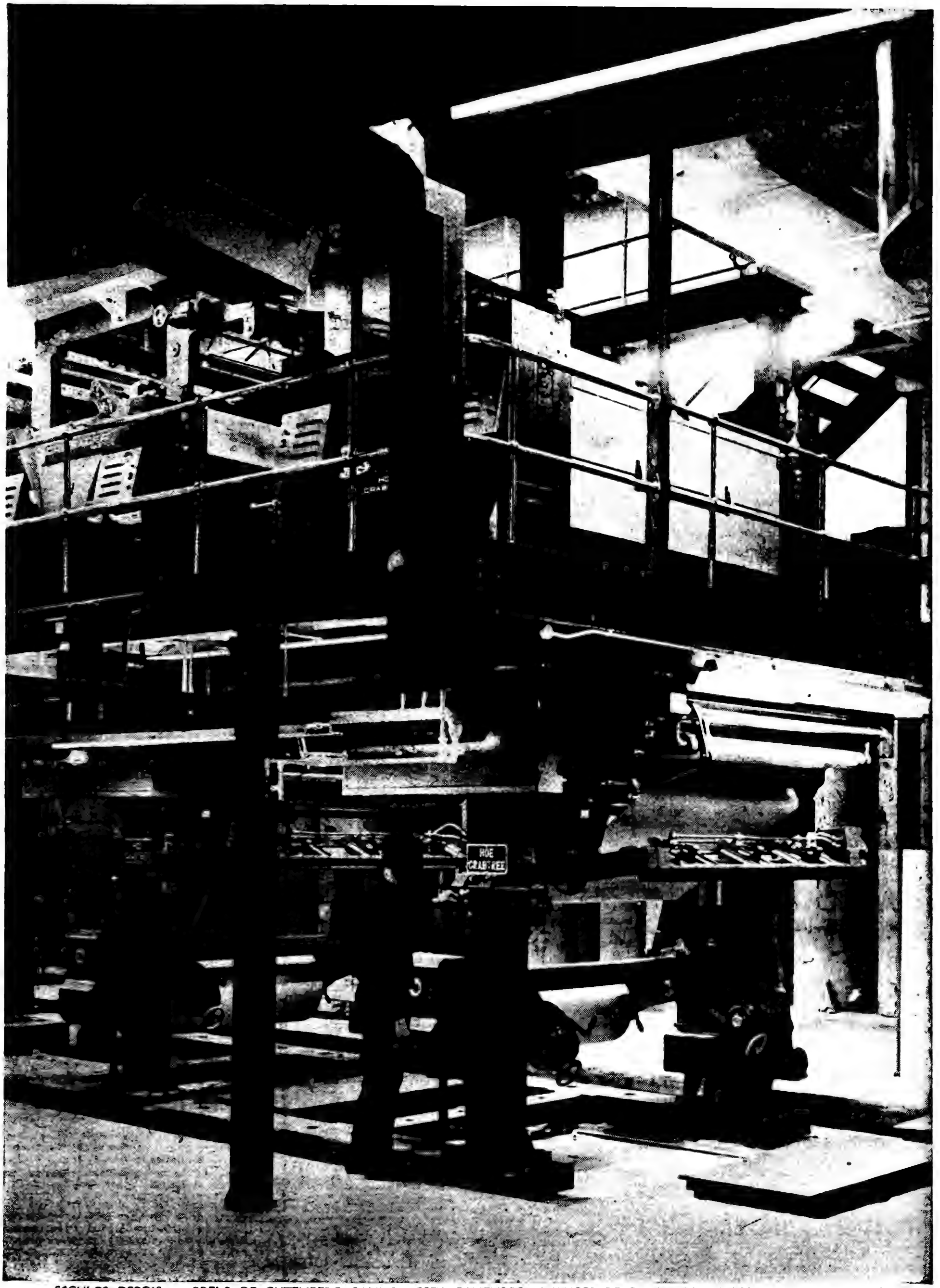
CULPADO

ONDE ESTA, então, a culpa de Gutenberg? Apenas em ter criado uma máquina capaz de reproduzir a verdade e a mentira, de exaltar a mediocridade, de subverter os valores, de poder ser utilizada para defender interesses ilegítimos, de dar expressão convincente às palavras torpes e ignominiosas, de lançar a confusão nos espíritos até gerar uma nefasta desorientação, enfim de prestar inestimáveis serviços aos poderosos quando estes pretendem calar a voz dos humildes, esmagados sob o peso da arbitrariedade e da prepotência.
Esta a lamentável fraqueza, o aspecto vulnerável da prodigiosa criação de Gutenberg.

POR OUTRO LADO, temos de reconhecer que enquanto muitos de nós deploramos mas compreendemos graves inconvenientes dos resultados da aplicação para determinados fins do instrumento de trabalho concebidos pelo génio desse irrequieto alemão de Mogúncia, outros não lhe perdoam a sua versatilidade, as suas excepcionais possibilidades como meio de divulgação e a sua capacidade de reproduzir fielmente o comportamento, os actos, as atitudes dos indivíduos a todos os níveis e as manifestações bizarras e reprováveis de determinados grupos ou facções.

PERSEGUIÇÃO

ESTAVA, PORÉM, escrito, ou melhor, viria mais tarde a escrever-se em caracteres romanos que nem tudo foram rosas na vida agitada de Gutenberg. Também ele, oriundo de uma família burguesa, viria a ser perseguido pelos seus ideais, obrigado a deixar Mogúncia para prosseguir em Estrasburgo com a maravilhosa aventura do seu frágil e tosco prelo. À incompreensão, às dificuldades, opôs a força inultrapassável da sua imaginação criadora e a legítima ambição de conseguir realizar um sonho que não era apenas seu. Nisto residiu o seu triunfo, o êxito de um homem que pretendeu, acima de tudo, servir sempre os outros homens. **Gutenberg: o «grande culpado». Legou-nos o ideal das pequenas satisfações íntimas e a máquina, o processo mecânico e eficiente para reproduzir em todas as línguas o pensamento, os ensaios e as desventuras da gente modesta e simples que às vezes tem uma palavra a dizer: existo. Obrigado, João Gutenberg.**



SÉCULOS DEPOIS, O PRELO DE GUTENBERG GANHOU ESTA DIMENSÃO: MILHÕES DE PALAVRAS IMPRESSAS NUM SEGUNDO

Turismo (em Marrocos) escreve-se com «T» grande

por Vítor Direito

CONSTRUÍDA sobre uma arriba sobranceira ao mar, implantada no meio de vale tranquilo e luxuriante, ou anichada na encosta de alterosa montanha, a mais bela das casas será inabitável se ninguém cuidar convenientemente da sua decoração interior e não se preocupar em mobilá-la confortàvelmente. A situação não basta. A beleza do ambiente natural que a rodeia terá o homem de somar uns quantos pormenores artificiais. Caso contrário, a casa ficará *morta* e o seu poder de atracção lògicamente diminuído. E o que acontece com as casas é, também, válido para os países.

Imagine o leitor um recanto paradisíaco, na latitude do Globo que melhor se case com os seus gostos. Mas imagine-o sem hotéis, sem comunicações fáceis, sem mil e uma coisas que os hábitos diários tornaram indispensáveis. Seria este o local que escolheria para passar as suas férias? Em caso afirmativo, iria até lá mais do que um ano? Sua mulher resistiria à ausência de um bom cabeleireiro? Seu filho dispensaria a existência de uma «boîte»? Sua filha estaria disposta a privar-se da leitura dos seus magazines semanais? Mesmo que alguém fosse capaz de resistir a estas e outras ausências similares, quantos o fariam? O tal paraíso terrestre seria, pois, turisticamente, um valor nulo. Era aqui que queríamos chegar, para cada um tirar, de quanto adiante se disser, a lição mais apropriada.

OS DADOS DO PROBLEMA

Quando desembarcámos em Ceuta, de bordo do paquete «Angola», durante um cruzeiro organizado a preceito pela Companhia Nacional de Navegação (já que se trata de turismo, impõe-se enaltecer a iniciativa) estávamos cépticos quanto às possibilidades de Marrocos como centro de atracção para o viajante apressado dos nossos dias. O cepticismo foi desaparecendo à medida que rolávamos em cómodos «autopullmans» por magníficas estradas asfaltadas a caminho de Tanger.

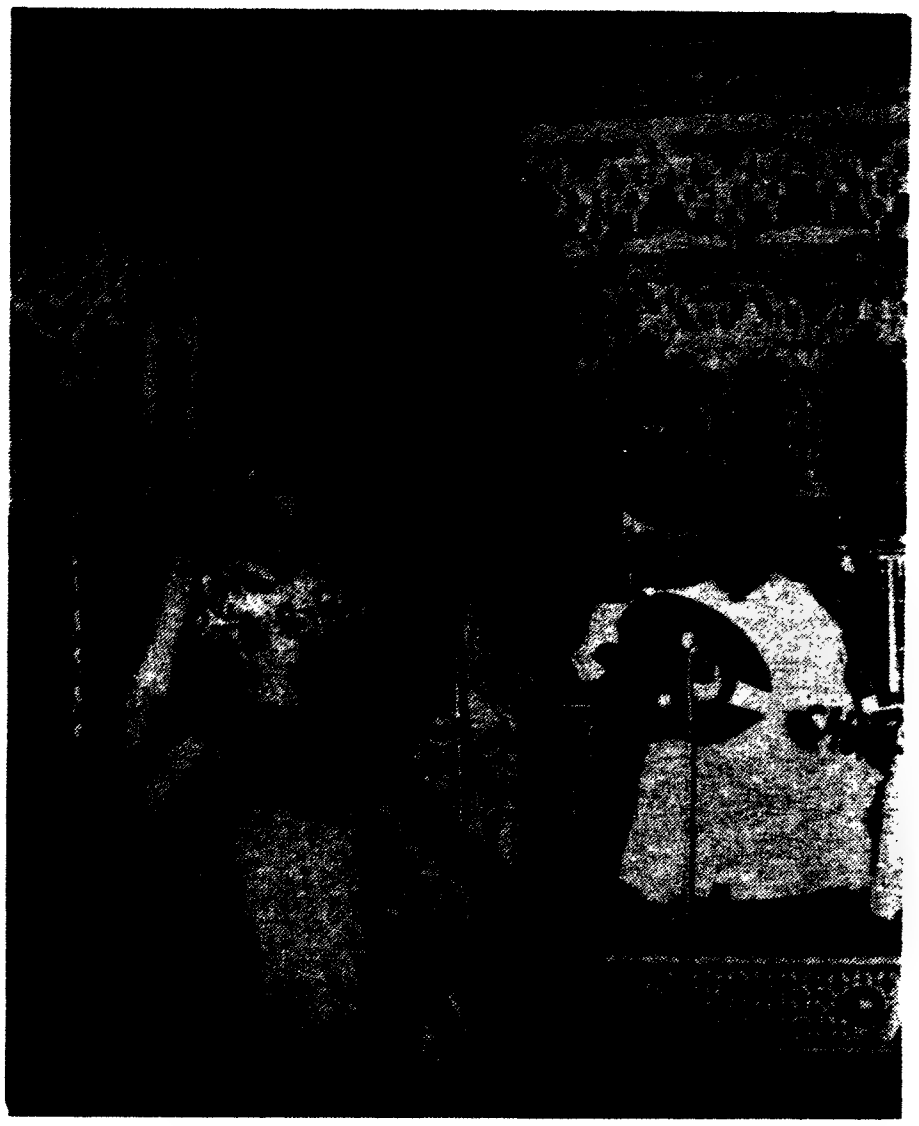
Marrocos dispõe, hoje em dia, da melhor rede rodoviária de toda a Africa: nada menos de 8000 quilómetros de estradas principais, 6000 de estradas secundárias e, ainda, de 10 250 de vias menos importantes. Ao longo das estradas são frequentes os postos de gasolina, onde o turista pode abastecer-se a preços reduzidos, graças à emissão de bónus especiais, e abundam as estações de serviço, equipadas com acessórios de quase todas as marcas europeias de automóveis).

Entregues ao prazer indecifrável de perscrutar a paisagem vamo-nos dando conta da beleza exótica deste pequeno território africano.

(Marrocos tem 447 000 quilómetros quadrados de superfície, limitados pelo Mediterrâneo, pelo Atlântico, pelo Sara e pela Argélia).

Velozmente, passa por nós um sem-número de excitantes contrastes, nas terras, nas casas e nas gentes.

(Marrocos conta com dez milhões de habitantes, de origem berbere, árabe, moura, judaica, negra e europeia).



No ambiente exótico dos pátios árabes, a dança do ventre é prato forte de atracção dos turistas

O marroquino já se habituou à invasão. Em pleno «kasbah» de Tanger, o turista pode fotografar tranquilamente os seus companheiros de viagem enquadrados por elementos vivos da paisagem local

A SOLUÇÃO ADEQUADA

Pois é neste pedaço de solo africano, com esta heterogénea população, que está a consolidar-se um dos mais importantes centros turísticos do Mundo. Para tanto, os marroquinos puseram de parte a ideia de que lhes bastava ser um canteiro florido à beira-mar plantado, beneficiando de um clima privilegiado. Traçaram um plano: ergueram hoteis, possuindo actualmente mais de três centenas das mais diversas categorias; romperam estradas, graças às quais puderam elaborar nada menos de duas duzias de itinerários turísticos para excursões préviamente organizadas; desenvolveram os centros de prática desportiva, nomeadamente nas zonas de caça, de pesca (á linha e submarina), de «ski» e de alpinismo; estabeleceram um longo calendário anual de manifestações folclóricas, com pelo menos duas dezenas de manifestações de grande nível; ergueram por todo o lado «bungalows» e edifícios de apartamentos que alugam aos turistas por preços módicos; abriram quase três duzias de bem equipados parques de campismo; dotaram cidades e vilas, praias e campos dos requisitos indispensáveis para dar bom viver ao turista («boîtes» e «dancings», museus, casas de espectáculos, mercados, esplanadas, locandas de artesanato...); e, a tudo isto, deram o sábio toque de origem, com tisnados árabes a beber pachorrentamente copos infindáveis de chá de hortelã ou cobras enfastiadas a erguerem-se de cestos emporcalhados ao mando da flauta do domador. Mais, como não podia deixar de ser: criaram um departamento oficial de turismo que está bem representado em quase todos os países da Europa e nos Estados Unidos; editaram uma ampla e artística colecção de «depliants» em seis línguas; publicam mensalmente uma excelente revista; e não desdenham gastar somas avultadas na inserção de anuncios regulares nos jornais e revistas europeias de maior expansão. Não há duvida: em Marrocos, turismo escreve-se com «t» grande.

ONDE QUERIAMOS CHEGAR

Esta enfadonha lista dos principais pontos de acção do desenvolvimento turístico marroquino teve, como o leitor compreenderá, uma intenção. Enumerando quanto pode fazer-se, conclui-se mais fácilmente o que não há. Percebem onde quero chegar e a quem pode aproveitar a lição? Espero que sim, principalmente da parte dos que estejam já habituados a ler nas entrelinhas do «DE VEZ EM QUANDO» deste que hoje amplia as iniciais V. D. para assinar por extenso.

Humildade astuciosa

NO FINAL de qualquer excursão todos os guias oficiais marroquinos fazem um pequeno «speech» mais ou menos nestes termos:

«Marrocos é um país que desperta agora para o turismo e precisa dele fundamentalmente. Estamos a fazer todo o possível para receber principescamente quantos nos visitam. Mas, por enquanto, temos de pedir-vos desculpa por todas as falhas que perturbem a vossa estadia entre nós. Mais do que isso, pedimos encarecidamente que cada um de vós, ao regressar a suas casas, seja uma espécie de embaixador de boa vontade ao serviço do turismo marroquino.»

Que bela lição de humildade astuciosa.

SENA SUGAR ESTATES, LTD.
PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR
NA ZAMBÉZIA,
PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE
DELEGAÇÃO: AV. DA ÍNDIA, 8
LISBOA

A. P. TEIXEIRA, LIMITADA
JOALHARIA — OURIVESARIA — RELOJOARIA
Rua Barros Queirós, 68 (Antiga Trav. de S. Domingos)
LISBOA — Telef. 86 11 34

Cecília Caldeira e a danação de viver

por Urbano Tavares Rodrigues

NA CIDADE das pontes e dos viadutos, na cidade dos mil estilos amalgamados, onde o trabalho de molde americano espreme as pessoas, precisamente no centro dos belos arranha-céus, dos escritórios cheios de *executives*, de bocas cancerosas, de *general managements*, de cafézinho brasileiro de meia em meia hora, de *english spoken* e de ciências «contábeis» (económicas), de fadas em mini-saia, aí mora a minha constante saudade. Na Rua Augusta, no Estadão, em Brooklin sobretudo, nas encruzilhadas das flores onde meu sobrinho Sérgio, sentado na relva, passeia os dedos cor-de-rosa, junto do cachorro que lhos mordeu: ao pé dos pássaros que foram roubados, do aquário cujo ruído me entrava pelo sono.

«São Paulo, emoção da minha vida», dizia o Mário de Andrade. Eu direi apenas, a esta hora em que a tarde se contrai e em que os dentes da amargura, ou do desencanto, me raspam essa matéria a que se chama alma: «Boa noite, cidade dos meus amigos, boa noite Miguel, meu irmão que resumes a lucidez e a fraternidade, sim, a claridade da razão e os espíritos ensanguentados, a ideia e o drama, a vontade e o mundo.»

E agora com alguns de entre vós irei conversar. Primeiramente contigo, Cecília Caldeira, para te dizer enfim o que penso da tua «Corrente de um elo só», que é um livro terrível e ardente, patético na sua dureza poética e cujas cifras apontam sempre ao fogo da verdade. Sim, o teu conto é sempre um tiro: esse tiro mortal que reveste a forma de angústia e do desencontro — não fosses tu parente da Lygia — ou a tal natureza mansa e suave da solidão, do desamor e do beijo.

Quem ler «O Companheiro da Noite de Natal», que é talvez, apesar do sadismo comovedor, em sua ferocidade inconsciente, de «O Jogo Cruel dos Anjos», ainda mais cruel do que o relato do trémulo pavor de Beatriz, há-de dar-se conta, com certeza, de que, para além da contingência excepcional que rasga até ao osso, o horror é a solidão no hábito e essa perfumada, metódica «compreensão», desinteressada das raízes. É óbvio, Cecília, que o teu enterro da boneca dói, à desprevenida leitura (porque quase sempre esse tipo de alegoria fere e desvela mais que a narração verídica), mais do que tantos e tantos testemunhos de campos de concentração. O universal abismo do mal que não se reconhece. Do mal inocente. Mas a ironia da «Noite Feliz», tão ácida, pingando frustração e asco a uma universal conformação com as rotinas, com as diminuições da vida, sua mais sangue: é um furor represo. «Augusto tirou os óculos e fechou o livro. Por cumprimento as formalidades chegava a hora de mover-se. Devagar foi à vitrola e interrompeu Bach. Teria agora que ser tocada a *Noite Feliz*. Laís levantou-se também, seguindo o mesmo compasso do marido. Continuava o domínio da visita cerimoniosa. Poucas palavras, abraços leves e a abertura do pacote enfeitado, que tinha dentro o xale branco e já com o perfume de Augusto. Eu tinha a certeza que você não me surpreenderia. Sabe, Augusto, eu tive um amante. Não, não tenha medo, eu não vou-lhe dizer. O nome dele é meu, como o cartão é seu; ele não caberia aqui. Seria horrível».

Mas não é exacto. Nem Laís teve jamais um amante (sequer Augusto, seu marido, ela escolheu: ponderou), não ousou (provàvelmente assimilava por osmose o controle de Augusto, «o breque nas quatro rodas»), nem ousa agora lançar-lhe em desafio essa mentira verdadeira. Apenas deixa cair propositadamente a taça e, incapaz de desperdiçar o cartão, suja-o.

E em «A Última Prenda», Cecília, que chegas a meter-me medo. O tiro sem sangue, não é? Como pudeste imaginar essa agonia atroz de uma criatura já tornada quase em bicho — a cavidade bucal, charco onde se forma o sapo da morte — e a premência de sobreviver que expulsa todo o resquício de piedade desse quarto onde só importa à mulher achar a última prenda, a aliança para vender? «Onde você escondeu a sua aliança? Onde? Onde, seu... seu sapo?» — O buraco continuava pregueado e mudo, apenas inflando e desinflando com o vento húmido que entrava e saía do moribundo. O resto do corpo imóvel como uma pedra. Como a aliança escondida».

George Bataille, em *La litterature et le Mal* assegura-nos que o moralizador condena fundamentalmente a energia que lhe falta e adverte que a humanidade só se tornou viável, isto é, capaz de viver em sociedade denunciando o excesso de energia que a perturba. Os carentes dessa energia teriam imposto a sua lei (reconduzido à razão) os que a possuíam em excesso.

Cecília, já reparaste que é esse um dos sentidos últimos do mais belo e mais secreto dos teus contos, «Um colar para tia Berta.» É esse o sentido das loucas cavalgadas de Dimas e de sua mãe que saíra da trilha, que partia pelos campos fora grudada num cavalo, montada em pêlo.

De Pedro Maria, filho tão irregular de Dona Doroteia, perdido no conventilho do amor profissional, poderíamos dizer em Francis Ponge, numa ironia aberta: «*Celui qui est lui même n'est un passe-partout*».

Em «O Encontro» terás condescendido, Cecília, com a técnica do final bem achado, à Tchecov, à Maupassant? Não, não creio. O Gorki tinha razão quando observava que Guy de Maupassant, habilidoso contador de histórias, nada tinha para dizer, funcionava como um espelho. Ora essa dor de envelhecer da Tamar que inventaste e cósmica, como a sua ansiedade do encontro: é isso que vale no teu conto. «Era aquele o dia, estava marcado. Nada poderia mudar o que estava escrito. Esquecer o céu encoberto, o tiquetaque, o rosto vazio no espelho. A solidão do quarto, tudo. Era chegada a hora, a ressurreição dos mortos».

Cecília amiga, prometi-te uma opinião crítica sobre o teu livro. Será que consegui dar-ta neste morse de amizade lúcida com que te li e tento escrever-te? Fiz o que pude.

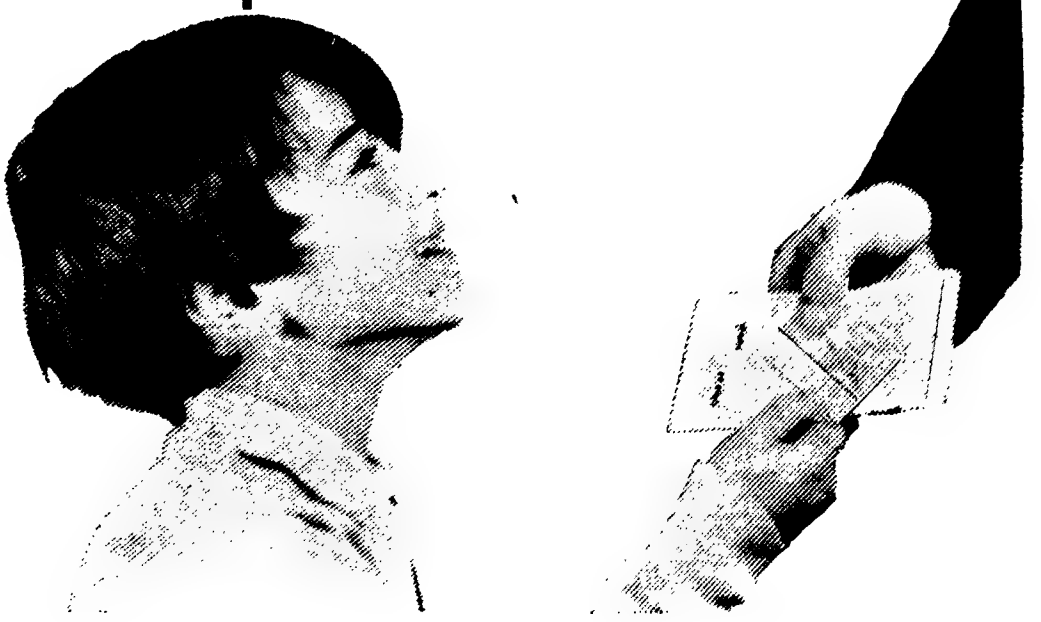
Dize à Lygia Fagundes Telles que aqui por Portugal surgiu um livro fora de série: «De Noite as árvores são negras», de Maria Isabel Barreno. Esquecí-me de lhe falar nele em São Paulo. E que à beira das estradas aparecem aquelas extensões roxas com as flores a que ela queria bem quando cá veio. Sobretudo no Alentejo, porque é lá, para mim, que as flores são mesmo flores e que a terra é terra deitada debaixo do céu no imenso silêncio da desolação azul.

E, a despedir-me, Cecília, de tl e de São Paulo, passo-te para o dedo um anel de fraternidade, de que metal não sei. Mas porque não há de haver também anéis dessa espécie?

nas datas mais festivas
a amizade é também responsabilidade

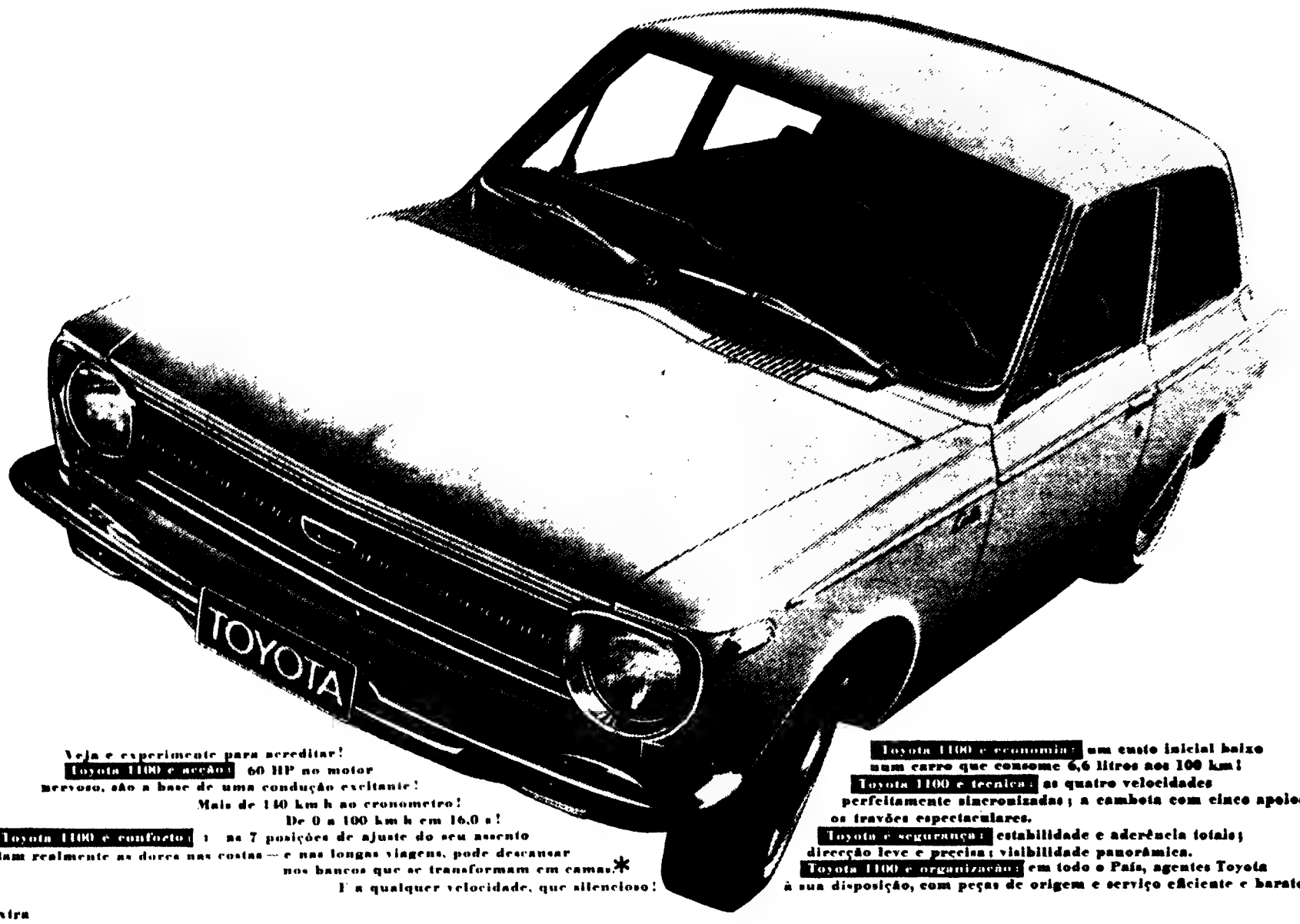
Ofereça ao seu filho,
neto, sobrinho, afilhado, familiar
ou jovem amigo
Uma lembrança que perdure e frutifique:

UMA CONTA NO
BANCO BJ JUVENIL



BANCO PORTUGUES DO ATLANTICO

um compacto luxuoso e excitante



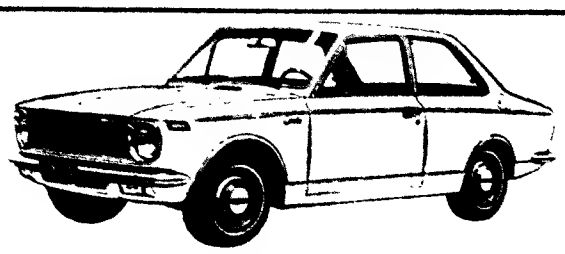
Veja e experimente para acreditar!
Toyota 1100 e acção: 60 HP no motor nervoso, são a base de uma condução excitante!
Mais de 140 km/h ao cronometro!
De 0 a 100 km/h em 16,0 s!
Toyota 1100 e conforto: as 7 posições de ajuste do seu assento evitam realmente as dores nas costas — e nas longas viagens, pode descansar nos bancos que se transformam em camas.*
E a qualquer velocidade, que silencioso!

Toyota 1100 e economia: um custo inicial baixo num carro que consome 6,6 litros aos 100 km!
Toyota 1100 e tecnica: as quatro velocidades perfeitamente sincronizadas; a cambota com cinco apoios; os travões espectaculares.
Toyota e segurança: estabilidade e aderência totais; direcção leve e precisa; visibilidade panorâmica.
Toyota 1100 e organização: em todo o País, agentes Toyota à sua disposição, com peças de origem e serviço eficiente e barato.

*-extra

TOYOTA

COROLLA 1100



TOYOTA vem para ficar!

Distribuidores exclusivos — SALVADOR CAETANO SARL

Passeio à infância

Um texto de Maria Judite de Carvalho

NÃO ERA ASSIM tão grande a vila, nem ele tão velho. Do que necessitava era de um ponto de referência.

Saiu do hotel, contornou-o, deu consigo naquela rua comprida e serpenteada que muda de nome nos troços mais apertados, se chama Praça nos mais amplos, e corta a vila em duas partes desiguais: a mais estreita desce até ao antigo porto de pesca, agora porto de abrigo de «cris-crafts» e «out-boards» (isso, porém, ignorava-o o homem), a outra prolonga-se pelas colinas próximas, salpicando aqui e além de casas brancas os terrenos baldios e mais longe os campos cultivados.

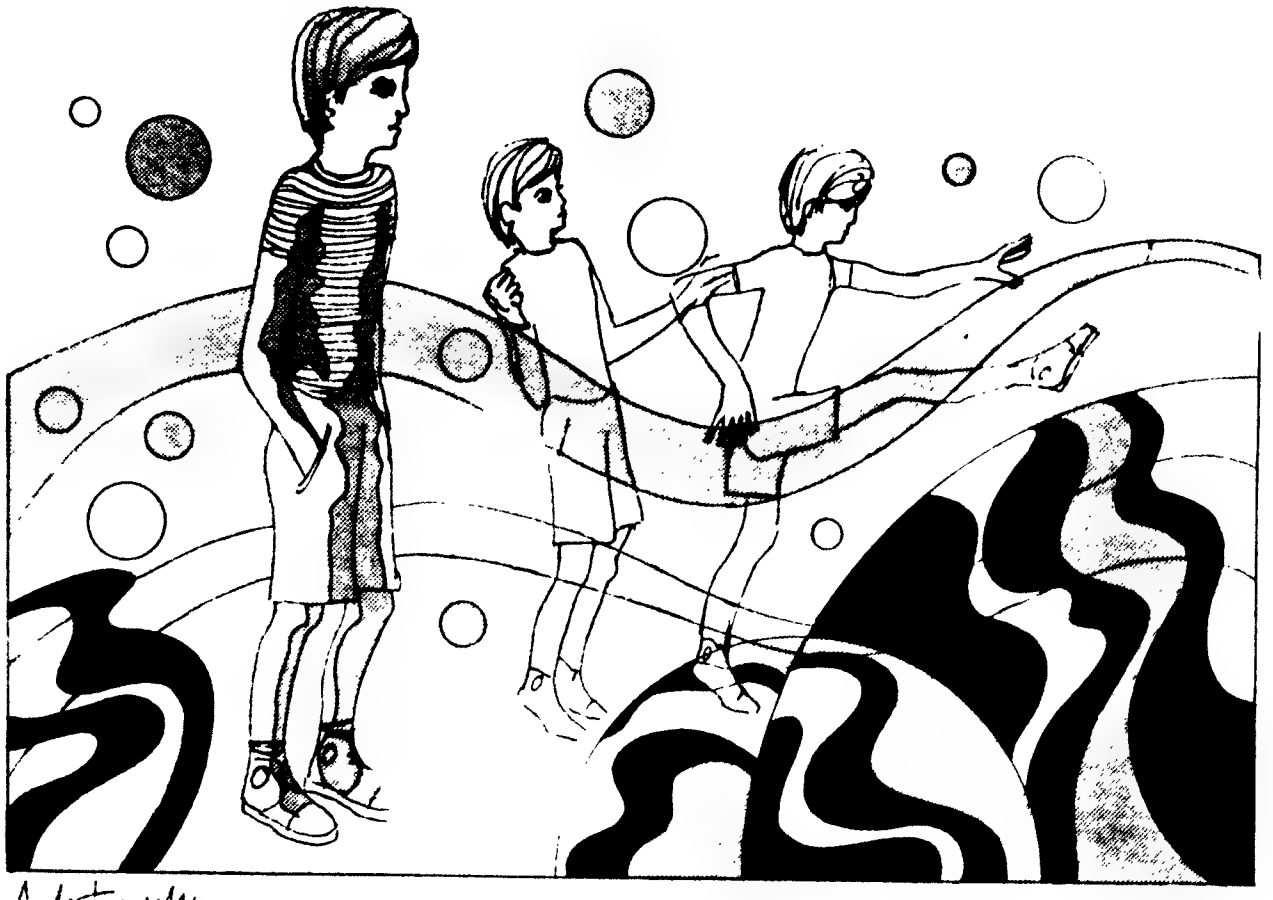
Optou pela direita e pôs-se a caminhar lentamente, como se não tivesse, por uma vez, horas nem problemas, deixando-se flutuar, como dantes, nas águas serenas daquele manso mar domesticado e inodoro.

Junto á biqueira do sapato surgiu-lhe a certa altura uma cápsula de garrafa. Isso agitou uma qualquer superfície calma de súbito surgiu dela uma imagem extremamente fluída de início, mas que se foi definindo até ser a imagem de um menino pequeno, de mãos enterradas nos bolsos de calções sempre grandes (quando começavam a ficar-lhe bem estavam rotos), a dar um pontapé numa cápsula e a gritar em silêncio mas com todas as suas forças: golo! O menino caminhava pela rua fora, por aquela rua fora, de tronco nu porque estava muito calor, talvez fosse Julho ou Agosto

Assobiava depois uma canção qualquer, em voga nesse tempo. Uma canção inglesa ou americana. O Ginho tinha o disco Tinha alguns discos e um gramafone de manivela. Dava-se corda e tocava era engraçado Depois no fim, quando a corda faltava, era mais engraçado ainda.

O homem deteve-se um instante a pensar na canção que o tempo derretera embora não completamente (uma canção em que se falava de «ferry-boats», de namorados e de concertinas). Depois pensou no calor Parecia-lhe que dantes ele era mais importante, melhor, mais actuante. Mas talvez fosse por se ter habituado ao calor ou por outras razões, que ele já não era tão importante para si. Era, de facto, uma coisa grande, quase absorvente, o calor desse tempo. A mãe lamentava-se, com aquela sua voz plangente, aquele sorriso amargo, que sem saber porquê, o dispunham mal, o acusavam do quer que fosse, talvez de existir. «Se ao menos pudesse ir até á esplanada sentar-me um bocado, descansar...» Era nesse tempo a sua grande ambição — pelo menos estivera convencido disso até determinada altura —, o seu ideal de quase-felicidade, sentar-se numa esplanada a tomar um refresco, com os seus vagares, por uma palhinha, observando quem ia, quem vinha e quem estava Nunca, porém, tivera tempo. Até ao fim. Porque quando nos últimos anos podia trabalhar menos, já não sabia fazê-lo. Era como uma maquina ligada á corrente

O rapazinho seminu, esse bebia água fresca que o criado do café «Flor do Mar» lhe fornecia grátis num grande copo de vidro grosso, todo molhado, que tinha desenhados a traço branco, em relevo, um malmequer e um barco á vela, atravessava o arco escavado na muralha, ia até á praia furar uma onda, mas nada disso o confortava durante muito tempo. Era como se tudo fervesse sem chamas nem vento, o ar, as casas, as pessoas, os próprios pensamentos delas, informes de derretidos.



«Que calor, não me lembro de um Verão assim», diziam todos os anos os outros, as pessoas desse tempo, os adultos, com convicção. Ele não dizia nada, nunca dissera muito. Metia pela rua fora, buzinando, rangendo nas curvas, atravessava a esplanada a oitenta, o seu invisível «Renault» era fabuloso, depois arrumava-o, apeava-se, corria pelo areal em declive, mergulhava de cabeça naquele mar tão sereno, como que adormecido também e quase morno. Certos dias não havia sequer uma fita de espuma a debruar a onda, que tocava na areia fundindo-se com ela numa breve zona incolor. De outras vezes nadava para além da fraca rebentação, deixava-se flutuar, de olhos abertos e nariz no ar, tanto que ás vezes, á noite, logo que lhe apagavam a luz e lhe diziam «anda, vê se dormes», ele se sentia embalado numa materia branda e maternal, nem ar nem água, colchão nem pensar nisso, e adormecia assim, de braços abertos.

Nem sempre se deslocava naquele «Renault» que mais ninguém via, nem o Ginho, que lhe dizia: «Oh pá, és parvo ou quê?» Tambem andava a pé, devagar, mãos nos bolsos e cabelo para a cara. Terão calor os peixes? pensava E logo reflectia Não têm, claro. São animais de sangue frio. É preciso ter sangue frio em todas as circunstâncias, dizia ás vezes o pai. Como os peixes? Hesitava o rapazinho de então Se tivesse um gasolina... meditava. O conde tinha um... Porque haveria pessoas com tanto e outras... Julgava esse seu pensamento muito profundo e original. Tinha dez anos. Continuava a considerá-lo original agora aos trinta e cinco. Uma cápsula e logo os pensamentos se detinham. Vencia a acção — golo! — e a cápsula era catapultada por ali fora, ia bater numa parede ou nas pernas de algum transeunte. Às vezes não se tratava de uma cápsula mas de uma rolha de cortiça furada, de uma velha caixa de fósforos, de coisa nenhuma. O vazio. O menino pequeno dava grandes pontapés no vazio. Os maiores, os mais certeiros os que o deixavam mais consolado.

Entrou então na tabacaria onde se deteve a olhar para a montra. Queria escolher um postal ilustrado no mostruário giratório, para esvrever a Alberta a hora do almoço. Talvez chegasse antes dele, talvez não. De qualquer modo ela ficaria contente. Tirou um, com mar azul, rochas doiradas e uma banhista tostada em «bikini» branco, perguntou quanto era, pôs as moedas sobre o balcão em fila, como era seu costume, para evitar qualquer engano. A empregada pegou no dinheiro, foi guardá-lo na caixa

«Sabe dizer-me onde fica a Rua da Palmeira?» perguntou ele então, hesitante

Ela levantou meio metro de balcão, passou para o lado de fora, baixou-o de novo, foi até á porta. «O senhor vai por aqui adiante até á primeira rua á sua esquerda, a Rua de São Domingos Estreita, e segue por ela adiante. Quando encontrar um largo pequeno, com um pelourinho, mete pela rua que fica em frente. Em frente do lado direito. Há outra do lado esquerdo, mas não é essa Entre as duas fica a Câmara Municipal É a da direita»

Ele disse por dizer «É de facto?»

E a rapariga respondeu, olhando-o sem curiosidade, numa voz monocórdica: «É. Não tem que errar. Volta á esquerda vai até ao largo, encontra logo a Rua da Palmeira É uma rua curta, não tem que errar».

O homem ia dizer «Um troço de rua, eu sei», mas ficou silencioso, como que embaraçado com o que não dissera, só por tê-lo pensado, porque seria inoportuno, ou, pelo menos estranho depois de todo o resto Limitou-se a perguntar, porque isso se lhe afigurou de repente importante, se essa rua tinha alguma palmeira

«Não sei» disse ela Pela primeira vez houve expressão no seu rosto, que riu como quem descobre uma coisa tonta «Nunca reparei, quer crer? Nasci aqui e nunca reparei. Deve ter, chama-se Rua da Palmeira Deve ter com certeza»

O homem agradeceu Ela disse-lhe que não tinha de que e acrescentou «Vai estar um dia quente»

«Vai», respondeu o homem sem pensar nisso. Meteu pela transversal quando a encontrou e pôs-se a reconhecer coisas Uma casa de comes-e-bebes, de *pasto* se bem se lembrava — de pasto, que graça tinha nesse tempo — agora «snack-bar» todo ele transparências, espelhos, áreas multiplicadas por dois e por quatro, e metais brancos, a farmácia Amado onde lhe davam as injecções de cálcio modernizada também, a pequena loja de ferro-velho promovida a casa de bugigangas e artigos regionais

A residência do Verão dos condes, caiada como quase todas as casas da vila, só mais alta do que a maioria delas, com a sua chaminé bordada com maior requinte, a dominar as restantes chaminés (as mais próximas, naturalmente), e verdes varandins bojudos, um tanto pomposos, nas janelas rasgadas. Dos condes de quê? pensou o homem Teria alguma vez sabido, o outro, o menino pequeno o título daqueles condes? Ia jurar que não. Os condes, era tudo «Hoje vi o conde e a mulher do conde», participava ao jantar, depois de ter comido vorazmente o seu prato de sopa «A condessa», emendava o pai «Vê se aprendes a falar com propriedade já tens idade para isso».

A mãe interrompia-o para perguntar, interessada, num daqueles bruscos e passageiros lampejos de curiosidade que ás vezes a tomavam: «Como ia ela vestida? Ao tempo que não a encontro» E acrescentava, acusadora. «É natural, nunca saio de casa. Só de manhã para ir ás compras». Tinha um vinco de amargura aos cantos da boca descaida, apertada, num vinco que ele encontrava agora também, e inesperadamente, na boca de Alberta «Anda diz lá!» e as suas palavras eram asperas

Ai, estava uma pergunta perturbadora O menino nunca sabia — sabê-lo-iam as outras crianças da sua idade? — como as pessoas se vestiam. Era uma preocupação de gente grande.

Mas a mãe esperava, e os seus olhos negros pareciam mais negros e largos,

(Continua na 9.ª página)

CAMBISTA TESTA
CÂMBIOS — LOTARIAS
TOTOBOLA
RUA DO ARSENAL, 74
SE QUER FESTA...
Jogue no «TESTA»

Moçambique a branco e preto

Ter muitas mulheres nem sempre é bom

BEIRA — «Ter muitas mulheres nao é bom» — disse-me na Zambézia o regedor de Muaquiua, compondo a posição do chapéu colonial com escudo, que é o símbolo da sua autoridade e dos seus privilégios.

— Quando tem muitas mulher — explicou ele — tem que dar àquela e dar àquela, e fica sem nada.

Eu sabia perfeitamente que a concepção negra da poligamia tem fundamentos sérios. Mas insisti nos aspectos mercantis ou especulativos: falei-lhe no produto do trabalho das mulheres, no benefício das machambas

O regedor de Muaquina e categórico: «Mais mulher faz mais machamba, mas não da vantagem»

Machambas, como o leitor decerto sabe são as explorações agrícolas tradicionais, que vivem predominantemente do trabalho das mulheres, auxiliadas pelos filhos. Em Moçambique, segundo se calcula, há um milhão e meio de pequenas explorações desse tipo. A sua dimensão média não ultrapassa 1,5 hectare.

O regedor defendeu o seu critério:

Mais mulher faz mais machamba, mas gasta muita comida e muito vestido, tambem para os filho. Não dá vantagem.

Contou-me, depois, que tem apenas três mulheres — e, portanto, sòmente três machambas: uma de algodão, outra de milho e a terceira de mandioca. Tal como a maioria dos africanos de sociedades pouco evoluídas, o regedor de Muaquiua considera o trabalho agrícola como tarefa feminina, que o homem não poderá assumir sem se degradar:

— Machamba é trabalho de mulher.

Mais tarde, ele revelou que também possui uma noção racional dos aspectos sexuais da poligamia. Foi quando falámos dos chefes gentílicos por nomeação, alguns dos quais teriam transformado o exercício da autoridade em proveitosa sinecura, chegando, por isso, a ter 15 ou 20 esposas. Perguntei nessa altura ao regedor de Muaquiua se pensava «comprar» outra mulher. Deitou-me um olhar divertido:

— Agora já estou velho.

Quantos anos tem? Não sei.

O PREÇO DA NOIVA:

Se o regedor de Muaquiua quisesse aumentar o número das suas esposas, seria esta a ocasião indicada: as noivas estão agora mais baratas. Pelo menos nas regiões em que subsiste o equilíbrio de solteiros e solteiras, o «lobolo» desceu para valores compatíveis com o baixo poder de compra da generalidade dos africanos.

O casamento oneroso é comum à quase totalidade dos agrupamentos étnicos de Moçambique: antes de casar, o noivo deve pagar aos pais da pretendida um valor estipulado por estes. É o chamado «lobolo». Segundo as tradições de muitos povos, o «lobolo» era pago em gado e noutros bens que os pais da noiva por sua vez, utilizavam na obtenção de noivas para os filhos varões. Modernamente, as comunidades indígenas viram-se forçadas a viver em economia monetária e a reconhecer por isso, a importância do dinheiro de que carecem para satisfazer encargos tributários e para adquirir vestuário, utensílios e alimentos que não podem produzir. Em consequência, generalizou-se o hábito de pagar o «lobolo» em dinheiro e o dinheiro do «lobolo» é igual ao outro, inclusive no seu destino. Os rapazes que querem casar devem juntar o dinheiro necessário ao «lobolo», ou, simplesmente, convencer a noiva a coabitação. O lobolo» tornou-se, assim, factor de «uniões precárias», que contrariam as tradições da sociedade africana.

Dei 400$00 de lobolo ao pai da minha mulher. Mas muitos africanos chegam a pagar até 10 contos — disse-me na Beira um jovem contínuo negro.

Vim a saber, depois, que o «lobolo» implica negociações entre o pai da noiva e o pretendente, ou o pai deste. O valor final oscila ao sabor das circunstâncias: 1 — posses do candidato a marido; 2 — cupidez do pai da noiva; 3 — estádio de evolução da noiva.

— Quando a menina se põe contra o pai, ele tem que aceitar menos «lobolo» — explicou-me outro africano.

Queria ele dizer: quando a noiva decide ter voz na escolha do marido, decresce a influência do «lobolo» e baixa, naturalmente, o seu valor monetário. Esta reacção da mulher contra o costume que faz dela um instrumento está na origem da redução do «lobolo» nedio em muitas comunidades moçambicanas.

Mas o «lobolo» conta ainda defensores, mesmo entre africanos já relativamente evoluídos:

— O «lobolo» é bom — garantiu-me João Franco, Motorista casado com uma só mulher, pai de treze filhos e proprietário de uma carrinha que lhe custou 32 contos. João Franco faz parte da minoria de 3,5 % de africanos privilegiados que abandonaram a comunidade tribal e vivem em economia de mercado.

O marido leva a menina e não quer mais saber do sogro, se está doente ou tem fome — argumentou João Franco.

— Por isso o «lobolo» é a maneira da pessoa ir buscar o que gastou em comida para a menina, a vestí-la, a mandá-la na escola e tudo isso.

«QUANTO MAIS MULHERES TIVER, MAIS FÁCIL É SUSTENTÁ-LO»

Tinhamos percorrido uma longa distância de «picada», aberta em terreno arenoso. O «Land-Rover» dançava em ritmo de «slow»: a *estrada*, larga de apenas três metros, não consentia grandes distorsões. De súbito, uma árvore tombada no caminho, sinal de sentido proibido segundo o código do mato, impunha um desvio em C, que recolocava o «jeep» na trilha desejada.

Ao fim de algumas horas de viagem por um distrito maior que o Continente português, quase podíamos contar pelos dedos as pessoas encontradas. Seria diferente, sem dúvida, na fértil planura do Buzi, nossa meta. Mas, entretanto, além das mutações da paisagem física — os arrozais, a floresta, cuja única clareira era a da própria picada, as savanas, o capim, a calva de uma queimada — só víramos meia dúzia de africanos. Exagero: cruzamos outro «jeep», cujo condutor foi ràpidamente identificado de longe por um dos meus companheiros de viagem, «habitué» do mato:

— É o Neves do algodão.

A bem dizer, faltava razão para pasmo: mais de metade da população de Moçambique aglomera-se no triângulo compreendido entre Nacala, Nampula e António Enes e nas zonas de influência das cidades de Quelimane, Beira, Inhambane, João Belo e Lourenço Marques. Três milhões de pessoas dispersam-se, assim, por um interior vastíssimo, onde cabiam vários países europeus. Dedicam-se à agricultura de subsistência, e, em pequena escala, à de rendimento, podem viver afastadas das vias de comunicação, como, em geral, preferem. Os únicos pólos, além de raras cidades, são as «povoações comerciais» — cantinas e bares explorados por europeus ou «monhés».

Subitamente, deparamos com a povoação típica do poligamo. No re-

por Silva Costa

Mulheres de Zavala (Moçambique) na sachà do arroz. O trabalho agrícola é considerado tarefa própria da mulher, segundo as tradições da sociedade patriarcal africana

Mulheres negras libertadas da condição instrumental por via económica: a mulher e a filha de Sandamuja David, um africano que dirige no Busi uma exploração agrícola média

A cultura do algodão — própria dos territórios pouco desenvolvidos — também ocupa em Moçambique a mão-de-obra feminina. Na imagem: um aspecto da colheita de algodão por uma africana vestida com esmero

dondel de terra batida, exemplarmente limpa, ha um círculo de palhotas — de pau a pique, com paredes ensaibradas («matiçadas») e cobertas a capim. As mulheres (cinco? seis?) vivem cada uma em sua palhota, juntamente com os filhos. É ao marido que em geral compete mudar de casa, segundo as suas preferências. O costume é que ele fique uma noite em cada palhota. Mas alguns polígamos preferem coabitar uma semana, ou até um mês seguido, com cada uma das esposas.

Surpreendeu-me a cordealidade das relações entre as diversas esposas de um polígamo. Todas reconhecem á primeira mulher direitos especiais: de certo modo, ela chefia o clã, competindo-lhe a distribuição dos bens ou do dinheiro que o marido resolve distribuir pelo conjunto familiar.

— As esposas do polígamo dão-se muito bem umas com as outras — assegurou-me um técnico agrário que conhece a vida africana e respeita os valores da civilização autóctone. — Elas recebem de braços abertos qualquer nova companheira.

Na opinião de outro europeu, a justificação dessa cordealidade seria de ordem utilitarista:

— As esposas do africano pensam que, quanto mais mulheres ele tiver, mais fácil será sustentá-lo.

«MENINA QUE VAI NA ESCOLA DIZ QUE NÃO É ESCRAVA»

A poligamia tem em Moçambique profundas tradições históricas, mas progrediu modernamente em consequência da especulação com o «lobolo» e em especial devido ao trabalho migratório, que afecta uma percentagem elevada da população agrícola da província. Os trabalhadores imigrados nos países estrangeiros vizinhos e nos principais centros urbanos de Moçambique utilizam muitas vezes os seus proventos na aquisição de segundas mulheres. Deverá relacionar-se essa tendência com a relaxação dos costumes sexuais nos grandes centros urbanos? Um educador negou a conexão entre os dois fenómenos, considerando-a produto da «visão vesga de alguns europeus»:

—Os trabalhadores imigrados arranjam novas mulheres principalmente por quererem garantir o único sistema de segurança com que se habituaram a contar ao longo do tempo: a família e os recursos da terra.

> O facto de competir á mulher o árduo esforço exigido pela produção de alimentos valoriza a sua posição na sociedade africana. Mas é justamente contra essa condição instrumental que a mulher negra começa a reagir.

— Isto aqui é a escola de Santa Inês de Inhamechindo, da Missão de Estaquinha — esclareceu prontamente o professor. — Damos o ensino de adaptação até à 3.ª classe.

Aquele campo de futebol, improvisado junto da escola, impôs-se-nos como um monumento de vida conhecida — o primeiro desde Necicabo. Mas o que me surpreendeu foi a contagem dos alunos:

— 25 rapazes e 10 raparigas.

Outros professores e outras escolas transformariam a surpresa em regra: a frequência escolar das raparigas é muito menor do que a dos rapazes.

Lourenço, um africano jovem que fez a 4.ª classe e tem ideias claras sobre muitos problemas, explicou-me as razões desse desnível:

— Sabe? A família faz muito sacrifício para mandar o filho rapaz á escola. Ele assim não pode trabalhar. Mas o pai pensa que o filho deve andar na escola para arranjar bom trabalho e ajudar a família. Com as meninas não é a mesma coisa: casam e vão embora, e ás vezes o «lobolo» não é nada. E mesmo se a menina vai para a escola é difícil arranjar marido: ela já sabe muito e os maridos têm medo que ela não queira trabalhar na machamba.

E a atitude dos pais pode ter outro motivo:

— Menina que vai na escola ás vezes não quer casar por «lobolo». Diz que não é escrava.

«HERDOU» A CUNHADA E OS SOBRINHOS

O «levirato» — costume segundo o qual as viúvas são «herdadas» por um cunhado — origina o que se pode chamar «poligamia (visto que a viúva deve ficar a ser do herdeiro, e não sua concubina). Sublinha o pouco respeito que a personalidade da mulher merece aos grupos étnicos que ainda praticam o «lobolo»? A mim pareceu-me que não exprime menos a obediência ás leis da sociedade patriarcal.

Quando falei, em Mamuge, com o agricultor Dofunho João, ouvi-o aludir á sua «herança» com a submissão de quem cumpre um dever inalienável:

— Fiquei com a mulher e quatro filhos do meu irmão que morreu.

Dofunho João é um dos raros africanos que dirigem, em Moçambique, explorações agrícolas médias. Provàvelmente, educará os sobrinhos sem dificuldade. Mas teria ele desejado o benefício da herança?

Esta dúvida não se põe a muitos dos europeus, asiáticos e mistos, que constituem a minoria populacional (2,5 %) detentora do poder económico em Moçambique. Geralmente, eles encaram a poligamia como um sistema que permite ao africano ter as mulheres que quer e a mão-de-obra necessária á sua prosperidade material. Paradoxalmente, foi um padre católico estrangeiro, muito admirado em Moçambique pelo seu conhecimento da cultura autóctone e pela sua acção em favor dos africanos, o primeiro europeu que vi defender com vivacidade, não a poligamia, evidentemente, mas os polígamos:

— A poligamia é uma consequência de tradições e de tabos e não pode ser eliminada coercivamente: ela desaparecerá com a promoção humana, social e económica dos africanos.

O missionário sublinhou os efeitos do primitivismo na prática da poligamia:

— Quando a mulher tem um filho, o africano está quase dois anos sem ter relações com ela: deixa de a procurar três ou quatro meses antes do parto e só reata as relações depois do filho deixar de mamar — o que acontece normalmente quando a criança tem mais de 18 meses. Quer saber porquê? O africano está convencido de que, se tiver relações com a mulher antes disso, o filho morre. E a verdade é que o filho morre mesmo pois, se a mulher fica de novo grávida, deixa de ter leite. Ora ela não sabe dar á criança outra alimentação adequada. Não sabe e, na maior parte dos casos, não pode.

Passeio à infância

(Continuação da 7.ª página)

como quando o pai chegava tarde e ela o olhava assim a espera, ansiosamente, angustiadamente de uma explicação que não vinha

O rapazinho que ele fora baixava sempre os seus nessas alturas, não suportava aquele olhar, mesmo quando não era em si que pousava. E não compreendera nunca, mesmo mais tarde, já homem, se nele estaria em primeiro plano a ansiedade, a curiosidade, a angustia ou a dor.

Hesitava pois, mas os olhos da mãe insistiam, muito vivos e lustrosos mesmo agora que tinham morrido «ela de encarnado», acabava por dizer

«De encarnado?» espantava-se a mãe, que sempre fora de gostos discretos «De encarnado? Tens a certeza?» Não tinha, naturalmente, mas afirmava que sim, que não tinha ele outra coisa A certezissima «Um vestido com roda, muito bonito, com muita roda, mãe, assim, e sapatos também encarnados, mãe, de saltos altos muito altos »

«A certezissima», interrompia o pai «A certezissima, ora vejam. Quando aprenderá este rapaz a falar decentemente?»

A mãe interrompia-o, interrompera-o pelo menos nesse dia que o homem, sem saber porquê, recordava subindo a Rua de São Domingos Estreita. «É natural que ele até esqueça o pouco que sabia Naturalíssimo. Essas amizades com o Ginho, que só fala em calão, com o pai do Ginho, que diz «ha-des», com a mae do Ginho que »

O pai gritou «Basta!», e os olhos dela arderam um pouco consumiram-se, ficaram de repente baços, apagados. «Claro», disse «Claro». Levantou-se — estava sentada — e foi lá para dentro

O homem estava agora a chegar ao largo do Pelourinho, já se lembrava de tudo Era um pelourinho modesto, com um pouco de relva meia seca em redor, e um pequeno gradeamento enferrujado. Dantes dir-se-ia que não era tão baixo nem tão delgado. Era quase alto, era alto e majestoso. Era um grande pelourinho Viu as horas no relógio da Camara e verificou se o seu estava certo Tinha ainda muito tempo quase meia hora, o bastante para arrumar em si pessoas e objectos

Uma mulher velha, curtida, embiocada num lenço preto (julgou recordar-se daquela cara escura, de moura, mas isso não passou de um simples vislumbre que logo se esvaiu), passou por ele, fitou-o com intensidade fugidia, desapareceu numa porta de postigo. A porta fechou-se rápidamente, sem ruído, e a pequena cortina de chita moveu-se ao de leve, tão ao de leve

Ele sorriu e continuou o seu caminho

À entrada sentiu-se comovido A primeira coisa que o impressionou foi o cheiro o hálito da casa Mas a que cheirava? A pó, a bafio a ausência de cheiro? Dantes quando a porta se abria, compreendia logo do que se tratava Umas vezes era o cachimbo do pai outras a água-de colónia da mãe, outras ainda a boa comida que ela fazia era tudo uma questão de horas As horas, porem, haviam deixado ha muito de ter qualquer significado naquela casa fechada. As horas, os dias e os anos

Era como se tivesse acabado de entrar num jazigo de família, sem flores, sem lágrimas de ninguém, há vinte e cinco anos ao abandono porque a família morrera toda ao mesmo tempo, e ele o único que restava, não era a pessoa indicada para cuidar de mortos. Na verdade nunca se sentira muito longe deles, muito vivo Nem os sentira a eles muito mortos A fronteira não estava bem delimitada, tudo se fundia e se confundia

Fechou a porta e não havia lá dentro senão pó Os ossos deviam estar metidos numa caixa qualquer, esquecida a um canto. Os do pai que morreu em Africa, nunca soube ao certo como, em que condições, em que cenário, em que companhia os da mãe que não soube ou não pôde, ou não desejou mesmo perdoar os do menino pequeno que ele foi.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

COMPANHIAS DE PAPEL «PRADO-ABELHEIRA»

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO
S. A. R. L.
CAPITAL: 60 000 000$00

GRAHAM-INDÚSTRIA DE PAPEL DA ABELHEIRA
S. A. R. L.
CAPITAL: 60 000 000$00

PAPÉIS — ESCRITA, DUPLICADOR IMPRESSÃO EMBALAGEM
CARTOLINAS — SIMPLES, DÚPLICES
PAPÉIS TRANSFORMADOS — GOMADOS CREPADOS
SAQUETAS E SACOS DE PAPEL

Sede e Escritórios em Lisboa:
Rua do Telhal, 12-3.º — Lisboa-2
Apartados 2019 e 2049
Telefones: 5 91 20, 5 91 25 (4 linhas) 5 91 29, 5 86 07
Telegramas: PELPRADO GRAHAMS
Telex. 1648 / GRAHAM P.

Depósito em Lisboa:
Rua Pereira Henriques 1 Arm. 7 — Lisboa 6
Telefones: 38 10 52 e 38 36 74

Depósito do Norte:
Rua Sporting Club de Coimbrões, 8-10 — V. N. GAIA
Telefones: 02 39 30 88 e 02 39 37 57

FABRICAS:
Prado (Tomar) - Telef. 049 33071/3 ● **Lousã** Telef. 0039 9917 e 0039 99119
Vale Maior (Albergaria-a-Velha) - Telef. 0034 52211
Abelheira (Tojal - Loures) - Telef. 253 9013

A revolução em que vivemos

por Nuno Vieira

ENTRE OS MAIS GRAVES problemas do mundo de hoje contam-se a desigual distribuição da riqueza e a explosão demográfica. Mas o mundo continua a modificar-se e a sua transformação processa-se segundo um ritmo cada vez mais rápido. Aos problemas cuja acuidade aumenta vêm juntar-se outras questões aparentemente não menos influentes na vida moderna, tais como o desenvolvimento das comunicações, a exploração do espaço e, de uma maneira geral, a intrusão da técnica nos mais diversos sectores.

A situação actual pode resumir-se na expressão «aceleração do progresso», vulgarizada apenas recentemente. Trata-se, na realidade, de uma verdadeira revolução que está a afectar não só as condições de existência como também a própria mentalidade. A prova reside no facto de que o objectivo da vida de um indivíduo deixou de ser a estabilidade de uma determinada situação para se tornar uma progressão constante, numa sociedade em mutação, não apenas exteriormente, mas, sobretudo, no que diz respeito à sua estrutura. «Educação permanente» foi outra expressão que se vulgarizou e reflecte bem a necessidade que o indivíduo passou a ter no sentido de se adaptar a um ambiente e a um processo económico que não cessam de evoluir a uma velocidade sempre crescente. É a aceleração da vida moderna. A vertigem contra a qual não havia preparação.

Novas noções são meritáveis. «Revolução permanente» é uma das que ocorrem com maior facilidade. A vida ganha dia a dia significado mais profundo, o que parece corresponder a uma tomada de consciência ao nível do indivíduo e ao nível global, de toda a Humanidade, uma Humanidade que está a crescer de uma maneira que alguns consideram assustadora. Presentemente, existem três biliões e meio de pessoas. No ano 2000, dentro de três escassas dezenas de anos, haverá sete biliões. O dobro dos habitantes que a Terra conta agora e, talvez, o dobro dos problemas. A concentração populacional nas cidades, o fosso que se aprofunda entre países ricos e pobres e as dificuldades relativas à administração de enormes e complexas comunidades, tudo isso, somado à diminuição dos recursos naturais, criará, segundo os pessimistas, um panorama apocalíptico. E citam a distribuição demográfica actual que coloca 75 por cento dos seres humanos nas áreas subdesenvolvidas, isto é, na América Latina, África e Ásia, cujo despertar é simbolizado pela atitude que os 750 milhões de chineses estão a adoptar para com a U. R. S. S.

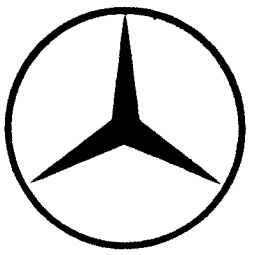
No entanto, há já indícios de que o progresso técnico ao serviço de uma nova mentalidade mais virada para o futuro se antecipará a qualquer catástrofe susceptível de pôr termo ao progresso humano. E dizemos mentalidade virada para o futuro porque a verdadeira arte da governação consiste em prever. Qualquer outro sistema está votado ao malogro.

A previsão — chave do futuro. Não apenas no domínio técnico, mas igualmente nos domínios económico e social. Domínios, aliás, hoje interligados e dependentes. Que seria da sociedade que conhecemos sem as fábricas e a sua produção, sem aviões e automóveis, sem telefones e TV...?

A técnica é o veículo da civilização. Através do livro e da TV, ela está a universalizar a cultura e, dentro em breve, os satélites de comunicações reduzirão as fronteiras a simples traços no papel. O mundo transformar-se-á numa grande aldeia, como vaticina Marshall McLuhan. Os problemas ganharão uma perspectiva diferente.

Entretanto, o futuro vai-se tornando realidade à nossa vista. A electrónica derruba mesmo as fronteiras da vida privada, da vida de cada indivíduo de todos os indivíduos. Por outro lado, o Homem começou a tomar nova dimensão no Universo, realizada como foi, em Dezembro, a primeira viagem interplanetária. A descida na Lua está prevista para o ano corrente. Dentro de dez anos, poderá ser a vez de Marte. Dir-se-ia que o cosmos se abre, por fim, para o Homem.

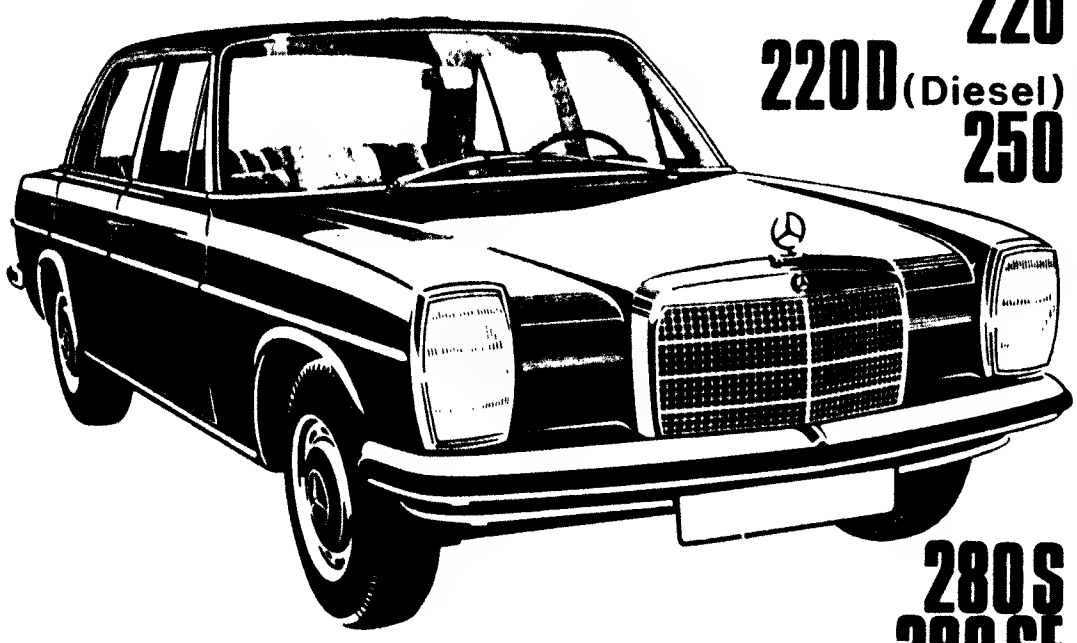
Por que desperta tanto interesse a astronáutica? Mais um mito ou trata-se de um degrau que a Humanidade terá de subir na sua evolução? A resposta a tais perguntas talvez lance alguma luz sobre o sentido da revolução em que vivemos — ou talvez não.



A NOVA GERAÇAO MERCEDES-BENZ

220
220D (Diesel)
250

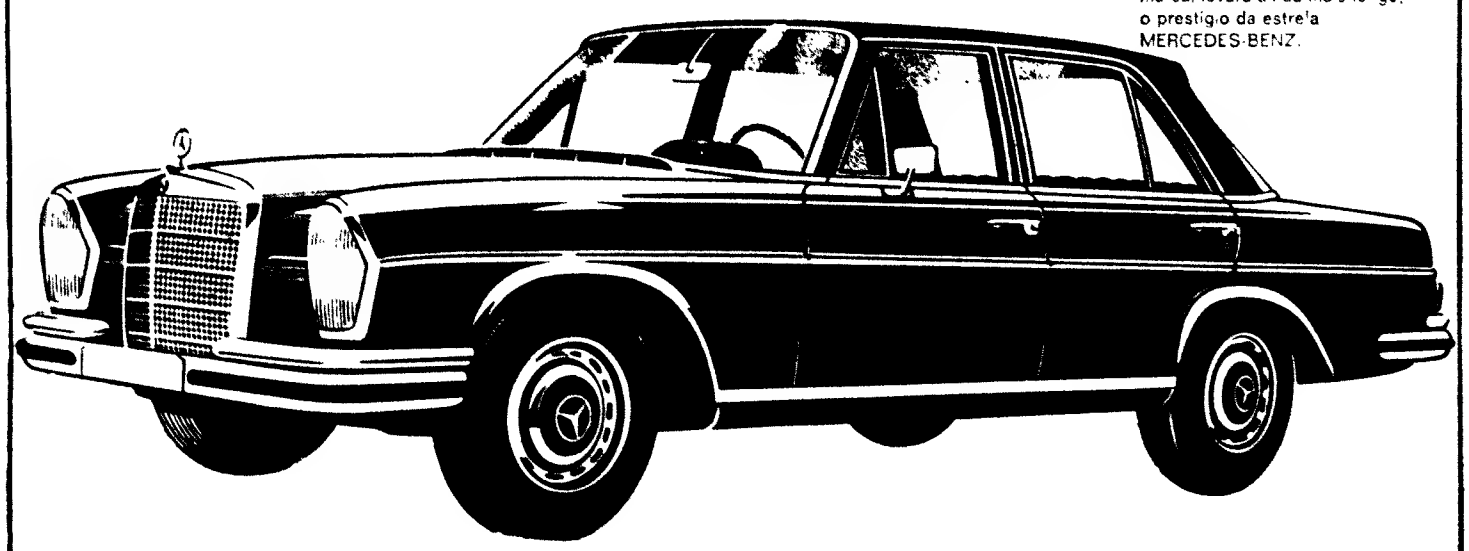
Notáveis inovações técnicas e nova carroçaria de dimensões mais reduzidas, mantendo a excepcional elegância e a pureza de linhas que sempre caracterizaram os automóveis MERCEDES BENZ.



280S
280SE

Novo motor com a cilindrada de 2778 cm³, aumentando a rda mais as elevadas «performances» dos automóveis MERCEDES-BENZ desta classe.

Uma nova geração de modelos que na alta tradição da sua marca, levará ainda mais longe, o prestígio da estrela MERCEDES-BENZ.



C. SANTOS S.A.R.L.
Lisboa — Av. da Liberdade, 29-41
Porto - Braga - Coimbra - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

Eis por que a Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing

Há 10 anos, havia quem acreditasse que não era possível inovar em matéria de seguros. Foi então que começámos. E de ano para ano a IMPÉRIO tem sempre apresentado qualquer coisa mais no sentido das necessidades do cliente.

Não era possível, por exemplo, sem encargos suplementares, cobrar os prémios mensalmente. Resolvemos então lançar o SEGURO POPULAR DE VIDA, com prémios mensais e... taxas mais baixas! Mereceu a pena. Chegámos depressa à conclusão de que muito se pode melhorar, com espírito prático e eficiente.

As empresas que se projectam para o futuro inspiram-se hoje numa filosofia de mercado (marketing) em que as necessidades do cliente orientam toda a sua acção.
A IMPÉRIO é uma dessas empresas.

O SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR, por exemplo, permite-lhe actualizar a cobertura, se o ordenado ou o número de filhos aumentarem.

Se a casa ou alguns dos seus móveis arderem, o SEGURO DO LAR, outro exemplo, garante-lhe o valor de substituição (e não apenas o valor de usado, como antigamente).

Não são apenas seguros que vendemos aos nossos segurados. É segurança! E para a segurança dos clientes tudo conta: a largueza das nossas coberturas, o espírito prático e actual dos nossos seguros, a consideração pessoal e a simpatia dos nossos agentes e técnicos, a própria forma como liquidamos os sinistros. Por isso somos uma Companhia de Marketing.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

O elogio da polémica

por Alberto Ferreira

NÃO sei por que artes, o português, que sempre gostou de polémica, encontrou um pacífico Camelot no meio das letras deste País. Atravessa-se um período particularmente insignificante do ponto de vista da discussão mental. A quem cabe a responsabilidade de uma tal situação? Este *quem* é difícil de determinar, se bem que possa generalizar-se a extensão de um sugeito colectivo chamado escritor. Em certa medida é, com efeito, o escritor responsável pela paz apodrecida que nos poe de rastos perante as questões candentes da nossa época, ou, pelo menos perante problemas da comunidade. Convem recordar que as causas da situação não são imputáveis particularmente aos escritores, uma vez que não são estes que intervêm no processo de difusão das ideias (nao lhe pertencem as editoras, jornais, rádio e televisão) nem eles que participam nos órgãos condutores da opinião pública (instituições educacionais, censura, organismos de investigação). Cumpre ainda tomar atenção ao facto de o escritor nao representar uma classe socio profissional, pois nem vive das letras e por isso nao e um profissional, nem se radica em uma só classe social. A chamada República das Letras, que em seu início não passa de um dito gracioso, e uma fraude conceptual e um mito sociológico. Se assim ocorre porque me permiti aceitar a tese de que «em certa medida e o escritor responsavel pelo silêncio dos gansos do nosso Capitólio»?

SEGUI este falso rumo para vos dizer que ele é falso, e para vos pôr de sobreaviso contra os defeitos de raciocinio acerca de um problema que afecta toda a comunidade e que tende a agravar a situação do único estracto da sociedade em condições de animar a discussao em torno de questões essenciais ao País. Com efeito, desde o nascimento da sociedade civilizada, que se reconhece ser impraticável o progresso moral, social, filosófico, económico e educativo sem o exame desassombrado das dificuldades, das vias de solução possível, da crítica activa das realizações do Estado e das iniciativas privadas, do confronto polemico da opinião — quer esta se manifeste no campo literário, artístico, técnico-científico, moral. E não acrescentei *político* por uma sorte de censura previa que alguns de nós pratica dentro de si próprio, demonstrando a perniciosa existência de dois factos mentais: consiste o primeiro em admitir que algo do que escrevemos só possa ser pensado no foro íntimo ou expresso em reunião privada; consiste o segundo em aceitar que «não somos políticos». Dois factos mentais de que todos, em princípio, seremos vítimas e que no seu exercício diário implicam a criação de um estado de espírito perigoso para o futuro da grei.

TAL não significa que a polémica seja necessariamente centrada no facto político, mas nao nos enganemos aqui: qualquer polémica que tenha em conta as linhas mestras do futuro da comunidade possui implicações politicas. Mesmo que o problema se organize em torno de questões aparentemente especificas, especializadas ou abstractas, o seu fundo teórico e prático determina a corrente dos rios subterrânios da história colectiva de toda a grei. História colectiva de toda a grei! Permitam-me esta enorme redundancia para que não subsistam dúvidas acerca do que me parece essencial: toda a discussão, toda a polemica, todo o confronto de conceitos, de juizos, de ideias subordina-se as opçoes filosóficas de cada um, e estas as opções filosóficas, obedecem a esquemas cognitivos e a quadros mentais e afectivos em que os factores morais são prevalecentes. Grande mal, terrível sintoma para uma sociedade é não se dar conta que há uma polémica subjacente em toda a actuaçao social. Mas é não sabermos que valores antecedem e preparam o nosso agir. Mal é não vermos que nos opomos a algo, nem como nos opomos e porque nos opomos. Quando imaginamos que um escritor se contrapõe a um outro, invocando motivos artísticos ou literários, em luta gloriosa e pura por sua dama artística e literária, cometemos um erro de cálculo. Pior: alimentamos nele a falsa ideia de que se bate por alguma coisa absolutamente separada do facto politico e moral. Por isso se me afigura extraordinàriamente válida e valiosa a intervenção constante do público junto dos órgãos de opinião, corrigindo a tendência egotista do escritor. Procurando enfim, conjuntamente com o escritor, abrir as perspectivas necessárias para a realização de uma polémica ideológica que altere o sinal das coisas, ou pelo menos abra o caminho para compreendermos qual é o sinal das coisas.

TORNANDO ao início deste artigo: já se deixa ver que a ineficácia do escritor reflecte a passividade dos sectores sociais em que ele se filia. Aceita-se que a inocuidade dos seus juizos traduz a impotência dos grupos sociais que o alimentam. Compreende-se que a condenação da polémica que alguns escritores praticam, quer na sua abstenção crítica, quer na formulação de opiniões anti-polémicas, sirva precisamente os factores de estagnação. Não se compreende, entretanto, que os complexos de agressividade que esta situação forçadamente pacífica provoca, sejam canalizados para as pequenas guerras entre pessoas, subjectivando ainda mais o já cercado fojo da intimidade em que cada um se refugia.

A estratégia do «requiem»

por José Cardoso Pires

«A noticia da minha morte foi um exagero» —*Mark Twain*, em telegrama da Europa á «Associated Press».

NUMA REPÚBLICA fechada, um Doutor das Letras goza de privilégios académicos e impõe à análise literária um certo estilo de prudências e certas limitações também prudentes que se reproduzem nas teses escolares. Na quase totalidade dos seus escritos é um juiz do panteão das letras, um mestre de classificações definitivas que por isso mesmo, não dedica a sua erudição ao poeta, ou ao novelista que ainda circula no quotidiano comum e está vivo e ainda não mitificado pela morte. Um Doutor das Letras — chamemos-lhe assim — sabe talvez que em 1969 existe um Living Theatre, um Arno Schmidt; leu, possivelmente, alguns escritores não oficializados da sua terra, mas não se aventura sobre eles. Precisa de distância, de prespectiva histórica — como tantas vezes é uso argumentar. As trajectórias ainda em curso são-lhe suspeitas, susceptiveis de risco maior.

Mestre dos arquivos consentidos, este erudito procura os esquemas da infalibilidade de juizo. Para ele, a austeridade do estudo é refractária à hipótese e à imaginação, e as célebres palavras de Sérgio — hoje reconhecidas, ontem ignoradas — de que é preciso singrar com o horizonte aberto a todas as audácias da investigação jamais o tocam como um principio essencial. Não. Por mais que se esforce, ele é um individuo marcado pelo autoritarismo; as trajectórias inacabadas ameaçam-no de contradições e pôem demasiado em cheque o seu palpite e o seu gosto literário. O seu prestígio em suma.

Daí a fixação da morte, como meridiano de partida para a análise do escritor. Vejam: ele repousa, está dócil e moldável às recuperações que queiram fazer da sua obra. Agora, sim, passou a ter existência contemporânea. Expõe-se à lenda, é um presente intemporal, e já não compromete aqueles que o ousem tocar.

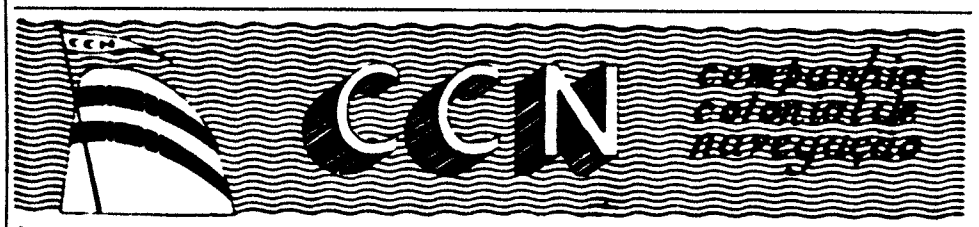
É isto a glória do escritor. Sol dos mortos, não dos vivos. E o elzevir necrófilo corre com largueza e desvanecimento. As sebentas actualizam-se, as «academias dos generosos» vestem-se de vanguardismo, soletrando as experiências formais, ou os princípios, ou as sacrificadas irreverências que, ainda na véspera e durante anos, se mantinham sob tolerância. E tudo se passa em cheiro de bom-senso numa praça de letras cercada por barreiras de oceano e de civilização. Mar de um lado, Europa do outro; no meio, ditando de palanque o julgamento da Literatura da sua (nossa) época, os historicistas de capelo, com uma caveira em cima da banca de trabalho. «Só sabem admirar os mortos!», dizia Puchkine.

Mas este vício, esta delimitação de coordenadas entre o provisório e o definitivo, não é apenas um esquema comodista de apreciação. Não traduz ùnicamente uma distorsão de perspectivas nem se limita a representar um tipo de dogmatismo pedagógico. É isso, e muito mais. Na medida em que se toma a morte (ou a consagração dos anos) como denominador necessário e como garantia da unidade de um escritor, está em causa uma concepção providencialista da História. Aceita-se, quer isto dizer, que o *Génio* necessita de configuração intemporal e que, independentemente dos estímulos e coacções do ambiente em que se gerou, uma obra válida terá, fatalmente, de se revelar e de ter a sua hora de justiça. Ao silêncio que se lhe votou em vida corresponderá a canonização *post mortem*.

Sabemos como o homem comum manifesta tantas vezes a sua generosidade sobre a memória do adversário. É da experiência dos séculos. Ao apagamento em que viveu o Poeta promove-se-lhe a fase do reconhecimento que o torna evidência pública. O Index civil abre tolerantemente as comportas, os mestres letrados dos diversos quadrantes da opinião debruçam-se dedicadamente sobre o cadáver...

Procede-se, então, à fase das recuperações convenientes. O formigar dos eruditos torna-se mais activo e as litanias de exaltação surgem de todos os lados da praça fechada. De todos, saliente-se. Não raro, a independência dos adversários leva-os a partilhar do acto de justiça póstuma e com essa demonstração iludem o sectarismo com que ignoram os outros poetas.

Deste modo, encerrado no parentese final que lhe permite ser enquadrado num capitulo da Literatura, o escritor sofre as cumplicidades da morte. As investigações aceleram-se, a biografia é dissecada com vistas às apropriações de sinal contrário. À sombra de um grande defunto pode evocar-se o medíocre, na frase mais directa pode vislumbrar-se um sublinhado negativo — e eis as tão celebradas ambiguidades do género a despontarem laboriosamente. Ei-lo envolvido em lenda e em fumos de heroísmo pelas impunidades que a morte facilita.



PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 12 de Abril às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL**, para: **LUANDA, LOBITO CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA** Carrega de 6 a 10 de Abril.
«LUANDA» a sair em 24 de Abril	Com escala por **LEIXÕES** para: **S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES.** Carrega de 17 a 22 de Abril. Abril.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 25 de Abril às 18 horas	Com escala por **VIGO e FUNCHAL**, para: **TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU**

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

A televisão e o nosso tempo

segundo canal—para quê?

por Mário Castrim

1 A televisão conta, desde há 3 meses, com um segundo canal, a trabalhar em UHF. Para utilização dos receptores existentes, houve que proceder à instalação de conversores e de nova antena, de que resulta um dispêndio de cerca de dois mil escudos. Para já, a única vantagem do segundo canal consiste na possibilidade de rever o «Capitão Tempestade», o chefe Ironside e a Amália Rodrigues ou a Simone em emissões recentíssimas que não deixaram saudades por aí além.

O processo, por este andar, sairia caro em excesso e não ficaria justificado. O bom-senso não deixava de acentuar que não se justificava um segundo canal para ser em tudo igual ao primeiro, com o agravo de ser em segunda mão. Haveria, por força, outras razões.

Um veículo para as emissões a cor, por exemplo...

2 Através da revista «Nova Antena» e também pela voz de responsáveis técnicos, soube-se que era isso mesmo: a cor. A utilização de UHF tornava possível a emissão colorida. Para já, não existem condições de nenhuma espécie para a TV colorida. Talvez existam num futuro mais ou menos remoto. Valerá a pena trabalhar tanto assim para um futuro remoto, com desprezo do presente que decorre?

Esta a questão.

3 Sabe-se como tem sido complicada a vida da cor na televisão, mesmo nos países tècnicamente mais evoluídos, a inovação enfrenta situações delicadas. Nos Estados Unidos, ao fim de 10 anos, havia 3 milhões de receptores a cor, para 70 milhões a preto e branco. Isto, depois de se terem gasto 240 milhões de dólares no equipamento de 434 estações emissoras. Ora isto acontece num país saturado de televisão a preto e branco e onde, para utilizar as palavras de um estudioso, «*as pessoas adoptam furiosamente a última moda para salvaguarda da posição social e para não ficarem diminuídas aos olhos dos vizinhos...*»

4 Nos Estados Unidos, pois, como em outros países, onde *é uma vergonha* não possuir automóvel, ainda se pode não ter televisão a cores.

A razão principal consiste na facilidade com que os receptores a cor se avariam. Diz-se até que quando se compra um receptor se deve logo também comprar um engenheiro... Para além das despesas daqui resultantes, existem outras situações desencorajadoras e que redundam no contrário das vantagens apregoadas pela televisão colorida. Imagine-se, de súbito, os cabelos da célebre cançonetista que se tornam verdes e que a lourissima Fulana de Tal se transforma em cor de carvão, ou vice-versa...

Acresce, ainda, para o caso português, o custo do aparelho, a oscilar entre os 20 e os 30 contos. As *200 famílias* poderiam vir a obtê-lo, mas a grande massa do público telespectador ficará impossibilitada de aceder à inovação. Uma televisão que não seja televisão de massas é qualquer coisa de aberrativo, de paradoxal.

Possivelmente as instalações serviriam eventualmente para emissões destinadas ao estrangeiro. Será rentável uma instalação dispendiosissima que não sirva, em primeiro lugar, o interesse do País?

5 Há quem justifique a existência de um segundo canal como a possibilidade de uma alternativa: os diversos e por vezes antagónicos gostos do público ficariam melhor servidos... No segundo canal, publicar-se-iam as rubricas de carácter cultural, enquanto o primeiro ficaria destinado ao grande público e essencialmente distractivo.

Nas condições actuais da cultura e do grau de exigência do nosso público, a medida não me parece acertada. Entre uma «Nona sinfonia» ou uma «Ode marítima», transmitidas no segundo, e uma «Missão Impossível» ou as «Variedades» transmitidas no primeiro canal, a grande massa do público telespectador, deformado por muitos anos de desamor às manifestações culturais e artísticas, escolheria por certo o primeiro canal e continuaria impossibilitada de aceder a essas manifestações, às quais a televisão pode dar grande impulso. A transferência para um segundo canal das rubricas de qualidade, longe de servir a cultura, prejudicava-a. Criava-se, desse modo, mais uma força de segregação e de desagregação. O objectivo fundamental da televisão consiste em democratizar a cultura e a arte e a existência dela justifica-se na medida em que realizar esse objectivo.

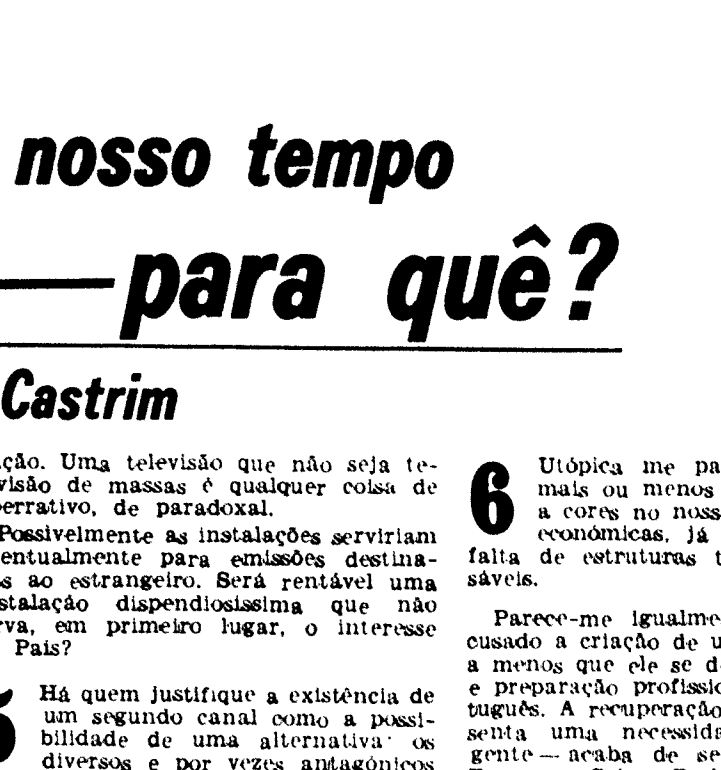
6 Utópica me parece, num futuro mais ou menos longo, a televisão a cores no nosso País. Por razões económicas, já apontadas, e por falta de estruturas técnicas indispensáveis.

Parece-me igualmente um luxo escusado a criação de um segundo canal, a menos que ele se destine à instrução e preparação profissional do povo português. A recuperação do adulto representa uma necessidade nacional urgente — acaba de ser proclamado no Encontro Sobre Problemas da Região Sul, efectuado em Évora.

As energias e riquezas devem ser encaminhadas para o melhoramento do primeiro canal e para se obter mais captação por parte do público português. Como pensar em criar segundos canais quando ainda de vários pontos do País nos chegam reclamações sobre as deficiências na recepção da imagem do primeiro; quando, mesmo dentro de Lisboa, existem zonas pèssimamente servidas; quando se exige uma renovação urgente de material; quando há que pensar numa instalação condigna dos serviços da RTP, em substituição da actual, cujas deficiências estão na base de muitos fracassos; quando a produção se tem mostrado incapaz de satisfazer as necessidades do canal existente; quando se tem por inadiável a habilitação de pessoal em todos os escalões?

O público português não precisa de vários canais maus. Precisa de um, mas bom. Uma realidade a preto e branco, mas possível, é sempre de preferir a uma utopia em technicolor.

o seu capital pode ser ainda mais rentável



Conheça o empreendimento turístico da Praia de Alvor e obtenha a melhor colocação para o seu capital.
Apartamentos desde 230 a 990 contos.

TORRALTA
Informações:
Lisboa–Av. Duque de Loulé, 66-A, Telefs. 51748 e 54479
Algarve–Hotel Golfinho Praia de D. Ana, Telef. 302, Lagos
Praia de Alvor Telefs. 1324 e 428 de Portimão

Reabilitações

por João Medina

NO INÍCIO de 1967 um grupo de franceses reunidos em Londres chamou a atenção dos serviços secretos ingleses. Discretamente seguidos, os habitantes do hexágono dirigiram-se no dia seguinte para Farnborough, célebre pelos seus festivais aeronáuticos e por ali existir o «Royal Aircraft Establishement», centro nacional de pesquisas de navegação aérea, onde funciona também um laboratório de foguetões. Esta panóplia técnica faz da cidadezinha do Hampshire um reduto militar particularmente bem vigiado; daí, portanto, a desconfiança que rodeou a peregrinação do grupo gaulês. Mas o equívoco logo se dissipou quando os peregrinos confessaram sem qualquer pejo que a romagem a Farnborough tinha um intuito que de modo nenhum se prendia com as experiências balísticas e aladas dos súbditos de Sua Graciosa Majestade. Resumindo, os nossos franceses tinham ido ali para celebrarem o nonagésimo quarto aniversário da morte de Napoleão III, o príncipe-presidente falecido no exílio em 1873 e enterrado no cemitério que hoje confina com o laboratório da aviação inglesa. Não, não era o futuro que interessava os rometros, mas apenas um certo passado, aliás pouco brilhante, da história francesa

Mas deixemos a anedota e procuremos o significado exemplar deste «fait divers». Antes de mais, parece-me surpreendente que alguém cuide ainda dum personagem tão antipático como este antigo conspirador de duvidosa ascendência bonapartista; pelo menos aqui, nesta Alsácia tantas vezes tomada e devolvida à França, o autor do golpe de Estado do 2 de Dezembro não suscita entusiasmos nem parece de molde a angariar sócios para essa «Association des Amis de Napoléon III», presidida pelo sr. Maurice Vellet e instalada no n.º 50 do cais Louis Blériot, em Paris, a dois passos do edifício da radiodifusão; e compreende-se que assim seja, uma vez que a desastrosa política guerreira do pseudo-Bonaparte levou o país à tremenda humilhação de Sedan e à perda da Alsácia. O que não impede o presidente da referida associação de declarar: «Só temos uma finalidade: reabilitar a memória de Napoleão III e isto sem qualquer segundo intuito político. Napoleão III é um soberano caluniado, vítima duma injustiça quase secular. Para muitos franceses, o nome dele ficou ligado ao golpe de Estado de Dezembro e à batalha de Sedan. Mas não se tem reparado no resto» E o resto não seria o silêncio hamletiano mas a transformação urbanística de Paris sob o olho severo do barão Haussmann, a industrialização da França, etc.

Receio todavia que o Galaaz do cais Blériot ande a perder o seu tempo em ninharias ao pretender levantar da lama o nome dum homem que o exilado Victor Hugo apostrofava com veemência, rancor e verdade, do alto do rochedo de Guernesey, apodando-o (oh tão justamente!) de «Napoléon le Petit», para o distinguir do outro, o verdadeiro, o único Napoleão da história deste país, o corso que tanto bem e tanto mal fez ao seu país, o homem cujo bicentenário se celebra este ano com ênfase e um certo sentido da oportunidade, já que o bonapartismo parece constituir precisamente um dos ingredientes basilares da cozinha política gaulesa. Mas deixemos estes saborosos atalhos e tornemos à vaca fria, ao César bronco, responsável pela derrota na guerra de 1870, diante duma Prússia de bigodes, capacete de bico e olhar de ferro.

Reabilitar uma figura histórica maculada por historiadores desonestos, afastar de certos homens tanto a treva injusta como o brilho imerecido, sacudir das prateleiras da erudição o pó e os pequenos bolores da incúria, exumar periódicamente um figurante até ali mantido num anonimato indevido, fazer incidir a luz crítica sobre pontos astuciosamente escamoteados do público e transmitidos de geração em geração por cardumes de mestres-escola, mondar o joio das falsificações póstumas, reaprender a todo o momento a herança do pretérito, sabendo esquivar-se à conversão interesseira dos actos e feitos de outrora em dividendos oportunistas do presente, evitando que a História seja aquele filtro perigoso de que falava Valéry, tudo isto me parece faina legítima, nobre e necessária. Mas, ao invés, ir piedosamente caiar de branco certas sepulturas, reescrevendo abusivamente aquilo que foi de molde a conjugar-se com aquilo que queríamos tivesse sido, tratar a historiografia como um palimpsest capaz de ser rasurado e novamente redigido sempre que necessário, elevar o vilão ou envilecer o herói ao sabor da moda e do interesse do momento, louvar num Napoleão III a urbanização de Paris e esquecer, por exemplo a expedição desastrosa do México ou a repressão sangrenta que se sucedeu ao golpe de Estado de 1851, tratar em suma a História como se ela fosse uma cera dócil aos nossos dedos calculistas, já me parece lida perniciosa e tão grave como insinuar que, no fundo, 2+2 podem ser 4 ou 5, conforme os interesses da vida condicionarem os imperativos da aritmética racional. Não, não se trata apenas de romper lanças pela Imparcialidade, pela Sublime Missão do Historiador ou outras lérias do mesmo quilate; trata-se, apenas e afinal, de assegurar o futuro através duma honesta compreensão do que deve ser a tarefa de rememorar o passado. Porque, ao contrário do que se possa levianamente supor, a História nada tem de neutro: escrever bem aquilo que foi é fazer bem aquilo que deve vir a ser.

Estrasburgo, Abril de 1969

Toiros toiros

por El Terrible Perez

O anúncio, em Portugal, da novilhada de Badajoz constituiu uma confissão flagrante do mais absurdo da actualidade tauromáquica espanhola. «Toiros - Toiros!» anunciavam-se para uma novilhada, porque os novilhos são geralmente para os chamados matadores de toiros. Os novilheiros, e andam agora por cerca de duas centenas, têm de suportar os toiros que os chamados matadores de toiros não querem.

E aquelas ganadarias duras que os famosos temem são para os menos famosos da categoria. Assim se forjam os meninos bonitos que a publicidade eleva aos píncaros da fama e aos milhões de pesetas. Não queremos citar nomes nem prolongar o protesto que aqui fica lavrado em poucas linhas. Permitimo-nos apenas recordar que fomos sempre exigentes com os maiores e sempre defendemos os mais humildes, que são os que mais honradamente exercem a profissão. E, sem querer pôr muito em foco o patriotismo, diremos ainda que os matadores portugueses estão sendo vítimas da injustiça e do esquecimento dos empresários espanhóis. Ainda temos boa meia dúzia em forma e outros tentam abrir o caminho que se lhes dificulta injustamente.

RESTAURANTE CASTANHEIRA

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

(MAIORES DE 15 ANOS)

MÁQUINAS DE COSTURA — RADIADORES E CALDEIRAS PARA AQUECIMENTO CENTRAL — FERROS DE ENGOMAR — CALORÍFEROS — FOGÕES DE COZINHA — BANHEIRAS — LAVATÓRIOS COLECTIVOS E OUTRO MATERIAL SANITÁRIO DE FERRO ESMALTADO — MARMITAS E EQUIPAMENTO COMPLEMENTAR PARA GRANDES COZINHAS — MATERIAL PARA LAVANDARIAS — BOMBAS CENTRÍFUGAS E MANUAIS — TORNOS DE BANCADA DE FERRO FUNDIDO — FORJAS PORTÁTEIS — VENTOINHAS PARA FORJAS — MOTORES DE EXPLOSÃO DE PEQUENA CILINDRADA — ABRIGOS PARA BICICLETAS, MOTORIZADAS E MOTOCICLETAS — ACESSÓRIOS DE FERRO MALEÁVEL PARA CANALIZAÇÕES — ACESSÓRIOS PARA LINHAS DE ALTA TENSÃO — TUBOS PARA CANALIZAÇÕES E OUTROS USOS — OBRA DE FERRO FUNDIDO NORMAL E DE FERRO MALEÁVEL — GALVANIZAÇÃO DE ARTIGOS DE FERRO.

INDÚSTRIAS A. J. OLIVEIRA, FILHOS & C.ª, LDA.
OLIVA
S. JOÃO DA MADEIRA

JOÃO CAMILO ALVES, LDA.

VITI-VINICULTORES

BUCELAS-LISBOA

AUMENTO DE CUSTO DE VIDA

NÃO!...

40 ANOS A PROCURAR VENDER SEMPRE POR MELHORES PREÇOS

6 MEIAS, IGUAL A 5 PARES

MICRO-MESHE

17$50

REI DAS MEIAS

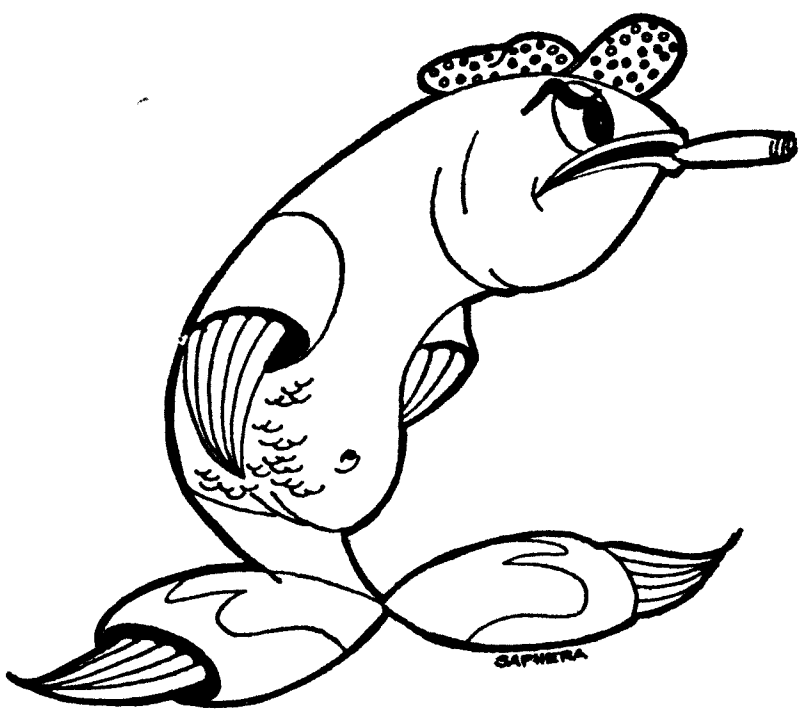
LARGO RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 32
LISBOA

PARA OS CRUZEIROS NO VAPOR FUNCHAL
Procure ABREU uma organização com 129 anos
Vá mais · Gaste mais · Portanto pague menos
Lisboa-Av. Liberdade, 160—Porto-Av. Aliados, 207—Coimbra-R. da Sofia, 8

PEIXE

ABUNDÂNCIA E BOA QUALIDADE
DISTRIBUIÇÃO ASSEGURADA EM TODO O PAÍS

INALTERÁVEL A TABELA DOS PREÇOS



DO PEIXE CONGELADO DESDE HÁ DOIS ANOS, MERCÊ DO ESFORÇO DE UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO QUE SERVE SIMULTÂNEAMENTE OS OBJECTIVOS NACIONAIS DO GOVERNO

NO COMBATE À TENDÊNCIA PARA A ÀLTA DOS PREÇOS

O S. A. P. P.

DISPÕE DE GRANDES «STOCKS» DE PEIXE CONGELADO POR FORMA A SUPRIR TODAS AS FALTAS

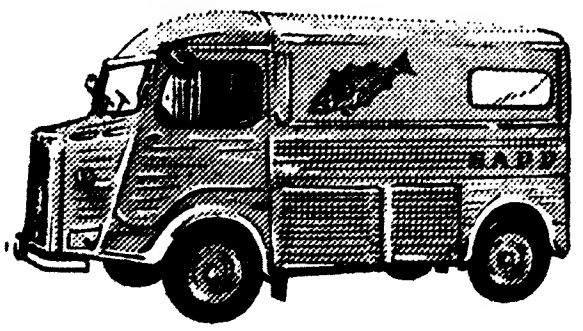
PESCADA CONGELADA

Os preços máximos da venda ao público mantêm-se os estabelecidos desde 1966:

Tipo n.° 1 (até 0,500 kg)	12$00
Tipo n.° 2 (até 0,800 kg)	14$00
Tipo n.° 3 (até 1,500 kg)	16$00
Tipo n.° 4 (até 2,400 kg)	16$50

NAS SUAS CAMARAS FRIGORÍFICAS: «DOCAPESCA» DE PEDROUÇOS, MATOSINHOS, MONÇÃO, VIANA DO CASTELO, BRAGA, ST.° TIRSO, GUIMARÃES, BARCELOS, PÓVOA DE VARZIM, FAFE RÉGUA, MACEDO DE CAVALEIROS, VISEU, CASTELO BRANCO, COVILHÃ, GUARDA, COIMBRA, LEIRIA, ABRANTES, CALDAS DA RAINHA, MONTEMOR, ESTREMOZ, BEJA, OLHÃO, ETC., ENCONTRAM-SE À DISPOSIÇÃO DOS COMERCIANTES RETALHISTAS: CACHUCHO, PARGO, GAROUPA E PESCADA CONGELADOS

Nos supermercados, em muitas mercearias e charcutarias o público consumidor tem à sua disposição toda aquela variedade de peixes congelados nas melhores condições de preço e de higiene



PEIXE FRESCO

À VENDA NOS POSTOS DO S. A. P. P. ESPALHADOS PELO PAIS, NAS «CARRINHAS» ITINERANTES E CARROS-PEIXARIA, NAS MELHORES CONDIÇÕES DE PREÇO E HIGIENE

SAPP — SERVIÇO DE ABASTECIMENTO DE PEIXE AO PAIS

O primeiro jornalista condenado pela «nova» lei de Imprensa de 1926

por Félix Correia

O NUNO FERRARI, excelente repórter fotográfico, como seu pai, o Amadeu, discípulo do Arnaldo Garcez, teve a amabilidade de me oferecer, com um exemplar do número da revista «Eco dos Sports», de 9 de Janeiro de 1927, uma reprodução a preto e branco, duma sua página gráfica em ocogravura, cuja legenda era a seguinte:

«*Félix Correia, nosso querido amigo e camarada do* Diário de Lisboa, *deu entrada na cadeia porque teve a coragem de pensar alto e bom som.* Eco dos Sports *presta ao brilhante jornalista, vítima duma lei iníqua, a sua inteira solidariedade. Na presente fotografia vê-se Félix Correia no dia em que foi preso, rodeado pelos seus camaradas de todos os jornais de Lisboa, incluindo o director da nossa revista. Félix Correia está marcado pelo sinal × está entre o nosso camarada Cândido d'Oliveira, director do nosso colega* Os Sports, *e Artur Inês, director do* Eco dos Sports».

Historiamos o episódio que mereceu a mestre Francisco Valença uma estupenda caricatura no «Sempre Fixe»:

UMA TARDE, em 1926, fui procurado, no «Diário de Lisboa», pelos cinco directores do «Eco Telégrafo-Postal», cujos nomes figuravam no seu cabeçalho: eram todos distintos e prestigiosos funcionários, com muitos anos de serviço.

Fora o caso que o referido jornal publicara um editorial, atacando o excessivo rigor com que o chefe supremo da Contabilidade dos C. T. T., interpretava o respectivo Regulamento, responsabilizando os chefes das estações por todos os valores postais que lhes estavam confiados, sem atender a quaisquer circunstâncias que os fizessem desaparecer, no todo ou em parte: incêndio, roubo praticado por qualquer funcionário, mesmo quando este fora julgado e condenado, etc.

A pessoa atingida movera-lhes dois processos: um no tribunal judicial, ao abrigo da Lei de Imprensa publicada recentemente pelo Estado Novo, e outro disciplinar.

Era este último que os preocupava, pois, se se provasse que eles tinham tido conhecimento antecipado da publicação do artigo, estavam sujeitos a penas que podiam ir até à demissão. Por isso, vinham perguntar-me se, como grande amigo de todos, estava disposto a assumir inteira responsabilidade do que se passara.

Respondi-lhes afirmativamente; e a minha maior preocupação passou a ser a convencer o juiz de que eu, não só escrevera o artigo mas conseguira publicá-lo, sem sequer consultar os directores, por ter liberdade de acção na respectiva tipografia... que eu não sabia sequer onde era!

Convencido ou não o que é certo é que o douto magistrado registou as minhas declarações, em resultado das quais eu fui condenado a três meses de prisão correccional.

O coro de protestos foi tal, nos jornais, durante dias, que a Censura se viu obrigada a proibi-los totalmente.

Quando recebi a notificação para comparecer, às 12 horas de determinado dia no tribunal, a fim de ir cumprir aquela pena, comuniquei o facto a alguns camaradas. Pois foi o bastante para se juntarem na Boa-Hora, praticamente, todos os jornalistas de Lisboa a quem o serviço o permitiu, que, depois me acompanharam até à porta do Limoeiro onde nos aguardava um pelotão de Cavalaria da G. N. R., que os dispersou quando começaram a ouvir-se «vivas» à liberdade de Imprensa.

No primeiro dia de visitas levaram-me mais de cem charutos.

Assim como não apresentara nenhum advogado também me recusei a recorrer da sentença o que me era facultado por lei, e, depois, a pedir o indulto que me foi, repetidamente, sugerido por numerosos amigos, entre os quais se contavam elementos dirigentes na situação política saída do 28 de Maio.

Igualmente recusei a solução, inspirada pelo Chefe do Estado, o general Carmona, ao seu ajudante de campo, o meu amigo tenente Mário de Carvalho Nunes, oficial de Lanceiros 2, para eu ir cumprir o resto da pena naquela unidade.

Uma tarde, fui chamado ao gabinete do director da cadeia, o tenente-coronel Amorim Pessoa, meu companheiro de vida nocturna, que me participou que, estando eu já condenado, não podia continuar no Limoeiro, destinado aos presos que aguardavam julgamento, e que, portanto, teria de seguir para Monsanto, onde ele me conduziria pessoalmente, no automóvel oficial das Cadeias Civis.

Ingressei num grupo do último piso do forte, sendo-me distribuído um catre próximo daquele em que dormia António Nunes Canha, que matara, no cemitério dos Prazeres, no funeral do grande industrial Alfredo da Silva, o gerente da Companhia União Fabril, Adolfo Viana, só não tendo sido logo abatido, no local, devido à acção do tenente-coronel Raul Esteves e dalguns oficiais de Sapadores de Caminhos de Ferro.

Como eu, decididamente, não pediria o indulto, o meu caso foi resolvido muito simplesmente: em seguida a um conselho de ministros, foi publicado um suplemento ao «Diário do Governo», inserindo a sua resolução de considerar expiada a pena a que eu fora condenado. Isto é: fui posto na rua por um decreto com força de lei...

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COMPANHIA DE PETRÓLEOS DE ANGOLA (PETRANGOL), S. A. R. L.

CAPITAL 150.000.000$00

SEDE EM LUANDA

ADMINISTRAÇÃO EM LISBOA

PESQUISA
PRODUÇÃO
REFINAÇÃO
EXPORTAÇÃO
E
TRANSPORTE
DE PETRÓLEOS EM ANGOLA

ESTALEIROS NAVAIS DO MONDEGO

S. A. R. L.

FIGUEIRA DA FOZ

Telefone PPC 22112 (3 linhas) End. Teleg. «ESNAMO»

Construção e reparação de navios

2 CARREIRAS DE CONSTRUÇÃO
PARA NAVIOS ATÉ 110 METROS DE COMPRIMENTO

PLANO DE QUERENAGEM
PARA REPARAÇÕES
DE NAVIOS ATÉ 600 TONELADAS DW

A MAIS MODERNA MAQUINARIA

A MAIOR EFICIÊNCIA NA PROJECÇÃO E NA CONSTRUÇÃO DOS NAVIOS

APETRECHAMENTO PARA EXTENSO EMPREGO DE SOLDADURA ELÉCTRICA NA CONSTRUÇÃO COM INSTALAÇÃO DE RAIOS X INDUSTRIAL PARA SUA VERIFICAÇÃO

110 NAVIOS CONSTRUIDOS E EM CONSTRUÇÃO

ANTEPROJECTOS E ORÇAMENTOS GRÁTIS

Cultura popular

Obra gigantesca que urge realizar

por João Gomes

A GRANDE MASSA da população portuguesa constitui, do ponto de vista cultural, terreno baldio, que importa arrotear. Há ainda um número considerável de analfabetos (30 por cento da população portuguesa, em 1960, segundo estatísticas da U. N. E. S. C. O.) que procuram a luz e o benefício de saber ler e escrever.

Mas saber ler e escrever não equivale a ser culto. É certo que a instrução-base é uma condição fundamental. Só ela permite apreender ideias e princípios, compreender situações e realidades. A cultura resulta do enlace da instrução e da educação e esta não é outra coisa senão o esforço permanente de formação pessoal tendente a desenvolver as possibilidades de raciocínio e de opção, o sentido de responsabilidade, o senso moral, o desejo, a busca e o apego a verdade e à justiça.

A cultura a desenvolver entre as camadas populares tem de partir de um esforço empreendido numa linguagem simples e acessível, tem de partir das realidades e do cenário próprio em que decorre a sua vida. Seria lamentável realizar uma política cultural que conduzisse a um afastamento do próprio meio de origem, que fosse uma forma de amolecimento ou de indiferença perante a situação das maiorias. A cultura popular, vista da perspectiva dos interesses das massas e do País, terá de ser guiada num ambiente de participação dinâmica, de compromisso e de acção tendente à transformação das realidades quotidianas. Terá de ser uma cultura que ajude as pessoas a pensar bem, a ver claramente, a decidirem-se face aos empreendimentos que se imponha realizar. Não uma cultura que seja incentivo ao egoísmo, mas que fomente sentimentos de solidariedade, ao nível do grupo restrito e da comunidade nacional.

Quem pode duvidar da grandeza da tarefa que urge realizar no domínio da cultura popular? O Presidente do Conselho, no discurso que pronunciou perante a Assembleia Nacional, em 27 de Novembro passado, acentuou a necessidade de dispensar «particular atenção às realizações tocantes à educação básica, à formação profissional e à saúde pública». Entretanto, dói que se não criem condições e não se forneça seria ajuda com vista ao aproveitamento de todas as capacidades e das instituições existentes, em cujo quadro de actividade se poderia desenvolver uma ampla campanha, um trabalho metódico e programado de educação popular.

Se há reformas que apenas são viáveis por iniciativa do Estado, como é o alargamento da instrução, a eficácia e valorização do ensino a ministrar, há realizações que podem depender da iniciativa particular e da acção de instituições locais. Mas estas, a que não faltam, em geral, boas vontades, sofrem à míngua de meios técnicos, de equipamento de especialistas e de transmissão de ideias, que não são possíveis sem fundos consideráveis. A ajuda económica de que carecem pode ser fornecida pelo Estado, sem que o facto suponha, consequentemente, um «contrôle» da sua actividade ou o cerceio da sua autonomia.

A formação e a actividade, a escala nacional, de militantes e educadores populares, a que modernamente se chama animadores culturais, supõem, para ser exercidas com eficácia, de possibilidades financeiras e de condições de trabalho apropriadas. É certo que aqui e ali se vão desenvolvendo valiosas e heróicas experiências que não chegam, porém, a lograr os resultados que de outro modo se conseguiriam. E muito se poderia realizar se se tentasse explorar, numa política de verdade, a vida associativa que se desenvolve no âmbito das cerca de seis centenas de instituições de cultura e recreio que existem no País, para não falar das Casas do Povo e de outras organizações e movimentos de educação e juventude.

Esses animadores culturais, desde que livremente aceites pelas instituições locais e cuja competência técnica fosse suficientemente reconhecida, poderiam ser agentes vitais de programas de alfabetização, de sessões de cultura e debate, de participação popular em espectáculos de teatro, da utilização de bibliotecas. Em resumo: agentes de uma cultura dirigida ao povo, em linguagem popular, feita e participada pelo povo. Este desabrochar de energias latentes contribuiria para transformar, em alguns anos, a face espiritual do País. Enriqueceria o espírito pessoal e colectivo e seria a alavanca-mestra que ajudaria a concretizar os voos de desenvolvimento económico por que todos aspiramos.

Fachada da sede da «Voz do Operário», uma instituição-símbolo da capacidade organizadora das classes trabalhadoras e das enormes possibilidades que é necessário aproveitar no desenvolvimento da cultura popular

PROPRIEDADES

COMPRA
VENDE
ALUGA

ATUPAL
DE
JOAQUIM BARAONA
Estrada Marginal, J. M. E., 2.-C — CASCAIS

Felicita o «Diário de Lisboa» pelo seu aniversário e deseja a todos os seus colaboradores as maiores prosperidades

Quem tem medo dos neologismos?

por Afonso Praça

NO DEBATE generalizado do aviso prévio sobre a defesa da Língua Portuguesa, que se prolongou por várias sessões da última legislatura da Assembleia Nacional, o problema dos estrangeirismos e dos neologismos ocupou de modo especial a atenção de alguns deputados que, com conhecimentos linguísticos nem sempre claros e preocupações extralinguísticas por demais evidentes, entraram na «discussão».

Uma leitura fugidia de algumas intervenções leva-nos, agora, a pensar que a «defesa» foi, por vezes, muito longe e caiu em exageros infundados de que pode dar-se um exemplo tirado á sorte: «A não se tomarem providências que impeçam que continue a verificar-se a falta de atenção e de respeito pela pureza da Língua Pátria, que vemos adulterar-se dia a dia, momento a momento, passaremos todos, sem grande demora, a seguir na onda de desorientação que tudo parece perverter, e a falar e a escrever um Português absolutamente *desaportuguesado*».

O exagero é evidente: não há qualquer indício de que esteja iminente o *desaportuguesamento absoluto* da Língua Portuguesa (ou Português, «tout court»), embora sem custo se reconheça a necessidade de uma vigilância constante, sobretudo no que respeita a construções e grupos fraseológicos que estejam em desacordo com a natureza da língua. Mas daqui a um policiamento orquestrado, de gramática na mão, vai uma grande distância.

OS estrangeirismos e os neologismos (note-se que os primeiros constituem de certo modo, uma das formas dos segundos) são grandes responsáveis pelo enriquecimento constante do nosso vocabulário. Assim o não entendem, todavia, os puristas que desvairam diante de cada vocábulo novo e, desembainhando a espada forjada no séc. XVIII em face do aluvião de galicismos, se aventuram a novas investidas, geralmente contra moinhos de vento.

É que uma língua viva está a criar constantemente novas formas de expressão e, desse acto criativo, que é também uma necessidade, surgem naturalmente os neologismos e os estrangeirismos que devem ser recebidos de braços abertos, sempre que venham preencher um lugar vazio, tanto do ponto de vista conceptual como conotativo (evocativo e emotivo).

Na sua «Estilística da Língua Portuguesa», Rodrigues Lapa escreve: «A adopção dos estrangeirismos é uma lei humana e particularmente portuguesa: constitui como que uma fatalidade, devida aos intercâmbios das civilizações. A língua, especialmente o vocabulário, só tem a lucrar com isso. O ponto está em que essa imitação não exceda os limites do razoável e não afecte a própria essência do idioma nacional».

Além disso, note-se ainda que a importação de palavras não existe isolada; acompanhando geralmente outras importações, é cada vez mais facilitada pelos modernos meios de comunicação. Não adianta, assim, gritar contra isso, a comunidade linguística tem sempre a última palavra a dizer sobre a aceitação ou não aceitação dos vocábulos novos. E, enquanto os deputados elevavam a voz em defesa da língua o neologismo *totobola* (de importação recente) ganhava novos adeptos por esse país fora, com proveito para muita gente e, até, para o próprio vocabulário.

Por tudo isto, se pergunta: quem tem medo dos neologismos?

BEM vistas as coisas, a Língua Portuguesa começou a receber influências estrangeiras logo após a sua formação, com as invasões dos bárbaros germânicos e dos árabes. A influência da língua francesa é, porém, a mais importante de todas, até porque, de certo modo e por motivos vários, Portugal tem acompanhado sempre, e desde a sua fundação, a cultura francesa.

Não se pretende concluir pela inutilidade absoluta da defesa da Língua, mas pela inutilidade de um certo tipo de defesa. Do mesmo modo que a condenação dos estrangeirismos e neologismos não passa, muitas vezes, de um absurdo. É que até o «portuguesíssimo» vocábulo *açorda* foi em tempos, um estrangeirismo trazido pelos árabes para este ridente território onde, aliás, ganhou saborosas raízes.

Mas hoje — cismam os puristas — o problema é bem diferente: o aluvião de neologismos e estrangeirismos cresce de dia para dia e o progresso verificado nos meios de comunicação e de informação contribui poderosamente para divulgá-los.

Tudo isto é verdade, mas não se segue que seja um mal. O linguista Brunot escrevia a propósito: «A melhor maneira de compreender o que é a criação verbal é reparar num muro coberto de anúncios ou na última página dum jornal de informações.»

Recordando que uma língua viva está constantemente a criar novas formas expressivas, o exemplo está certo e pode ser alargado ao problema da adopção de estrangeirismos que não afectem «a própria essência do idioma nacional». Os puristas («gente no geral pouco compreensiva e virada sempre para o passado» lhe chama Rodrigues Lapa) é que não pensam assim e, a cada novidade vocabular lida nos jornais ou ouvida na rádio, torcem o nariz e vão ler mais uma página de Vieira.

CERTO que os jornais (e os restantes meios de informação) têm as suas telhas de vidro, de que podem servir como exemplo locuções como estas que são frequentes: *ter lugar* (por *realizar-se*), *enquanto que*, *fazer a honra*, *fazer um passeio*, *fazer conhecimento com*, etc. Tudo isto é condenável, até na medida em que

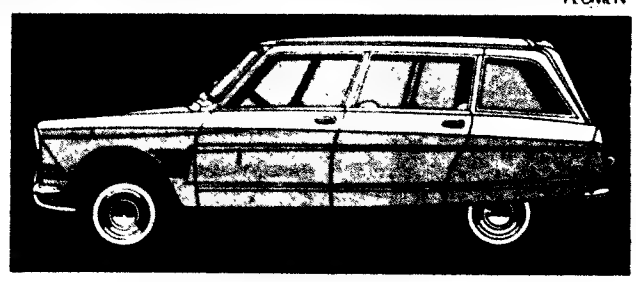
(Continua na pág. 39)

os amigos são para as ocasiões...

FLUMEN

Precisamos deles em todas as alturas.
Até para levar as crianças à escola.
Contamos com o AMI 6.
Sabemos que foi construído expressamente para garantir a segurança e a tranquilidade dos seus passageiros
Uma impecável aderência à estrada
Uma travagem sem defeito. Tracção à frente beneficiando de uma experiência de mais de 30 anos.
Suspensão incomparável. Trancas interiores para as portas.

Agora também numa versão de luxo:
BREAK CLUB



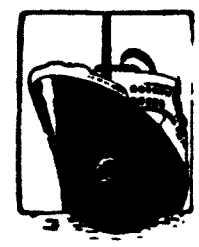
CITROËN
BREAK ou BREAK CLUB

ami 6
O AMIGO DE TODAS AS OCASIÕES

AGORA!
"UMA NOVA GERAÇÃO DE MOTORES"
MAIS RÁPIDOS
MAIS NERVOSOS
MAIS POTENTES

AUTOMÓVEIS CITROËN, S.A.R.L.
Avenida Praia da Vitória, 9-11
Avenida Fontes Pereira de Melo, 47-A
Rua Filipe Folque, 5

HOLLAND-AFRIKA LIJN
AMSTERDAM



Serviço mensal de navios rápidos, com escala por LISBOA aceitando carga p/ descarga, directamente, nos portos de:
CAPE TOWN
PORT ELIZABETH
EAST LONDON
DURBAN
LOURENÇO MARQUES
BEIRA
sòmente para cargas em trânsito por estes portos

«Zaanland» em 15 de Abril

AGENTES DE NAVEGAÇÃO
WIESE & Cª Lda
Rua do Alecrim, 12-A — LISBOA-2
Telef 370241 (10 linhas) — Teleg «Wieseco» — LISBOA
Telex 1322 «Wiese» P

— Eu não sou cego!

por César dos Santos

TEM os seus cinco ou seis anos, e no pequeno rosto trigueiro — face mimosa de um anjo triste, inconsolável — os olhos apagados, numa impressionante imobilidade angustiada, parece que se afundam em abismos de aflitiva escuridão.

O pequenito, com a alma transida no cativeiro da treva que se adensa à volta dele, anda com a mãe, que, para o guiar, lhe põe a mão no ombro. Vêm de Cascos-de-Rolha e ela condu-lo a um ponto estratégico perto do cais ribeirinho na convergência do apressado e atarefado movimento em direcção a autocarros, barcos e comboios. Ali ficam, exibindo-se como figuras de um quadro desolador; e, aos apelos da mulher, lamuriente e súplice, pessoas que se mostram condoídas vão deitando umas moedas na caixa com ranhura que a criança traz dependurada ao peito.

A falta de vista deu ao infeliz garoto a acuidade auditiva, que lhe permite captar débeis rumores, para nós quase imperceptíveis, e o refinamento de sensibilidade impressionável às manifestações da vida que estua à sua volta, com o que há nela de exultante ou trágico. O inquieto rodopio da multidão azafamada, o caso pitoresco, o pormenor hilariante ou o episódio sentimental comovedor, tudo isso que sobressai na cena agitada da existência quotidiana ele pressente e reproduz em figuração dramática ou pitoresca na representação mental.

As reacções àquilo que o alegra ou mortifica põem-lhe no rosto meigo, sempre velado pela névoa da tristura íntima, expressões que correspondem a estados emotivos e traduzem — com a brumosa nostalgia de coisas maravilhosas pressentidas ou imaginadas e nunca vistas — imensa desolação interior, dolorida mágoa e a revolta amordaçada contra o destino cruel que o mergulhou na cegueira. Por vezes, um embevecido deslumbramento como que desanuvia esse rostinho marcado pela desventura: por exemplo, se lhe chegam ao ouvido vibrátil e atento as risadas cristalinas de outras crianças que brincam saltitantes e alegres — e são felizes só porque contemplam o prodígio das estrelas e das flores; ou quando ele, que não pode ver a fantasmagoria do mundo tangível e fascinador das cores e das formas singulares, se abstrai da realidade pungente e permanece enlevado no mágico universo criado pela sua ardente imaginação.

Noutros momentos, a pobre criança, como que acordada de um sonho, fica inquieta, atenta aos ruídos de passos que se aproximam — pessoas que identifica por hábito a maneira de cada um ou cálculo infalível. Acerca-se alguém que deita a moeda na caixa, salmodiando palavras de compaixão. O pobre garoto tem um estremecimento e no semblante pávido, turvado da negridão que para sempre lhe varreu a luz aos olhos, desenha-se-lhe, num ricto de amargura dilacerante, a rebeldia contra essa desapiedada humilhação — a esmola dada em gesto de alardeante caridade.

Numa dessas ocasiões, o senhor piedoso, ao deitar a moeda, sentiu-se no direito de, alto e bom som, fazer a inquirição molestadora. E, talvez mais por cabotinismo do que consciente de praticar uma maldade, pergunta à mãe num tom de afectada e arrastante lamentação:

— É cego de nascença, não?!

O pequeno, tão sensível, cingido à grande ilusão de ver o mundo das suas oníricas fantasias, logo lhe retorquiu, orgulhoso, numa trémula veemência:

— Eu não sou cego!

E havia tanto de revolta como de amarga tristeza nesse impressionante protesto de acento patético, prestes a estourar em convulsivo pranto.

Tocou-nos o coração o drama do infeliz garoto e, envolvendo-o numa onda de ternura, deixámo-lo entregue à sua negra sina, pensando no que será o futuro desse pequeno cego desamparado, a mendigar pela cidade exposto às atitudes chocantes dos que não acodem ao semelhante desventurado com a solidariedade nobilitante — e só lhe dão, se calha, a aviltante esmola!

O julgamento do desporto

por Mário Zambujal

O MEU AMIGO que não gosta do futebol, nem de qualquer competição desportiva, estava comigo na bancada. Fora até lá para me fazer companhia, não o interessava o viajar da bola nem o correr dos jogadores, nem sequer a multidão à espera que uma esfera de couro passasse no risco branco até encontrar uma barreira de rede. Ele estava no seu pleníssimo direito de não apreciar nada, nadinha daquilo, tal como eu tinha o direito de gostar — eu e todos os outros da bancada, e mais uns milhões que nesse mesmo dia estariam em outras bancadas desse mundo. A certa altura, as pessoas, zangadas com o árbitro, desataram a gritar. Sim, obscenidades e tudo. Então, o meu amigo, com um certo ar triunfante, disse-me: **«É isto, o futebol?»**.

●

Não, meu caro, isso não é do futebol — é das pessoas. As multidões que vão ver os jogos são apenas pedaços das multidões que formam países e o mundo. Não é o futebol que tem de educar os que nunca foram educados, que tem de lhes ensinar o respeito pelas opiniões alheias — até de um senhor chamado árbitro — se a sociedade a que pertencem nunca lhes soube inculcar essas ideias e sentimentos.

É verdade, meu caro, é verdade, que a paixão partidarista, a cegueira competitiva, as emoçõezinhas do despique ajudam a um «clima» propício à agressividade. Mas farás a justiça de reconhecer que esse «clima» apenas é mais evidente nos recintos do desporto — mais espectacular, digamos — mas existe mais ou menos em todos os actos da vida.

Sobretudo em tudo quanto é competição — e competição, hoje em dia, é quase tudo. Eu sei que tu — muito mais idealista que **realista** — és contra quanto seja competir. Ah, meu caro, mas então tens de ser coerente. O que se passa no desporto (e eu reconheço que há coisas muito desagradáveis) não deve ocupar todas as tuas atenções, parece-me que ele é apenas o «palco» de uma humanidade reconhecidamente agressiva. Aliás, tu falaste-me daquela discussão muito séria, sobre assunto sério, entre duas pessoas inteligentes, educadas, intelectuais mesmo. Contaste-me como esse jogo (de palavras) começou serenamente, mas aqueceu, aqueceu — e foi o diabo.

Bom, adiante. Tu és contra a competição, pura e simples, contra o facto de haver vencedores e vencidos, vitórias e derrotas, glórias e amarguras. Mas espera: eu também sou contra todos os excessos, contra a paixão doentia, contra a tristeza no perder de qualquer competição desportiva. Simplesmente, acho que tudo isto ultrapassa o desporto. É dos homens, quer vão aos estádios ou não. A competição, seja desportiva ou noutro qualquer sector, aguça o interesse das pessoas. Que se há-de fazer? Bem vês: toda a vida se têm cantado canções ligeiras, sem que fervilhasse por isso um entusiasmo por aí além. Até que se criou esta coisa do «Festival da Canção», uma espécie de «Taça dos Campões Europeus». Claro, primeiro houve o «campeonato nacional», ganho pela Simone com «A Desfolhada». Sabes que na noite dessa final, os cinemas e teatros estiveram «às moscas», e o mesmo aconteceu, certamente, em locais onde se tratavam de outros assuntos sérios. Depois foi o «jogo europeu» e calcula-se em duzentos milhões o número de telespectadores. Por causa das canções? Não, por causa da competição.

Repara, meu amigo, no progressivo interesse que despertam os concursos, até literários, ou de teatro, ou de artes plásticas e de outras manifestações intelectuais. Concursos com classificação pois claro.

Competição portanto. E diz-me com a tua velha sinceridade: se no final desses «campeonatos» se fizessem entrevistas com os «vencidos», tal como se faz com os jogadores de futebol que perdem — não haveria muitas censuras aos árbitros, ou seja, os júris? Sabemos que sim.

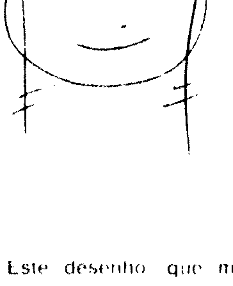
●

O desporto tem estado últimamente «em julgamento», por parte de pessoas que o não praticam nem vão aos estádios, mas cuja capacidade intelectual pode dar-nos um lúcido estudo sobre o chamado «fenómeno desportivo». É óptimo que assim aconteça. E será óptimo que se denunciem os seus verdadeiros males e malefícios. Mas pede-se um julgamento tão atento que não leve a condenar o desporto por «delitos» que nele se manifestam — mas que não lhe pertencem.

Alguns desenhos da vida

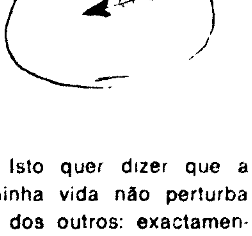
QUANDO AS PALAVRAS me faltam, ou não tenho tempo, faço desenhos. A coisa é muito simples e as pessoas sentem-se felizes — felizes como se recebessem um bilhete postal ilustrado com um motivo que as despertasse do sono rotineiro dos dias. São desenhos simples, talvez primários, mas imbuídos de toda a minha sinceridade.

O mais habitual, e talvez mais puro, é um rosto de menina sorridente. Assim



Este desenho que me sai das mãos como um afago, destino-o ás pessoas que estão sentadas no meu coração. Pessoas que almoçam e jantam lá, que desfolham livros, que fumam, que fazem festas na cabeça de um gato.

Tenho porém outros desenhos. Se alguém me escreve e me pergunta se vou bem costumo responder com este outro desenho



Isto quer dizer que a minha vida não perturba a dos outros: exactamente como a de um peixe no vidro de um aquário... Vou, venho, subo á superfície, desapareço no fundo.

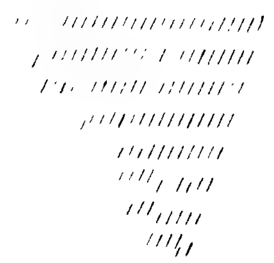
Disse-me, outro dia, um amigo: «Manda-me dizer se aí faz bom tempo». Estava um dia de sol, todos os dentes transformados num sorriso, e, vai daí, a minha «Bic» no cartão liso do postal, respondeu com estes traços

E o meu amigo compreendeu que a Primavera tinha chegado com eléctricos amarelos, troncos eróticos, refrescos com palhinhas e ombros nus. Não sei como ele chegou a essa conclusão, mas foi assim que ele entendeu a minha mensagem. E vocês?

Também alguém me perguntou se um camarada tinha morrido — e eu respondi-lhe com um ponto final!

●

Consigo fazer chuva na máquina de escrever utilizando, tic-tic, o travessão que se encontra na tecla do algarismo 7. Assim



Finalmente e antes de esgotar toda a simplicidade dos meus desenhos, ofereço uma lampada áquelas pessoas que ficam sem luz ás nove horas da noite.

Texto e desenhos de

Pedro Alvim

Um presente para Dona Janaina

por Joaquim Letria

«Uma multidão nostálgica, embrulhada em lamentações, acompanha a morte de cada ano»

TODAS as noites eu via a fogueira na praia. Um vulto escuro e magro de mulher recortava-se próximo, na noite clara. Estava sentada junto do lume e muitas vezes ia molhar os pés e, sempre que voltava, ajoelhava-se perto da fogueira, como se estivesse a aquecer-se, apesar do calor daquelas noites muito claras.

A mulher não faltou com a sua fogueira a nenhuma dessas minhas noites. O seu corpo escuro, de roupas escuras, levantadas acima dos joelhos, dentro de água, com a fogueira a arder cá atrás, acompanhou-me sempre no tempo de um cigarro derradeiro.

«Que faz aquela mulher todas as noites, ali?»

«Está rezando. Está pedindo a Dona Janaina».

Foi assim que conheci Iemanjá.

DEZEMBRO é quente de mais no Brasil. Os jornais contam centenas de casos de desidratação, as mulheres usam biquinis nas ruas e a multidão cresce nas praias. Por essa altura, altares toscos, improvisados, começam a erguer-se na areia, por entre partidas de futebol, discussões e conversas de amor.

São estrados vacilantes, bancos de acaso ou qualquer coisa diferente mas capaz de servir para um altar. Um pobre altar pagão mas decente, um bom e limpo altar, coberto por brancas toalhas de renda paciente, ou de tule engomado.

Mãos anónimas depõem naquelas bancadas um pouco de mandioca, um colar de grãos de café, flores. No meio de tudo isto, entre estas coisas simples, há também pedras preciosas, jóias de família, perfumes franceses, diamantes e bilhetes com pedidos e súplicas escritas. Mensagens que ninguém lerá porque são intocáveis.

Mais tarde, milhares de cirios são cravados em castiçais de areia e vão-se consumindo na noite quente e as estrelas parecem trémulas réplicas às velas que na manhã seguinte se reduziram a pequenos montículos de cera, estalagmites suaves que se colam aos pés nus.

«Para quê tudo isto?», perguntei.

«Tudo isto para Dona Janaína», disseram-me.

Foi assim que voltei a ouvir falar de Iemanjá

CADA ano morre cantado, tristemente, embalado no marulhar suave da água carregada de areia. Uma multidão nostálgica, embrulhada em lamentações, acompanha a morte de cada ano.

Cadê o capitão de indústria? Cadê o diplomata? Cadê o malandro do morro? Cadê o ladrão encartado? Cadê o esfomeado perpétuo?

Todos ali estão homenageando Dona Janaína. Todos ali estão juntos, numa mistura de peles, celebrando a rainha, Dona Janaína, a senhora do grande mar que os separa da terra de origem — Europa ou África, num caso ou noutro.

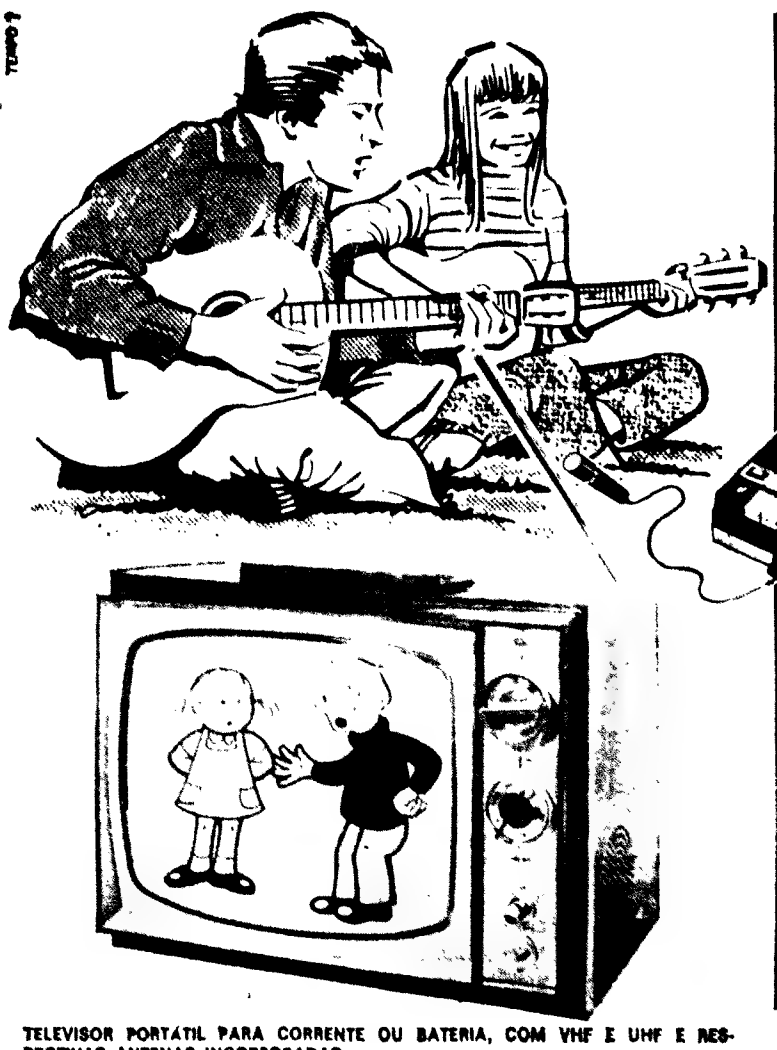
«Mas afinal quem é Dona Janaína?»

E contaram-me a história de Iemanjá.

IEMANJÁ tem diversos nomes. Também lhe chamam Janaína, Dona Janaína, Princesa do Mar, Princesa do Aiokâ, Sereia do Mar, Oluxum, Dona Maria, Rainha do Mar, Sereia Mukunã, Inaê, Marabô, Dandalunda.

Estes seriam nomes de mais para uma Dona só. Mas Iemanjá é uma deu-

Toshiba vai consigo!

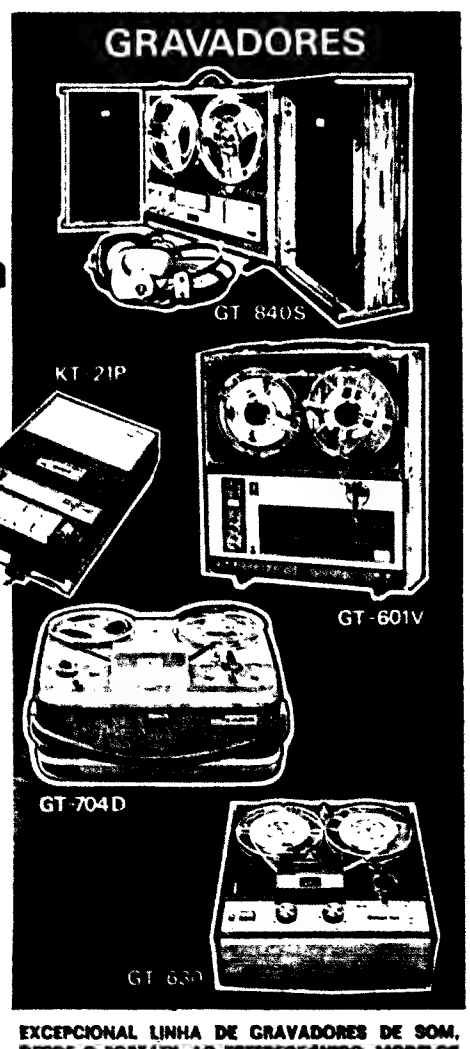


TELEVISOR PORTÁTIL PARA CORRENTE OU BATERIA, COM VHF E UHF E RESPECTIVAS ANTENAS INCORPORADAS.
TELEVISOR PORTÁTIL TOSHIBA — UMA SOLUÇÃO PARA TODOS OS LOCAIS.

AGENTES «TOSHIBA»
SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA. — Rua dos Fanqueiros, 302 — LISBOA — Tel. 30497 6 8
SOEL — SOCIEDADE IMPORTADORA DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA.
R. de S. Mamede (ao Calvário), 20 C — LISBOA — Tel. 866114 - 866449
DISTRITOS:
BEJA — CASTELO BRANCO — ÉVORA — FARO — GUARDA — LEIRIA — LISBOA — PORTALEGRE — SANTARÉM
AGEL — AVELINO MACHADO JÚNIOR — Rua de Alexandre, 438 — PORTO — Tel. 21668
DISTRITOS:
AVEIRO — BRAGA — BRAGANÇA — COIMBRA — PORTO — VILA REAL — VIANA DO CASTELO — VISEU
LUSOTEXTIL — EQUIPAMENTOS ELECTRÓNICOS, LDA. — Av. Luísa Todi, 33 1.º — SETÚBAL — Tel. 22071-3
DISTRITO — SETÚBAL

• À venda em todos os bons estabelecimentos

GRAVADORES



EXCEPCIONAL LINHA DE GRAVADORES DE SOM, DESDE O PORTÁTIL AO ESTEREOFÓNICO. MODELOS ULTRA-MODERNOS COM OS MAIS AVANÇADOS REQUISITOS TÉCNICOS.

Toshiba

CASIMIRO
ITERCOIFFURE
Rua Nova do Almada, 64, 1.º D.—Telef. 34038—LISBOA
ENGLISH SPOKEN | SECÇÃO DE BELEZA
ON PARLE FRANÇAIS | HOTEL TIVOLI
MAN SPINGHT DEUTSCH | AV. DA LIBERDADE

Empresa Industrial de Tintas, Lda.
FÁBRICA PORTUGUESA DE TINTAS DE IMPRESSÃO
Rua do Cascalheira, 33 — Telef. 63 80 08
ALCÂNTARA — LISBOA

Dona Janaina, é assim Yemanjá

sa. Para o brasileiro que a cultiva, Iemanjá é mais do que uma deusa — é a mãe dos deuses, sobrevive arrancada à mitologia iorubana.

Quando seu filho Orunzan, apaixonado pela mãe a tentou violentar, ela repudiou-o e saiu correndo pelos campos. O filho perseguiu-a e em breve estava prestes a alcançá-la. Então, Iemanjá caiu e imediatamente o seu corpo começou a crescer, ante o filho incestuoso.

Dos seus seios saíram duas grandes correntes de água, o ventre despedaçou-se e ali, naquele instante, ela tornou-se mãe de 15 deuses.

Deuses importantes. Aqueles que regem os vegetais, o trovão, o ferro, a guerra, o mar, os lagos, os rios africanos, a agricultura, os caçadores, os montes, as riquezas, a varíola, o Sol e a Lua.

O poder de Iemanjá é imenso porque esses deuses são filhos obedientes e têm à sua disposição tudo o que pode tornar o homem feliz ou infeliz. Assim, Dona Janaína pode dar aos homens as maiores alegrias mas também as maiores calamidades.

Há quem diga que Iansan, rainha das tempestades, é que é a mãe dos deuses, pois Iemanjá conserva ainda a sua virgindade. Mistérios e sortilégios como este envolvem a rainha das águas. É adorada, presenteada, mas engana e desespera, muitas vezes.

Se perguntarmos ao homem do mar, ao praeiro, como será Iemanjá, ele descreve uma beleza de tipo inconfundível. No reinado da deusa, a sua beleza é tão poderosa como o fascínio da sua força.

Umas vezes dizem que tem um encanto infinito, de longos e negros cabelos, faces delicadas, olhos, nariz, boca como nunca ninguém teve; outras vezes apenas metade do corpo é bela, que a outra metade é peixe, a sereia dos candomblés do caboclo.

Foi assim que me falaram de Iemanjá.

O BARCO afasta-se lentamente. O vento é brando e ajuda o avanço da embarcação no chape-chape das vagas pequeninas, minúscula carneirada. Vai longe dos que ficaram em terra a delegação a Iemanjá.

Receberá a deusa o presente de todos?

Essa a grande expectativa que domina, consome os interessados. O mar está calmo.

O pai de santo, homem de virtude, segura a bordo todos os presentes. Em terra a emoção cresce. Há quem ajude o pai de santo, que todos os presentes são peso bem puxado. Tudo é atirado pela borda fora. Em terra, atabaques calam, nesse momento decisivo, o seu sufocante ritmo africano.

Os presentes flutuam, dispersos por algum tempo. Mas um redemoinho desenha-se e tudo — flores pueris, papéis ensopados, jóias de estimação, objectos caros e simples apelos — é engolido pelas águas. Na terra a alegria dos que ficaram é grande. Muito grande. A deusa aceitou as dádivas. Iemanjá está contente com as suas gentes. As pescas serão fartas, os amores felizes, os negócios prósperos, os estudantes aprovados, os políticos eleitos, as noites tranquilas.

Graças a Iemanjá

«ERA um grande esqualo. Já estávamos no mar há muito tempo e ele apareceu pouco antes. Não pude fazer nada. Foi só uma dor que eu vou contar para você e a mão do camarada me puxando», disse-me o velho da perna de pau, cosendo rede na praia.

«Foi o pior ano que a gente tem para contar. Uma seca que não dá para esquecer. Nesse ano morreu meu filho», recordou a velha Nair, carregando seu fardo, subindo a muralha, deixando a praia para trás.

«O ano passado eu estudei pouco. Escrevi um bilhetinho mas não deu, não», lamentou-se o estudante.

Todo o ano, na mornice das noites, há vultos agachados a uma fogueira solitária. Há sempre alguém falando a Iemanjá, pulando

Dá gosto vê-los!

COURTELLE deu ainda mais encanto a seus filhos!
Com a malha COURTELLE, eles andam sempre bem vestidos, porque COURTELLE é indeformável, elegante, confortável... e tem cores tão alegres!... E é muito prática, também! COURTELLE lava-se... seca... e veste-se! Realce o maravilhoso encanto natural dos seus filhos:

Vista-os com COURTELLE

Aranjuez, meu amor

ou a leitura de um jornal publicado no dia em que nasci

por Fernando Assis Pacheco

NASCI a 1 de Fevereiro de 1937, em Coimbra, no rés-do-chão de uma casa da Rua Guerra Junqueiro. Nesse dia o «*Diário de Lisboa*» publicava um telegrama da Havas a dizer que em Aranjuez a vida era «absolutamente normal», depois da grande batalha da semana anterior: mil e tal mortos de que não sei o nome.

Mais tarde a resistência foi vencida, Aranjuez caiu, caiu Madrid. Leio na página central do **«Diário de Lisboa»** uma declaração do general Mola: «A guerra já há muito teria terminado se os países estrangeiros não tivessem permitido o envio de armas aos vermelhos espanhóis. Imporemos a paz sem bata-

Diario de Lisboa 1-2-937

Enquanto Genebra discute

as potencias preparam-se para qualquer eventualidade

lhões alemães, pois não os possuímos e deles não temos nenhuma necessidade».

São 16 páginas de jornal. Na segunda, por baixo dum anúncio do Retiro da Severa (cantavam Leonor Fialho, Alberto Costa e Manuel Calixto, este último irmão do Chico, que está no **«Diário de Lisboa»**), a cobertura «pelo telefone» da primeira audiência dum julgamento apaixonante: Emília Gonçalves da Costa, serviçal, é acusada de haver envenenado a patroa. Tribunal colectivo presidido pelo dr. Gustavo Teixeira Dias. 28 testemunhas de acusação e defesa. José Chaves Pimentel, duas vezes testamenteiro da falecida, «afirmou a sua convicção de que a criada é criminosa e de que houve um mandatário».

Tem tosse? Em 1937 ela desaparecia ràpidamente com o «Xarope Peitoral James» (pág. 3). Sente-se fraco? A solução estava no «Favacau», criação d'A Mariazinha e sua preparação exclusiva - «a farinha para criar forças» (idem). Anda a tinir? O Monte Auxiliar, Avenida Duque de Ávila, 177, emprestava algum «sobre tudo que ofereça garantia» (pág. 2).

INUNDAÇÕES NO RIBATEJO

Os últimos dias de Janeiro foram tempestuosos. No mouchão da Lomba do Tejo um «pobre maloral» agarrou-se desesperadamente a uns juncos durante 16 horas — de 27 para 28 — e ali o salvou a tripulação do rebocador «Atalaia». Chamava-se José de Melo. Assistiu à morte de três crianças. Transido.

«A grave situação do Ribatejo exige, a par das providências do Governo, um importante auxílio dos particulares» — título dramático na página central. M.l escudos da direcção duma empresa, cem escudos do presidente da direcção.

O **«Diário de Lisboa»** punha as suas colunas à disposição das «numerosas famílias do Ribatejo a quem os últimos temporais lançaram na miséria».

Aliás, o mau tempo continuava em 1 de Fevereiro. Ligeira vaga no Tejo, ondas altas fora da barra. «Arribaram alguns navios avariados» o **«Baron Yrborough»**, inglês, chegou mesmo com os porões a meter a água enquanto vários rebocadores socorriam o vapor jugoslavo **«Princ Andrej»**, que tinha garrado.

De Vila Velha de Ródão sem vento nem chuva, chegava um curioso telefonema do correspondente: «O tempo melhorou consideràvelmente nos últimos dias. O caudal do Tejo engrossou bastante, mas como aqui corre entre altas penedias não há possibilidade de inundações». Imagine-se o Tejo submergindo Vila Velha de Ródão! Seria o dilúvio no País, o fim do **«Diário de Lisboa»** e um cidadão por nascer: eu.

COLABORAÇÃO LEAL

Página central. Amanhã é a estreia (no São Luiz) de **«Uma noite na ópera»**, com os irmãos Marx. O mesmo cinema exibe, em últimas, «uma obra-prima»: **«Maria Stuart, rainha da Escócia»**, com Katharine Hepburn.

Na igreja de S. Domingos houve missa solene seguida de «Libera Me», mandada rezar pelo sr. conselheiro João de Azevedo Coutinho, em nome do sr. D. Duarte Nuno, duque de Bragança, sufragando as almas de D. Carlos I e D. Luís Filipe.

Hitler falara no dia anterior. Um discurso dos dele. «As palavras de Hitler foram directamente endereçadas às duas potências que dividiram em Paris o despojo colonial alemão» comentava Virgilio Gayda no **«Giornale d' Italia»**. Interpretação do **«Popolo di Roma»**: «Hitler respondeu a Eden que propôs manteiga sob condição de renunciar» — passa para a página 6 — «aos canhões. Hitler recusou o dilema. Achou-o erróneo. A Alemanha não quer isolar-se e não quer desarmar».

Mas em Châteauroux, na cerimónia inaugural do Monumento aos Mortos da Guerra, o ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Yvon Delbos, registava com satisfação que «o discurso de Hitler não contem nenhuma ataque contra a França», que o Führer «declarou que entre os alemães e nós não há qualquer objecto de disputa humanamente possível» e que o mesmo Führer se dissera «pronto a uma colaboração leal no futuro».

DELBOS «Yvon», homem político francês, 1885-1956: «... de 1939 a 1940 é ministro da Educação Nacional e mostra-se hóstil á política de expansão da Alemanha, hostilidade que lhe valerá ser deportado em 1943» («**Grand Larousse Encyclopédique**», tomo III, pág. 883).

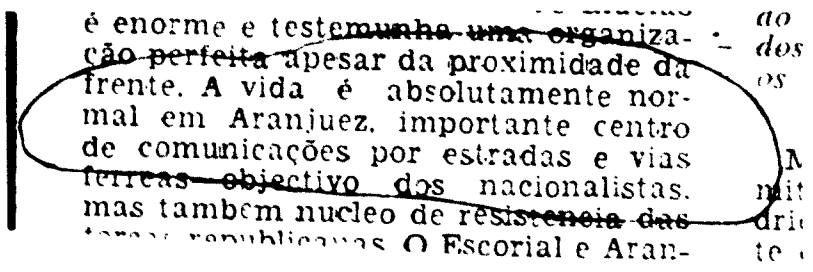
UM GRANDE «ROMANCISTA» EM COIMBRA

Eram dias amargos. Lembro-me perfeitamente (1940? 1941?) das tiras de papel nas janelas, frágil defesa contra uma guerra que em 1937 estava na forja.

Não, não nasci sobre cama de rosas. Não, não fui um menino feliz.

Agora procuro no **«Diário de Lisboa»** um cheiro da minha cidade, um acontecimento desse 1 de Fevereiro, e tudo o que encontro é a notícia duma conferência (publicada, claro, no dia seguinte) pelo «eminente romancista dr. Max Leopold Wagner», proferida em sala repleta no Instituto Alemão da Universidade. Leio as 34 linhas a uma coluna. Não se trata de um «romancista», mas de um «romanista». O latim falado, as suas características principais, a sua evolução! Ora adeus. Por momentos recordo o sonolento anfiteatro onde vinte anos depois me dirão que o reto-romano, não é, e o sardo, claro, e bem assim a **langue d'oc** e a **langue d'oil**...

Folheio mais. «O baile dos médicos teve brilho e imponência». A vida em Aranjuez é absolutamente normal. «Vêm a Lisboa os dois números de **music-hall** mais célebres da actualidade». A vida em Aranjuez é absolutamente normal. «Prosseguiram ontem os exercícios da Legião Portugue-


é enorme e testemunha uma organização perfeita apesar da proximidade da frente. A vida é absolutamente normal em Aranjuez, importante centro de comunicações por estradas e vias férreas, objectivo dos nacionalistas, mas também núcleo de resistência das

sa». A vida em Aranjuez é absolutamente normal. «O Benfica continua à cabeça». A vida em Aranjuez —

Aprendi a ler aos cinco anos. Num jornal, segundo conta meu pai.

PANCADA, MORAES & C.ª

BANQUEIROS

37, RUA AUGUSTA — LISBOA

DEPÓSITOS À ORDEM E A PRAZO

Guarda e administração de valores. Execução de Ordens de Bolsa, no País e Estrangeiro. Compra e venda de cheques e ordens de pagamento sobre Praças Estrangeiras. Aberturas de crédito para Importação e Exportação. Cheques de viagem. Desconto de letras sobre o País e Estrangeiro. Serviço de informações sobre Títulos. Câmbios e Comércio Externo

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS ESTRANGEIRAS

A entrevista que nunca fiz

sendo portanto pura coincidência qualquer semelhança com a realidade

ENTREI na sala atapetada e candelabrada e sentei-me num sofá, onde me enterrei até aos joelhos. Esperei, represo de expectativa: ia entrevistar o grande homem. Jamais, em serviço (ou fora dele, evidentemente) me fora dado auscultar pessoalmente as opiniões de um grande homem — ouvira funcionários camarários, contínuos de repartições, polícias, transeuntes, enfermeiros, engraxadores, bombeiros, escritores, meteorologistas, até chefes de secção, mas nunca grandes homens. O homem grande ou não se pronuncia ou faz destilar a sua opinião através de notas oficiosas ou oficiais que aparecem nas primeiras páginas dos jornais, a três ou quatro grossas colunas, fora, portanto, do meu alvedrio de plumitivo.

Mas agora, sensacionalmente, imprevistamente, ia ter o grande homem ao pé de mim e entrevistá-lo como se de um futebolista se tratasse, tu cá tu lá, eu com uma esferográfica e um papel dobrado em quatro; defronte de mim, ele a dizer coisas descontraidamente. Não sabia como a oportunidade tinha surgido, nem como os pormenores do encontro tinham sido alinhavados — mas que importam esses detalhes comezinhos quando se está face a face com um grande homem? Quando se vai estar, entendamo-nos — e á ideia de que o homem grande poderia entrar de um momento para o outro, polvilhava-se-me a cara de suores frios. Rememorava apressadamente e baralhando-as, as questões que me tinham sido indicadas para formular ao grande homem e lamentava não saber estenografia e não poder, assim, registar com fidedignidade textual as palavras que iriam escorrer da boca do grande homem, numa prodigalidade informal e talvez inusitada...

Pena — teria que me limitar a coligir uns resumos das declarações que Sua Excelencia produziria, com o perigo inevitável de truncar gravemente qualquer dos seus apetecidos pontos de vista ácerca dos momentosos problemas que seguramente iria abordar. Nem sequer tinham posto á minha disposição um gravador, repositório fiel de afirmações, quem sabe, a considerar históricas muito em breve!... C'os diabos! Nem um gravador... A não ser, claro, que o grande homem, generoso, se dispusesse a corrigir os meus apontamentos, como um professor universitário revê as sebentas fabricadas com base nas suas arengas «ex-catedra» proferidas. Porque não? Era só preciso que a generosidade do grande homem fosse do tamanho da sua grandeza...

Continuava a esperar e o tempo arrastava-se. Não era impossível que o grande homem tivesse sido chamado á última hora por um afazer urgente, que o levasse a adiar a entrevista. Seria de um azar incomensurável: eu próprio, a minha carreira, o jornal a que pertenço, os seus leitores e talvez a História nunca perdoariamos a sorte a perda de uma oportunidade destas! Mas o azar é assim, cego e implacável, não escolhendo as vitimas e ferindo a esmo. Há mais de uma hora que estou nesta sala e nada nela mexeu a não ser o meu nervosismo: dir-se-ia que o mundo parou lá fora, pois não se ouve um mero ruído vindo do exterior e as janelas fechadas e cortinadas, não deixam ver para além delas. É enervante, é deprimente. Onde estará o grande homem, que multidões beberão neste momento o seu verbo avisado e quente, sobre que imbroglio inextricável da governação pública estará ele a debruçar-se com voluntariedade, enquanto eu vegeto neste gabinete sideral e frio, intemporal na sua neutralidade? Ah, a eterna vocação dos grandes homens de fazerem esperar os pequenos!

Como não tenho já, decididamente, nada mais em que pensar, ponho-me a magicar como será mesmo o grande homem se se parecerá, visto de perto, as imagens que a TV e o cinema nos dão quotidianamente dele, com papelinhos coloridos a juncarem-lhe os ombros e crianças ranhosas nos braços, um sorriso aflivelado nos lábios, como que a querer esconder a sua evidente grandeza. Provàvelmente não se assemelha nada com essa figura estereotipada, é capaz de se baixote e sobre o gordo, ter voz de cana rachada e usar gravata amarelo berrante dessas que se vendem a sete e quinhentos no Martim Moniz.

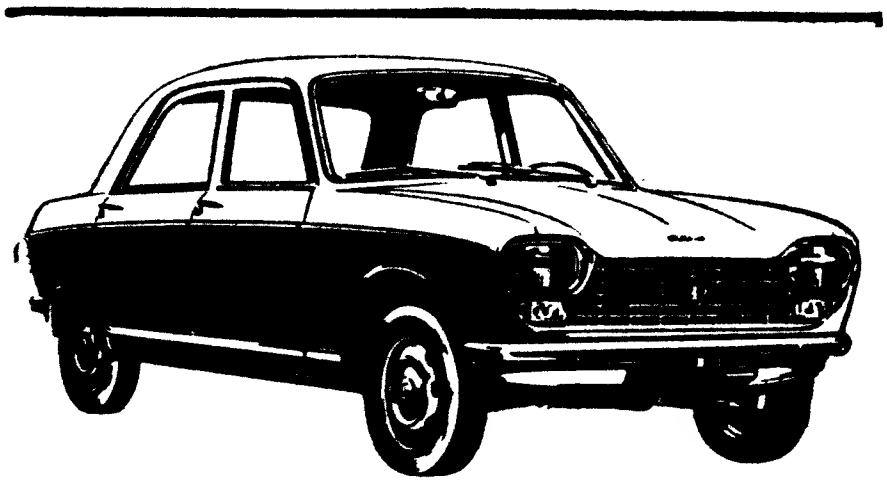
A grandeza mesmo a dos homens grandes tem, por vezes, os seus aspectos desconcertantes. Até já ouvi dizer que ha por aí um homem grande — não é este, mas não me recordo agora do nome — que nos ócios (raríssimos) que o ingente trabalho lhe permite, joga ao chinquilho com os colaboradores. Poderá ser? Ele ha cada um!

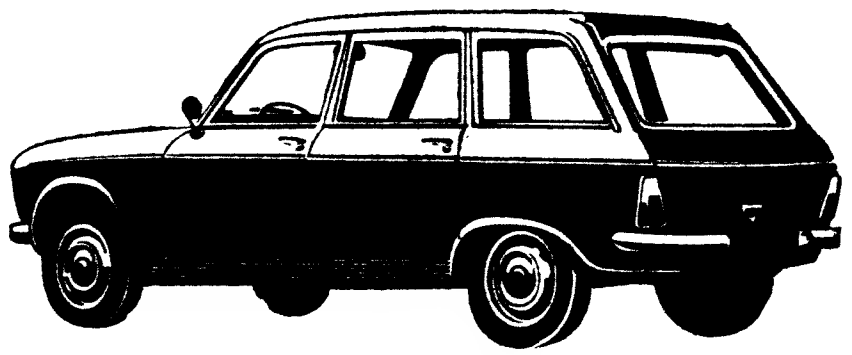
E com isto estou aqui há três horas. Que espiga! E de grande homem, nem cheiro. (A propósito como cheirará o grande homem: a água-de-colónia? a óleo de fígado de bacalhau? a Colares?) Distendo as pernas com lassitude e bocejo, mais de cansaço que de sono. Rabisco umas coisas imperceptiveis nas folhas cuja brancura virgem devia ser violada pelas respostas de Sua Excelência. Ah, esta vida de jornalista, os grandes homens os homens grandes.

Impaciente, quase descontrolado, atiro-me com furia contra a porta, aos murros, aos gritos. Quero sair, quero pôr-me a mexer, o grande homem que va para o diabo mais o seu depoimento! Quando abrando o meu frenesi, esgotado e abatido, o corpo caído com desalento sobre a porta hermèticamente imovel, consigo ouvir por entre o meu proprio reselegar uma vozinha que elcia. Olho para todos os lados, com ansiedade e raiva, a ver se descubro naquela maldita sala algo de humano, de vivo — mas nada enxergo, desgraçadamente! A vozinha, no entanto, volta, e mais forte, audivel agora:

Aqui, deste lado, homem! Em cima da secretária: a máquina de escrever — sim, pois então quem julgavas tu que era o grande homem?

por Sebastião Rego

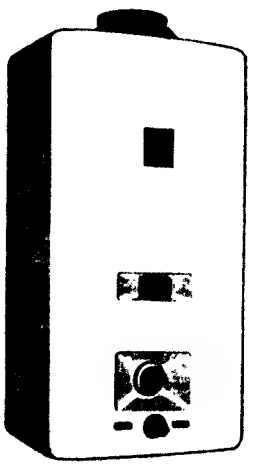




204
PEUGEOT

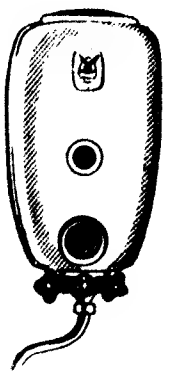
MOTOR - disposto transversalmente inclinado a 20°
Super quadrado — 4 cilindros
Cilindrada — 1130 c.c.
Taxa de compressão — 8.8/1
Potência — 58 HP
Regimen — 5 800 r.p.m.
Cabeça em aluminio de câmaras hemisféricas
Valvulas à cabeça
Cambota de 5 apoios
EMBRAIAGEM - de comando hidráulico
CAIXA DE VELOCIDADES - 4 velocidades para a frente, todas sincronizadas
SUSPENSÃO - traseira e dianteira independente
DIRECÇÃO - de cremalheira
TRAVÕES - de disco à frente, atrás de tambores, assistidos com servo-freio
PNEUS - 145 x 14
CONSUMO - entre 6, 8 e 8,5 l aos 100 Kms, segundo carga, percurso e velocidade
VELOCIDADE MÁXIMA - 142 Km/h

MOCAR, LDA.
Av. Rot. Eng. Duarte Pacheco, 19-A, 19-B - LISBOA



esquentadores a gás
VAILLANT

Sendo dos de manejo mais simples, são dos mais eficientes, seguros e menos susceptíveis de avarias.
Com VAILLANT resolverá o seu problema de águas quentes, qualquer que seja a quantidade de água que necessite.



MJM
distribuidores:
MANUEL J. MONTEIRO & Cª L.da
R. DOS CORREEIROS, 140 - LISBOA-2 Tel. 366061/4-324254/6

O Rio dos Mortos

por Renato Boaventura

Posta a agulha na espira, deixei o disco girar, deixei o mundo correr, só com música para ouvir as imagens de um mundo aberto para lá da janela. «Soltam se as velas/vamos largar/caem cometas no alto mar» **Os versos do poeta cujo nome não pode ser mencionado deram o sinal da largada e o barco vogou por sobre o mar da conversa para além do horizonte, da procela do debate que levantava ondas de perguntas. A espaços ribombava o trovão: «Mas afinal o que é o jornalismo?» No vinco do acetado, a relha de safira abria uma leiva de plástico negro, onde alguém semeara pensamentos e melodias para que todos tivéssemos farta colheita de espirais de música e de versos.** («Senhor poeta, vamos cantar/caem cometas no alto mar»)

Para além do vidro da janela, os campos da encosta estavam também lavrados e por sobre eles esvoaçavam pendões amarelos para espantar pardais. Figueiras ergulam os braços secos para o céu na planura do vale, no sopé da montanha onde as oliveiras formadas de vinte em fundo ocupavam as lombas. No vale a charrua abrira também um penteado de regos escuros na relva verde. Os canaviais nas margens do rio eram agitados pelo vento Sul. (*«Venham aí as montanhas ventos do mar»*), canta trovador, canta. Da banda de cá do vale, o poço largo, sem cobertura, que tapar a boca dos poços custa bem mais do que calar as consciências que querem ser caladas.

(«Les pays imbéciles ou jamais il ne pleut»), Brassens cantou e, por antítese dos países imbecis onde nunca chove, a ressaca da conversa trouxe a recordação: «O poço, a casita de tijolo e outras, os campos e os canaviais, todo o vale ficou coberto de água, naquela noite de Novembro.» Os carros boiavam como caixas de sabão, como esquifes antecipadamente roubados ao cortejo fúnebre do futuro e os mortos (homens e bestas) vogavam com o vidro dos olhos amortalhado de lama, os ventres inchados, as caras e os focinhos azuis. («Je suis un pauvre fossoyeur», eu sou um pobre coveiro — cantou soturnamente Brassens). Mas aquilo fora há mais de um ano. Os tractores andaram lá, mas mal chove, o rio volta a crescer ameaçadoramente. De tarde choveu e ele estava prestes a sair do leito. Antigamente era apenas um rio suburbano para onde escorreriam naturalmente os esgotos de ambas as vertentes (de um lado a do extremo da capital, do outro a da freguesia que está a transformar-se em cidade satélite). No Verão estava seco e o vento levantava nuvens de poeira fina, pestífera. Por isso, ninguém o conhecia pelo nome de Rio Odivelas. Era o «Rio Pó», ou o «Rio da Trampa». Agora foi promovido. É também Rio dos Mortos, aqueles mortos que as inundações trouxeram para perto das orlas do vale nos lagos remansosos e negros que as águas formaram junto ao casario, e foram encontrados depois da noite negra de Novembro. *Sem luzes no céu / só mesmo como eu / no lago do breu*», cantava no acetado a voz do poeta sem nome.

Nobody knows us for the things we've been thinking» («Ninguém nos conhece pelas coisas que temos estado a pensar»), cantou Scott McKenzie para concluir: «So what's the difference if we go» (portanto que diferença faz se partimos). Se fosse de todo em todo inútil Scott não teria feito canção. Talvez seja incómodo, mas por mais que nos vigiem nada nos impedirá que pensemos e quetenhamos o dever de testemunhar sobre isso. Podemos, enquanto é tempo, afastar a lama dos nossos olhos (nos que somos ainda apenas defuntos adiados) e ver e contar o que vemos e captar o que vemos através da fresta aberta no tempo, pelas canções, pelos poetas, pelas coisas. Por ela passam também as águas revoltas, inundam os campos, levam os corpos e deixam-nos semi-enterrados na lama que se acumulou no selo mais calmo das baías formadas no vale do Rio dos Mortos. «*Nobody knows us for the things we've been thinking*», mas é indispensável que alguém testemunhe e agite as consciências, que alguém seja conhecido por aquilo que pensa, por aquilo que pode dizer da realidade complexa que, afinal, está ao alcance de todos mas poucos podem ver.

O vento desfolha a tarde como a flor desfolha o peito», cantou um outro trovador cujo nome também não deve ser escrito. O sol poente acendeu fogueiras de oiro nas janelas do autocarro-laranja que atravessou a ponte do Rio dos Mortos. O homem que trazia o gancho do guarda-chuva pendurado da gola do casaco deslocou-se a passos furtivos e atravessou a relva verde e as leivas negras. Sob a figueira de braços secos requestavam-se dois pardais. Ele pousou algo no chão e aproximou-se seguro, rastejante, silencioso, até se agachar debaixo de uma oliveira camufladora. Apontou a espingarda e desfechou. Uma ave voou, a piar. Houve a esperança de que tivesse errado a outra. (*«Venham aves do céu pousar de mansinho / por sobre o sono do meu menino»*, entoou o primeiro poeta). O homem saltou, meteu a mão no sítio certo da relva e tirou de lá o pardal morto, que colocou no saco onde tinha muitos outros. A detonação levantou um bando de pombas das casas próximas. Esvoaçaram assustadas, durante algum tempo. (*«Cu-cu-ru-cu-cu palo-o-ma ay-ay-ay-ay-ay no llo-o-res»*).

O homem deixou o campo, de escopeta a tiracolo (*«E as armas não lavram terras»*, cantou o segundo poeta). Apanhou o que antes deixara na relva e, ao subir o talude para a rua, viu-se o que era: um grande pássaro branco por baixo e cinzento-clarinho por cima das asas, ainda abertas. Fora morto em pleno voo noutro ponto do vale e quedara-lhe aquele ar de morte dinâmica, asas lançadas a corta-vento. Já na rua, vendeu-o ao condutor da furgoneta verde. «Vinte paus, é canja, uma pechincha!». Entrementes, um rapaz e uma rapariga cruzaram o campo a correr. Pararam. Ele colheu uma flor e ela colocou-a na cabeça («Nas ruas de S. Francisco / povo amável / com flores nas cabeças», cantava Scott, no outro lado do acetato). Fugiram após a breve pausa, para baixo da ponte dão Rio Odivelas, ou Rio Pó, ou Rio da Trampa, ou Rio dos Mortos. A noite caía e eles por lá ficaram.

A pequenita, já tarde, papagueou com o mesmo tom de inquisitivo escárnio, que ouvira no meio da procelosa discussão: «Pai, o que é afinal o jornalismo?» (*«Venham, comigo venham / que eu não vou só / levo o menino no meu trenó / levo o menino no meu trenó*) «Dorme, minha filha, dorme». As pálpebras caíram-lhe. As pestanas longas colaram-se umas ás outras. E ela adormeceu suavemente.

Um cheque de Bank of London & South America Limited significa segurança económica tanto para V. Sa. como para sua família, com a conta de casal. Representa a mútua confiança entre o cliente e uma organização bancária com um século de tradição. Realize com rapidez e pontualidade suas operações de exportação e importação, ordens de pagamento ou quaisquer operações bancárias. Ser cliente do Bank of London é revelar uma preferência que distingue.

BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA LIMITED

O BANCO DA SUA CONFIANÇA

LISBOA – Rua Áurea 40-48 - Av. Duque de Loulé 97 A – Rua Palmira, 37 – PORTO – Rua de Constituição, 788

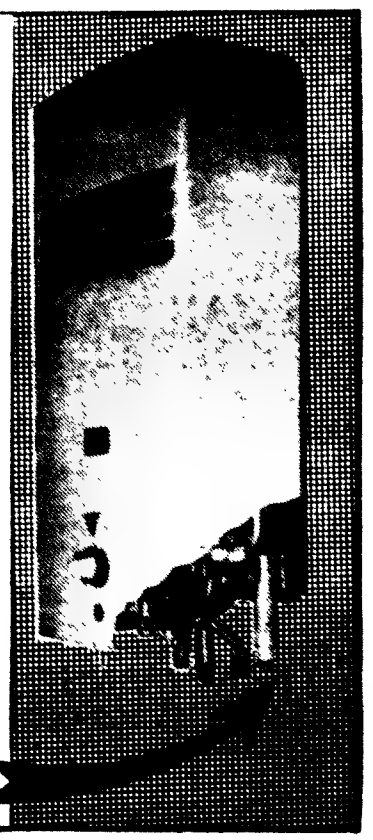
JUNKERS

1969

O ESQUENTADOR DE TECNICA PERFEITA

NÃO PRECISA DE FÓSFOROS

CARREGUE NESTE BOTÃO E... PRONTO



No Vale Escuro
havia uma «casa» com bonecos

por Silva Pinto

Aqui há um ano, havia grossa preocupação no humilde bairro do Vale Escuro: cerca de mil famílias em vias de transferência para a Musgueira temiam que a mudança lhes acarretasse ainda maiores dificuldades na luta pela vida. Não sabiam o que iriam encontrar: quais os transportes que poderiam utilizar, onde mandar os filhos à escola, como refazer, enfim, a existência. O problema justificava uma vista de olhos. Era reportagem.

Lá fui, numa manhã enevoada de Primavera incipiente. Levava abertas as janelas da inteligência e do coração, a fim de entender e compreender. Haveria um milheiro de histórias para contar — mas de tantas importava saber escolher apenas uma: a melhor. Nem a mais dramática, nem a mais rica de histórias dentro de uma história. Apenas aquela que de entre tantas sobressaísse como lição de coragem, de capacidade para derrotar a própria derrota.

Foi feliz o repórter, porque não tardou em encontrar o tema. Era uma pequena habitação de madeira frágil, em cujas «paredes» azuis se desenhavam bonecos de vários tamanhos. Parecia uma casinha de bonecas, colocada como que por engano entre as barracas escuras da quinta, transformada em bairro de tábuas. Uma alegria breve e fugaz, construída entre a tristeza. Uma insólita alegria certamente feita de coragem. Sem coragem, como entender aquelas silhuetas coloridas do «Pato Donald», do «Banzé», do «Superpateta» ou do «Dentinho», figuras que ali, mais do que noutra qualquer parte, eram legendas de fantasia?

Quatro pessoas viviam naquela habitação (apesar de tudo, fujo a chamar-lhe casa): o Chico, ladrilhador, setenta escudos por dia quando há trabalho; a Maria, sua mulher, trabalhadora doméstica nalgumas casas dos arredores, a vinte escudos por quatro horas de labor; o Manuel, filho mais velho, 15 anos, aluno de uma escola técnica e autor dos desenhos das paredes; e o Chiquinho, três ou quatro anos, apenas preocupado com as saias da mãe e com uma velha bicicleta em que exercitava as pernitas ainda frágeis.

Em quase uma hora de conversa, o Chico contou-me a sua história. Nasceu perto dali, num tempo em que não havia ainda os prédios gigantes que hoje dominam a paisagem mais longínqua, recortados contra o céu. Aos 14 anos, andava com baldes de cimento ás costas, filho de pedreiro e irmão de sete irmãos que era. Cresceu de balde ás costas, dormindo numa tarimba com quatro dos irmãos. Havia uma irmã tuberculosa, coitada, a consumir-se, a desfazer-se com o sangue que deitava pela boca. Mas o Chico aprendeu a lutar contra a própria vida, com uma força secreta que o fazia levantar-se todas as madrugadas e trabalhar duramente até que o sol morria na noite. A vida era mais forte que o desalento e o Chico casou com a Maria, que viera de Baião, dos lados do Porto, a tentar melhor vida em Lisboa.

Viveram num quarto, depois numa casa «abarracada», mas de cal e areia. Chegava para as encomendas, para o sono de cada noite. Em 1962, foi o Chico para Angola, em busca de pão. Regressou, porque o que amealhava não encontrava fácil saída para a Metrópole, onde a mulher e o filho viviam com grandes dificuldades. Depois foi para França, a viver a gesta dos emigrantes. Partiu legalmente, com todos os papéis em ordem. O trabalho satisfazia-o lá nas Franças onde ouvia falar de sindicatos e onde tinha uma carta verde de trabalhador.

Estava contente, embora não conhecesse ainda o filho mais novo, nascido nos primeiros meses de estranja. E foi nessa semialegria que lhe aconteceu a tragédia maior: num Domingo de Páscoa, ao volante da sua carripana, com alguns amigos, o Chico teve um desastre. O sono amarrou-lhe os olhos e ele deixou o carro ir de encontro a uma árvore da estrada. Quando saiu do hospital sentiu que já não era o mesmo. E resolveu regressar a Portugal.

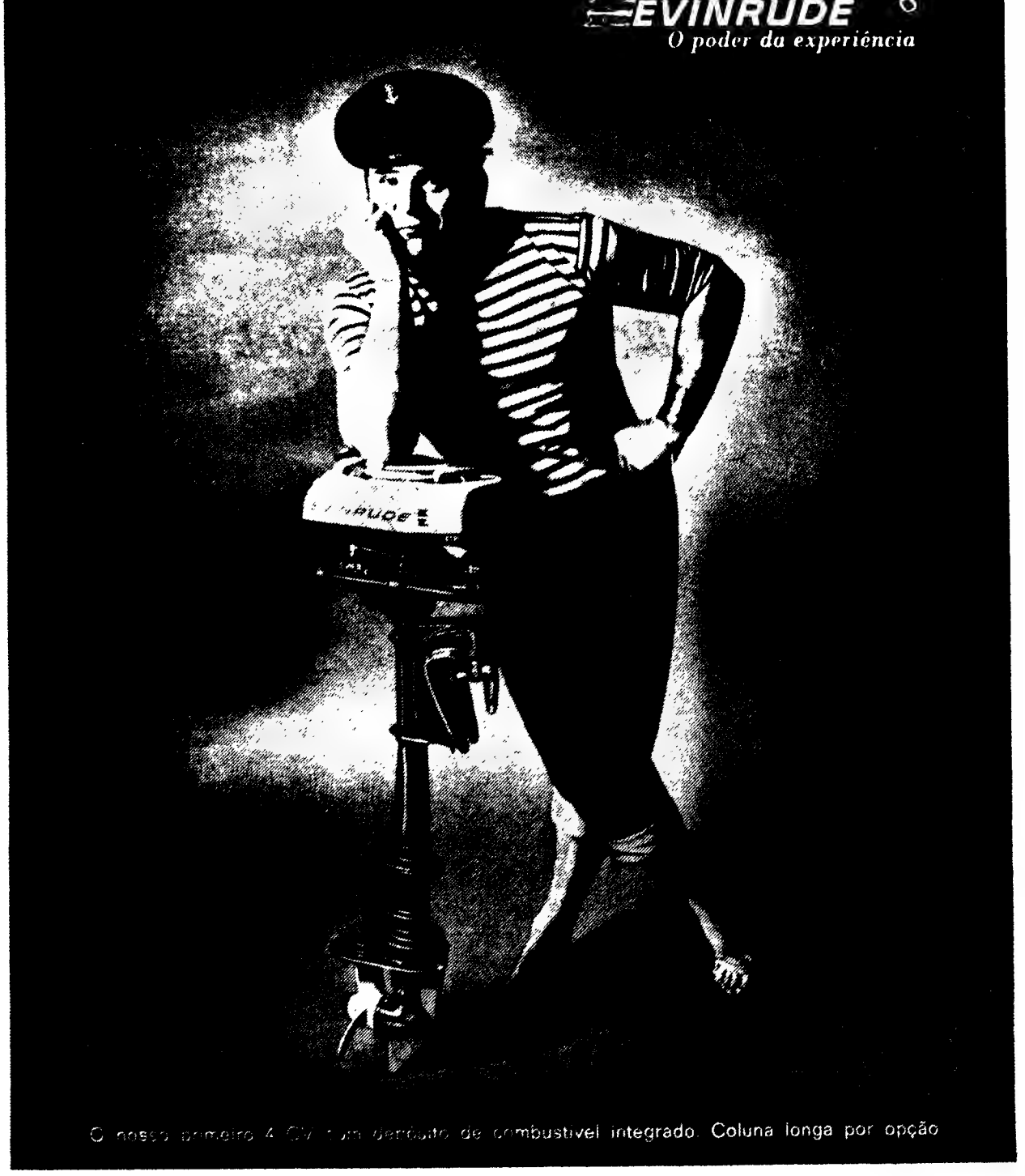
A família já não morava na tal casa «abarracada». A construção era ilegal e tivera que ser destruída. A mulher recebera três contos de indemnização, mas para que chegava isso? Sózinha, com os filhos pequenos, refugiou-se no Vale Escuro. Com o auxílio do cunhado, ergueram as paredes de tábua, e, lá dentro, outras divisórias também de madeira. Ficaram quatro divisões: a cozinha, uma «entrada» e dois quartos, lado a lado, um para o casal e o outro para os dois filhos. Foi isto que o Chico encontrou, ao regressar de França. «Não se pode dar um beijo que não se oiça a cem metros», disse-me o Chico, explicando o constrangimento da sua intimidade conjugal.

Por tudo isto, pensa o repórter que é espantoso que os habitantes da casa azul do Vale Escuro tivessem encontrado coragem para lhe povoar as paredes exteriores com bonecos de alegria, num quase insulto á tristeza dominante. Pena é que «Banzé», «Donald», «Dentinho» e outros que tais não sejam a solução do problema ..

Eis o motor prático
para o marinheiro conhecedor.

Nada terá a pagar pelo supérfluo ou pela elegância. É um 4 CV, económico e apto para os trabalhos mais duros. Repare: com o depósito de combustível integrado, sobeja-lhe mais espaço no seu barco. É um dos 4 CV mais leves do mercado. E não tem só um cilindro, mas dois. Arrefecido por água este 4 CV MINITWIN é o modelo económico da EVINRUDE. Custa menos e estará sempre pronto para as mais rudes tarefas. É reversível para a marcha à ré. E ainda beneficiará da famosa qualidade e serviço de assistência EVINRUDE. Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L. Av. 24 de Julho, 52-A — Lisboa — Tel. 66 77 10

EVINRUDE
O poder da experiência



O nosso primeiro 4 CV com depósito de combustível integrado. Coluna longa por opção

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA
CÂMARA DE COMÉRCIO PORTUGUESA
Fundada em 1834
A MAIS IMPORTANTE E MAIS ANTIGA ORGANIZAÇÃO DO COMÉRCIO NACIONAL — SECÇÕES TÉCNICAS DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO — INFORMAÇÕES COMERCIAIS — CONTENCIOSO JURÍDICO, FISCAL E ADUANEIRO — ESTUDOS ECONÓMICOS — PUBLICAÇÕES E ACTIVIDADES CULTURAIS — BIBLIOTECA
PALÁCIO DO COMÉRCIO
RUA DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, 89
LISBOA 2 Telef. P P. C. 327179 327289 323472

«Dossier Monstro»

Uma reportagem fantástica

QUINTA-FEIRA, 22 DE MARÇO DE 2043 — Ontem, pelas 23 e 30, quando a maior parte das pessoas se encontrava no cinema, um monstro indefinível foi visto na Rua Esquerda e em breve, evolucionando um pouco por toda a parte, aparecia em vários locais da cidade deserta, pelo que se depreende dos testemunhos recolhidos do pequeno número de transeuntes que àquela hora andava na rua. Tinha o aspecto de uma grande joaninha — segundo uns — ou parecia-se com um macaco, segundo outros. Insecto, porém, não deveria ser, pois que não ostentava na perna direita a peculiar queimadura que este género de animais possui.

Manuel da Silva, polícia sinaleiro no cruzamento da Avenida Um com a Avenida Dois, recorda-se muito bem de o ter visto: — «Era um monstro, — garante. — Quando o vi, com os quatro olhos a arder, deitando chispas de lume por todos os lados, pensei tratar-se de um carro ligeiro. A princípio não liguei. Contudo, à medida que se aproximava, notei a completa ausência de cheiro (o que era intrigante) e de ruído. Voltei-me então ràpidamente, como costumo fazer no exercício dos meus direitos profissionais, e que vejo? Um autêntico monstro! um misto de macaco e de joaninha».

O sinaleiro, interrogado por representantes do nosso jornal quando se refazia, num hospital, da emoção por que passara, não soube explicar mais nada. Segundo tudo indica, teria desmaiado.

Outras pessoas confirmam a presença do estranho ser, cuja origem até agora não pudemos averiguar. O sr. Rogers, diplomata de carreira, adido intelectual a uma embaixada estrangeira, apresenta um curioso testemunho: também ele viu o monstro quando se dirigia, no seu automóvel, a uma farmácia próxima, a fim de comprar dois comprimidos para as dores de cabeça. A versão que dá do caso é, porém, diametralmente oposta à do sinaleiro:

— Vi de facto um monstro — declara Rogers — Estava por detrás do balcão da farmácia e foi ele quem me vendeu os dois comprimidos que pedi. Percebi que se tratava de um monstro por causa do estranho arrepio de frio que percorreu a minha espinha quando fiquei na sua presença. Não lhe perguntei nada, evidentemente, porque sou educado. Mas ninguém me conseguiria tirar da cabeça que se tratava de um monstro.

Interrogado sobre o aspecto exterior da enigmática aparição, Rogers disse:

— À primeira vista não se notava nada. Talvez um pequeno defeito nos dentes. Mas depois, não havia dúvida: as chamas que os olhos deitavam, a ausência de braços, a estranha configuração da cabeça, como se fosse líquida, o modo como se exprimia, em prolongados uivos — com certa musicalidade e não de todo desagradáveis — tiraram-me quaisquer hesitações acerca do significado do fenómeno: estava na realidade em presença de um monstro.

Rogers conta que, no entanto, não se deixou tomar pelo pânico, aceitando os comprimidos que fora comprar.

A forma como o monstro entrou na farmácia constitui um mistério inquietante, tanto mais que o dono do estabelecimento, dr. Confiado, declarou às autoridades que não deu por nada. «O que não admira — acrescentou — pois nos últimos tempos tenho andado muito distraído».

Nas nossas próximas edições tentaremos dar mais pormenores sobre o acontecimento, que está, naturalmente, a monopolizar todas as atenções.

por Joaquim Benite

REPERCUSSÃO NO ESTRANGEIRO

Sexta-feira, 28 de Março — «É com profunda inquietação que seguimos a evolução dos acontecimentos em Portugal» — declarou o presidente Motherson, referindo-se às constantes aparições do monstro que desde anteontem aterroriza a cidade. O presidente falava numa reunião de militares e universitários para a reconquista dos direitos cívicos.

Em todo o Mundo os jornais referem-se, com grande relevo, ao fenómeno que atrai para Lisboa as atenções gerais. Na China, Lim-po-pó declarou: «Esse monstro é um tigre de papel»

Pensa-se que este comentário não representa, porém, a opinião oficial.

☆

CAIRO, 28 — Habitantes de zonas rurais que rodeiam a cidade afirmam ter avistado um monstro semelhante ao que está a aparecer com frequência em Lisboa. Segundo os relatos das pessoas o monstro tanto pode ser um macaco, como uma joaninha ou mesmo uma grande cobra, pouco circular em todo o caso. As autoridades estão a investigar o fundamento destas afirmações.

NOVAS APARIÇÕES

Foi com natural emoção que recebemos, esta manhã, na redacção, a notícia de que o monstro, cuja presença entre nós fomos os primeiros a anunciar, fora assinalado de novo, desta vez numa sessão pública realizada no Colégio das Criancinhas Órfãs. Quando se procedia à distribuição dos prémios aos alunos menos aplicados ouviu-se, subitamente, um grande ruído que logo se percebeu ter sido originado pelos passos do monstro no pátio de entrada. Graças ao sangue-frio da professora que presidia à sessão, a cerimónia não foi interrompida. O monstro, uma mistura de hipopótamo com borboleta, segundo os depoimentos dos que presenciaram a cena, sentou-se pacatamente entre a assistência aterrorizada. No final da cerimónia saiu, manifestando grande contentamento por tudo quanto lhe fora dado observar.

No Colégio das Criancinhas Órfãs não se fala noutra coisa. Uma das alunas, Fifi de Sousa, afirmou mesmo: «Não tive medo nenhum. O monstro parece-se muito com a professora de francês».

AUSÊNCIA DE PERIGO

Sábado, 30 de Março — Contam-se pá por milhares as pessoas que tiveram ocasião de avistar o monstro que desde há dias inquieta a população. As autoridades, que ao princípio não acreditavam na existência do estranho ser, estão a tomar providências no sentido de capturá-lo, a fim de averiguar a sua proveniência. Segundo tudo indica, pelo seu comportamento até agora, o animal não é perigoso e apresenta mesmo sinais de grande desejo conciliatório.

Um dos nossos leitores pede-nos que insiramos a sua opinião: «Não penso que a presença deste monstro entre nós tenha quaisquer efeitos maléficos. Pelo contrário, pode tratar-se de uma feliz aquisição para a intensificação do turismo. No tempo em que vivemos já nada me espanta. Por mim, estou tranquilo. Pior era se o Benfica tivesse perdido o campeonato do mundo, o que felizmente não sucedeu».

EXPECTATIVA ILUDIDA

Quarta-feira, 3 de Abril — Na rua Simone de Oliveira um grupo numeroso de pessoas reuniu-se ontem para se encontrar

(Continua na pág. 31)

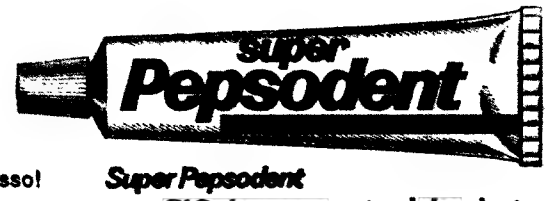
Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela... ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL

TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent
com PL3 - brancura natural dos dentes

JOALHARIA MERGULHÃO

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

CASA FUNDADA EM 1895

Rua de S. Paulo, 162 Telefone 3 00 13

LISBOA • PORTUGAL

Minha crudelíssima Lisboa!

por Torquato da Luz

A NOTICIA não veio nos jornais. Vendo bem, nem era, pròpriamente «notícia». Há factos que entram, imediatamente, na crónica diária da cidade — essa crónica dolorosa que não há tempo de imprimir, que não há tempo de escrever.

Avenida, junto aos Restauradores ao fundo do elevador da Glória. Fim de uma tarde qualquer, que o transeunte não registou no calendário da memória.

(Eu conto o facto, mas e-me impossivel resistir ao comentário. A secura do noticiario revolta-me por dentro. Perturba-me. Choca-me o relato directo do acontecimento. Há palavras que me são inimigas: «Realizou-se esta tarde...» Impossivel começar assim seja o que for).

Há um sol morrinço a cobrir a urbe de pedras molhadas. Há gente que sai dos empregos, cansada. Há a lufa-lufa da corrida aos autocarros, aos eléctricos. Há uma pressa de viver nas gentes que se cruzam connosco e se chocam e se acotovelam. Ha um desejo súbito do dia em transformar-se em noite.

(E eu. Perdido no meio de tudo, com os meus olhos provincianos desmedidamente abertos, a querer beber a cidade, devorá-la. A desejar fazer com ela um corpo só, já que a amei desde a primeira hora. Minha cidade triste. Minha cidade cruel e, simultâneamente, terna e boa).

Há uma mulher que vende flores. Ilusões de beleza aos molhinhos que quase ninguém compra. Uma mulher de ancas largas, atrevida na sua indumentária multicolorida. Há o pregão dos ardinas que são, também eles, aquilo de que se faz esta Lisboa de tantos adjectivos mas nenhum tão belo como o seu próprio nome.

(Deixem-me seguir que é quase noite. Deixem que me imbeba, também, desta pressa, desta furia, desta vertigem. É tempo de possuir a amada, do alto da minha janela. É tempo de beijar os ultimos momentos de mais um dia alfacinha).

E, de repente um grito. Um eco desesperado que se repercute em centenas de muros, que entra por milhares de janelas. Um grito próximo da morte, mas tão sequioso de vida! Volto-me. E a faixa de rodagem, negra, onde todos os automóveis de súbito se imobilizaram de espanto, oferece-me o espectáculo: de um lado o homem, inerte (estará morto?); do outro, a sua carrinha de vendedor ambulante devassada, pentes aqui, esticadores ali, botões de punho acolá; e, por fim, o fruto de um dia de trabalho (já que o polícia não lhe encontrou o quer que fosse mais): duas moedas de 5$00, uma de 2$50 e mais quatro de $50.

(O homem, afinal, ainda respira. Ainda fala. Ainda balbucia palavras. Mas não percebo nenhuma. Parece-me que só faz perguntas, que só interroga a multidão que o cerca e que ele, se pudesse, acusaria de responsável pelo magro fruto do seu dia de trabalho — 14$50 e a iminência da morte).

A cidade recompõe-se. É de noite. A cidade não tem lágrimas. A cidade não chora. Assiste. Minha terna Lisboa. Minha crudelíssima Lisboa.

AO ESCOLHER O SEU BANCO

SEJA EXIGENTE

SE NOS ESCOLHER E NÓS O TIVERMOS COMO CLIENTE PODE SER TAMBÉM EXIGENTE CONNOSCO

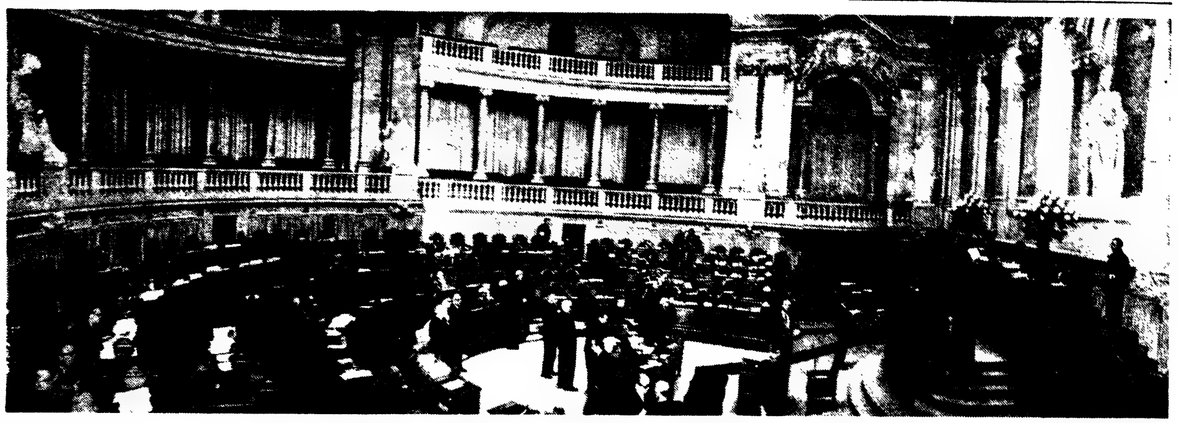
BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA		PORTO	
ALJUSTREL	CELORICO DA BEIRA	LAGOS	NAZARÉ
AVEIRO	FERREIRA DO ALENTEJO	MACEDO DE CAVALEIROS	PORTALEGRE
BRAGA	FIGUEIRA DA FOZ	MORA	SEIXAL

A PRONTO OU A PRESTAÇÕES A PREÇOS INIGUALÁVEIS!

Assembleia Nacional

A velha fechou à espera da nova...



NOVE MESES DE ESPERA

SEGUNDO REZA a Constituição e o respectivo estatuto ou regulamento, que se chama, precisamente, «Regimento.») a Assembleia Nacional é constituída por 130 deputados, eleitos e proclamados nos termos da lei eleitoral. O mandato tem a duração normal de quatro anos. E o referido Regimento (ou estatuto) esclarece que a Assembleia subsiste após a última sessão da legislatura, até ao apuramento do resultado das novas eleições gerais.

Ora é precisamente nesta situação que nos encontramos. A IX Legislatura terminou no dia 22 de Março, que é como quem diz: a Assembleia Nacional encerrou as suas portas, à espera da que vai nascer.

Nove meses de gestação, mais ou menos, para a que vem, e de hibernação para a que termina. Hibernação porque, segundo o Regimento, a Assembleia subsiste, sim, mas só pode agora ser convocada extraordinàriamente pelo Presidente da República, apenas lhe competindo deliberar para o fim indicado na convocação.

Portanto, e em termos mais simples e directos, poderemos dizer que a velha Assembleia está fechada. Temos de esperar agora pela nova. Haverá, assim, um longo intervalo entre a Assembleia do passado e a do futuro.

A ÚLTIMA SESSÃO LEGISLATIVA

O certo é que o Parlamento foi surpreendido, um pouco antes do começo da sua quarta e última sessão legislativa, por um acontecimento inesperado: a doença do Presidente Salazar e sua correspondente substituição pelo prof. dr. Marcello Caetano.

Tivemos a oportunidade de seguir, com relativa atenção e por dever de ofício, o que se passou no hemiciclo, nos quatro meses de funcionamento da última sessão legislativa da IX Legislatura da Assembleia Nacional.

O que fomos anotando de relevante, no «Fim de Tarde em S. Bento», bem pode justificar, ao que julgamos, o seguinte juízo sintético: perplexidade. Assistimos a um certo retraimento inicial dos deputados perante um clima mal definido, a que se seguiram várias surtidas de reconhecimento. E não podemos deixar de pensar que, embora actuando na IX Legislatura, todos estavam a pensar na próxima, na X Legislatura...

Evolução na continuidade era, na altura, a definição do clima político existente. E também se falava na necessidade de reformas. Fórmulas sintéticas que resultavam, como síntese de afirmações do novo Presidente do Conselho.

Embora monolítica, mentalizada para uma determinada tarefa de colaboração com o Poder, a Assembleia Nacional parecia prosseguir com aquela seriedade, ao longo da última sessão legislativa. Esses três meses que seriam afinal prolongados para quatro decorreram sem surpresas.

Somente alguns deram mais valor à continuidade, outros apoiaram-se mais na evolução. Questão de interpretação e de feitio. De resto, os deputados continuaram calmamente a preencher o tempo, por vezes com aparentes dificuldades. Vieram dois avisos prévios, sobre a língua portuguesa, o que transformou o hemiciclo em sala de conferências e mesa-redonda erudita e sem atritos. O que só era vantajoso, para os hábitos de coexistência amigável dos parlamentares.

Um ou outro caso concreto — os problemas siderúrgicos, por exemplo — quebrou por momentos a tranquilidade e descontracção habituais. Grandes interesses em jogo justificaram a excitação momentânea.

A calma voltou e os deputados despediram-se com repentino e renovado interesse pelos problemas das regiões que representavam. Dezenas e dezenas de discursos.

A colaboração com o executivo saldou-se com a aprovação de algumas propostas de lei, a última das quais referente às Casas do Povo e previdência rural.

A FUTURA ASSEMBLEIA

Neste período de espera, de preparação e gestação de um futuro (mesmo próximo) ainda indefinível, poderia ter interesse saber-se que espécie de Assembleia teremos em Novembro. Ora — como é óbvio — resultando essa Assembleia de eleições gerais, ninguém poderá dizer grande coisa sobre isso. A futura Assembleia — sua constituição, estilo de trabalho, representatividade, etc. — dependerá da fermentação em curso e de muitas circunstâncias. Assembleia política, será o resultado de circunstâncias múltiplas e, principalmente, do clima político atingido desde a apresentação de candidaturas até à contagem dos votos.

Ninguém, neste momento qualquer que seja a sua posição ideológica, poderá garantir qual o tónus do novo Parlamento. Sabe-se, sim, que ele terá de reflectir a realidade política do País. As forças políticas do País. As fraquezas, também.

Resta, pois, manifestar esperanças ou formular votos. É interessante, por exemplo lembrar o que a este respeito escreve, no seu último editorial, o «Jornal Português de Economia e Finanças», cujas opiniões, na actual conjuntura, são bem conhecidas:

Tudo leva a crer (...) que sob a aparência de uma repetição de cenários e de actores o Governo procurará introduzir elementos novos nos nossos cansados circuitos eleitorais. A Nova Assembleia Nacional pode, assim, ser eleita no molde das anteriores. Nada impede, contudo, que termine o seu mandato em condições diferentes.

Será o próximo acto eleitoral, como afirma aquela revista, uma espécie de plebiscito destinado a consolidar o «novo estilo» do regime?

Abordando o problema muito pela rama, sem pontos de apoio firmes, limitamo-nos, no momento em que a Assembleia Nacional encerrava as suas portas, a ouvir alguns parlamentares, cujas opiniões podem fornecer alguns dados sobre o xadrez em que se processa o jogo eleitoral de momento. Eis o que nos disseram os deputados que se dispuseram a falar para o «Diário de Lisboa»:

Que opinião lhe deixou a passada assembleia? Que esperanças deposita na próxima?

DR. GUSTAVO NETO MIRANDA

(Presidente da comissão parlamentar do Ultramar)

— Para um jornal da maior difusão e que concentra em si o interesse da grande maioria da população — como o «Diário de Lisboa» — considero muito oportuna a pergunta que é formulada, tanto mais que parece ter-se desenhado nesta última sessão da IX Legislatura uma maior intensidade do valor político da Assembleia Nacional. Para o jornalista que desde 1965 vem acompanhando o desenrolar de cada sessão, não deve ter sofrido dúvida que esta Legislatura se traduziu por um trabalho intenso de algumas das Comissões da Assembleia. Os avisos prévios trazidos a plenário, focando aspectos sociais e políticos, contribuíram para a manutenção do interesse da Assembleia na gestão política da Nação. E outras intervenções também tiveram nitidamente o cunho de procurar reparar males de administração, actualizar formas de gestão pública e acautelar os superiores interesses da Nação no aspecto político, nacional e internacional. Cabe, a este propósito, referir que a constante do Ultramar esteve sempre presente com a mesma intensidade no espírito, na vontade e na acção de cada deputado.

Uns porque, conhecendo-o, melhor o vivem; outros, porque sabem como ele pesa na balança política e económica da Nação. Sempre mantive o maior interesse em verificar como se desenvolvia e acentuava a problemática ultramarina no pensamento unitário e nacional da Assembleia, e merece, por isso, menção destacada a forma como estes assuntos foram tratados e como esteve sempre presente em todos a palavra de louvor às Forças Armadas que defendem e mantêm a integridade da Nação em terras do Ultramar.

Creio, assim, que neste aspecto se fortaleceu e dignificou pelo trabalho realizado a unidade da Nação, que não pode ser ofendida por desvios de política interna ou sofrer pressões de ordem internacional.

Quanto à próxima legislatura, creio que todos os Portugueses têm bem presente a responsabilidade que cabe a cada um na luta pela manutenção da política nacional que permita uma estabilidade económica e social capaz de vencer os tempos tão inseguros da contestação que estamos vivendo.

E quem vier servir a Nação nesta Assembleia na X Legislatura, terá, certamente, presente que ao País só convém uma política de acção, inclusive económica, que consolide as posições sociais que devemos procurar alcançar para assegurar uma estabilidade política que torne cada vez mais forte a indivisibilidade da Nação.

Também fui presidente da Comissão Eventual para o estudo do III Plano de Fomento. Já no fim da sessão legislativa, quiseram ter a amabilidade de me elogiar para o cargo de 2.º vice-presidente da Assembleia, o que me dá, até às próximas eleições, assento no Conselho de Estado. É possível que esse posto me proporcionasse melhores oportunidades de observação da vida corrente da Assembleia, mas não tive tempo para observar grande coisa. Quanto ao futuro, abstenho-me de dissertar. Respeito muito as competências técnicas e não quero concorrer com os autores de horóscopos infalíveis.

DR. ÁGUEDO DE OLIVEIRA

(Presidente da comissão parlamentar de Finanças e antigo ministro)

(O sr. dr. Águedo de Oliveira teve a amabilidade de nos entregar uma resposta por escrito, dividida em sete pontos: 1 — A experiência parlamentar e as «grandes questões»; 2 — A representatividade do Além-Mar; 3 — A harmonização territorial; 4 — Finanças e direito público; 5 — Novas doutrinas de negação; 6 — Legislar é um direito; 7 — A Câmara Nova).

1 — Antes de ser deputado, na 1.ª Legislatura da Constituição de 1933, tive já uma experiência parlamentar como espectador das galerias. É que experiência!

Todos sabemos como então funcionava a instituição parlamentar — facciosismo partidário, exaltação passional dos debates, «verborreia», falta de resistência perante grandes interesses pela interposição de «pára-raios», jogo eleitoral e, tantas vezes, escândalo e tumulto.

Sobreveio o 28 de Maio. Sujeitos a uma teoria unitária, procurando-se a representatividade pela apreciação cautelosa, pondo de parte a fragmentação partidária com as consequentes obstruções e abalo dos Governos, o «novo Parlamento» resultou mais comedido, estudioso, analítico, com as deduções de uma filosofia do direito ou de uma concepção naturalista e o bem nacional, procurou realizar-se prontamente, cedendo não menos a revisões e críticas, mas acompanhando a construção social. Não sei se tem havido progresso nas substituições do elenco representativo, desde esses dias longínquos da primeira legislatura. E compreende-se porquê. Era novo nas primeiras reuniões parlamentares e havia, ainda, uma pleiada de representativos das gerações anteriores, dotados de faculdades parlamentares de excepção, dificilmente substituíveis.

Mas, mesmo que as Câmaras não tivessem melhorado os quadros ou as personalidades eminentes, melhoraram, porém, as técnicas parlamentares, a substância das intervenções e aperfeiçoaram-se os debates.

Velhas tendências naturalmente ressurgem e outras fraquezas de pouca intensidade haviam de pagar o custo do desenvolvimento — naturalmente.

Não me refiro a certo gongorismo político mais usual, fora da sombra do Palácio de S. Bento, mas às novas facetas que surpreendem — a insistência tribunícia quando desconsola; o panegirismo de glorificações mínimas; a preocupação cantonal; e, ainda que raras, a falta de armadura perante certas zonas de poder prático ou influência extrapolíticas. A este propósito levanta-se um grave problema — há nos areópagos mundiais as chamadas «grandes questões».

Elas não estão à mercê de novatos e de improvisadores e, por isso, nos Parlamentos ocidentais, uma praxe que faz direito vivo, as reservas para os chefes de partido, os homens de Governo, os mais especializados e, sobretudo, os de maior autoridade e experiência. Caminhamos para isto?

Talvez, mas se não o fazemos, seria de organizar politicamente hierarquizados, tais debates do alto nível. Portanto, vejo um aperfeiçoamento necessário quando estabeleço necessidade crescente de enfrentar os chamados grupos de pressão da sociologia contemporânea e reservar as grandes questões para além das modestas iniciativas.

2 — Com a constitucionalização do Ultramar, a unidade política em inquietante salvaguarda, a solidariedade económica em marcha e uma filosofia política, bem nossa, que corresponde a opções unitárias e de largo alcance, deu-se, na última legislatura, uma louvável e calorosa erupção dos representantes directos do nosso Ultramar.

Não tenho palavras de louvor, nem quero entrar em tal caminho, mas sempre direi que os meus colegas de Além-Mar, pela sua capacidade de intervenção, brilho de exposição, coragem de atitudes, elevação de textos e de comentários deram à Câmara uma animação legítima que ela precisava.

Estudiosos, os mais pacientes para se consagrarem às verificações do Tribunal de Contas, singrando no dédalo das providências e diplomas, ligados a critérios construtivos, desenvolveram uma actuação serena de nobre alcance, sem deixar de ser transformadora e progressiva. Dos câmbios ao comércio exterior, das transferências até ao investimento, da língua pátria à cultura, do passado glorioso ao futuro desperto, a representação do Ultramar acrescentou novas páginas ao que luz e parante sobrevivência, nos fastos parlamentares.

3 — O subdesenvolvimento regional e a política de equilibração tiveram minuciosos e graves impugnadores, no primeiro caso, e defensores, no segundo.

Deputados pelo Porto, Coimbra, Madeira, Setúbal, etc. bateram-se galhardamente contra a condenação à menoridade, o triste abandono das populações, as deserções da terra e o irremediável de certas obras e aproveitamentos, polarizadas nas praias e nos centros. Muitas vezes o Governo foi solicito, muitas vezes o grande departamento das Obras Públicas acudiu e respondeu.

Mas outras, a Província continua obscurecendo, aguardando ainda, reclamando com perseverança, e nem sempre a voz da Representação logrou ser ouvida, ou melhor, logrou ser atendida.

Portanto, a planificação regional devia ultrapassar a fase de provincianismo retardado e ser correspondida, como já acontece nos rios e nas barragens alentejanas.

Mas custa a localizar devidamente a indústria, a dispersar pelo território os núcleos fabris e a aproveitar as fontes de energias e as de matérias-primas na sua colocação geográfica mais perto e mais útil.

A luta não acabou.

A regionalização da técnica eleitoral abriu novas perspectivas locais, mas não teve o condão de conduzir directamente à regionalização do fomento, à localização distribuída da indústria, à harmonização.

4 — Ao passo que o fomento, a educação e o ensino apresentam notáveis culpores, o direito público e as finanças do Estado requerem maior número de especializados ou de carolas para enfrentar os problemas que surgem.

Algumas vezes tivemos a impressão do reino de amadores, outras os intervenientes deitaram a toalha abaixo, procurando mais suprir que convencer.

Nestes dois capítulos — e embora a Câmara Corporativa enfrente resolutamente e esclareça laboriosamente os problemas, parece-me que retrogradámos e que seria difícil ombrear com as primeiras legislaturas.

Ficaret por aqui.

5 — As questões de cultura, preparação, nível de ensino, foram tratadas corajosamente e com sobrante elevação. Formam vistas, em todo o caso, à luz de uma lógica dedutiva, tirada do esquema do homem com sua natureza e os seus direitos humanos. Mas não foi focada e impugnada o bastante a filosofia de ruína, apocalíptica dos condutores juvenis, tantos burgueses e até hipercapitalistas, que pretendem negar para destruir sem ter que planear e realizar para prestar contas. Há equívocos e confusões que devem ser desmitificados.

6 — A função legislativa põe problemas de representatividade, de hierarquia e de competência que nem sempre se verão bem compreendidos.

Se a Assembleia conserva os seus poderes tradicionais na Ordem legislativa, se legislar é a forma mais nobre de resolver e de fiscalizar politicamente, não se compreendem certas renúncias, e, menos ainda, que as iniciativas neste capítulo levantem o gládio de S. Tiago aos mouros como se um acto de competência normal fosse uma deserção ou um artifício.

É preciso não estar de chapéu na mão, onde o direito existe.

Claro que havendo planos não existem procedimentos concorrenciais e sendo o formal e o real coincidentes não pode discutir-se a autoridade e devem, sim, discutir-se a eficiência e a pontualidade com que os diplomas foram cumpridos, depois.

Não me agrada ver que se recorre para outros órgãos de soberania, em casos em que o remédio jurídico estava ao alcance da mão e que a Corporativa vai acrescendo as suas funções por motivos de tecnicidade e de predomínio social, onde os juristas da Assembleia podiam emanar normas de rigor. É preciso que uns legislem pouco, mas façam mais e que os outros não legisfaçam tanto.

Têm a palavra os mestres de direito de Coimbra e de Lisboa e, depois deles, os seus discípulos...

Os brasileiros falam em «esvaziamento», mas é lá!

— Daqui se extraírão algumas permissas para melhorar o funcionamento da Câmara e organizar ainda em termos de maior ortodoxia e de eficiência representativa, mesmo que assim não pareça indispensável aos observadores desprevenidos.

Tem de buscar-se uma representatividade mais alta nos problemas-chave, findar com as inumerosíssimas intervenções na generalidade que a pouco conduzem, eliminar a técnica das pequeninas emendas, que nada alcançam, e abandonar o sistema de moções pouco afirmativas, ou menos expressivas, tão cerradamente cautelares que são. — Isto não é crítica, mas desejo natural de aperfeiçoamento!

Há-de lutar-se contra as assimetrias e falta de harmonização das áreas. Tem de conservar-se íntegro o património ético e de bem público de Salazar e do 28 de Maio, não cedendo à pressão, ao equívoco e a interesses prementes, para além das normas naturais do desenvolvimento e reagir a certas trafecórias de pureza e isenção. Nada deverá ser feito que atente a nossa atitude unitária e inquebrantável de defesa, de salvaguarda, de convivência feliz e frutuosa.

DR. CASTRO FERNANDES

(Presidente da comissão parlamentar de Economia, antigo presidente da Comissão Executiva da União Nacional e antigo ministro)

— Não poderá valer grande coisa o meu depoimento sobre a experiência que terá representado para mim a participação na actividade da Assembleia Nacional, ao longo da legislatura que se encerra. A minha intervenção no labor da Assembleia foi mais a continuação do esforço despendido na Câmara Corporativa do que a afirmação de uma presença de tipo parlamentar. Com efeito, eu fui, sobretudo, um «deputado de comissões», e foi nas comissões especializadas que tive ocasião de prestar o meu contributo. Presidi à Comissão de Economia, que teve de se ocupar das leis de meios.

DR. MELO E CASTRO

(Presidente da comissão parlamentar de Política e Administração Geral e Local e presidente da Comissão Executiva da União Nacional)

— Votos ou esperanças para a próxima legislatura da Assembleia Nacional? Servem duas palavras sòmente?... Então, a esperança é que os deputados da próxima legislatura possam acompanhar as grandes reformas políticas de base de que o País carece. Que tenham não sòmente satisfatória representação regional, mas, também, familiarização com as reais necessidades gerais do País e com soluções actualizadas, na política da educação e da ciência, na da segurança social, na da economia e finanças. Isto, sem prejuízo do reconhecimento de que esta legislatura cumpriu honradamente o seu dever.

por Manuel de Azevedo

um lar para cada família

ASSOCIAÇÃO DOS INQUILINOS LISBONENSES

Há 45 anos alguns homens corajosos e previdentes sentiram que a tragédia do inquilinato, cada vez maior só teria defesa pela associação cooperativa, e constituiram-na.

45 anos de ardorosa batalha e completam em pleitos judiciais impugnação de flagrantes desumanidades, sempre a pugnar pela garantia do lar, a tranquilidade da família, a fruição da casa assegurada

Hoje, com o seu prestígio e a sua acção garante o lar de milhares de famílias, dá-lhes a confiança da sua força.

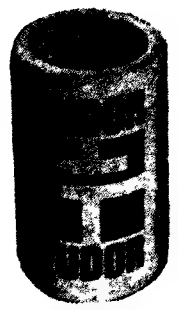
O Contencioso amplia os seus Serviços

CONSULTAS JURIDICAS AS 21 HORAS

Dr. Paradela de Oliveira	às 2.as-feiras
Dr. Mariano dos Santos Roque Lara	às 3.as-feiras
Dr. Nuno Rodrigues dos Santos	às 4.as-feiras
Dr. Vitor Manuel Sanhuda Wengorovius	às 5.as-feiras
Dr. Mário Ferreira	às 6.as-feiras

INSCREVA-SE COMO SÓCIO

SEDE: AVENIDA ALMIRANTE REIS, N.º 12
LISBOA



UDOR

PILHAS SECAS

MAIS UM SERVIÇO BANCARIO

CARTÃO BFB !

UM VANTAJOSO SERVIÇO OFERECIDO PELO BANCO FONSECAS & BURNAY AOS SEUS CLIENTES.

COM ESTE CARTÃO, O PAGAMENTO DOS RESPECTIVOS CHEQUES FICA ASSEGURADO, ONDE QUER QUE SEJAM UTILIZADOS.

OS DEPOSITANTES CONFIAM NO SEU BANCO E O BANCO NOS SEUS DEPOSITANTES.

BANCO FONSECAS & BURNAY
CAPITAL E RESERVAS: 1 MILHÃO DE CONTOS
SEDE - LISBOA - R. DO COMÉRCIO, 132 • FILIAL - PORTO AV. DOS ALIADOS, 30

Baquelite Lis, L.da

Fabricantes de

LISTILENO	Tubos e Acessórios em Polietileno
LISVINILO	Tubos Rígidos e Flexíveis em P. V. C
LISPELE	Telas e Passadeiras
LISFLEX	Mosaicos para Pavimentos
LISVINILEX	Compostos e Granulados de P. V. C.
LISFIX	Colas para Diversos Fins
ROLIS	Réguas, Calhas, Bobines e Acessórios para Estores
CALÇADO	Botas Altas, Botins e Calçado Ligeiro para Homens, Senhoras e Crianças
DIVERSOS	— Acessórios Industriais
	— Todos os tipos de Perfis
	— Materiais para Construção Civil
	— Utilidades Domésticas
	— Artigos Sanitários
	— Brinquedos
	— Embalagens

GANDARA DOS OLIVAIS — LEIRIA
Telefones: 22642-22391-24142

pelaria pampas

PELES — MALAS
GABARDINES
ARTIGOS
DE VIAGEM
ÚLTIMOS MODELOS
R DA CONCEIÇÃO

DINHEIRO

Empresto se ao juro da lei sobre todos os artigos que ofereçam garantia
Compro e vende antiguidades, ouro, jóias, etc
JOSÉ MAYER (Herd.os)
Telefone 322881
RUA DO LORETO, 18

O ROLAMENTO dos CAMPEÕES

RIV

SÍMBOLO DA PRECISÃO MECÂNICA

REPRESENTANTES:
AUTO-LUSITANIA — AVENIDA DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA

Matérias Plásticas, Lda.

FÁBRICA DE MOLDAÇÃO DE PLÁSTICOS

ESPECIALIDADE EM TAMPOS SANITÁRIOS,

EMBALAGENS E PANOS RENDADOS

Telefones — Gerência: 22128 / Fábrica: 22628 **LEIRIA**

MORGADO

RAÇÕES E CONCENTRADOS
farinhas e granulados

DIRECÇÃO TÉCNICA
ASSISTÊNCIA ASSEGURADA POR MÉDICO VETERINÁRIO PRIVATIVO
CONTROLE E ENSAIO BIOLÓGICO na sua GRANJA EXPERIMENTAL

fábricas:
MORGADO & FILHOS L.DA
BOAVISTA - LEIRIA
telefones 92101/2/3/4

PECARDI

DECORAÇÕES LDA.

TECIDOS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

ÚLTIMAS NOVIDADES
SEMPRE AOS MELHORES PREÇOS

RUA NOVA DA TRINDADE, 1-C (AO CHIADO)
TELEF. 32 81 20 LISBOA

«Dossier Monstro»

(Continuação da 26.ª página)

com o monstro, que anunciara deslocar-se ali ao fim da tarde Infelizmente a expectativa do público, no meio do qual se encontravam os nossos repórteres, especialmente destacados para o efeito, foi iludida. A enigmática personagem não compareceu.

Por novos depoimentos chegados até nós sabe-se agora que o monstro não se parece nem com um leão nem com uma foca, como chegou a ser anunciado. Na realidade a sua configuração é a de um canídeo que vestisse á inglesa. Há mesmo — garantem alguns — um quê de distinção nas suas maneiras.

A todo o momento esperamos poder publicar com o monstro uma entrevista sensacional. No sentido de concretizar essa iniciativa, que será mais uma das grandes realizações do nosso jornal, empenhado em bem servir o público, os nossos repórteres percorrem infatigàvelmente as ruas de Lisboa, em busca da inquietante figura.

UMA QUEIXA

Um homem de nome Crispiano Caneças, de 67 anos, funcionário aposentado da repartição da Energia Atómica, da Porcalhota, apresentou hoje queixa no tribunal da Polícia contra um grupo de indivíduos que, na via pública, o teria confundido com o monstro que assola a cidade. Os energúmenos teriam tentado obrigá-lo a confessar que se parecia com um goraz, o que ele recusou, como é natural. Além de mais, alega o queixoso, mesmo que as suas parecenças com o referido peixe existissem, isso nada significaria, pois toda a gente sabe ser o monstro um misto de gato e de galinha.

O homem veio em paz, depois de ter assinado uma declaração com os seguintes dizeres: «Declaro que não sou o monstro». A declaração foi assinada nos termos do decreto lei n.º 287 675 895 000, que prevê a necessidade de compromissos de honra no caso de alguém ser confundido com ídolos populares.

A NOSSA ENTREVISTA DE ONTEM

Quinta-feira, 12 de Abril — São inúmeras as cartas que de todos os pontos nos chegam cumprimentando-nos pela oportuna entrevista publicada ontem com o monstro que desde há semanas tem sido visto em Lisboa. Algumas das suas declarações comoveram especialmente o público. Entre estas salientam-se as que dizem respeito ao lado humano da personagem: a sua orfandade, a solidão que o prende numa angústia constante, a falta de luminosidade progressiva que as suas chispas têm acusado desde que se encontra entre nós.

«Já sou um de vocês» — esta foi, talvez, a declaração que mais comoveu os nossos leitores.

ALGUM TEMPO DEPOIS

Sexta-feira, 27 de Dezembro — Acerca da grave crise económica que afecta o mundo falámos ontem á noite com uma das figuras mais esclarecidas da actualidade, o sr. dr. Monstro. O ilustre pensador, que na altura comprava os seus bilhetes para o Festival de Teatro Francês, não se fez rogado: «Estamos a atravessar uma grave crise» — declarou.

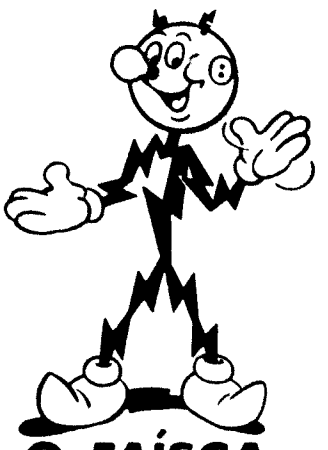
Os jornais de todo o mundo inserem com grande relevo esta declaração. O dr. Monstro, que há meses fez a sua aparição no Mundo, vindo de distâncias siderais que a ciência humana ainda não abrange, é hoje uma das figuras mais escutadas do Universo. Constituiu um grande êxito, no plano da popularidade, a sua recente viagem a Marte, planeta que ainda não conhecia.

Não pode deixar de causar algum divertimento recordar a forma como muitos descreveram o insigne mestre, nos primeiros dias em que fez o favor de nos aparecer: misto de elefante e tartaruga, mistura de passarinho e minhoca, mais parecido com um texugo que com um leopardo... Tudo, claro, frutos da imaginação popular.

Na realidade, o dr. Monstro é uma pessoa vulgar, um cavalheiro muito bem educado e extremamente afável. Não terá precisamente a nossa configuração, mas não apresenta, também, semelhanças com nenhum animal inferior.

Isto reconhecem todos os que têm tido a oportunidade de apertar as suas mãozinhas e de receber os ternos beijos que as suas quatro cabeças a ninguém recusam.

A ELECTRICIDADE É O NERVO DA VIDA MODERNA



O FAÍSCA
Seu Criado Eléctrico

O GÁS DA COMPANHIA É O COMBUSTÍVEL IDEAL PARA TODOS OS USOS

GÁS DA COMPANHIA
"O Combustível de Lisboa"

EFICIÊNCIA
CONFORTO
ECONOMIA

SEMPRE AO SEU DISPOR DIA E NOITE

CRGE

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA

CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA

1414 KM ATRAVÉS DE ANGOLA

LIGAÇÕES RÁPIDAS E CÓMODAS PARA PASSAGEIROS E CARGA
SERVINDO AS REGIÕES DE

BENGUELA, HUAMBO, BIÉ, MOXICO E LUNDA
em ANGOLA

•

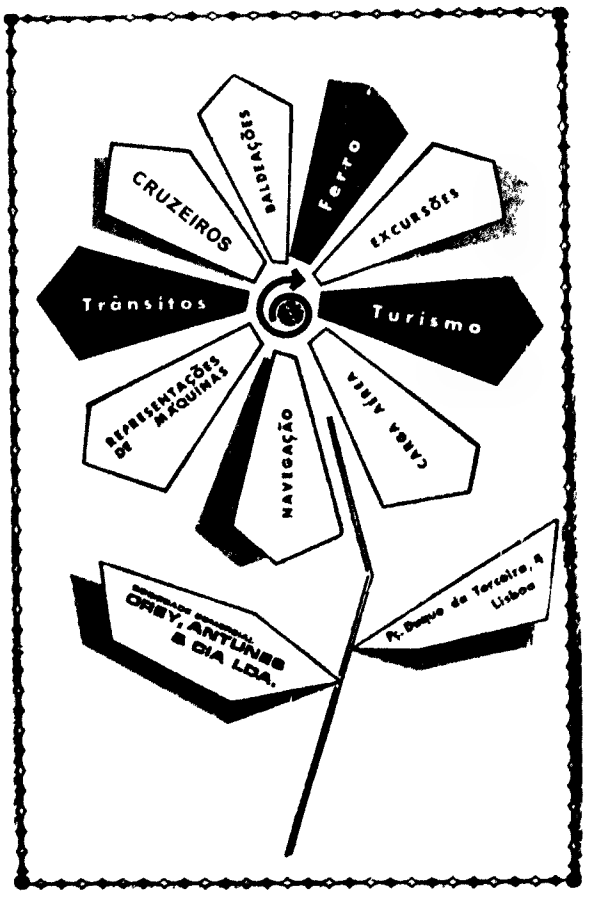
BEIRA E LOURENÇO MARQUES
em MOÇAMBIQUE

•

CONGO (ex-Belga), ZÂMBIA
E REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL

•

No Lobito:
HOTEL TERMINUS



ESTRADA LIVRE!

COM MIXO

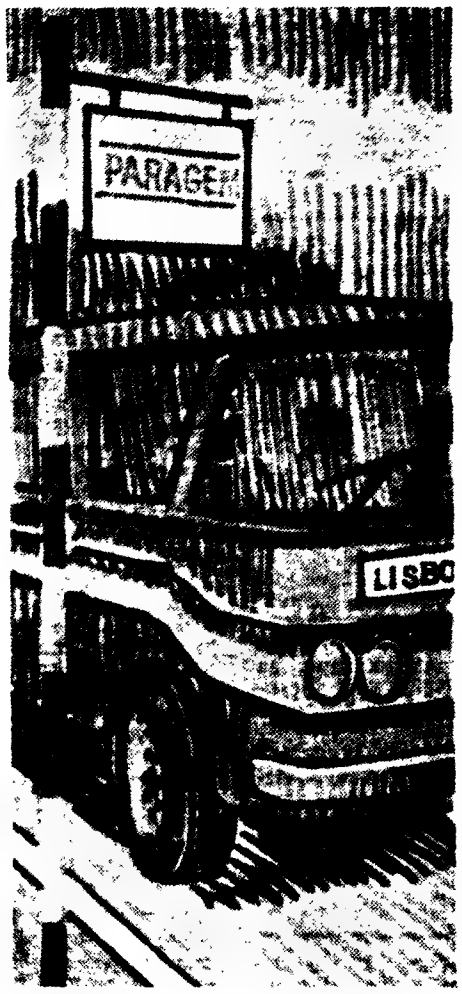
REPRESENTANTE:
AUTO SERVIÇOS AVENIDA
Av. da Liberdade, 67 — Lisboa

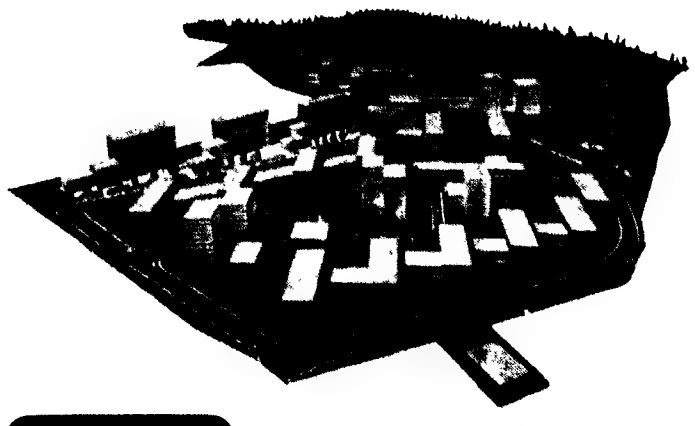
o seu sonho realizado pela REALIMO:

MIRATEJO

A CIDADE PANORAMA

com tudo o que precisa para viver!





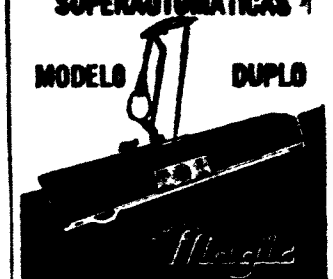
REALIMO realiza o seu sonho:
Do outro lado do Tejo,
a 15 minutos de Lisboa,
MIRATEJO, A CIDADE PANORAMA,
oferece-lhe tudo o que precisa para viver:
Facilidades de transporte,
estabelecimentos comerciais,
escolas para seus filhos e tudo bem perto,
para que a sua cidade chegue para si!
Projecte a sua vida em **MIRATEJO,**
A CIDADE PANORAMA!

REALIMO, S.A.R.L.

Avenida Eng.º Duarte Pacheco, 21, 3.º - B
Tel: 68 32 46 / Edifício Angola / Lisboa 1

MÁQUINAS DE TRICOTAR SUPERAUTOMÁTICAS

MODELO DUPLO



- Produto da industria suiça de alta precisão
- Inteiramente metálica
- Garantia e assistência técnica asseguradas por pessoal especializado
- Canelados perfeitos
- Facilidade de manejo

Pretende-se nomear agentes em concelhos ainda livres
Consulte:

PAFAEL BURGUETE LDA
LISBOA R. Antonio Enes 20 1

Pretende receber publicidade e preços
Nome
Morada
Localidade

GALEÃO
ELEGÂNCIA
E QUALIDADE
MALAS — PELES
ARTIGOS DE VIAGEM
Rua Augusta LISBOA

Joalharia Cunha
(J. N. CUNHA, L.DA)
OURO — PRATAS
JÓIAS — RELÓGIOS
Rua Aurea, 197 - 201
Telef. 32 07 30 — LISBOA

OURIVESARIA
CASA DAS BENGALAS
JÓIAS—OURO—PRATAS
TAÇAS DE PRATA
RUA DA PRATA, 87-91
Telef. 32 02 56

Eduardo Martins & C.ª, L.da

APRESENTA OS MAIS RECENTES MODELOS EM

PRONTO A VESTIR
PARA
HOMEM E RAPAZ

R. Garrett, 7 — R. Nova do Almada, 109
LISBOA

Externato Girassol
JARDIM-ESCOLA
AMBOS OS SEXOS
Aberto todo o ano das 8 e 30 às 19 e 30 h.
TRANSPORTE PRIVATIVO
Av. da República, 60, 1.º-Esq. Tele. 76 42 06

EXTERNATO A CONCHINHA
Infantário — Jardim Infantil
TRANSPORTE PRIVATIVO, ABERTO TODO O ANO DAS 8 ÀS 19,30 HORAS
PRAÇA DAS FLORES, 31 — TELEFONE 367867

TODOS OS ARTIGOS VENDIDOS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

ARMANDO SOARES, LDA.
Fundada em 1943
RUA PASCOAL DE MELO, 64-2.º Dt.º — Telef. 48692
LISBOA

Móveis Janel

MODELAR ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA DECORAÇÃO DO LAR

R. Rodrigues Sampaio, 76-A — Telefone 51695 — LISBOA

ESCOLA LUSITÂNIA
DE AUTOMOBILISMO, LDA.

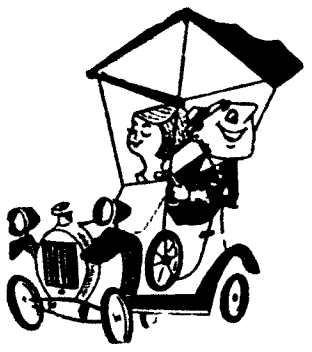
TELEFS. 53 19 42 - 53 84 69

HENRIQUE PÁSSARO & HENRIQUE NEVES

ESCOLA DE CONDUÇÃO

FUNDADA EM 1952

DIVERSOS TIPOS DE VIATURAS



Todas as informações sobre ensino

Habilitação completa para ambos os sexos
Ensino por projecção luminosa

Sede: Av. Rovisco Pais, 14-C (ao Arco do Cego)

L I S B O A - 1

RESTAURANTE
BORDA D'ÁGUA
SNAK-BAR

A 3 KIL. DE ALBUFEIRA

PRAIA DA OIRA
A L B U F E I R A
TELEFONE 344

SELF-SERVICE
«REIS»

CHARCUTARIA
MERCEARIAS
VINHOS

TELEF. 13 **ALBUFEIRA**

ALGARVE REGIONAL

FABRICANTE
ARTESANATO
DE PALMA

ALBUFEIRA **ARMAÇÃO DE PERA**

No momento em que se olha para o seu aspecto exterior tão elegante e moderno logo se vê que não se trata de frigoríficos vulgares! Mas a verdadeira revolução encontra-se dentro deles - o ESPAÇO TOTAL o espaço interior integralmente aproveitado e a suprema inovação o FRIO HÚMIDO.
Para os alimentos se conservarem frescos durante muito tempo, eles precisam, não só do frio, mas também do grau correcto de humidade. Isto sòmente pode ser obtido nos frigoríficos IGNIS UMICLIMAT, que além disso, possuem amplo congelador a 25 graus negativos para conservar alimentos congelados.
Modelos UMICLIMAT de 230 e 280 litros.
Além disso, a vasta gama de frigoríficos IGNIS "PROJECTO SIRIO" desde o modelo económico de 140 litros está à vossa disposição no vosso habitual fornecedor de electrodomésticos.

IGNIS
umiclimat

OS FRIGORÍFICOS
DA SEGUNDA GERAÇÃO

ALBUHERA

Estabelecimentos Comerciais de Frutos do Algarve, Lda.

A L B U F E I R A

EXPORTADORA DE FIGOS SECOS DO ALGARVE
PASTA DE FIGO
MIOLO DE AMÊNDOA CORRENTE E SELECCIONADA
ALFARROBA TRITURADA PARA ALIMENTAÇÃO DE GADO
SEMENTES DE ALFARROBA

O RETIRO DO JOÃO PADEIRO

(O RESTAURANTE MUNDIALMENTE CONHECIDO)

Estrada Marginal
Telef. 28 02 32

Rua Visconde da Luz
CASCAIS

Especializado em MARISCOS e na sua Célebre LAGOSTA AO NATURAL, além dos mais diversos pratos, entre os quais se destacam: AMEIJOA À ESPANHOLA, CARNE DE PORCO À ALENTEJANA, LINGUADO À MATIAS, E FRANGOS À PADEIRO

VIVEIRO PRÓPRIO

COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE

S. A. R. L.

—PASTAS QUÍMICAS
—PAPÉIS KRAFT, DE JORNAL, OBRA DE LIVRO E IMPRESSÃO REVISTA
—CARTÃO CANELADO E FITA GOMADA
—SACOS E SAQUETAS DE PAPEL

Instalações Fabris: Cacia
Telegramas: Celulose — Cacia
Telefones: 034 91287/88/89

Sede: **Lisboa, Rua Joaquim António de Aguiar, 3**
Telegramas: Celulose — Lisboa
Telefones: 538857 (P. P. C. A. 8 linhas)

AZEITES E AZEITONAS M/**QUINTA DA SERRA**
CONSERVAS DE PEIXE M/**MACHICO** E **RUACANÁ**
ESPECIARIAS M/**JANOTA**
CAFÉS E OUTROS PRODUTOS ULTRAMARINOS
CEREAIS E LEGUMES
RÁFIA **MAJUNGA** (MADAGASCAR)
CHÁS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

A. CARVALHO & C.ª, L.DA

IMP.-EXP.

SEDE:
Rua dos Bacalhoeiros, 14-1.º — Telef. 869776 — LISBOA

ARMAZÉNS:
Avenida Infante D. Henrique, 24 — Telef. 870482 — LISBOA
Estrada Exterior da Circunvalação, 6564 — Telef. 901413 — AREOSA — PORTO
Rua Voluntários da República, 67 — Telef. 32248 — TOMAR

«FIAMBRE *Izidoro* »

FRESCURA, AROMA E PALADAR INCOMPARÁVEIS

Preparado por:

ESTABELECIMENTOS ISIDORO M. DE OLIVEIRA

S. A. R. L.

MONTIJO — LISBOA

Izidoro — *A MARCA DA QUALIDADE*

DecoLiz

- MÓVEIS
- DECORAÇÕES
- ANTIGUIDADES

RUA DE D. ESTEFÂNIA, 121 - A
TELEF. 41304 LISBOA

PASTELARIA MARQUES

RUA GARRETT, 72
TELEFONE 33110

O mais fino sortido em amêndoas, bombons e a melhor pastelaria

CASA TIROL

RUA DA PRATA, 70

É A CASA QUE MAIS BARATO VENDE BEBIDAS E QUEIJOS NACIONAIS E E ESTRANGEIROS E MERCEARIAS FINAS

Nicola: uma vida a galope

por Neves de Sousa

PALMA DE MAIORCA (Espanha) — A 220 pesetas de distância da capital da ilha fica Deyá. «*Um povo escandaloso*» — diz-me a rapariga. «*Só HIPPIES, mais nada*».

— Estes ?

Na rua, defronte da «Ca'n Pesa», passam rapazes de mão na mão, raparigas de trajes floridos. Descalços. Cantando, rindo, olhares espetados, olhares em riste. Mas, acima de tudo, olhares de piedade. Ou de medo. Ou de receio.

— *Sim, estes* — garante Nicola. «*Gente que não tem GANAS de trabalhar*».

LOUCA, LOUCA, LOUCA

Tinham-me dito. «*Nicola? Mora lá para cima. É assim como... assim como uma aventureira. Viveu com o Cordobés, foi secretária de Bao Dai, passeou a cavalo pela Gran Via de Madrid, lida toiros em pontas. Uma louca!*» Agora, aqui estava Nicola. Nicola R. Weber. Intérprete, conversas em alemão, francês, italiano, inglês, espanhol e português. Uma vida vivida a galope.

— *Há sete anos, estive em Portugal. Fui para passar um fim-de-semana (tinha pouco dinheiro): vivi lá dois anos.*

Morou na Rua 4 de Infantaria, em Lisboa. Conheceu gente: Nuno de Oliveira («*Oh, pá! É um equitador sensacional!*), Mestre Baptista («*Doido, os cavalos tinham sempre as bocas rasgadas*»), José Samuel Lupi («*Que companheiro!*»), Nuncio («*O mestre*»). Fala de Portugal:

— *Tenho lá um grande amigo: Diogo de Bragança, filho do Duque de Lafões. Quilómetros de muro até chegar ao coração da sua quinta, em Manique do Intendente, perto de Alcochete.*

— Voltaria?

— *Já. Agora mesmo. leva-me?*

(Nicola: paz e tranquilidade a seu modo).

POR ACIDENTE, TUDO POR ACIDENTE

Conhece toda a Europa, Escandinávia aparte. E foi ao Líbano, á Arábia Saudita, á Turquia, ao Vietnam. Tem, no passaporte, registos de entrada em seis países africanos: e passagem notada pelas três Américas.

— *Agora, trabalho em «relações públicas». Como «free-lancer». Sou bem paga. E, há sete anos, falar de «Relações Publicas» era como pisar o terreno do mundanismo. Ficar mal vista, não é?*

O frio do Mediterrâneo subia pela escarpa e dava a volta aos corpos. Além, ficavam as luzes do «Tito's», os reclamos berrantes de «Jack, el Negro», trepando pelo morro.

—*Em Itália, fui actriz. Ganhei um prémio qualquer, em 1960. Chamaram-me «a actriz cómica do ano». O nome do filme? «Dia após dia, desesperadamente». Entrei, por acidente. Sempre fiz tudo por acidente: sou uma vitima das circunstâncias.*

Outro cigarro. As pernas (longas) cruzadas em «pose».

— *O vento vem dali, eu venho daqui. E pronto.*

Explicação:

— *Entrei na Cinecittá como intérprete da «estrela» americana. O marido (um italiano) gostava da paródia. Eu ficava a fazer companhia á vedeta. Ela precisava de quem a entendesse, não acha?*

1940. Os mortos nas ruas, as bombas a explodirem. Olhava para aquilo como se fosse uma diversão. So não gostei dos russos: eram carrancudos, não faziam festas.

BAO DAI

— *Estava em Cannes, no «Grey d'Albion». Com pouco dinheiro, como sempre. Uma vez, não me deixaram entrar no quarto: pareceu-lhes que a conta estava muito atrasada. Eu, vinha de Saint Tropez, de «blue-jeans», encharcada até aos ossos. Pois nem a escova de dentes me autorizavam a ir buscar.*

«*Agarrei no meu cão e fui até á porta do Casino. O Imperador andava a passear: fiz-me encontrada. Ele (camisa branca de punhos grandes) parecia um china. Ela (a rapariga dele) parecia-se com Ava Gardner. Era uma rapariga esperta: já fora amiga do Xá da Pérsia, agora atrelava-se ao Imperador. Muito adornada. Cheia de ouro, claro.*

(Nicola: o mundo visto pelo seu prisma.)

—*A mulher de Bao Dai morrera. Ele não a emprrou: é asiático, detesta a violência directa, joga com outras mãos. «Não pode entrar no Casino» — disse-me o porteiro.*

(Num aparte: «*aos sábados, o traje é de gala*».)

— *O Imperador chegou-se ao pé de mim. «Quer entrar comigo?» Fingi que não percebia. «Quem é você?» — perguntei. «O Imperador do Viet-Nam» — respondeu.*

(«*Sou muito maluca. Aos 17 anos já conhecia gente importante: Onassis, Rotchild. Mas, na Costa Azul, toda a gente é imperador ou rei ou qualquer coisa. Fiz que desconfiava*».)

Nos intervalos da sua agitada vida, uma excitação diferente: lidar toiros em pontas

Ela mora num PUEBLO de HIPPIES, sobre a escarpa que se arrasta para o mar. Viveu com Cordobés, foi secretária de Bao Dai, passeou a cavalo pela Gran Via, lida toiros em pontas. Esta é Nicola Weber, louca, louca, louca.

Nicola tem duas filhas: Natacha e Daniela (sete meses, gemeas). Vive afastada do pai das crianças.

— *Faz a vida dele. E eu, eu estou nova para gozar a minha.*

(Nicola, signo do Leão. 29 anos em Julho próximo.)

— *Nasci em Berlim,*

— *Como posso acreditar?*

«*Ele chamou o «chauffeur», para lhe ir buscar o passaporte. Passaporte diplomático. E roupas para eu cambiar. Roupas da filha, que tinha as minhas medidas.*

— A filha de Bao Dai?

— *Sim. Phoumg Mac. Falámos de muitas coisas. Até de cavalos. O Imperador, a certa altura, saiu-se assim: «Quer trabalhar para mim?» Depende. Fui á primeira missão, comprar-lhe um cavalo. «Se provar que ele é bom, você fica como meu braço direito» — acentuou Bao Dai.*

(Ri. Ri á gargalhada).

— *Voltei dai a um mês: em Hamburgo (a minha mãe vivia lá) escolhi um cavalo com prémio internacional. Nome? Mariza, uma égua.*

(Durante quatro anos, Nicola teve a seu cargo o sector de relações publicas de Bao Dai.)

— *As pessoas diziam que ele era uma marioneta dos franceses. Não sei, não sei o que pense...*

O «AMERICANO»

Outra bebida. Outro cigarro. O cume da história.

Eu andava adoentada com uma angina e fui ao consultório do hotel. Normalmente, no átrio havia pouca gente: só velhinhas fazendo «tricot». Naquele dia, a casa estava invadida, todos em alvoroço. «Que se passa?» — perguntei «É o Cordobés que está ai». Quis saber se havia bilhetes para a corrida: nada; tudo esgotado.

«*Quando voltei para o quarto, estava um «americano» no ascensor. Nem olhei. Mas, dai a bocadinho, soube que tinha duas «barreiras» para a corrida. «É oferta do Cordobés» — disse-me o botones. Fui vê-lo. No final, um jornalista apresentou-nos: o Cordobés não perdeu tempo: «Vamos dar um passeio?»*

Um trago de «Wis[illegible]».

Em Deyá, no topo de Maiorca, mora Nicola Weber: louca, louca, louca

(Continua na página seguinte)

Nicola: uma vida a galope

(Continuação da pág. anterior)

— *Vivemos juntos, dois anos.*

OS «VERDES»

— *Habituei-me depressa á nova vida: cinquenta e três corridas em três meses. «Isto é que é divertimento?» — perguntava-lhe. Ele desatava a rir. É o ser humano mais espantoso que conheci. Sem cultura, tem sede de aprender. «Ganho muitos milhões. Quero saber falar francês» - disse um dia. «E o tempo?» Ora, ás oito, durante o primeiro almoço.»*

«Cordobes é muito inteligente. A maioria dos toureiros retira-se e volta depois aos «ruedos» porque não tem dinheiro. O Cordobés tem a familia toda arrumada e está rico até aqui. (Mostra o pino dos cabelos). *Quando alguém o aborda, ele não está com metas medidas: «quanto precisa? Um quilo de «verdes»? Quilo e meio de «verdes»?»*

(Nicola explica: «verdes» são notas de mil pesetas).

Cordobés carrega o dinheiro em embrulhos. Nunca o contou: toma-lhe o peso.

LADO-A-LADO

Estávamos no México, como convidados do Presidente Lopez Mateos. Ofereceram-nos um jantar de gala. A frente de Cordobes, muitos garfos e facas. Todos esperavam que ele começasse a comer: e ele a espirrar, a conversar, a torcer se na cadeira. De repente, virou se para o Presidente e disse: «Comam, comam. Eu não gosto de sopa». So principiou quando toda a gente «atacava» o prato de peixe...

(Nicola: dois anos a morar entre as praças de touros. «Ele, no banco de trás, a dormir. Eu ao volante»).

Sobre Cordobes:

Ele é generoso. Muito generoso, sem ostentação. O grande sonho dele? Ser pai. Mas, pensa que as mulheres só o procuram porque ele é o Cordobés. Procura uma

«Cordobes? O ser humano mais extraordinário que conheci

família: não acha isso natural?

Mais uma gargalhada:

— *Agora, não namora uma; namora muitas...*

(Nicola: mais uma volta pelas páginas do passado).

Quando o chamavam pelo telefone, eu perguntava o nome da rapariga e ia ver á agenda. O Cordobés tinha lá noiva numero um, noiva numero dois, noiva numero três. Fazia cruzinhas e marcava-as: afinal, ele era propriedade de toda a gente.

«Discutiamos: «Isto não é profissão! É uma droga que tomaste» dizia-lhe eu. «Pois é: toureiro de verdade não vê ninguém. Só vê o toiro» respondia-me.

«RECUERDOS»

Em Madrid, ganhou o maximo: três milhões por lidar dois toiros. Quando estava ao pé de le, quem pagava tudo era eu. Depois, faziamos contas.

— Juntou bastante dinheiro?

Nicola fica quieta.

— *Nada. Pouco. Mas, também não gastei. E ele dava-me prendas.*

— Valiosas?

— *Em dois anos, ofereceu-me três pares de calças mexicanas, uma camisa branca com flores bordadas á mão, uma blusa das Caraibas. Tinhamos a mesma medida das calças: eu herdava dele.*

«O Pelayo, que fazia para ele os «trajes de luces», arranjava os meus fatos. E eu dava ao Cordobes o que ele gostava de usar: chapéus. Chapéus de todas as cores e feitios. Ele é mesmo doido por chapéus... Usá-los, deverte-o imenso.

(Fecha os olhos).

— *Uma temporada, fomos todos os dias a Acapulco. Cordobés juntava-se aos miudos e ficava horas e horas vendo os «morenitos» treparem á força de pulso palmeiras com trinta metros de altura. Em Espanha, o tourcio é dramático. O toiro tem de morrer com espectáculo. Há sangue. Porque é que o Cordobés não podia esquecer se disso?*

(Nicola saudades de sardinhas assadas).

— *Então você é português?*

No «Tito's», a chinfrineira da orquestra obriga-a a gritar:

— *Regalei catorze milhões para contar a minha vida. E vem você... Ah, estes portugueses!*

Lá fora, o vento do Mediterraneo em brisa suave.

NEVES DE SOUSA

NUM ESCRITÓRIO JÓVEM... UMA MÁQUINA MODERNA

LINHA ELEGANTE "TOQUE SUAVE" ESCRITA PERFEITA
COR FASCINANTE "BATIDA" RÁPIDA EQUIPAMENTO COMPLETO

HERMES 9 é um produto suiço de precisão com a assinatura paillard

DISTRIBUIDA EM PORTUGAL COM A GARANTIA E A ASSISTÊNCIA TÉCNICA DOS

ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.

68, RUA DA PRATA — TELEF. 361545 — LISBOA
208, RUA DE STO. ANTÓNIO — TELEF. 25582 — PORTO
62, RUA D. DIOGO DE SOUSA — TELEF. 24979 — BRAGA

Cartiere del Timavo S. P. A.
Cartiere di Arbatax S. P. A.
(ITÁLIA)

•

FORNECEDOR DE PAPEL DE JORNAL, REVISTAS, OFFSET, COUCHÉ, ETC.

•

REPRESENTANTES:

SOCIEDADE COMERCIAL HAMANN, LDA.

Rua Aquiles Monteverde, 32, 5.º, D. — LISBOA-1
Telefones: 53 85 78 - 53 82 92 Telex: 1519 HAMANN P

Lloret & Xavier, Lda.
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

LÂMINAS PARA A INDÚSTRIA CORTICEIRA

Largo do Corpo Santo, 21 - 1.º Esq.
Telef. 324671 e 327258—Lisboa-2

Sr. Automobilista
RENAULT

Se deseja reparar o motor do seu RENAULT não o faça sem nos consultar

Em 8 horas tem o motor reconstruido e com garantia

SERVIÇO OFICIAL
RENAULT

GARAGEM SANTA LUZIA
Rua D. Estefânia, 109-111
Telef. 48280

CHAPAS ACRÍLICAS
VIDRO PLÁSTICO

TODAS AS CORES TRANSPARENTES E OPACAS
MEDIDAS STANDART E CORTES
ENTREGAS IMEDIATAS E DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

PLÁSTICOS DO SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 53-A
TELEFONE 761783

PORTO
R. FARIA GUIMARÃES, 260
TELEFONE 490478

segunda terça quarta quinta sexta sábado domingo
Fri Sun

Em qualquer dia da semana à sua escolha!
Voos diários
LISBOA - NEW YORK
A partir de 1 de Abril

Aumentando a frequência dos voos para New York, a TAP proporciona aos seus passageiros, qualquer que seja o objectivo da viagem, melhores possibilidades de organizar, com o maior aproveitamento possível de tempo, a sua deslocação aos Estados Unidos.
Agora a TAP passou a ligar diàriamente LISBOA a NEW YORK com aviões e serviços próprios, tendo sempre a bordo e no aeroporto de destino pessoal português.

Bom serviço para todos... e boa viagem!

TAP TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado.

TAP
CS-TB

através do mundo
em boa companhia

BNU

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

o Banco de maior expansão em todo o espaço Português.
105 anos ao serviço da economia do País.
152 dependências - expressão significativa da melhor assistência bancária

O Banco do Povo ao serviço de Portugal

COMPANHIA UNIÃO FABRIL
av. joão xxi, 14 a-lisboa
rua dos douradores, 160

CARPETES E ALCATIFAS

100% de lã pura

Renault 16: o mais importante não está à vista...

Não se admire se as linhas do Renault 16 vos surpreendem e vos agradam, ao mesmo tempo: a sua originalidade não é fruto dum acaso, mas sim o resultado natural duma concepção nova do automóvel, a partir do interior. O problema era criar um modelo rápido, confortável e seguro, com cinco lugares, um grande estradista europeu, capaz de se transformar, sempre que necessário, num vasto "station-wagon". Noutras palavras era necessário descobrir a possibilidade de arrumar um "station-wagon" no interior dum carro de família. Tal facto é possível visto ser o Renault 16 o único carro no Mundo com o banco traseiro totalmente móvel (e não apenas dobrável), com porta-bagagem extensível, prevendo o interior 7 possibilidades diferentes de utilização do espaço útil. É por isso que o Renault 16 possui uma porta especial de carga, na parte de trás, um volume de 1,20 m³ para arrumação de carga, um piso plano e uma suspensão eficiente e agradável tanto para os transportes frágeis como de passageiros. Este modelo agradar-vos-á, o que é lógico... Venha agora experimentar este carro, sentando-se ao volante para descobrir outros motivos, que tornam tão estimado e querido o RENAULT 16.

RENAULT

MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

Importadores exclusivos: **UTIC** - Av. da Liberdade, 136 — Lisboa • Av. dos Aliados, 195 — Porto

Posso dizer o meu nome?

por José Carlos de Vasconcelos

NÃO SOU o que se possa dizer um ouvinte muito assíduo e devotado da rádio, até porque os programas portugueses — e eu prefiro, patrioticamente, os produtos nacionais... são, as mais das vezes, tremendamente chatos, quer porque o tempo não sobeja para cantigas. Ainda por cima, um programa que eu gostava muito de sintonizar — pois era um programa vivo e onde, realmente, se fazia rádio a sério — quando acontecia estar fora do ninho, e disponível, até às tantas, continuou com o nome, mas, celebrado o seu passamento, rezemos-lhe pela alma, bem-aventurados os, amen!

Porém, há um programa que eu não perco — um, não, vários, com nomes parecidos, mas todos com sua vincada personalidade, em que o talento e a imaginação se dão as mãos pelos campos do éter fora. E os leitores mais sabedores destas coisas decerto já imaginaram quais eles são. Refiro-me, claro, a «quando a campainha retine», «quando o telefone tilinta» — e congéneres.

Começa a chegar a hora de tais pequenas jóias radiofónicas e eu a ficar em picos, ai, como será hoje, que suprema surpresa nos estará reservada, será a frase dita a preceito, serão lindas as vozes das e dos pedintes, pedindo o quê, ver se hoje não esquecem o Calvário, a Madalena, o rancho todo, está mesmo no minuto, ai que emoção!

— Quando a campainha retine.

— É o sr. Mota Mendes?

— Não, não, ele hoje não está cá.

— Ah sim! Mas posso pedir um disco?

— Faz favor. Mas primeiro tem que dizer a frase.

— Lave... lave... lave...

— Então? Quer que eu dê uma ajuda?

— Ai é que eu ando com uma grande falta de memória... Lave...

— .. toda a sua roupa com sabo...

— ...nete. .

— ...nete, não, nária...

— ...nária Trim Trim Trim Trim

(a minha filha neste momento: «Papá, está um despertador a tocar na rádio»)

— Bem, eu dou outra ajuda: «Trim e verá como ela fica mais branca».

— Exactamente. Então que disco deseja ouvir?

— Eu desejava ouvir a «Valsa da Meia-Noite».

— Desculpe, esse já está poído. Não se importa...

— Não me importo nada. Posso dizer o meu nome?

— Faz favor.

— Ludovina do Espírito Santo.

— Então boa-noite.

— Boa-noite e muito obrigada.

— Obrigados somos nós.

E toca o disco, que por acaso não é o da substituição anunciada, mas uma história do Badaró, cheia daquele subtil humor que todos lhe reconhecem. Um engano qualquer tem, claro, e o que interessa, além do mais que interessa também, é aquela intuição, aquela boa educação aquela fluência de diálogo.

Volta a campainha a retinir e são sempre os mesmos bons modos, a mesma cordura no trato — «então boa noite», «está bem?», «bem, muito obrigado», «faz favor de desculpar», «quem pede desculpa sou eu». — é sempre aquela pergunta sacramental — «posso dizer o meu nome?» — também a demonstrar etiqueta requintada, pois que ninguém declina sua graça sem antes pedir autorização, etc. etc

Mas já na frase, há quem seja fraco de memória, como a citada Ludovina, há os que de nervosos gaguejam a valer, há os que a desvejam de jacto «e os que depois de cumprido o dever, dêem azo á sua inspiração acrescentando verso de sua lavra.

No que aos nomes respeita, também os há para todos os gostos, de todas as formas e todos os feitios. Lembro-me de uma vez, após a pergunta ritual, a pedinte começar a desbobinar:

— Maria da Conceição Mello e Alvim de Sousa...

— Então, boa noite.

— Desculpe, mas ainda não acabei — corrigiu ela, severa. — Abreu e Lima Perafita de Malafaia. .

— Boa noite...

— Por favor não me interrompa, Cadaval e Bragança...

— Boa...

— . . ventura

— ...noite

— de Vilalva.

— O... bri... gado — disse, já estafado, o locutor.

— Não tem nada que agradecer: Marquesa de Bensafrim.

Ah, que linda coisa, pensei cá com os meus botões. E, apesar de ser um tipo nada vaidoso, passe a imodéstia, embora seja orgulhoso a valer, embora eu não seja nada daqueles tipos que têm o culto do seu próprio nome e o proclamar como quem se exibe num palco ou reclama algum produto em conquista de mercados — tive uma fraqueza. Que diabo — então eu também gostava de ouvir cá a minha graça atirada para os ares, voando pelos céus de Portugal fora... E de ouvir a minha voz na rádio, a ver como ficava, pois então! Pronto, não resisti: mandei postais à família mais chegada e aos amigos mais íntimos para naquela noite estarem todos á coca do programa, a fim de terem o prazer de escutar cá o rapaz. Depois, na tarde do programa, dez minutos antes da hora marcada para ligar, já eu estava alapado junto ao telefone, sempre a discar para marcar vez... E lá consegui. Com a pressa que estava de dizer o recado, vomitei logo a frase e pedi:

— Queria ouvir a Nona Sinfonia de Beethoven.

— Não temos. E se fosse um fado pelo Fernando Farinha?

— Pelo «miúdo da Bica» — pois é certo, perfeitíssimamente. — E célere, em pulgas. - Posso dizer o meu nome?

— Faz favor.

Então esmerei-me, coloquei a voz no peito, silabando com perfeição, devagar, as vogais bem abertas, o o de José incluído, o de acentuado a preceito. Uma coisa a sério, depois de uns segundos de «suspense». E, solene, disse:

— JO...SÉ CAR...LOS DE VAS...CON...CE . LOS..

Que linda coisa!

Quem tem medo dos neologismos?

(Continuação da 18.ª página)

os meios da informação constituem, por sua natureza, agentes poderosos para a expansão de vocábulos e locuções.

Sejamos, porém, justos: os malefícios não serão compensados com a divulgação de neologismos e estrangeirismos benéficos para o idioma e, até, para os idiomas, uma vez que não podemos considerar a Língua Portuguesa completamente isolada das outras línguas?

Os jornais vivem do momento que passa, têm de identificar-se com o presente, corresponder ás novas descobertas e conceitos. E isto quer dizer que a sua linguagem terá de ser actual e o seu estilo vivo, o que, em certa medida, se consegue com o recurso aos neologismos. Repare-se, pois, em alguns que são frequentes nos nossos jornais: *aclimatar, actuação, fotocópia, neocolonialismo, descontraído, entreajuda, complexo, amarar, lateralizar, chefiar, eclodir, silenciar*, etc., etc.

Se virmos bem, a maior parte destes vocábulos (e multíssimos outros poderiam ser apontados sem grande esforço) não são propriamente aquilo a que se chama um «verbo de encher» e, em muitos contextos, não aparecem como «Pilatos no Credo». Não quer dizer que todos os neologismos fiquem na língua: alguns têm mesmo uma vida efémera. Mas uma boa parte subsistirá, diremos até que deve subsistir. E os meios de informação têm um grande papel a desempenhar neste domínio.

AFONSO PRAÇA

RESTAURANTE
«O FERNANDO»
ESPECIALIDADES PORTUGUESAS
SERVIÇO À LISTA
NOVO SERVIÇO SNAK-BAR
PRATOS A PARTIR DE 18$00
TELEF. 316 ALBUFEIRA

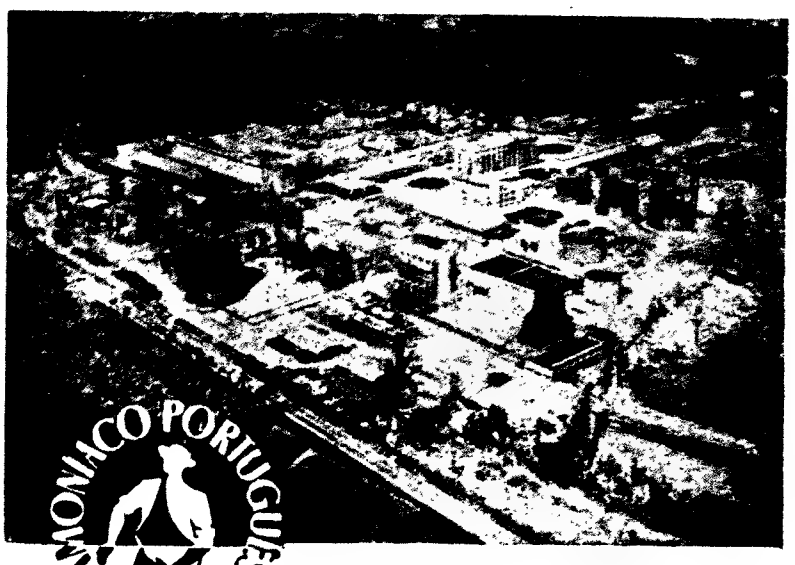
EMPRESA VIDREIRA DA FONTELA, LDA.
FIGUEIRA DA FOZ FONTELA
TELEGRAMAS: VIDROFONTELA
TELEFONES: 22013 / 14 / 15
GARRAFAS
GARRAFÕES
VIDRO IMPRESSO EM CHAPA
de vários padrões de grande efeito decorativo
MUROLUX (Nome que substitui o PROFILIT)
Vigas tipo U em vidro, para construção civil
paredes, telhados e interiores de casas
RAPIDEZ DE CONSTRUÇÃO E ECONOMIA

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

EMPRESA PÚBLICA — DECRETO-LEI N.º 48 007

AO SERVIÇO DO PAÍS

LISBOA—RUA ANDRADE CORVO, 14
PORTO—RUA DA PICARIA, 5



Vista aérea das instalações fabris de «AMONIACO PORTUGUES», S. A. R. L., em Estarreja, que já produziram mais de um milhão e cem mil toneladas de SULFATO DE AMÓNIO, satisfazendo assim não só as integrais necessidades da LAVOURA NACIONAL, mas também exportando a parte restante, cerca de cento e setenta e duas mil toneladas, para suprir a falta daquele adubo em Espanha, Inglaterra, Grécia, Chipre, China, Paquistão, Coreia, Vietnam, Líbano, Turquia, Zâmbia, Jordânia, Síria e Iraque.

Preferir SULFATO DE AMÓNIO do «AMONIACO PORTUGUES», S. A. R. L., é garantir boas colheitas

«AMONIACO PORTUGUES», S. A. R. L., dispõe de Serviços Agronómicos que realizam gratuitamente análises de terras que lhes sejam remetidas e prestam também os esclarecimentos que os Senhores lavradores necessitarem.

O MONTEPIO GERAL
através da sua Caixa Económica

oferece-lhe a possibilidade de colocar as suas economias, por pequenas que sejam, nas melhores condições de rendabilidade e segurança.

DEPÓSITOS À ORDEM — DEPÓSITOS A PRAZO
DEPÓSITOS EM CONDIÇÕES ESPECIAIS, EM NOMES DE MENORES

Fundos Permanentes e outras Reservas 679 000 contos

LISBOA — Sede, Rua Áurea, 219 241
Dependência, Rua Almeida e Sousa, 18

FILIAL — Avenida dos Aliados, 90, Porto

AGENCIAS — Aveiro, Braga, Bragança, Castelo Branco, Coimbra Évora, Faro, Viseu

Por um simples postal ou mesmo pelo telefone, solicite-nos os esclarecimentos que julgar necessário. Gostosamente lhes serão fornecidos.

VILLARINHO & SOBRINHO, LDA.

PRODUTOS ALIMENTARES
IMPORTADORES E EXPORTADORES

PRODUTOS DO ULTRAMAR

CAFÉ CHAVE D'OURO
CONSERVAS BOM PETISCO
VINHOS DO PORTO ASSUMPÇÃO

Telefs. 661201 / 664433 / 664278 **End. Teleg. JEROVI**

JANELAS VERDES

LISBOA

A MUNDIAL

SEGUROS

CAPITAL E RESERVAS:

ESC. 590 370 000$00

SEDE EM LISBOA,

NO LARGO DO CHIADO, 8

AGENTES POR TODO O

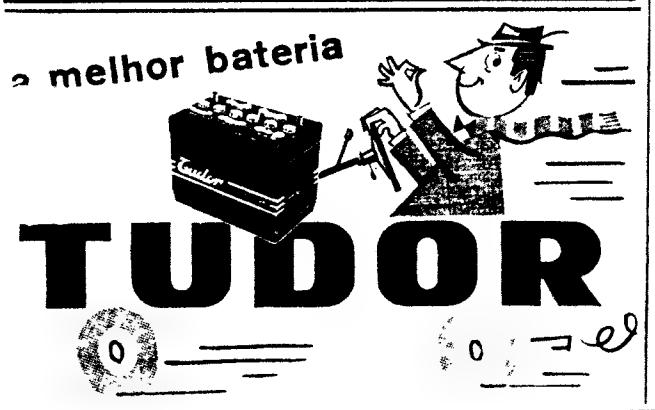
CONTINENTE, ILHAS E ULTRAMAR

Lopes & Figueiredo, Lda.

AGENTES DISTRITAIS
DE AUTOMÓVEIS

AUSTIN
TRACTORES «David Brown»
e «PGS»

Rua da Victória, 15 VISEU
Telefs. 22230 e 23656



- Liberdade é o que a máquina de lavar INDESIT automática lhe oferece.
- Oferece-lhe ainda um programa de lavagem perfeito; a sua roupa ficará limpa, cuidada e com uma espantosa economia de tempo, dinheiro e da própria roupa.
- Você só tem que carregar no botão uma só vez, depois desfrute todo o prazer da liberdade.
- A sua INDESIT trabalha e poupa por si e para si.

INDESIT

NOVO MUNDO—Viagens e Turismo, Lda.

SEDE: L. General Carmona, 2 – Telefs. 22196 22737 VISEU

FILIAIS: R. da República, Telef. 172 – GOUVEIA
L. da Estação, Telef. 52143 – VILAR FORMOSO

ÀS SUAS ORDENS PARA

Viagens Aéreas, Marítimas e Terrestres

Excursões no País e Estrangeiro
Passaportes—Vistos—Seguros—Etc.

AZEITE FINO

VIRIATO

DA REGIÃO DA BEIRA ALTA

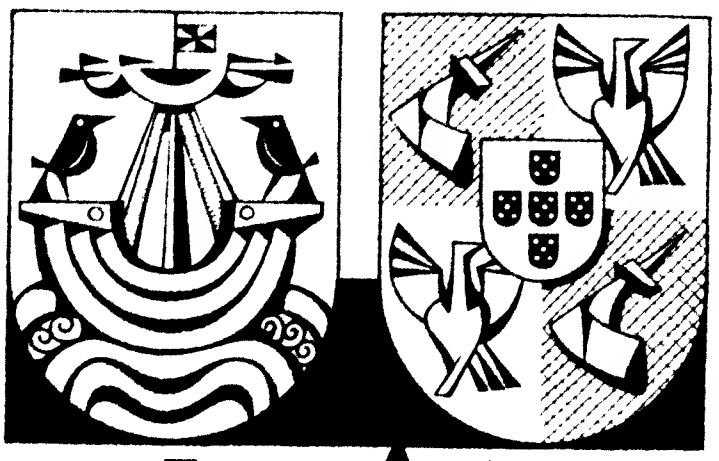
PREPARADO EM

RAMIRO AUGUSTO DO VALE, LDA.

VISEU

AGENTE EM LISBOA: ESTABELECIMENTOS SILVA & C.ª LDA.

Telefs. 86 51 81 e 37 08 83



BANCO LISBOA & AÇORES

FUNDADO 1875

CAPITAL E RESERVAS ESCUDOS 361.308.800$00

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS LOCALIDADES DO PAIS E NO ESTRANGEIRO

Viva
DE SUCESSO EM SUCESSO

SEJA QUAL FOR O SEU PONTO DE VISTA

ELEGANCIA, ECONOMIA ROBUSTEZ
SEGURANÇA, RAPIDEZ CONFORTO, ESPAÇO

OS NOVOS MODELOS

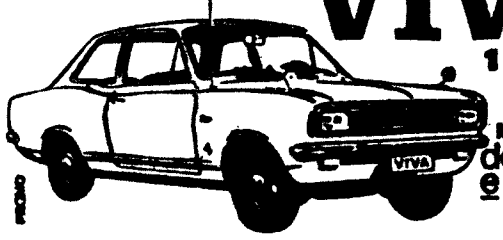
VAUXHALL VIVA

STANDARD ...	57 055$50	SL-90	71 811$50
DE LUXE (2 p.)	64 806$20	SL-1600 (2 p.)	78 130$20
DE LUXE (4 p.)	67 301$50	SL-1600 (4 p.)	82 250$80
ESTATE CAR ..	65 373$50	GT-2000	90 142$30

(TAXAS INCLUIDAS)

SATISFAZEM OS MAIS EXIGENTES

VAUXHALL VIVA 1967



MODELOS de Luxe e SL90

EXPOSIÇAO E VENDA NA:

AUTO-INDUSTRIAL

LISBOA: Av Duque de Loulé, 93. Telef. 562551/538082
ESTORIL — Av. de Nice, Telef. 263550/263396
COIMBRA — LEIRIA — CALDAS DA RAINHA

LA PAVONI

Máquinas para café-creme
Cortadoras para carnes
Descascadoras de batatas
Fritadeiras eléctricas, etc.

R VIRIATO, 12 R ANDRADE CORVO, 50-A/50-B
TELEF: 53 23 66 53 23 67 LISBOA-2

SANTOS & SILVA VIEIRA, LDA.

I M P. — E X P.

BRINQUEDOS — ARTIGOS PARA CARNAVAL
DECORAÇÕES E FOGOS DE ARTIFICIO

R. DA BOAVISTA, 14-16 — TELEFONE 32 39 06 — LISBOA-2

AGÊNCIA FUNERÁRIA BARATA

DE

GASTÃO MENDES BARATA, LDA.

REGISTADA

A primeira organização do género no País EM EDIFÍCIOS PRÓPRIOS

OS MELHORES E MAIS RICOS «AUTO-CARS» FÚNEBRES
GARAGENS E OFICINAS PRÓPRIAS NOS SEUS EDIFÍCIOS

SEDE NA:

194 — RUA SARAIVA DE CARVALHO — 202

Telefone P. B. X. 661113 - 665027 PORTUGAL LISBOA

A conquista do espaço —Humanismo, Técnica e Política

por Amadeu Lopes Sabino

PERANTE o espanto dos mais velhos e uma exaltada indiferença dos jovens, o homem (leia-se: a U. R. S. S. e os E. U. A.) conquista o Cosmos. Diàriamente, os jornais, a Rádio e a Televisão introduzem no nosso quotidiano paupérrimo as imagens místicas e mitológicas da conquista do espaço, e os entendidos dizem-nos dos benefícios proporcionados pela astronáutica ao comum dos mortais. Senhores poderosos e inteligentes, políticos bem-pensantes e filósofos e cientistas oficiais entram diàriamente em contacto connosco através dos meios de informação postos à nossa (à sua...) disposição para nos explicarem como a chegada à Lua ou a Marte é um «triunfo para a humanidade» e como dessas e doutras chegadas depende «o maior progresso moral e filosófico jamais registado na história da humanidade».

Encontra-se amplamente divulgada uma justificação ideológica — que poderíamos qualificar de «humanista» — da conquista do espaço. Seria um impulso colectivo de aventura e evasão que impeliria o «homem» a abandonar a Terra e explorar o Cosmos, e nessa sublime motivação psicológica residiria toda a razão de uma empresa que é hoje uma das chaves do poderio americano e do poderio russo.

Albert Ducrocq, numa entrevista colectiva concedida por «um grupo de eminentes especialistas em questões espaciais» ao «Nouvel Observateur», interrogava-se: «Porquê ir á Lua? É uma questão á qual não é possível responder antecipadamente: no tempo em que as correntes eléctricas começaram a ser estudadas não se sabia que, com essas correntes, seria um dia possível produzir iluminação e fazer trabalhar motores». E o «especialista», professor do Instituto de Ciências Políticas, concluiu fàusticamente: «A história das técnicas é assim!»

Na mesma entrevista, Audouin Dolfuss, astrónomo do Observatório de Paris, afirmou: «O homem ama a aventura e a descoberta. Porque é que tantos pioneiros quiseram subir ao cume do Himalaia ou do Everest? O desejo de atingir o limite daquilo que o homem pode fazer...»

Uma empresa política e económica

A argumentação dos dois «especialistas» que, porque expressão de alguns dos mitos do espaço, é aqui utilizada a título de exemplo, não é porém convincente

Na verdade, os meios técnicos utilizados num empreendimento desinteressado — científico nas experiências com correntes eléctricas, ou desportivo nas escaladas do Himalaia ou do Everest — não podem ser comparados com as fabulosas e dispendiosíssimas industrias empenhadas na astronáutica — nos E. U. A. como na U. R. S. S. (Espera-se, por exemplo, que o projecto Apolo custe cerca de 5 biliões de dólares).

Não há notícia que qualquer potência tenha jamais empenhado dinheiro, esforços e prestígio para que o «homem» — esse ser abstracto humilhado e mitificado — veja satisfeitos os seus anseios de aventura e evasão. Não é, por certo, para corresponder ao «amor do homem pela aventura e pela descoberta» que os impérios investem anualmente uma quota fundamental do seu orçamento na investigação e na conquista espaciais, mobilizando para tal verdadeiros exércitos de pessoas e coisas. A astronáutica não é uma paixão solitária, á qual incompreendidos Galileus se dedicam de alma e coração, mas uma empresa política e económica, directamente financiada e montada pelas grandes potências, para seu poder e para sua glória.

Uma opção política

O espaço não é objecto de uma opção «pura mente» técnica (humanista mesmo) da responsabilidade dos governos dos E.U.A. e da U.R.S.S.; e as opções técnicas não são opções neutras — campo privilegiado em que o homem, *dadas as suas inclinações, os seus amores e as suas paixões, se move porque se move* — mas sim opções políticas, tomadas por políticos determinados.

Os poderes constituídos são, a todo o momento, chamados a escolher, numa ordem de prioridades, os empreendimentos que convém aos seus objectivos e a escolha feita é de ordem política. Se os poderes optam pelo espaço e não por um investimento da técnica no nosso quotidiano (que continua a ser, apesar de todas as mitologias e de todos os triunfos, pobre e penoso) se optam pela astronáutica e não pela luta contra a fome e contra a miséria, se optam pelo projecto Apolo e não pela cura do cancro, é porque os interesses que representam e prosseguem não lhes permitem outra escolha.

Um poder ainda insuspeitado

«Os satélites artificiais», escrevia recentemente Marc Gilbert no «Triunfo», «proporcionam aos países que os possuem um poder ainda insuspeitado. Se os satélites soviéticos e americanos detectam as explosões nucleares chinesas, fotografam os lançamentos de foguetes ou vigiam as costas da Albânia, possibilitaram, acima de tudo, uma verdadeira revolução no campo das comunicações (...). No plano económico, o «contrôle» dessas comunicações representa um mercado fabuloso em que as grandes firmas americanas se lançam já numa dura competência. Enquanto os países europeus discutem ainda a possibilidade de lançarem em comum um primeiro satélite de comunicações, a sociedade americana COMSAT monopoliza o mercado e obtém consideráveis lucros, ao mesmo tempo que aperfeiçoa a sua rede. Os E. U. A. prevêem que, em 1985, o volume dos negócios efectuados no campo das telecomunicações espaciais ultrapassará os da industria automobilística americana».

Mas não é apenas por motivos de ordem industrial e com objectivos de lucro económico que os «grandes» investem na astronáutica.

Um dos pilares da política de blocos

A conquista do espaço tornou-se um dos pilares em que assenta a política de blocos e o método de partilha e dominação do Globo pelas superpotências que essa política significa.

Quando os soviéticos colocaram em órbita o primeiro «Sputnik», o secretário da Defesa americano afirmou que se tratava de «um truque científico, que não convence ninguém». E, referindo-se ao mesmo facto, Kruchtchev declarou que ele «era a prova de que o socialismo ganhara ao mundo capitalista no seu próprio terreno, a técnica.»

Desde esse ano já longínquo de 1957, a conquista do espaço tornou-se um dos campos privilegiados da acção política de russos e americanos. Kruchtchev empenhou a U. R. S. S. no lançamento do primeiro «Sputnik» nos dias e nos meses que se seguiram á revolta húngara; o programa espacial americano foi anunciado, por John Kennedy, imediatamente após a invasão da Baía dos Porcos, e atingiu o seu apogeu quando a guerra do Vietnam chegava á sua fase mais aguda. E enquanto os povos e as nações lutam pelo lugar que lhes é negado no mundo dos homens, russos e americanos falam-nos dos «triunfos da humanidade» e das vitórias do «espírito e da cultura do homem».

Utilização pacífica

Não se diga, aliás, que ao espaço está reservada uma utilização pacífica. Os americanos anunciaram recentemente que estavam a estudar a possibilidade de vir a ser colocado em órbita fixa um satélite que iluminasse a selva vietnamiana para que a guerra continuasse de noite como de dia e Kruchtchev chegou a falar em bombas nucleares em órbita permanente. Por outro lado, os E. U. A. têm utilizado a sua rede de satélites artificiais para fins declarados de espionagem industrial e militar.

É certo que estas declarações militaristas têm tido oportunos contrapontos pacifistas, e que tanto os E.U.A., como a U.R.S.S., como os organismos internacionais de astronáutica, têm referido com frequência a utilização do espaço para fins pacíficos. Seria porém uma inequívoca prova de ingenuidade crer que, num mundo colocado á beira do abismo e sustentado pelo equilíbrio do terror e da coexistência das superpotências, as posições conquistadas no espaço e nos planetas seriam entregues a uma descomprometida benemerência internacional...

Um investimento judicioso

Na entrevista já referida, concedida por «um grupo de especialistas do espaço» ao «Nouvel Observateur», o jornalista fez notar que «se as fortunas gastas na conquista da Lua tivessem sido utilizadas na luta contra o cancro, é provável que o cancro estivesse hoje vencido...». Não é possível resistir á tentação de transcrever as respostas de dois especialistas a esta observação do jornalista.

Albert Ducrocq afirmou tratar-se de «uma hipótese absolutamente gratuita». E acrescentou: «Nada o prova. Antes pelo contrário, julgo que esse investimento foi o mais judicioso de todos os investimentos, e observarei que, frequentemente, não é procurando que se descobre. Repare que em 1800 foi criada uma comissão para descobrir o planeta existente entre Marte e Júpiter. Pois bem, não foi essa comissão que o descobriu, mas um astrónomo isolado. Frequentemente, as descobertas não são devidas ás investigações sistemáticas».

E o prof. Hermann Bondi — director-geral da Organização Europeia de Investigação Espacial (E. S. R. O.) — respondeu que se «pode efectivamente dizer que as pessoas que se ocupam do espaço tocaram mais a opinião pública do que as que se ocupam do cancro. Em cada um dos casos, os investigadores dirigem-se ao público para lhes pedir dinheiro...»

Esta ingénua argumentação dos técnicos e dos tecnocratas que dizem agir sem compromissos políticos e em nome da Humanidade e da Ciência não mereceria, aliás, qualquer espécie de atenção se esses técnicos e esses tecnocratas não fossem os mais fiéis servidores da elite do poder internacional. Estando a vida social, económica e política profundamente centralizada e estatalizada a Leste e a Oeste, e afirmar que a opção astronáutica se deve a um desejo universal de aventura e evasão e a uma preferência do público, e que outros problemas mais prementes (como a cura do cancro ou a luta contra a fome) não tiveram ainda solução porque aqueles que neles estariam interessados não souberam captar as atenções do público, seria apenas risível se não fosse perigosamente mistificador.

Um clima místico

Assim, e em torno da conquista do espaço, os grandes senhores da comunidade internacional procuram criar um clima místico e religioso: «o Homem pode, quer e faz»; «a Humanidade triunfa» Esquecem-se e escamoteiam-se os problemas terrestres em torca de uma vitória da «cultura e do espírito humanos».

«Os feitos espaciais americanos» — escrevia Haro Tegglen, o arguto comentarista internacional do «Triunfo» no limiar deste ano — «merecem toda a admiração e toda a colaboração, sempre que não sejam alienantes, sempre que não sirvam de disfarce ou de distracção, sempre que não possibilitem uma distorção de outras acções mais imediatas. De momento o destino da Humanidade depende mais de uma acção de represálias israelitas ou de um motim popular em Berlim, do que de uma viagem a Lua.»

É pois com lucidez e com rigor que os feitos técnicos e as conquistas humanas, como factos políticos que são, devem ser observados e interpretados

COMPANHIA PORTUGUESA RÁDIO MARCONI

CONCESSIONÁRIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES VIA RÁDIO E CABOS SUBMARINOS

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS, TELEFÓNICOS E FOTOTELEGRÁFICOS

Circuitos directos com as Ilhas Adjacentes, Províncias Ultramarinas e Estrangeiro

Comunicações Permanentes com a Navegação

Serviços especiais de aceitação e distribuição de telegramas

LISBOA—Rua de S. Julião, 131—Telef. | 34531 - Telegramas Telefonados 35551/2 - Informações

FUNCHAL—Avenida Arriaga, 7-9—Telef. 20011

PORTO—Praça Almeida Garrett, 27—Telef. 25680

uma direcção a seguir

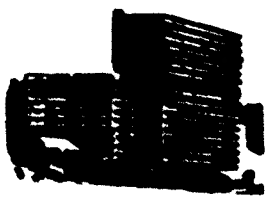
Nas suas férias, fins de semana ou «pontes» a Costa do Sol é o lugar ideal: O Estoril oferece agora o Novo Casino Estoril, o melhor e o mais moderno da Europa.

Um edifício sumptuoso com um grande Salão Restaurante, uma Boite, um Cinema, um Jardim de Inverno, Bares e Salas de Jogos abertas durante todo o ano, com a mais completa variedade de jogos europeus e americanos: Roleta, Boule, Banca Francesa, Bacará, Chemin de Fer, Bacará Bancada, Bacará Ponto e Banca, Black-Jack / 21, Chuckluck, Craps e Slot Machines.

Aproveite as suas próximas férias, «pontes» e fins de semana: O Estoril está ao seu alcance.

CASINO ESTORIL

TEL. 26 07 30

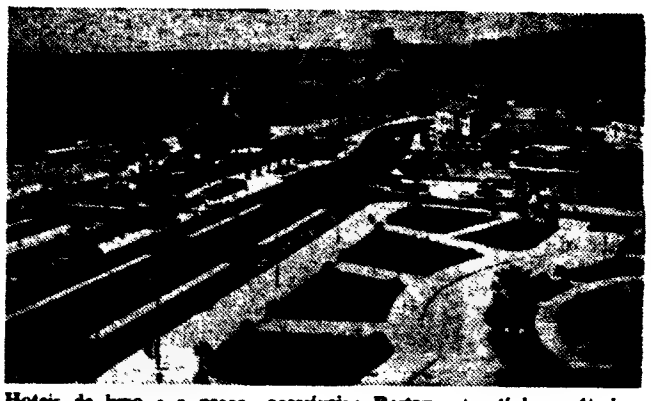


FAÇA AS SUAS RESERVAS NO

hotel ESTORIL SOL

ESTORIL (CASCAIS) PORTUGAL TEL. 26 26 31

COSTA DO SOL



Hotéis de luxo e a preços acessíveis; Restaurantes típicos; Casino com «shows» internacionais, Roleta e Baccara; Praias, parques e jardins; Concertos, Teatro e Cinema; Dancings e Boites Hi-Fi; Ténis, Golfe, Vela, Motonáutica, Equitação e Concursos Hípicos; Aviação de Turismo; Salões de Artes Plásticas; Touradas; Exposições Caninas; Desfiles de Marchas Populares; Cursos Musicais de Férias; Feira de Artesanato, e um sem fim de atracções

Informações: JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL — ESTORIL

PARA TODA E QUALQUER TRANSACÇÃO SOBRE PROPRIEDADES deve consultar o mediador oficial

A ALENTEJANA

DE A. ASSUNÇÃO

A MAIS COMPLETA ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

PRAÇA DA ALEGRIA, 6, 2.º — LISBOA

Telef. 36 66 62 36 60 87

Miguel Angel Asturias:

«Sirvo o meu país como diplomata quando ele tem Governos cultos»

por Oliveira Pinto

TEM A IDADE DO SÉCULO, é corpulento, generoso e os seus olhos reflectem bondade e compreensão. Inteligência. Neles assoma, também, uma imagem de dolorida tristeza ancestral. Outras vezes é o metal de quem reage, senhor de si. Homem. Homem que também sabe mandar. É embaixador. É escritor. É o penultimo Prémio Nobel de Literatura (a Academia sueca apontou, para a concessão do prémio, esta razão: «Pelo forte colorido da sua obra, enraizada naquilo que é genuinamente popular e nas tradições autóctones»). É Miguel Angel Asturias, guatemalteco.

— Tem mais aspecto de embaixador do que de escritor — comentou alguém ao vê-lo pela primeira vez.

Bem... Mas qual é, então, o aspecto de um escritor?

— Sou um crioulo, um mestiço.

Asturias é sincero, directo nas palavras. Define-se rápidamente, sem pausas e titubeios. Não anda pela rama, desde o princípio. Tomou a palavra como quem se apodera do seu meio ambiente, de algo que é consubstancial á sua própria essência. Asturias navega com segurança no seu mundo de palavras.

E logo salta o velho compromisso da novela da literatura americana (latino-americana). «*O escritor tem uma responsabilidade perante o povo e há-de despertar a consciência universal ante os seus problemas*».

Literatura que nasceu comprometida, «engagé». Literatura de «*autores que hablaban por sus pueblos que callaban*».

«Nem sempre se tem ocasião — a sorte e a honra — de conhecer um Prémio Nobel e, ás vezes, (ao que consta) quando se chega junto da pessoa, fica-se defraudado porque a realidade não corresponde á lenda que se tinha criado. Com Miguel Angel Asturias tudo acontece ao contrário. *Es todo un señor*, como se diz no seu idioma. Foi o segundo Prémio Nobel que conheci, pessoalmente, até hoje. O primeiro foi (é e será) nosso: o sábio professor Doutor Egas Moniz. Era eu ainda pequeno e já conhecia o Doutor António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz. Porque era da minha terra. Era um sábio, um grande homem que eu olhava com admiração, respeito e orgulho (era da minha terra, de uma família conhecida, com raízes em Avanca e Pardilhó, freguesias bem juntas da minha, eramos de Estarreja). E olhava-o com um santo temor, até. Mas também o vi, na sua enorme grandeza — que alguns, poucos, torpe e estupidamente quiseram apoucar, mas só aumentaram —, na sua enorme grandeza, simples, humano, bondoso. A Miguel Angel Asturias conheci-o, vai para um ano, em San Sebastian, no Festival Internacional del Cine, a cujo juri internacional ele presidia, por inteligente, como oportuno, convite da sua direcção: pela primeira vez um Prémio Nobel presidia (e participava) ao juri de um certame cinematográfico.

Tive ocasião de com ele conversar (charlar) por diversas vezes, no dia-a-dia do Festival.

Com ele e com sua mulher, senhora amabilíssima e de rara simplicidade.

Com sensibilizado orgulho os recordo aqui, trazendo ao jornal, em dia de festa, um pouco das nossas conversas, das suas palavras. Imagem pálida de Miguel Angel Asturias, uma das mais extraordinárias pessoas, Homem admirável que conheci. Não tão sómente pela sua formação e talento, que se reflectem, sem petulância, ao longo do diálogo, como pela cordialidade e confiança que inspira áqueles que o rodeiam. O diálogo havido recordá-lo-ei toda a vida, emoldurando com maior beleza o encanto dos seus livros.

«Como sou humilde, creio que sou novelista...»

O clima de simpatia dominou logo ao primeiro contacto:

— Gosto muito do vosso idioma, que é lindo e que lamento não conhecer melhor — disse Asturias com modéstia. E logo a esposa:

— É português?! Oh! Sabe que temos um sobrinho brasileiro que é poeta? Chama-se Octávio Mora, é do Rio de Janeiro, vive em Copacabana. Quando um dia lá for, vá visitá-lo. Vai da nossa parte. É um excelente poeta e óptimo rapaz. Vá visitá-lo, não se esqueça. Vai gostar dele.

E logo ali me deu o endereço de Octávio Mora, poeta cujo mérito vem reconhecido em todas as antologias da nova poesia do Brasil. Tem hoje 35 anos e livros publicados.

A propósito de poesia, surgiu uma pergunta:

— Miguel Angel Asturias é poeta e novelista. Em que campo se considera melhor realizado?

— Como sou humilde, creio que sou novelista...

—...Com belos poemas. Recordo-me, por exemplo, de uma poesia sua sobre o desterrado, o exilado. Era uma letania que me impressionou profundamente.

A fantasia, a lenda e o folclore

A fantasia e o lirismo tido! As melhores traduocupam um lugar muito importante na obra de Asturias, ao lado do colorido e da facilidade da linguagem.

Foi ele, aliás, o criador da «fantomima» ou «pantomina dos fantasmas», como elemento literário personalíssimo. Será este o estilo que mais lhe agrada cultivar?

— Era, posso dizê-lo. Porque era um pouco um jogo de palavras. Houve uma época, em Paris, em que viviamos com Leon Paul Favre, com Gertrud Stein, com Joice. E também os surrealistas. E esta gente dedicava-se a investigar toda a raiz, o fundo da palavra, a atormentar a palavra. Produziam-se, então, as famosas «jitanjaforas». É a essa época que pertencem as minhas «fantomimas».

— Na temática da sua obra, destaca-se, tanto ou mais do que a paisagem, aquilo que poderemos designar no seu verdadeiro significado por *folklore* guatemalteco. Até que ponto se trata de criação artística?

— Eu tenho muito medo da palavra *folklore*. Temo-a muito, porque é uma palavra muito turística. Prefiro, assim, empregar as palavras mitos, religião, crenças dos Mayas da Guatemala. Indubitávelmente formei-me não apenas directamente no ambiente dos indígenas mayas, pois mais tarde, estudei na Sorbonne mitos e religiões da América Antiga. Além disso, dedico-me muito á leitura. Creio que na grande literatura maya que, cada vez se descobre melhor, e também nos textos que temos da época dos monges sábios, encontramos uma fonte inesgotável de inspiração. Muitas dessas coisas estão vivas nas danças indígenas, nos costumes, nas festas religiosas que misturam elementos pagãos. Repare, aliás, que se olhar o mapa da América hispânica, logo comprova que são os países de miscigenação indígena e espanhola os que deram escritores. Ruben Darío, Rivera, Gallegos...

Uma literatura comprometida

— Asturias...

A palavra do guatemalteco expande-se, sobe e enche a sala, atrai as pessoas e torna-se paulatinamente vibrante.

Falando, a convite do Ateneo Guipuzcoano, sobre a «América Hispânica na hora da novela», a uma assistência numerosa, a que presidia o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos de Espanha, no que designou por «Charla crioula» e empolgou San Sebastian, surgiu esta pergunta:

— Anteriormente aos espanhóis enviarem a sua novela ás Américas, existia lá algum género parecido com a novela?

— Sim, existia. Os indígenas escreviam certos textos. Textos não verídicos, mas sim imaginativas. Todos foram pejorativamente classificados: os *textos*, de *embustes*; os *autores*, de embusteiros.

Temos assim que os índios escrevem, mas tal literatura é considerada pelo rei espanhol como pouco conveniente para os indígenas.

Filipe II proíbe-a, declara-a proscrita. Os jesuítas reunem os «embustes» — «Farenheit 451»? — e enviam-na á biblioteca do Vaticano. Agora estamos a procurar, a recuperar esses textos, para encontrar a verdadeira origem da nossa literatura.

Recorda Rafael Landivar, «poeta de la prohibida América «onde» «los países son inmensamente ricos y el pueblo inmensamente pobre»; recorda «Amalia», de José Marmol. E repetiu a frase de Juan Montalvo: «El dia en que se seja el dolor del indio en todo el mundo, todo el mundo llorará».

Passemos ao cinema. Asturias sempre manifestou entusiasmo pela Sétima Arte. Pela «Sétima Arte legítima». Durante muito tempo, esteve ligado aos festivais da América Latina, certames cinematográficos que se efectuam em Itália.

— Haverá uma Sétima Arte que seja ilegítima?

— Há, no cinema, arte e industria. Ele obedece, com frequência, ás necessidades comerciais. Mas, até nesse aspecto tem seu valor documental, pois, se reflecte conveniências de negócio, não pode deixar de devolver-nos, mesmo de passagem, valores de documento histórico.

Hoje, por exemplo, estão na moda a violência e o sexo. Dizem-me, porém, que imperam (ou exploram?) os gostos do grande público. Então, o grande público está reflectido no cinema actual.

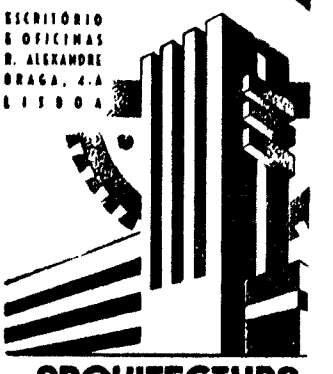
— Há, portanto, um cinema de minorias?

— O pior é tantas ve-

(Continua na 47.ª página)

Miguel Angel Asturias junto de Mikaela, intérprete do filme «Soluna», que tem argumento do grande romancista guatemalteco

ANTÓNIO MOREIRA RATO & FILHOS, LDA.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
CIMENTO «TEJO»
GRÉS — AZULEJOS — LOIÇAS SANITÁRIAS
MÁRMORES E CANTARIAS
FIBROCIMENTO «NOVINCO»
Telefones: 66 66 79 e 66 37 66
Telegramas: RATOFILHOS
Avenida 24 de Julho, 54-G — LISBOA

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES AMADEU GAUDÊNCIO
ESCRITÓRIO E OFICINAS R. ALEXANDRE BRAGA, 4-A LISBOA

ARQUITECTURA E ENGENHARIA
TELEFONE
P. P. C. 56 00 51
End. Teleg.: «CONSTRUÇÃO»
CONSTRUÇÕES CIVIS
BETÃO ARMADO
CARPINTARIA
MECÂNICA
TRABALHOS DE PINTURA
E ESTUQUES
DEPÓSITO DE MATERIAIS:
EST. DE MOSCAVIDE, 17-19
Telefones 31 10 72 - 31 20 00
LISBOA

Porque espera?

NOVA YORK — MIAMI — Os E.U.A.

Tem o mundo todo à sua disposição. E a Pan Am® é a Companhia indicada para o transportar nas melhores condições.

Com a Pan Am, pode viajar imediatamente sem qualquer encargo inicial e satisfazer depois o pagamento em prestações até 12 meses*.

Sendo assim, então porque espera?

Procure o seu Agente de Viagens ou a Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46.
Serviços de Reservas:
Telef. 36 25 91 (5 linhas).

PAN AM

A Pan Am torna a sua viagem maravilhosa

Em colaboração com o Banco Português do Atlântico

MIGUEL ANGEL ASTÚRIAS

(Continuação da 45.ª página)

zes, tratar-se antes de películas preciosistas, fundamentadas ùnicamente em prodígios técnicos. E estes, embora meritórios... A perfeição é perigosa, pelo que tem de antinatural.

— Estamos em Espanha: Conhece o cinema espanhol?

— Desde «O cão andaluz» que acompanho de perto a carreira de Luis Buñuel, um dos grandes colossos da cinematografia universal. Entre os jovens seduzem-me Berlanga e Bardem. E sinto grande curiosidade pela obra de Saura...

Fala desta «linguagem universal» que o cinema começa a dominar «como um morse, como uma espécie de código admitido e já entendido por todos os publicos»:

— Essa linguagem universal está sempre na vanguarda das massas, no tocante a sensibilidade. Daí a razão de mudar com tanta frequência. E, por isso, ganha condição de documento histórico que não pode ser afastado. Alguns grandes temas têm tido várias adaptações, realizadas no decorrer dos anos. Ora, em cada uma, e deixando de lado os progressos da técnica, conta-se-nos a mesma história seguindo processos que, no campo psicológico, falam muito e fielmente da época em que foram realizadas.

— Vê, nos filmes, o plasmar da literatura ou a estética das imagens em movimento?

— Penso que o cinema deve tornar-se absolutamente, inteiramente independente do guião literário e da palavra, porque o cinema é outra coisa. O cinema é imagem e, óbviamente, os bons filmes não se podem contar.

Asturias elogia a tradução portuguesa das suas obras

Miguel Angel Asturias falou-nos, também, da literatura espanhola actual e do seu interesse pela portuguesa (que lamenta não conhecer melhor, até — mas não só — por deficiente conhecimento da nossa língua, o que é modesto exagero seu).

— Da literatura espanhola o autor que mais e melhor conheço é Juancito Goytisolo Dos novos, novos; dos jovens pouco tenho lido. Aliás, a literatura espanhola tem uma magnífica tradição de séculos Como a do seu país. Há um grande escritor português que muito admiro: Eça de Queiroz. E sei também que, na actualidade, há notáveis novelistas em Portugal. A literatura de expressão portuguesa tem dimensão universal e muito a admiro. Bastaria falarmos nos escritores brasileiros.

Acrescentou com sinceridade:

— Tenho de melhorar, de aprofundar o meu conhecimento da língua portuguesa. Aliás, penso poder visitar em breve o seu país. Talvez, na altura da apresentação da tradução de uma das minhas obras. Já fui, até, convidado nesse sentido.

Expressou, então, um elogio e agradecimento, não muito comuns em boca de autor:

— Que belas traduções têm feito das minhas obras, no seu país. Que notável tradutor, tenho (ção das minhas obras devem ser as portuguesas.

A conversa não esqueceu, também, os problemas, situação, e anseios do mundo. Mais, particularmente, da América Latina e deste canto europeu que a descobriu e moldou.

E pergunto, então:

— Na vida publica, prefere que o considerem literato ou diplomata?

— Diplomata não. Como autor literário. Porque a diplomacia é para mim uma coisa passageira que tenho aceitado sempre que posso servir governos cultos e democráticos

☆

Termina aqui a evocação do meu encontro com Miguel Angel Asturias, trazido ao jornal em dia de festa. E termina, tal como Asturias encerra todas as suas conferências e palestras (assim o vi fazer, em San Sebastian e ser aplaudido, de pé, ao longo de minutos largos e apaixonados), com a sua «Oração ao libertador da América, Simon Bolivar».

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

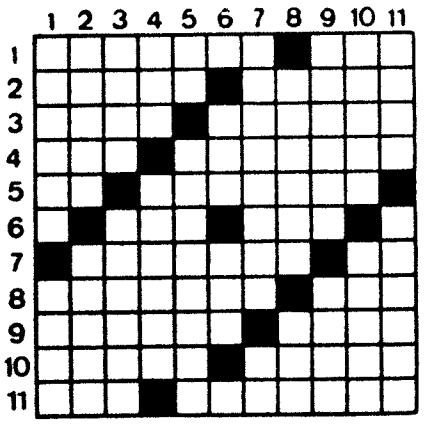
PROBLEMA N.º 5140

HORIZONTAIS: 1 — Alvejam. Sufixo que designa pequenez 2 — Trocarão. Funcionar 3 — A lanugem dos frutos. Ribombaria 4 — Ribeira. Chagas 5 — Batráquio. Acabamentos 6 — Preposição. Lês 7 — Assustas. Pata 8 — Suportais. Fluido aeriforme 9 — Aperfeiçoara. Amofina 10 — Berre alto. Prescrever 11 — Preposição e artigo definido (pl.). Carinhosa.

VERTICAIS: — Lançara o arpeu. O mesmo que ova 2 — Batedeira. Arremesso 3 — Fimbria. Penachos 4 — Negativa. Rataram 5 — Porto. Porio ferraduras em 6 — Porsui. Irmã da mãe 7 — Davas marradas. Compaixão 8 — Escuridão (f.g. e pl.). Escarnecer 9 — Tempos. Grampo 10 — Falhas. Petas 1 — Lavras. Avaliara.

Resolveu completamente o problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5139

HORIZONTAIS: 1 — Pampa. Ocais 2 — Opera. Sopre 3 — Toso. Leal 4 — Altar. Morra 5 — Borre. Estar 6 — USA 7 — Amada 8 — Testa. Acamo 9 — Arais. Secos 10 — Cair. E. Rego 11 — Assolaremos.

VERTICAIS: 1 — Potaba. Taça 2 — Apoio. SERÁS. 3 — MESTRE. Sas 4 — Proar. Atira 5 — AA. Reumas. 6 — Sá. Ea. 7 — Os. Meados 8 — Colas. Acere. 9 — Aperto. Acém 10 — Irará. Amago. 11 — Selara. Osos.

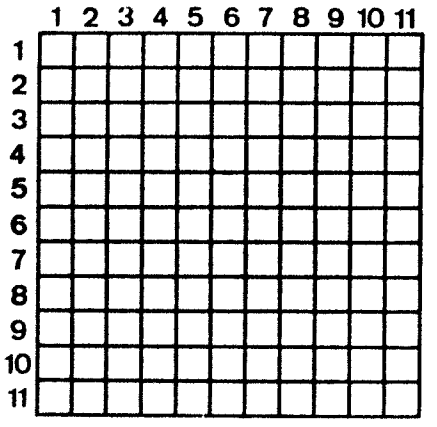
Provérbio: USA E SERÁS MESTRE

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8983

HORIZONTAIS: 1 — Regiaro meridional do antigo Congo Belga 2 — Artigo definido. Educar. Deus dos pastores 3 — Inteiro. Preposição e artigo definido (pl.). Final gráfico 4 — Paralisa. Demasia 5 — Amuralha. Mover os remos 6 — Mágoa. Oá 7 — Vila e concelho do distrito de Portalegre. Terreiro em frente ou em volta das igrejas 8 — Ver. Textualmente. Suspiros 9 — Aqui. Combatem. Platina (s. q.) 10 — Cidade do Estado de Goiás. Brasil. Reza. A. Alcunar. Ígara.

VERTICAIS: — Fardo. Espécie de grandes veados das regiões do Norte 2 — Fecham os ossos para dentro mais depressa. Quadrúpede ruminante, de pontas redondas e ramosas 3 — Fazer oblação a. Preposição 4 — Antes de Cristo. Cinchos. Liga 5 — Enredar. Transpirar 6 — Escudeiro. Mitologia (abrev.) 7 — Fita estreita de algodão ou linho. Cidade da Galileia onde Jesus Cristo operou o seu primeiro milagre 8 — Grama (abrev.). Espécie de rã. Doçura 9 — Conquista. Gário (s. q.) 10 — Peixe de Portugal. Agalanhar. 11 — Animação. Aldeia de Itália.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 8982

HORIZONTAIS: 1 — Acreditaram. 2 — Loura. Atira 3 — Mas. Lua 4 — Pá. AC 5 — Ata. Ura. Afá 6 — Ressolvar 7 — Cor. ANI. Lãs 8 — Az. Rã 9 — Pagares 10 — Imola. Orear 11 — Arrepelaria.

VERTICAIS: 1 — Arapa. Caria 2 — Cá. Atroz. Mr 3 — Rum. Aer. Pôr 4 — Eras. Fale. 5 — Das. Usa. Gap 6 — Tronca 7 — Tal. Ali. Rol 8 — Atua. Terá 9 — Rio. Aal. Ser. 10 — Ar. Afar. Aí 11 — Marca. Sourá.

SURDOS

COM SONOTONE TODOS VOLTAM A SER FELIZES PELA VOLTA DA AUDIÇÃO!

A nossa diversidade de aparelhos permite-nos ter sempre um modelo para cada caso de deficiência auditiva.

Experiências grátis — Assistência técnica e facilidades de pagamento para todos poderem ouvir.

MINI-AURICULAR

CASA SONOTONE

LISBOA — Poço de Borratém, 32-e/l. — Telefones 868352-865876-872428
PORTO — Praça da Batalha, 62-1.º — Telefone 25092

COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA, COM O CAPITAL DE ESC.: 294 100 000$00

Pesquisa e extracção de diamantes na Província de Angola em regime de exclusivo

SEDE SOCIAL: Lisboa, Rua dos Fanqueiros, 12-2.° — Teleg. DIAMANG

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
e ADMINISTRADOR-DELEGADO
Dr. Guilherme Luisello Alves Moreira

PRESIDENTE DOS GRUPOS ESTRANGEIROS
Le Baron Pierre de Bonvoisin

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA
Director-Geral
Eng.° João Augusto Bexiga

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA
Representante
Dr. Sílvio Guimarães

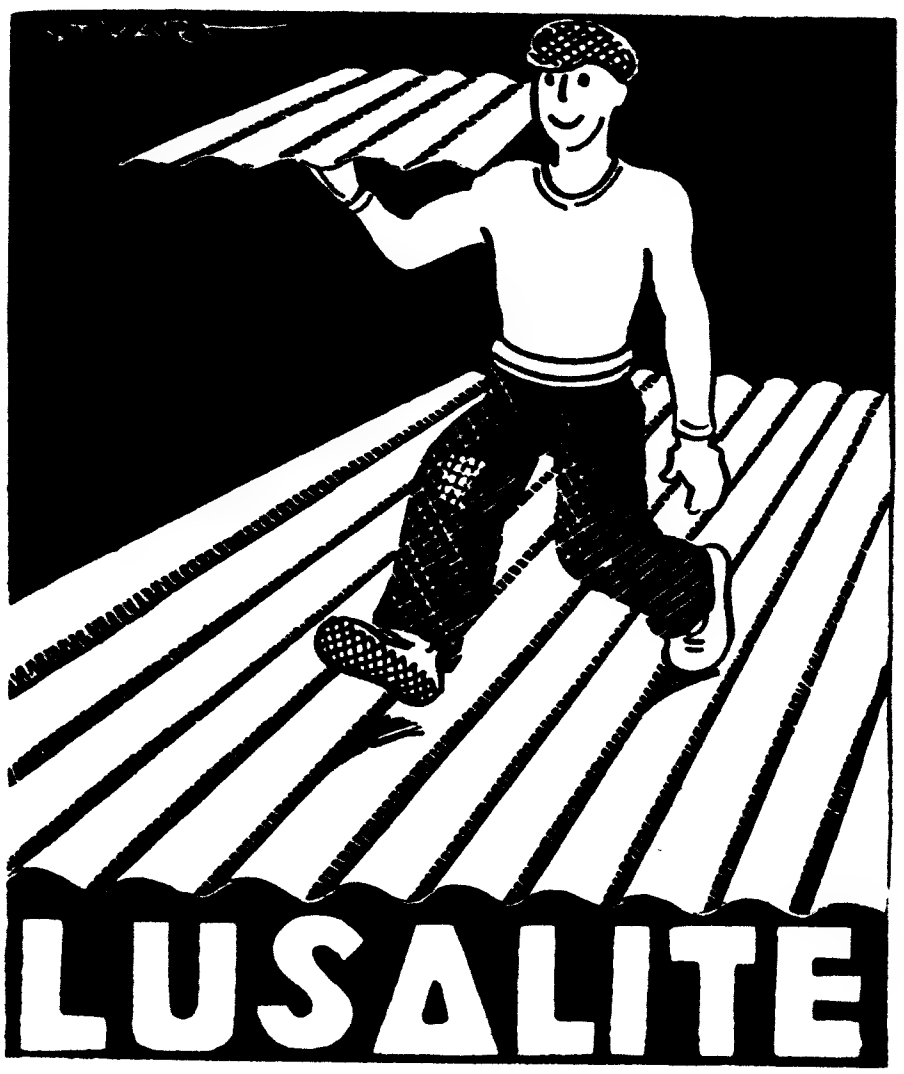
Continental
radial
segurança
total

O BANCO
CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
Lisboa—Porto—Matosinhos
e Dependências Urbanas em Lisboa
AREEIRO
DUQUE D'ÁVILA
MARQUES DE POMBAL
RESTELO
Oferece aos seus depositantes além dos Serviços normais de um Banco
A EXPERIÊNCIA, A TÉCNICA
A SEGURANÇA
que lhe dá o apoio de um dos mais prestigiosos Bancos Mundiais
O
CRÉDIT LYONNAIS

Capital e Reservas	Depósitos
450 Milhões de Francos (2.600.000 contos)	24 Biliões de Francos (140.000.000 de contos)

1800 AGÊNCIAS — 21 BANCOS ASSOCIADOS

J. RICARDO DOMINGUES, LDA.
Moedas estrangeiras — Coupons — Papéis de Crédito — Ordens de Bolsa
Telefones 32 47 56-36 90 81 End. Tel. JODRACER
RUA AUREA, 85



LUSALITE – Sociedade Portuguesa de Fibro-Cimento, S. A. R. L.

SEDE E FÁBRICA: CRUZ QUEBRADA

Escritórios: Rua S. Nicolau, 123 — Lisboa-2 — Telef. 322091/5

R E S T A U R A N T E

QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 TELEF. 79 02 11

(2.ª CIRCULAR AO CAMPO GRANDE)

Aspecto de uma das salas

AOS SÁBADOS E DOMINGOS
JANTARES DANÇANTES

COM O CONJUNTO PRIVATIVO
NUM AMBIENTE FAMILIAR

●

PARQUE PRIVATIVO PARA AUTOMÓVEIS

AR CONDICIONADO (Maiores de 15 anos)

EQUIPAMENTO

ELÉCTRICO	**DIESEL**
INDUSTRIAL	**MARINHA**
ELECTRÓNICO	**EXÉRCITO**
SEGURANÇA	**AERONÁUTICA**
MOTORES	**PETROQUÍMICA**

Sociedade Luso Eléctrica Limitada

CALÇADA MARQUES DE ABRANTES, 11-13

Telefones: 668061 / 673106 / 668066 / 678091

(15 linhas)

• TELEVISORES
• FRIGORÍFICOS
• MÁQUINAS LAVAR
• ESQUENTADORES
• ASPIRADORES
• FOGÕES

MUITO MAIS BARATO
PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

RUA DONA ESTEFÂNIA, 48 (JUNTO AO LARGO) — LISBOA

LOPES & LOPES (FILHOS), LIMITADA

PRAÇA DA FIGUEIRA, 12 - C

Telefones 868782 - 868731 L I S B O A

Armazém de solas, cabedais, pelarias finas, para calçado e malas

●

Leopardos, cobras, lagartos, crocodilos, etc., curtem e tingem a feitio; trabalho perfeitíssimo na nossa fábrica

COMPRAMOS
QUALQUER DESTAS ESPÉCIES
POR CURTIR, EXCEPTO COBRAS

OURIVESARIA
NOGUEIRA
& SOUSA, LDA.

OURO — PRATAS — JÓIAS

Rua Braamcamp, 74
Tel.: 4 78 07
LISBOA

SINTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

---

somélar

SOCIEDADE MERCANTIL DE REPRESENTAÇÕES, LDA.

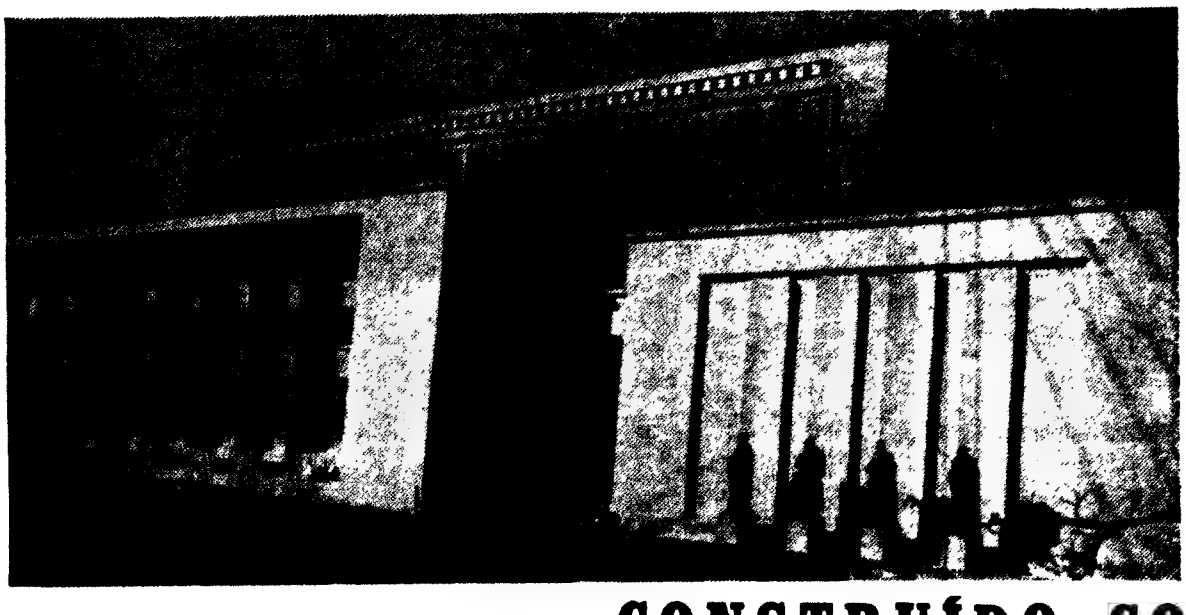
Artigos para o lar: Domésticos e Electrodomésticos ★ Baixelas e Baterias de Cozinha para a indústria Hoteleira ★ Sortimento completo de vidros e Cristais ★ Talheres ★ Artigos de Menage e de Fantasia para Brindes.

DEPOSITÁRIO DA AFAMADA MARCA ALEMÃ METAL FORTEMENTE PRATEADO E CROMARGAN INOXIDÁVEL PARA A INDÚSTRIA HOTELEIRA

WMF

69, RUA DA VITÓRIA, 71 — TELEFONES 321274-30684 — LISBOA

NOVO EDIFÍCIO DA BIBLIOTECA NACIONAL



A INAUGURAR PELO CHEFE DO ESTADO EM 10 DE ABRIL

CONSTRUÍDO COM

CIMENTO TEJO

SÍMBOLO DE QUALIDADE

PORTUGAL

VOLVO 164

O novo e luxuoso Volvo - 6 cilindros a grande sensação da classe 3 litros. Confortável, convidativo, elegante... Enfim, a categoria e qualidade Volvo.

AGENTES GERAIS
AUTO-SUECO, LDA.
PORTO — Via Marechal Carmona
LISBOA — Rua José Estêvão 76
COIMBRA — Estrada Nacional
LEIRIA — Estrada Nacional nº 1
E SEUS AGENTES DISTRITAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

6.ª Repartição – Informação, Espectáculos e Turismo

★

Publicações Turísticas

MONOGRAFIAS DE ARTE E TURISMO: «Portas e Brasões de Lisboa», por Luís Ferros Ponce de Leão; «O Tejo», por Mário Pires; «Parque Municipal de Turismo e Campismo», por Janine Quintin e João Pina Vidal; «Monumentos de Lisboa», por Maia Atayde; «Estufa Fria», por Jean Chabloz; «Arredores de Lisboa», por Ester de Lemos e Maia Atayde; «Miradouros de Lisboa», por João Pina Vidal; «Jardins de Lisboa», por Natércia Freire; e «Alfama», por João Pina Vidal.

Ao preço de 7$50 cada

Outras publicações:

«Lisboa», de Luís Teixeira — ao preço de 15$00.
«Lisboa — Roteiro Turistico», ao preço de 12$50.

LORILLEUX-LEFRANC

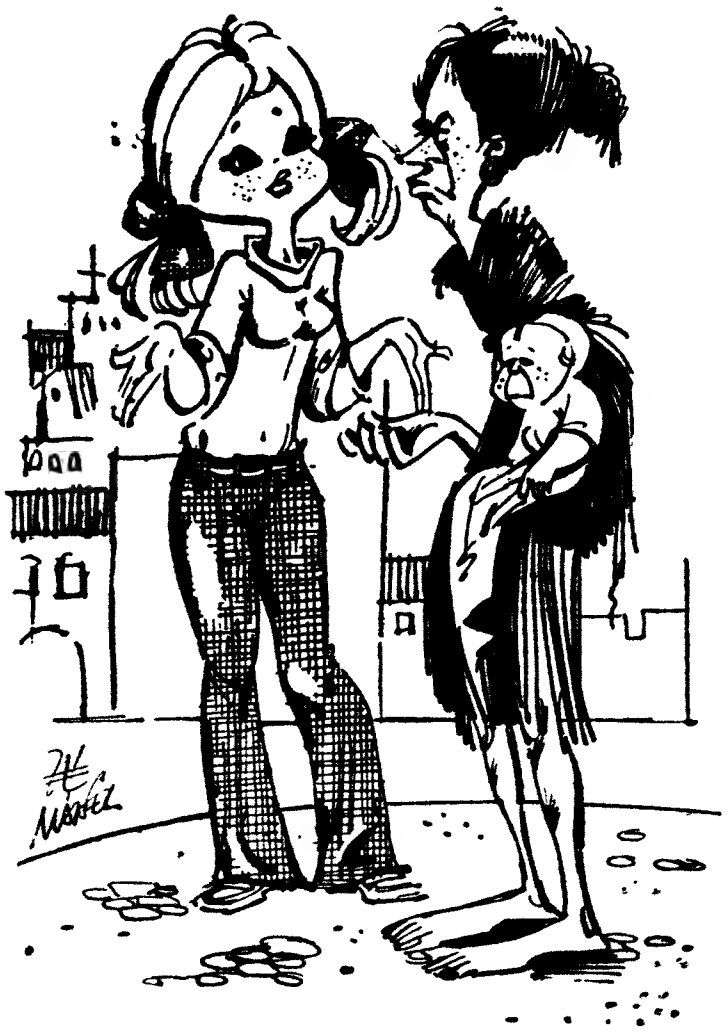
TINTAS, VERNIZES E SECANTES
para impressão

Fábrica e escritórios:
CABO RUIVO — OLIVAIS — LISBOA-6
Telefs.: 311061 - 311082 Teleg.: LORILUX

— Vou deixar de tomar o autocarro no Saldanha

A ingénua

de Zé Manel



— ... desculpa, mas a modista não me pôs bolsos nas calças

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES DENTADURAS

PREÇOS DE POLICLÍNICA

CONSULTAS DAS 9 AS 20 HORAS

Aos sábados, das 9 às 13 horas

CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO)

TELEF. 68 41 21

Em dia com A MODA

É de Givanchy esta redingote de gabardina de lã cor de rosa. Tem pequena gola virada, algibeiras colocadas baixo, e uma grande prega não vincada, nas costas. Cinto de atar em cabedal castanho. A SEGUIR: Três peças de flanela cinzenta clara de pura lã penteada (de Besson). Casaco simples, sem gola, mangas raglan, algibeiras aplicadas e martingale nas costas. Usa-se sobre uma túnica sem mangas com o decote ligeiramente arredondado e tem um cinto branco, a saia é cortada em viés. Modelo de Nina Ricci.

Belíssimo chapéu, também de Vernier, muito sofisticado e que causou sensação numa recente passagem de modelos londrina.

●

À ESQUERDA: Toucado para noiva, de Vernier, Londres. Chama-se «A noiva invisível» e é composto de flores de jasmim, tombando sobre o rosto e os cabelos.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

EXERCÍCIO DE 1968

Senhores Accionistas,

Ao submeter à vossa apreciação as contas relativas ao exercício de 1968, apresentamos, como é de tradição, um relato dos principais aspectos da vida da Companhia e das condições gerais em que decorreu a produção de energia eléctrica no referido ano.

Foi com grande satisfação que o Conselho de Administração viu regressar ao seu convívio o representante da Hidro-Eléctrica do Cávado Ex.mo Senhor Engenheiro José Albino Machado Vaz, depois de um período de afastamento em que exerceu as altas funções de Ministro das Obras Públicas.

Considera o Conselho um privilégio poder de novo contar com o precioso concurso do Senhor Engenheiro José Albino Machado Vaz, beneficiando do seu profundo conhecimento dos múltiplos problemas inerentes à gestão da Companhia Nacional de Electricidade, que, com curtas interrupções, Sua Ex.ª tem acompanhado desde que esta foi criada.

Em contrapartida, perdeu a Companhia a valiosa colaboração do seu ilustre Delegado do Governo, Senhor Doutor Joaquim da Silva Pinto, chamado em Setembro de 1968 ao desempenho do alto cargo de Subsecretário de Estado das Obras Públicas. Prestando a devida homenagem às suas altas qualidades, o Conselho de Administração cumprimenta e deseja os maiores êxitos a Sua Ex.ª, esperando que os problemas da Companhia continuem a merecer-lhe o carinho e interesse com que sempre os acompanhou.

1 — REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO — À semelhança do que se dera no ano anterior, o ano de 1968 apresentou-se, sob o aspecto de hidraulicidade, ligeiramente abaixo da média: o correspondente coeficiente de produtibilidade hidroeléctrica fixou-se em 0,95, valor que, referido ao ano hidrológico de 1967/68, desce para 0,83. Em 1967, os mesmos coeficientes tinham assumido os valores de 0,78, no que respeita ao ano civil, e de 0,86, no que ao ano hidrológico se refere — sendo, portanto, da quase identidade dos coeficientes relativos aos dois anos hidrológicos sucessivos que deriva a ideia de semelhança de que partimos, ao iniciar estas linhas.

A verificação que acabamos de fazer contrasta, de algum modo, com a divergência das consequências quanto à condução da exploração, nos dois anos; com efeito, enquanto em 1966/67 a produção térmica de apoio não excedera os 39 GWh e a «duração» dos fornecimentos aos consumos não permanentes tinha podido atingir os 10,5 meses, em 1967/68 a energia de apoio ascendeu a 750 GWh, enquanto os fornecimentos aos consumos não permanentes se traduziam (como, aliás, já pudemos prever no Relatório do ano passado) na modesta utilização de cerca de 6 meses.

A justificação da aparente discrepância, que testemunha a realidade da conjugação de numerosos e variados factores de diversa natureza, encontramo-la, na sua essência, através da consideração de dois factos primordiais: em primeiro lugar, notar-se-á que, tendo-se mantido sem alteração o sistema produtor hidroeléctrico, a produção destinada aos consumos permanentes aumentou, de um ano para o outro, em cerca de 450 GWh; em segundo lugar, poder-se-á verificar que as favoráveis condições hidrológicas de 1965/66 tinham permitido alcançar o termo da correspondente estiagem com níveis relativamente elevados das albufeiras e assim tornaram possível, no ano imediato, um desarmazenamento anual de 540 GWh, ao passo que, no ano hidrológico de 1967/68, por ter sucedido a um ano já relativamente seco, o excesso do armazenamento inicial sobre o do termo do ano se cifrou apenas em 210 GWh.

A incidência, pràticamente directa, dos dois aspectos citados no montante do apoio térmico e nos fornecimentos aos consumos não permanentes deve-se, naturalmente, a estar o sistema produtor atravessando uma fase em que as afluências de ano médio (os dois regimes comparados foram apenas um pouco inferiores à média, como vimos) se apresentam muito próximas dos consumos a satisfazer; por outro lado, o segundo desses aspectos ilustra o conhecido fenómeno de, nas condições actuais do sistema e no caso de regimes não húmidos, as produções de apoio e os fornecimentos aos consumos não permanentes dependerem não só do regime do próprio ano, mas também — através da possibilidade de transferência interanual — do dos anos anteriores.

Retomemos, porém, a análise do que se passou no ano transacto.

O regime de afluências, em 1968, pode ser caracterizado, de forma expedita, referindo que o mês de Janeiro se apresentou, como já houve ocasião de referir no Relatório do ano passado, extremamente seco — o mais seco registado —, vindo a completar, na sequência do último bimestre do ano precedente, um trimestre «de transição» de elevado desfavor (coeficiente de produtibilidade hidroeléctrica 0,49). O quadrimestre seguinte, de Fevereiro a Maio, apresentou-se, porém, em globo, um pouco superior à média (coeficiente 1,08), tendo a estiagem (Junho-Outubro) sido algo severa, embora sem anormalidade (coeficiente 0,83). Finalmente, o último bimestre do ano (Novembro-Dezembro), veio a ser húmido, fixando-se o respectivo coeficiente de produtibilidade hidroeléctrica em 1,18.

Em correspondência com o que acabamos de descrever, o regime de apoio — inerente a um severo prolongamento da estiagem — que se iniciara nos fins de 1967, veio a manter-se até princípios de Fevereiro, altura em que a ocorrência de abundantes precipitações provocou, com o início do preenchimento das albufeiras, a interrupção das medidas de precaução adoptadas.

As afluências ao período seguinte vieram não só permitir dispensar as medidas de apoio, como provocar uma apreciável subida do armazenamento do conjunto das albufeiras, o qual passou de um mínimo de 560 GWh (enchimento de 26,5%), em 3 de Fevereiro, a um máximo de 1505 GWh (71,2%), em 19 de Maio. É interessante assinalar que essa importante subida pôde realizar-se, a despeito dos baixos índices de regularização de alguns dos nossos aproveitamentos de albufeira, sem que se tivessem verificado descarregamentos nas albufeiras da Rede Primária. Tal facto, que se ficou a dever à criteriosa repartição do armazenamento pelas albufeiras no início do período de enchimento e à possibilidade, que se vai ampliando, de atribuir largas utilizações às potências instaladas nos aproveitamentos com maior risco de descarregamento, assegura-nos que todo o apoio realizado na parte inicial do ano hidrológico, e que se destinara a sustentar o nível de armazenamento do sistema, ficou, na realidade, retido nas albufeiras, incidindo, afinal, em acréscimo do armazenamento disponível na entrada da estiagem.

Iniciado, relativamente cedo (ainda em Maio, como vimos), o regime de desarmazenamento estival, e em face das perspectivas definidas nos seus estudos, o R. N. C. — que, como sempre, acompanhou atentamente a evolução da situação — determinou, nos princípios de Junho, o reinício do regime de apoio térmico, o qual veio a manter-se (com efeito simultâneo nos fornecimentos aos consumos não permanentes, embora em resultado da simples aplicação dos termos dos contratos) até princípios de Novembro.

A energia de apoio atingiu, assim, no ano civil de 1968, o montante global de 735,6 GWh, dos quais 677,6 GWh correspondem à produção térmica e os restantes 58,0 GWh à energia importada. Para aquela produção térmica contribuiu, pela primeira vez, a nova central do Carregado (com 294,1 GWh), sendo a restante produção proveniente das centrais da Tapada do Outeiro (353,6 GWh), Tejo e de Caniços (com 29,0 e 0,9 GWh, respectivamente, produzidos no período de apoio do início do ano).

Quanto à importação com a finalidade de apoio, há a assinalar que foi quase inteiramente realizada através da nossa linha Saucelle-Pocinho, por onde transitaram 56,6 GWh, de um total de 58,0 GWh importados para aquele objectivo.

Há ainda a assinalar que, para além dos dois períodos de apoio anteriormente referidos, se verificou este ano, pela primeira vez, a necessidade de manter em serviço, nos períodos de cargas mais altas de Dezembro, um grupo da central do Carregado, embora com potência reduzida, no desempenho de imprescindíveis funções de reserva e regulação da rede. Tal laboração, a que cabe, legitimamente, a classificação de apoio, a despeito da folgada situação energética já atingida, vem-se mantendo, ainda, à data em que se redige este Relatório, esperando-se que possa ser dispensada logo que se verifique a descida das cargas que, normalmente, ocorre a partir de fins de Fevereiro. Em Dezembro, a produção com a finalidade referida atingiu 6,8 GWh.

O carácter menos favorável do regime hidrológico reflectiu-se, como seria de esperar e já tivemos ocasião de referir, nos fornecimentos aos consumos não permanentes. Com efeito, tais fornecimentos, limitados a valores mínimos até meados de Fevereiro, só a partir do princípio de Março passaram a ser realizados sem quaisquer limitações, depois de um curto período de transição em que o abastecimento desses consumos foi feito em regime de modulação (plena carga nos períodos de vazio e carga reduzida durante as horas cheias do diagrama).

Iniciado, porém, o desarmazenamento estival, e perante as perspectivas, que vieram a ser plenamente confirmadas, de importante apoio térmico, foram suprimidos a partir de 3 de Junho, por livre decisão das Empresas no âmbito contratual, os fornecimentos das parcelas «sobrantes» dos consumos não permanentes, decisão que levou a União Fabril do Azoto a suspender a laboração da fábrica de Alferrarede. Posteriormente, e por determinação superior, a parcela de energia temporária que, em princípio, caberia a essa unidade fabril foi posta à disposição do Amoníaco Português, o que fez fixar em cerca de 13,5 GWh por semana o nível de fornecimento a esta classe de consumos (no trimestre Março-Maio, esse nível fora de cerca de 18 GWh por semana).

Em 15 de Julho, porém, uma vez que, a não haver apoio térmico, nessa data seria atingida a curva-guia, nova redução se verificou nos fornecimentos a essa classe de consumos, os quais passaram a situar-se num nível da ordem dos 8,5 GWh semanais.

Finalmente, atingido, em 30 de Setembro, o termo do chamado período temporário, e mantendo-se a situação de apoio, os fornecimentos em causa foram reduzidos ao valor mínimo, situação que se prolongou até meados de Novembro. Desde então, os fornecimentos têm-se realizado, até ao momento de redigir este Relatório, sem qualquer limitação por parte da Rede, sendo, contudo, de assinalar que a fábrica da UFA em Alferrarede não arrancou, até à data, parecendo, mesmo, que não chegará a laborar no corrente ano hidrológico, ao menos com carácter de continuidade.

O total dos fornecimentos da rede interligada aos consumos não permanentes veio a fixar-se, em 1968, em 538,7 GWh, representando uma utilização média das correspondentes instalações de, muito aproximadamente, 7 meses — valor um pouco superior ao do ano hidrológico 1967/68, que fora de cerca de 6 meses, como tivemos ocasião de indicar.

Quanto à interligação internacional, podemos referir que o paralelo com a rede europeia apenas foi interrompido, em 1968, no período de 16 de Fevereiro a 21 de Maio — aquele em que as elevadas potências utilizáveis no sistema Douro justificaram o interesse em dispor, para o seu transporte, da linha Picote-Vermoim que, como é sabido, fica cortada nas condições de esquema actuais, quando é estabelecida a interligação com a Espanha.

Para além da importação de energia de apoio, já antes anotada (a qual se decompõe em duas parcelas, respeitando uma, de 44,2 GWh, à energia «de vazio», proveniente da rede espanhola, e a outra, de 12,4 GWh, à energia «de ponta», oriunda da rede francesa), há a assinalar a recepção, em Agosto, de 13,0 GWh, traduzindo a devolução, nos períodos de vazio, da energia exportada em Outubro de 1967, em horas diurnas, a título de armazenamento em França.

Embora tenham sido modestos os quantitativos das trocas de energia e não sejam largas as perspectivas quanto ao seu eventual incremento no futuro próximo, em condições normais, o serviço a creditar à interligação internacional continua a revestir-se de elevado valor, pela confirmada possibilidade de socorro, tanto no caso de hidraulicidade extrema (caso em que a nossa rede é, provàvelmente, a parte mais beneficiada), como no caso de dificuldades transitórias, em geral menos apercebidas mas por vezes não menos sérias, em que o socorro mútuo pode ser — e já o tem sido — palpável realidade.

É natural, por isso, que nos congratulemos com o excelente entendimento que, em todas as circunstâncias, se tem continuado a notar nos contactos para tais fins estabelecidos, salientando, como é de justiça, o importante papel que, quanto a estes aspectos, é de atribuir às cordiais relações desenvolvidas no âmbito da UFIPTE.

A terminar este capítulo do nosso Relatório, justifica-se, além de ser habitual, uma breve referência ao desenvolvimento do sistema produtor nacional.

Em cumprimento do programa estabelecido nos Planos de Fomento, foi entregue à exploração, em Abril de 1968, o primeiro grupo, de 125 MW, da nova central do Carregado, depois de um período de ensaios que se iniciara em 14 de Fevereiro. Por sua vez, o segundo grupo da mesma central, cujo primeiro paralelo com a rede se verificou em 11 de Novembro, apresta-se, na altura em que se redigem estas linhas, para ser também entregue à exploração, findos os respectivos ensaios de disponibilidade.

A importância do acréscimo de potência térmica que, assim, se verifica, pode apreciar-se referindo que o valor da produtibilidade garantida, em ano crítico, dos dois novos grupos ascende a cerca de 1400 GWh — o que representa, em relação à energia garantida de todo o sistema anterior, um acréscimo da ordem dos 26%.

Entrou já, também, em exploração uma parcela importante das obras de captação, em curso na bacia do Cávado, com a finalidade de transferir parte das águas afluentes a Salamonde e Caniçada — aproveitamentos de muito baixo índice de regularização — para as albufeiras de Venda Nova e Paradela.

Quanto aos outros empreendimentos, prosseguiram, em 1968, os trabalhos de construção dos aproveitamentos de Carrapatelo e da Régua, ambos no Douro Nacional, cuja entrada em serviço está prevista para 1970/71 e para 1972/73, respectivamente, do escalão de Vilarinho das Furnas, no rio Homem, cujo início de laboração está previsto para 1971; e de Fratel, no Tejo, de entrega à exploração prevista para 1973/74.

Os estudos de planeamento prosseguiram entretanto, visto que o contínuo crescimento dos consumos implica a necessidade de conferir aos trabalhos de planeamento do sector o carácter de permanente observação e adaptação — esperando-se que venham a ser, muito em breve, tomadas decisões sobre o arranque dos novos empreendimentos necessários para assegurar a continuidade do abastecimento dos consumos para além de 1972.

2 — ELEMENTOS DE ESTATÍSTICA — A produção de energia eléctrica na rede interligada foi, em 1968, de 5796,7 GWh dos quais 5119,1 GWh (88,3%) de produção hidráulica e 677,6 GWh (11,7%) de produção térmica. A produção total de energia eléctrica no Continente, no mesmo ano, foi de 6202 GWh, segundo apuramento não definitivo da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos.

Na rede das Empresas do Repartidor Nacional de Cargas (cujo consumo representa, como se sabe, cerca de 94% do total do País) verificou-se um acréscimo da produção, em relação ao ano anterior, de 4,5%.

Este valor não é, porém, significativo da evolução dos consumos. Na realidade, tendo em conta as trocas internacionais e decompondo o consumo nas suas parcelas «permanente» e «não permanente», como é habitual, verifica-se que, enquanto esta última se apresenta apreciàvelmente inferior à do ano anterior (diminuição de 19%), aquela acusa um acréscimo de 10,1%.

Tal acréscimo, superior ao dos dois anos anteriores (9,2% em 1967 e 5,6% em 1966), enquadra-se, de novo, entre os valores a que nos habituámos num longo período — superior a um decénio — anterior a 1966.

Embora não reflectindo, ainda, qualquer sintoma de recuperação das tendências anteriores, por que ansiamos, é, porém, suporte de mais esperançosa expectativa, que se espera não venha a ser ensombrada pelos efeitos de certa desaceleração que se pressente em alguns sectores da nossa economia, e que pode estar na origem das taxas mais modestas que se vêm registando a partir de Outubro.

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da pág anterior)

3 — O MOVIMENTO DA REDE — Foi francamente baixo em 1968 o acréscimo do movimento da energia na rede da C. N. E. em relação a 1967. A variação registada (4,0%), referida à energia recebida aproxima-se das mais fracas registadas até hoje.

Manteve-se, porém, em bom nível o volume de energia entrada na nossa rede, quando comparado com a produção total do País (78,5%) e com a produção das centrais da rede do R. N. C. (84,0%).

A seguir se indica o movimento físico real da energia na rede da C. N. E., independentemente da respectiva contabilização:

Energia recebida de:

Hidro-Eléctrica do Douro	2 411 877 000	kWh
Hidro-Eléctrica do Cávado	1 045 588 000	»
Hidro-Eléctrica do Zêzere	682 178 500	»
Empresa Termoeléctrica Portuguesa	594 309 000	»
IBERDUERO (Importação de Espanha)	91 392 000	»
União Eléctrica Portuguesa (Rede Norte)	32 527 500	»
Hidro-Eléctrica Alto Alentejo	5 721 900	»
Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal	4 637 755	»
Empresa Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela	1 247 750	»
Siderurgia Nacional	732 500	»
Companhias Reunidas Gás e Electricidade	140 000	»
	4 870 351 905	kWh

Energia entregue a:

Companhias Reunidas Gás e Electricidade		1 405 532 250	kWh
União Eléctrica Portuguesa:			
Rede Norte	608 319 440		
Rede Sul	476 530 500	1 084 849 940	»
Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal		503 841 370	»
Câmara Municipal do Porto		450 705 000	»
Amoníaco Português		189 428 000	»
Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos		150 604 900	»
Companhia Eléctrica das Beiras		130 992 000	»
Hidro-Eléctrica Alto Alentejo		106 119 426	»
Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses		105 674 000	»
Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve		93 413 000	»
Siderurgia Nacional		76 547 500	»
União Fabril do Azoto		71 709 000	»
Empresa Hidro-Eléctrica da Serra da Estrela		42 678 000	»
Companhia Carris de Ferro de Lisboa		35 445 500	»
União Industrial Têxtil e Química		29 307 000	»
Hidro-Eléctrica do Zêzere		26 577 000	»
IBERDUERO (Exportação para Espanha)		25 192 800	»
Hidro-Eléctrica do Cávado		16 900 000	»
Hidro-Eléctrica do Douro		16 471 000	»
Empresa Termoeléctrica Portuguesa		16 084 500	»
Companhia de Têxteis Sintéticos		3 597 400	»
Minas de Vila Cova		303 040	»

Consumo próprio:

Oficinas, Armazém, Laboratório e Serviços de Abastecimentos e Organização	2 126 548	kWh
Casas de Pessoal, Refeitórios, etc.	1 087 833	»
Subestações (Serviços Auxiliares)	3 074 931	»
Perdas (5,8 %)	282 089 967	»
Total de energia entregue	4 870 351 905	kWh

A energia recebida da União Eléctrica Portuguesa (Rede Norte) correspondeu essencialmente a energia em trânsito para a Câmara Municipal do Porto, que é alimentada em comum por aquela empresa e pela C. N. E.

Nos fornecimentos directos atrás indicados inclui-se a energia fornecida a diversos clientes da C. N. E. por intermédio das redes de outras empresas, e de que se dão em seguida as respectivas quantidades:

— 67,7 GWh, à Soda Póvoa, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 15,5 GWh, ao Metropolitano de Lisboa, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 1,4 GWh, a Produtos Químicos e Farmacêuticos, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 0,01 GWh, à Sociedade Nacional de Detergentes, por intermédio das Companhias Reunidas Gás e Electricidade;
— 55,5 GWh, à Empresa Industrial do Freixo, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Norte);
— 9,4 GWh, à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Norte);
— 11,0 GWh, à Sociedade Industrial de Celuloses, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Sul);
— 5,1 GWh, à Companhia União Fabril, por intermédio da União Eléctrica Portuguesa (Sul);

4 — CONTRATOS — No decurso do ano foram ultimadas, de acordo com as sugestões emanadas da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, as novas redacções dos contratos que regulam os fornecimentos de energia às Companhias Reunidas Gás e Electricidade e à Soda Póvoa.

Em consequência da transferência da linha a 60 kV, Ermesinde-Estarreja, para a Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal — linha que, com a entrada em exploração da subestação de Estarreja, deixou de ter interesse para o serviço da nossa rede — foi transferido também para aquela empresa, respeitando as condições estabelecidas anteriormente e de acordo com a Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, o fornecimento que a C. N. E. tinha contratado com a Companhia de Têxteis Sintéticos (COTESI).

5 — ESTUDOS, CONSTRUÇÕES E MONTAGENS

a) LINHAS E SUBESTAÇÕES

Não foi grande o volume de trabalho em novas montagens durante o ano de 1968, pelas mesmas razões apontadas no relatório anterior. Em matéria de construção de linhas, desenha-se mesmo uma forte diminuição de actividade, em relação aos anos passados, como consequência de os novos centros produtores programados se situarem perto dos centros de consumo ou em regiões onde já existem linhas que podem transportar os incrementos da potência pedida.

São, todavia, significativas as ampliações em curso nas subestações, pois se pensa instalar 4 novas grandes unidades de transformação em instalações já existentes.

Como habitualmente, faz-se um resumo do andamento dos trabalhos.

— LINHA CARRAPATELO-PEREIROS — Vai em bom andamento a montagem desta linha. Pensamos tê-la concluída quando entrar em exploração a subestação do Carrapatelo, da Hidro-Eléctrica do Douro. Será então possível estabelecer a ligação directa entre as subestações de Vermoim e de Pereiros, melhorando as condições de segurança e de funcionamento da nossa rede de 220 kV.
— LINHA DO ALGARVE — Iniciou-se em Julho a construção desta linha, prevista para a tensão de 150 kV e destinada a melhorar a alimentação do Algarve; estão quase concluídos os maciços de fundação e bastante adiantada a montagem dos postes e dos condutores. Julgamos possível tê-la concluída em Julho próximo, devendo entrar em serviço à tensão de 60 kV, até à data em que se mostrar necessário instalar uma nova subestação de 150/60 kV no Algarve, a qual se situará nas proximidades de Tunes.
— SUBESTAÇÃO DE ESTARREJA — Entrou em exploração em Junho, passando a fazer-se através dela a alimentação dos nossos clientes da região que eram abastecidos a partir da subestação de Ermesinde. Foi, assim, criado mais um ponto de alimentação da rede da União Eléctrica Portuguesa; também a CHENOP pode receber energia a partir desta subestação, em virtude de lhe ter sido cedida, como já foi dito, a antiga linha a 60 kV Ermesinde-Estarreja.
— SUBESTAÇÃO DE VERMOIM — Está encomendado material e começaram os trabalhos de montagem para a ampliação da subestação de Vermoim. Vai instalar-se um novo painel de 220 kV para ligar à linha Vermoim-Carrapatelo-Pereiros, um 3.º transformador de 120 MVA, 220/60 kV, e ainda novos painéis a 60 kV para reforço da alimentação dos nossos clientes.
— SUBESTAÇÃO DE ALTO DE MIRA — Foi adquirida uma nova unidade de transformação de 120 MVA, 220/60 kV, para reforço da potência instalada nesta subestação. Está em curso a instalação de novos painéis de 60 e 220 kV para nova ligação às Companhias Reunidas Gás e Electricidade e para a 2.ª linha da central do Carregado cujo estudo se encontra adiantado.
— SUBESTAÇÃO DE PORTO ALTO — Os estudos feitos sobre as condições de segurança e de regulação das linhas que alimentam a zona de Lisboa e o Sul do País e a necessidade de integrar na rede as ampliações programadas da potência da central do Carregado mostraram a utilidade de ligar esta central à subestação de Porto Alto por uma linha à tensão de 220 kV, da qual já se iniciaram os trabalhos de campo. Ainda no corrente ano daremos início à adaptação da subestação de Porto Alto a este novo serviço.
— SUBESTAÇÃO DE FERREIRA DO ALENTEJO — Foram passadas no mês de Julho as encomendas de material destinado à ampliação desta subestação com mais uma unidade de transformação de 50 MVA, 150/60 kV, que se espera esteja instalada no fim do ano corrente, de modo a fazer face à ponta do próximo Inverno com a conveniente reserva.

À margem da sua actividade essencial, teve a nossa Companhia oportunidade, correspondendo à solicitação que lhe foi feita, de prestar activa colaboração ao Ministério do Ultramar, nos estudos respeitantes ao empreendimento de Cabora-Bassa, incidindo essa colaboração principalmente na elaboração das especificações técnicas contratuais e na apreciação e discussão das propostas apresentadas pelos consórcios concorrentes àquele empreendimento; para eficiente informação do estado actual da técnica da transmissão em corrente contínua a muito alta tensão, deslocaram-se ao estrangeiro alguns dos nossos engenheiros, com resultados que se supõe terem sido úteis para o esclarecimento de problemas de que não temos ainda experiência no nosso País.

b) PROTECÇÕES E TELEINFORMAÇÕES

Para dar satisfação às necessidades resultantes da ampliação da rede de transporte foram instalados diversos equipamentos de teleinformações e protecções, o que implicou a realização de grande número de trabalhos, entre os quais se salientam os estudos aprofundados de um sistema de protecções para o barramento da subestação de Sacavém, bem como os relativos à instalação de um regulador de rede, digital.

c) ACTIVIDADES LABORATORIAIS E DE CÁLCULO

De acordo com uma política já tradicional, procurou-se manter e desenvolver estas actividades, dando a possível satisfação a necessidades que continuam a ser estimuladas pelas crescentes solicitações de diversas entidades.

Os estudos a que se fez referência no relatório do ano passado, relativos a medidas de resistências de terra das subestações e ao traçado de curvas equipotenciais, foram aplicados experimentalmente à subestação de Estarreja. Considera-se este assunto de grande oportunidade, dado que o aumento da potência de curto-circuito das redes nacionais e a conveniência de se vir a proceder à ligação do neutro à terra nas redes de 60 kV — cujo estudo foi solicitado pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade — pode vir a impor a limitação das correntes de curto-circuito à terra, por questões de segurança, e a rever a própria malha de terra das subestações.

No que respeita às actividades de cálculo, de estudo e investigação, no domínio das redes eléctricas, foram abordados diversos problemas de oscilações de potência, de definição de características de equipamento, de optimização de condições de exploração, de envelhecimento de linhas e transformadores, etc.

6 — INTERLIGAÇÃO INTERNACIONAL — Competindo à Companhia as funções da presidência da Comissão de Interligação Internacional — órgão enquadrado no Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, e com activa colaboração técnica por parte do Repartidor Nacional de Cargas — participámos, no ano findo, em diversas reuniões de trabalho no âmbito peninsular e no âmbito dos três países constituintes da União Franco-Ibérica para a Produção e Transporte de Electricidade (UFIPTE). Aliás, no biénio 1967/68, coube ao nosso representante, como presidente da Comissão de Interligação Internacional, o encargo de presidir aos próprios trabalhos da UFIPTE, o que nos proporcionou oportunidade para evidenciar mais directamente o interesse, já salientado e justificado no primeiro capítulo do presente relatório, que sempre nos mereceram os problemas das permutas internacionais, muito embora, quanto aos aspectos quantitativos dos seus resultados práticos, o nosso País esteja naturalmente um tanto prejudicado pela sua posição geográfica extrema.

7 — GRÉMIO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE ELECTRICIDADE — A actividade de relevo que vem sendo desenvolvida pelo Grémio no estudo de problemas do conjunto do sector — alguns por encargo oficial, em matéria de sistematização tarifária — concretizou-se em Dezembro em significativo resultado com a assinatura do contrato colectivo de trabalho que vem trazer maior disciplina às relações com o pessoal e que apresenta certos princípios inovadores, dos quais há a esperar um progresso na justeza da remuneração do trabalho. Também a acção do Grémio em matéria de formação profissional, agora exercida através do respectivo Centro integrado no Ministério das Corporações, se considera merecedora de menção especial.

8 — EMPRESA TERMOELÉCTRICA PORTUGUESA — Fazendo parte do seu Conselho de Administração, acompanhámos com o maior interesse o notável desenvolvimento desta Empresa, que adquire um papel de relevo cada vez maior no sistema produtor da Rede Eléctrica Nacional.

Além dos factos relativos à entrada em exploração da central do Carregado e ao apoio por ela prestado à rede no decurso do ano findo e nos começos do actual, a que já se fez referência, há ainda a assinalar a adjudicação, em Outubro passado, do conjunto dos equipamentos do III Grupo da referida Central.

9 — ACÇÃO SOCIAL — Durante o ano os Serviços Médicos da Companhia continuaram a prestar assistência a cerca de 5000 pessoas, incluindo-se neste total os empregados e seus familiares.

Esta acção assistencial processou-se através dos nossos postos com a eficiência assinalada em relatórios anteriores, completando-se, segundo o nosso esquema, os benefícios concedidos pelos Serviços Médico-Sociais, que foram aproveitados na sua totalidade.

No capítulo da Medicina do Trabalho nas Empresas, instituída pelos Decretos N.os 47 511 e 47 512, prepararam-se já os elementos que permitem à Companhia dar integral cumprimento às novas disposições legais, a partir do ano de 1969.

Deste modo, além do cumprimento da sua missão específica, os Serviços Médicos, em estreita colaboração com os restantes Serviços, estão promovendo o estudo e o aperfeiçoamento dos meios de segurança no trabalho e da prevenção de acidentes e doenças profissionais. Prestaram ainda a habitual colaboração aos funcionários e familiares do Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade e da Delegação da Hidro-Eléctrica do Cávado, em Lisboa. Por acordo entre as duas Empresas, o pessoal da Delegação da Empresa Termoeléctrica Portuguesa, em Lisboa, passará também a ser assistido no nosso Posto Médico da Sede.

Nos refeitórios da Sede e de Sacavém forneceram-se, durante o ano, ao pessoal, 75 240 refeições, tendo a Companhia participado em 58,6% do seu custo.

Em 1968, foram perdidos, por doença e sinistro, 5,34% dos dias de trabalho; no pagamento dos subsídios respectivos couberam 44,06% à Companhia e 55,94% à Caixa de Previdência e à Companhia Seguradora.

10 — INVESTIMENTOS E MEIOS FINANCEIROS — Em 1968 a Companhia investiu 122 763 contos (120 219 contos em obras da concessão), mantendo-se assim sensivelmente o ritmo do investimento que, com regularidade, vem efectuando anualmente, para satisfazer as exigências resultantes do crescimento dos consumos e melhorar a segurança e a qualidade do serviço. A cedência da antiga linha a 60 kV Ermesinde-Estarreja, a que anteriormente nos referimos, reduziu, porém, a 106 584 contos o aumento efectivamente operado no investimento acumulado. Este atingia, no final do ano, 2 174 646 contos (1 996 401 contos em bens da concessão, 108 200 contos em bens fora da concessão e 70 045 contos em «Valores de Transição», dos

(Continua na página seguinte)

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

(Continuação da pág. anterior)

quais, em conformidade com a lei, se amortizaram 557 416 contos no primeiro tipo de bens (27,92%) e 57 182 contos no segundo (52,85%).

Para cobertura do mencionado investimento, a Companhia recorreu ao mercado financeiro apenas com uma emissão de 50 000 contos de obrigações a 6%, amortizáveis semestralmente em 15 anos, tendo coberto o excedente com recursos próprios e disponibilidades de tesouraria.

Próximo do final do ano foi solicitado um financiamento da Caixa Geral de Depósitos, que está em curso neste momento.

11 — OBRAS DO III PLANO DE FOMENTO PARA 1969 — As necessidades de expansão permanente da Companhia levaram a orçamentar o dispêndio com as ampliações da rede de transporte, a executar em 1969, em 53 910 contos em Linhas e 82 500 contos em Subestações. Em instalações acessórias está previsto gastar-se 23 150 contos, tudo totalizando 159 560 contos.

A cobertura financeira necessária deverá ser obtida pela emissão de capital, já autorizada pela Assembleia Geral, pela realização de empréstimos e por recursos próprios.

Este volumoso investimento é da ordem dos dois terços da receita global prevista para o ano em curso, facto que bem ilustra as excepcionais exigências de capitais que caracterizam o sector da energia eléctrica.

12 — BALANÇO E RESULTADOS — Conforme se referiu no início deste Capítulo do Relatório do ano transacto, ultimaram-se em 1968 os estudos relativos à normalização das contabilidades das Empresas da Rede Primária, com o que se pretende harmonizar os critérios de contabilização em uso em cada uma, com vista a proporcionar meios de análise uniforme e facilitar o problema da repartição das receitas entre as Empresas que constituem o «Pool» criado pelos Decretos-Leis n.os 46 031, de 14 de Novembro de 1964, e 46 917, de 23 de Março de 1966. Todavia, por razões óbvias, a nova planificação de contas só entrou em vigor no início do corrente ano, pelo que as contas de 1968 são ainda apresentadas segundo o esquema que vinha sendo seguido.

Como facto essencial que interesserá referir, cita-se que a receita do «Pool» em 1968, que havia sido estimado em cerca de 1410 mil contos, atingiu sòmente 1 398 657 contos. Desta receita global couberam à nossa Companhia 15% para cobertura da totalidade dos encargos (incluindo dividendos) e 0,5 % como subvenção para autofinanciamento. As condições um tanto desfavoráveis em que decorreu a produção de energia hídrica, de que se fez pormenorizada análise no primeiro capítulo deste Relatório, tiveram como consequências um modesto incremento da receita global (cerca de 7%) e um avultado encargo de apoio (térmico (126 445 contos), este ainda agravado pelo custo da energia que foi necessário importar (15 240 contos). A soma destas duas quantias ultrapassa 10% da receita total.

Os resultados de gestão tinham de acusar os efeitos destas circunstâncias adversas, apresentando, assim, uma situação de tangência que, todavia, não chegou a perturbar o desejado equilíbrio.

A apresentação das contas, como já referimos, não difere essencialmente da dos anos anteriores.

No Balanço, referir-se-á que as Provisões foram desdobradas, figurando no Passivo as que correspondem a encargos de exigibilidade certa, embora ainda não definidos quanto ao montante ou à época da sua efectivação; as provisões destinadas a cobrir riscos meramente prováveis continuam a figurar na Situação Líquida Activa.

O quadro das variações operadas no património da Empresa, no final do ano, revela o seguinte:

Investimento	+ 106 584		contos
Activo Disponível	— 6 857		»
Activo Realizável	— 3 982		»
Passivo a Curto Prazo		— 8 486	»
Passivo a Médio Prazo		+ 34 967	»
Passivo a Longo Prazo		+ 9 399	»
Reintegrações		+ 59 176	»
Fundos, Provisões Diversas e Resultados		+ 689	»
	+ 95 745	+ 95 745	»

O aumento do «Passivo a Médio Prazo» está influenciado pela inclusão nele de 32 588 contos de Provisões que correspondem a encargos exigíveis e que, como já referimos, pareceu mais lógico incluir na «Situação Passiva». Consequentemente, a posição «Fundos, Provisões Diversas e Resultados» da «Situação Líquida», aparece diminuída de igual importância.

Quanto ao serviço do empréstimo, relata-se que, em 1968, em conformidade com os planos de amortização, se promoveu o reembolso de 12 253 contos de obrigações e 45 041 contos de outros empréstimos a médio e longo prazo, tudo no total de 57 294 contos.

Até final de 1968 o reembolso de empréstimos atinge 374 124 contos, como se pode ver no respectivo mapa anexo.

O custo e os resultados da nossa exploração são dados pela Conta «Rede c/ Exploração», por ela se verificando que, à nossa receita líquida de 218 205 contos (incluídos os consumos próprios), corresponderam encargos de natureza industrial que totalizam 88 853 contos. Retirada a subvenção legal para investimento — 6993 contos — apura-se o resultado da exploração de 122 359 contos.

Nos custos parcelares anota-se um acréscimo de despesa de cerca de 8% nos encargos de exploração e de conservação, consequência natural da entrada em serviço da subestação de Estarreja e de outras ampliações já atrás referidas.

Na Conta de «Lucros e Perdas», além de outras variações de pequeno significado, há acréscimo de despesa na rubrica «Encargos Financeiros», como consequência da entrada em exploração de investimentos parcialmente financiados com empréstimos contraídos em 1966 e da progressiva subida dos encargos de juro das reservas próprias, submetidas legalmente ao regime de anuidades de capitalização.

Constituíram-se as necessárias provisões para pagamento dos encargos fiscais do ano.

Em «Rendimentos Diversos» regista-se um acréscimo que provém, sobretudo, de receitas das nossas participações financeiras.

13 — CONCLUSÃO — Apesar das condições menos favoráveis em que decorreu a exploração no ano findo, é possível propor-vos a manutenção do dividendo de 8%, igual ao distribuído no ano anterior.

Assim, fechando a conta de «Lucros e Perdas» com o saldo de 51 183 169$04 o qual, adicionado ao saldo da Gerência anterior, no valor de 2 111 663$75, perfaz 53 294 832$79, propõe o Conselho de Administração a seguinte distribuição:

Para Fundo de Reserva Legal	2 600 000$00
Para dividendo de 8% ao capital	50 400 000$00
Saldo para Conta Nova	294 832$79
	53 294 832$79

Não queremos encerrar este Relatório sem acentuar o nosso reconhecimento às Instituições de Crédito que, mais uma vez, no ano findo, apoiaram sem reserva a nossa tesouraria e os nossos trabalhos. Também desejamos expressar a nossa satisfação pela cordialidade das relações mantidas com os nossos Clientes, a cujas necessidades sempre nos mantivemos atentos.

O Conselho Fiscal foi, como sempre, um órgão de cooperação que nos apoiou com o seu valioso concurso, merecedor do nosso melhor agradecimento.

O pessoal de todos os quadros é igualmente credor do nosso reconhecimento pela dedicação e capacidade com que se ocupou dos problemas que lhe competiam.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

António Metello de Nápoles — Presidente
Manuel Marques Teixeira
Hidro-Eléctrica do Zêzere — Mário Morais de Oliveira
Hidro-Eléctrica do Cávado — José Albino Machado Vaz
Companhias Reunidas Gás e Electricidade — Roger Wyckmans
União Eléctrica Portuguesa — Paulo de Barros

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1968

ACTIVO

Disponível:			
Caixa		48 089$30	
Bancos e Banqueiros		39 481 559$16	39 529 648$46
Realizável:			
Devedores e Credores — Saldos Devedores		256 311 221$59	
Participações Financeiras		79 561 204$00	
Fundo de Apoio Térmico		105 079 830$20	
Efeitos a Receber		3 848 813$10	444 831 068$89
Fixo:			
Valores Afectos à Concessão			
Linhas	1 127 490 323$07		
Subestações	766 856 447$41		
Telecomunicações	62 033 531$55		
Laboratório	39 102 451$02		
Material em Instalações Alheias	918 654$16		
	1 996 401 407$21		
Reintegrações	— 557 416 391$22	1 438 985 015$99	
Valores não Afectos à Concessão			
Sede Social	29 437 331$15		
Armazéns	4 190 080$79		
Oficinas	33 315 203$17		
Outras Instalações	14 078 192$87		
Máquinas e Ferramentas	7 685 002$89		
Móveis e Utensílios	9 931 158$12		
Veículos	9 563 161$63		
	108 200 130$01		
Reintegrações	— 57 182 087$06	51 018 043$55	
Valores de Transição			
Material em Armazém	38 433 167$67		
Pagamentos Antecipados	5 591 755$70		
Eng.a Civil c/ Exploração — Obras em Curso	1 003 618$17		
Estaleiros c/ Exploração — Obras em Curso	2 151 196$95		
Oficinas c/ Exploração — Obras em Curso	14 277 552$44		
Serviços de Exploração — Obras em Curso	2 781 259$99		
Serv. Técn. Esp. c/ Expl. — Obras em Curso	4 051 579$44		
Encargos a Amortizar	1 755 152$76	70 045 283$12	1 560 048 342$66
			2 044 409 060$01

CONTAS DE ORDEM

Devedores por Cauções e Garantias	29 743 564$20	
Títulos em Cauções	220 000$00	
Material Instalado de c/ Alheia	304 145$35	
Devedores por Títulos Depositados	64 940 000$00	95 207 709$55

PASSIVO

A Curto Prazo:			
Juros a Pagar	915 991$55		
Obrigações Sorteadas	1 050 000$00		
Dividendos a Pagar	530 360$44		
Efeitos a Pagar	64 175 122$20		
Devedores e Credores — Saldos Credores	242 359 234$57		
Provisões Diversas	32 588 126$00	341 618 834$76	
A Médio Prazo:			
Empréstimos	19 566 011$75		
Empréstimo Consignado ao Fundo de Apoio Térmico	47 900 844$20		
Devedores e Credores — Suprimentos ao Fundo de Apoio Térmico	57 178 986$00	124 645 841$95	
A Longo Prazo:			
Obrigações	321 229 000$00		
Empréstimos	295 601 332$90	616 830 332$90	1 083 095 009$61

SITUAÇÃO LÍQUIDA

Inicial:			
Capital		630 000 000$00	
Acumulada:			
Fundo de Reserva Legal	28 000 000$00		
Fundo de Estabilização de Dividendos	17 400 000$00		
Fundo de Conservação	12 597 912$07		
Reconstituição do Investimento	59 394 751$96		
Provisões Diversas	53 118 656$16	170 511 320$19	
Condicionada:			
Subvenções — Dotação para Investimento		20 055 710$25	
Rectificativa:			
Comparticipações (nos termos do Art.º 12.º do Cad. de Encargos)		87 452 187$17	
Adquirida:			
Lucros e Perdas			
Saldo de 1967	2 111 663$75		
Lucro Líquido do Exercício	51 183 169$04	53 294 832$79	961 314 050$40
			2 044 409 060$01

CONTAS DE ORDEM

Cauções e Garantias Prestadas	29 743 564$20	
Credores por Cauções	220 000$00	
Credores por Material Instalado de C/ Alheia	304 145$35	
Títulos Depositados	64 940 000$00	95 207 709$55

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE

Desenvolvimento da conta «LUCROS E PERDAS»

DÉBITO

Despesas Gerais		13 810 103$04
Despesas de Estudo		3 459 149$08
Encargos a Amortizar		1 748 724$55
Encargos Financeiros		45 512 229$15
Provisões Diversas		11 500 000$00
Reintegração de Valores não Afectos à Concessão		436 592$86
Saldo de 1967	2 111 663$75	
Lucro Líquido do Exercício	51 183 169$04	53 294 832$79
		129 761 631$47

CRÉDITO

Rede c/ Exploração — Saldo	122 359 276$78
Rendimentos Diversos	5 290 690$94
Saldo de 1967	2 111 663$75
	129 761 631$47

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

Desenvolvimento da conta «REDE C/ EXPLORAÇÃO»

DÉBITO

Participação dos Produtores e do Fundo de Apoio Térmico na Receita	1 181 865 025$60
Encargos de Exploração	17 726 496$11
Encargos de Conservação	11 837 328$52
Coordenação Energética da Rede Primária	2 077 706$91
Reconstituição do Investimento	5 577 405$48
Reintegração de Valores Afectos à Concessão	51 633 849$15
Subvenções — Dotação para Investimento	6 993 284$20
Saldo	122 359 276$78
	1 400 070 372$75

CRÉDITO

Venda de Energia	1 398 656 835$00
Co[illegible]rios	1 413 537$75
	[illegible]15

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

REINTEGRAÇÕES E SITUAÇÃO LIQUIDA ACUMULADA

Discriminação	Valores Iniciais a Reintegrar e Reconstituir	Reintegrado, Reconstituído, Reservas Diversas	Valores por Reintegrar e Reconstituir
POSIÇAO EM 31-12-68:			
1 — Reintegrações			
Valores Afectos à Concessão	1 856 208 291$74	557 416 391$22	1 298 791 900$52
Valores não Afectos à Concessão:			
Armazéns	4 190 080$79	2 282 684$70	1 907 396$09
Oficinas	33 315 203$17	26 469 926$97	6 845 276$20
Outras Instalações	14 078 192$87	4 595 373$94	9 482 818$93
Máquinas e Ferramentas	7 685 002$88	7 099 777$15	585 225$73
Móveis e Utensílios	9 931 158$12	8 635 637$93	1 295 520$19
Veículos	9 563 161$63	8 098 686$37	1 464 475$26
	1 934 971 091$20	614 598 478$28	1 320 372 612$92
2 — Reconstituição do Investimento	1 057 550 527$47	59 394 751$96	998 155 775$51
3 — Reservas Diversas		111 116 568$23	
		785 109 798$47	
APLICAÇAO DOS FUNDOS:			
Amortização de Obrigações		133 771 000$00	
Amortização de Empréstimos		240 352 655$35	
Autofinanciamento e Disponibilidades		410 986 143$12	
		785 109 798$47	

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1969

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

Examinando o Relatório, Balanço e Contas referentes ao Exercício do 1968, ora submetidos à apreciação de VV. Ex.as, logo nos cumpre salientar o zelo com que o Digno Conselho de Administração geriu a nossa Companhia

A leitura destes documentos, coloca-nos, de pronto, no conhecimento de toda a sua actividade, traduzida com elucidativa clareza, quer quanto à forma como a mesma se desenvolveu, quer no respeitante ao modo como foram enfrentados e resolvidos os mais diversos problemas a ela inerentes.

Gratos às gentis referências que nos são feitas, aqui deixamos expresso o nosso aplauso a todos quantos, tão devotadamente, se desempenham das funções, nas quais, em boa hora, foram investidos.

Associando-se ao Digno Conselho de Administração, também este Conselho Fiscal se felicita, por a nossa Companhia usufruir o privilégio de, novamente, poder contar com o valioso concurso do Ex.mo Senhor Engenheiro José Albino Machado Vaz.

Quanto ao Ex.mo Senhor Doutor Joaquim da Silva Pinto, agradecendo-lhe a honra de assistir a todas as nossas reuniões, auguramos-lhe os maiores êxitos no exercício das altas funções que foi chamado a desempenhar, nas quais, mais uma vez, se confirmarão os altos méritos que possui

Finalmente, cumpre-nos afirmar, que, no desempenho dos nossos cargos, tivemos ocasião de acompanhar de perto a contabilização da actividade da nossa Companhia, constatando, gostosamente, que, sempre, tudo encontrámos na melhor ordem.

Assim, temos a honra de vos propor que aproveis:

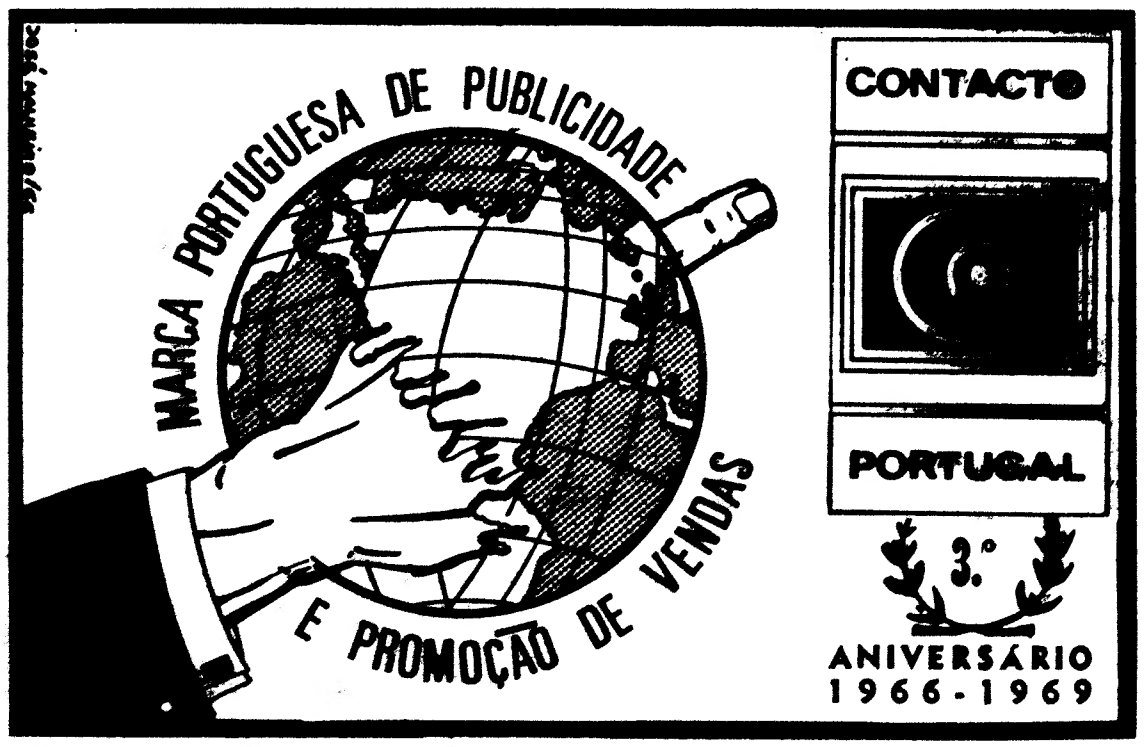
1.º — O Relatório, Balanço e Contas referente ao Exercício de 1968;
2.º — A aplicação do saldo da conta de Lucros e Perdas, proposta pelo Digno Conselho de Administração;
3.º — Um voto de muito louvor ao Digno Conselho de Administração pela forma criteriosa com que dirigiu e orientou a actividade da Companhia; e
4.º — Um voto de louvor a todo o Pessoal da Companhia e seus colaboradores, pela acção desenvolvida no desempenho das tarefas que lhes foram confiadas.

Lisboa, 4 de Março de 1969

O CONSELHO FISCAL
Presidente
Pela Companhia Hidro-Eléctrica do Norte de Portugal
Henrique Pimentel Saraiva
Vogais
Nuno José J. M. F. Xavier de Mendonça
Pela Hidro-Eléctrica Alto Alentejo
António Themudo de Castro

CASA ANGULO
RUA DA PRATA, 140
Aparelhos fotográficos de cinema e ópticos
Novos e usados provenientes de trocas
SECÇÕS DE:
TABACARIA E PAPELARIA — BRINQUEDOS
AGUARELAS, ÓLEOS E ESTAMPAS PARA QUADROS
ARTIGOS PARA BRINDES

Jorge, Ferreira & Carvalho, Lda.
ARMAZÉM DE ARTIGOS PARA ESTOFADORES E DECORADORES
IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO
(Vendas só por atacado)
PRAÇA DA FIGUEIRA, 16-2.º TELEFONE 32 30 72
TELEGRAMAS JORVALHO LISBOA-2



LISBOA — QUINTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º N.º 1 10 CENTAVOS — Telefone 4095 (C.) — Endereço telegrafico: DIBOA
Director, proprietario e editor: JOAQUIM MANSO
Redacção e Administração: RUA DO CARMO, 50, 2.º

SOLDADOS DE PORTUGAL!

Contra os que afirmam que a historia é um campo raso de ossadas e ruinas e contra os que sustentam que a vida não comporta uma larga aspiração de imortalidade — eis que entram em Portugal dois extraordinarios viajantes, um vindo da morte na Flandres, outro da morte na Africa e trazendo ambos na boca gelida e gasta todo o segrêdo da existencia dum povo.

Portugal teve castelos, pendões, couraças, espadas, implacaveis como o Destino.

Venceu castelhanos e mouros. Arou o campo para ter pão e ergueu a cruz para subir a Deus. De tanta força e de tanta piedade nasceu uma patria em que os corações nunca se cançam de amar a vida para fazer a morte bela.

"DIARIO DE LISBOA"

"O ESCONJURO"

"O Esconjuro"

ANO 13.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 7 DE ABRIL DE 1933

Diario de Lisbôa

Director: JOAQUIM MANSO

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ANIVERSARIO

Entra hoje no 13.º ano da sua existencia o *Diario de Lisboa*, que, desde a sua fundação, tem tentado abrir caminho, sem molestar ninguem, embora nunca se haja arredado dos principios salutares que são ao mesmo tempo base duma convivencia social honesta e incitamento á honra e bem da Patria.

Conscientemente, nunca nos enredámos em vaidosas polemicas nem colaborámos nas insanas manobras que tanta vez surgiram para realizar a felicidade do povo, prometendo-lhe tudo e não lhe dando nada.

ANO 25.º — SABADO, 7 DE ABRIL DE 1945 — N.º 8033

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TEMPO E ACÇÃO

As tropas de Dempsey
que avançam sôbre Bremen
estão a 18 kms. daquela cidade

O acto de posse do novo Governador Militar de Lisboa

Tomaram hoje posse
o administrador geral do Exercito
e o governador militar de Lisboa

A frente alemã
perdeu o caracter de frente continua — diz um critico militar

A Holanda
está isolada da Alemanha

O numero de hoje do Diario de Lisbôa é de 24 páginas

ANO 37.º — DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 1957 — N.º 12.333

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

Recordando

1923

1925

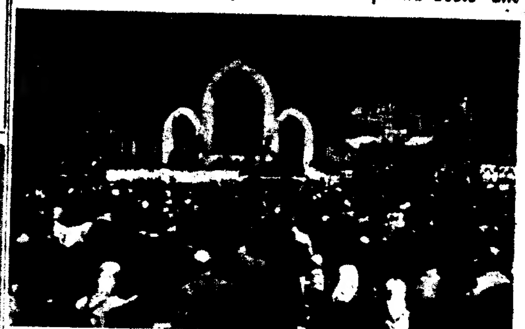
1928

1929

Realmente
há horas felizes!

ESTA MANHÃ, EM BELÉM, JUNTO AO TEJO

O Chefe do Estado assistiu
à bênção da frota bacalhoeira
que começou a sair para a sua companha deste ano



O aspecto do conjunto da cerimónia desta manhã

TEMAS DE ACTUALIDADE

O eterno problema da habitação
pelo arquitecto Emílio Lino

O Chefe do Estado e os ministros na tribuna

Gilberto Freyre veio a Lisboa
participar numa reunião internacional sobre «Pluralismo étnico e cultural»

A situação no Chile

«Diário de Lisboa» publicará em 2.ª edição a informação completa de todos os prováveis desportivos, incluindo os jogos da Taça de Portugal

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Quarenta e oito anos a dividir por quatro igual a 1921, 1933, 1945 e 1957 — quatro quartos do todo que constitui, até hoje, a existência do «Diário de Lisboa»: uma vida pautada pelo respeito aos princípios básicos que enformaram o espírito da sua fundação e ao anseio constante de corresponder às exigências morais e materiais dos nossos dias.